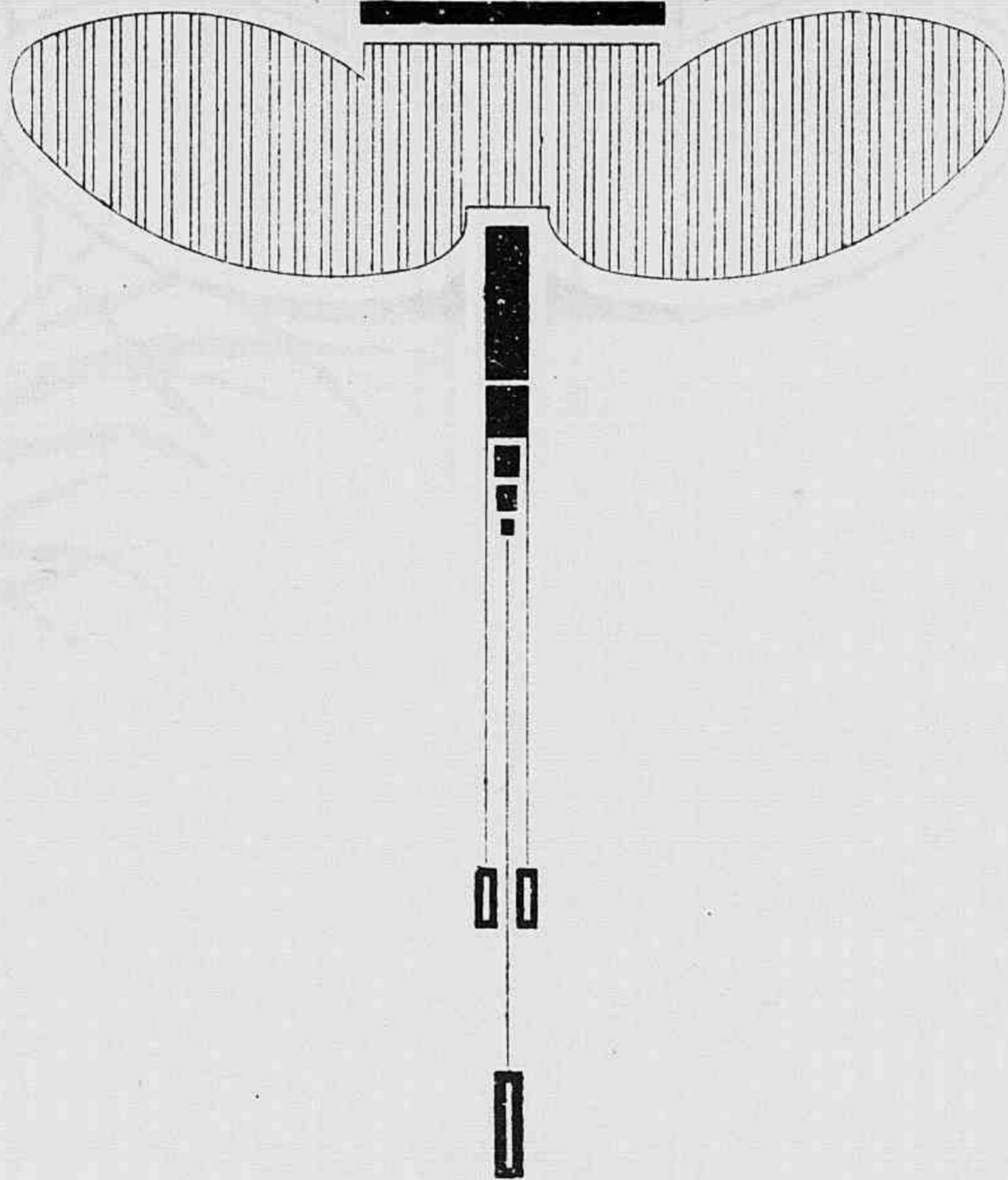




ILUSTRACÃO BRAZILEIRA



ORGAN OFFICIAL DA COMISSÃO EXECUTIVA
DO CENTENARIO DA INDEPENDENCIA

RIO DE JANEIRO — 12 DE OUTUBRO DE 1921



Illustração Brasileira

REVISTA MENSAL

PREMIADA COM MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO DE TURIM DE 1911

— ORGÃO OFFICIAL DA COMMISSÃO EXECUTIVA DO CENTENARIO DA INDEPENDENCIA —

Rua do Ouvidor, 164 — Rio de Janeiro

Directores : ALVARO MOREYRA — EZEQUIEL UBATUBA — HOMERO PRATES.

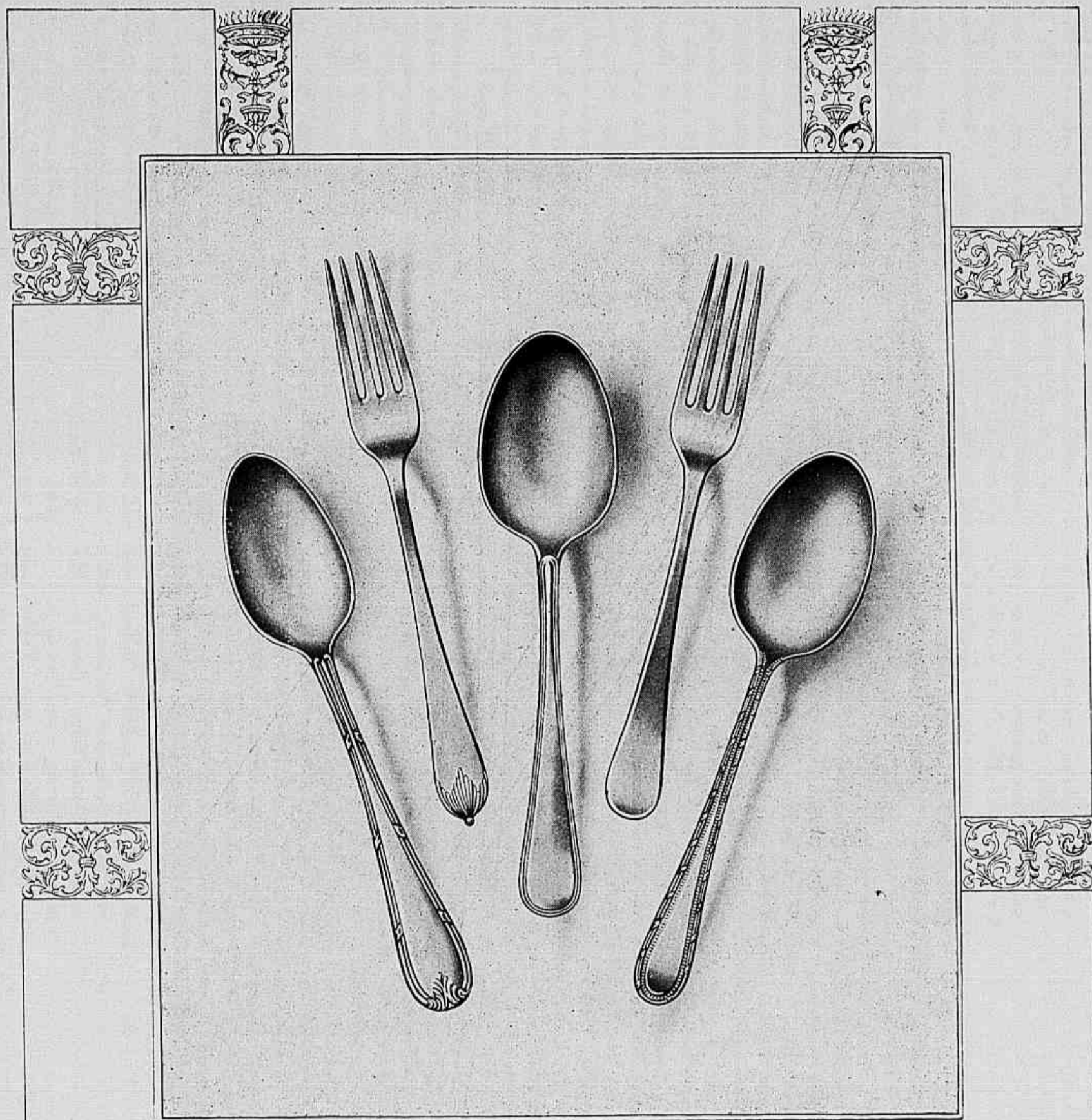
Assignaturas, enviadas sob registro :

Para o Brasil 30\$000 — Para o Estrangeiro 36\$000

As assignaturas começam em qualquer tempo e são sómente annuaes.

Venda avulsa :

Na Capital 2\$000 — Nos Estados 2\$500 — Atrazado 3\$000



ELEGANTES TALHERES
EM "PRATA PRINCEZA"
E PRATA DE LEI

MAPPIN & WEBB
(Brazil) Ltd

100 RUA DO OUVIDOR.
RIO DE JANEIRO.



A ingenua alegria da infancia produz rico material para a

KODAK

Nunca houve tão sympathico sorriso ou tão doce gargalhada ; nenhuma outra criança jamais demonstrou mais provocadora e humoristica alegria e nunca haverá mais interessantes photographias para V. S. que as de seu proprio filho. E tão facil que é fazel-as com a Kodak !

Não é só a photographia, senão tambem uma positiva e permanente identificação para o futuro ; é a importante data e titulo que se podem anotar com a KODAK AUTOGRAPHICA, no negativo mesmo, ao tempo de tirar o retrato.

A' venda em todas as casas de artigos photographicos,

Rua Camerino n. 95

KODAK BRASILEIRA LTD.

Caixa postal 849

Eastman Kodak Company

Rio de Janeiro

Studebaker

Um automovel STUDEBAKER destaca-se imediatamente de qualquer outro pela incomparavel belleza e distincção de suas linhas, pelo seu primoroso acabamento, pela sua excellencia mecanica e pela sua extraordinaria resistencia.

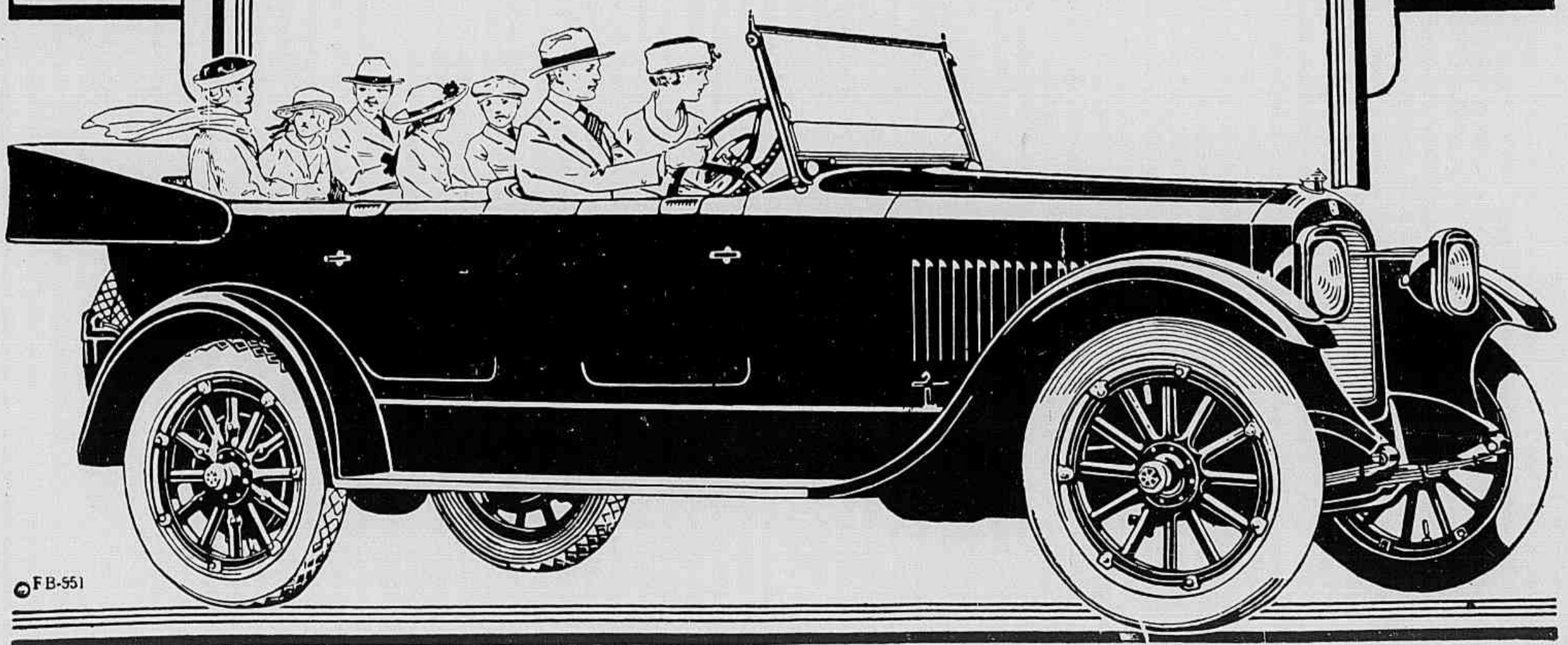
Todos os seus detalhes, mesmo os mais insignificantes, foram cuidadosamente estudados e experimentados. O brilhante record Petropolis -- Juiz de Fóra, alcançado ultimamente pelo nosso **Ligeiro de 6 Cilindros**, não só demonstrou resistencia e velocidade, como também inegalavel economia.

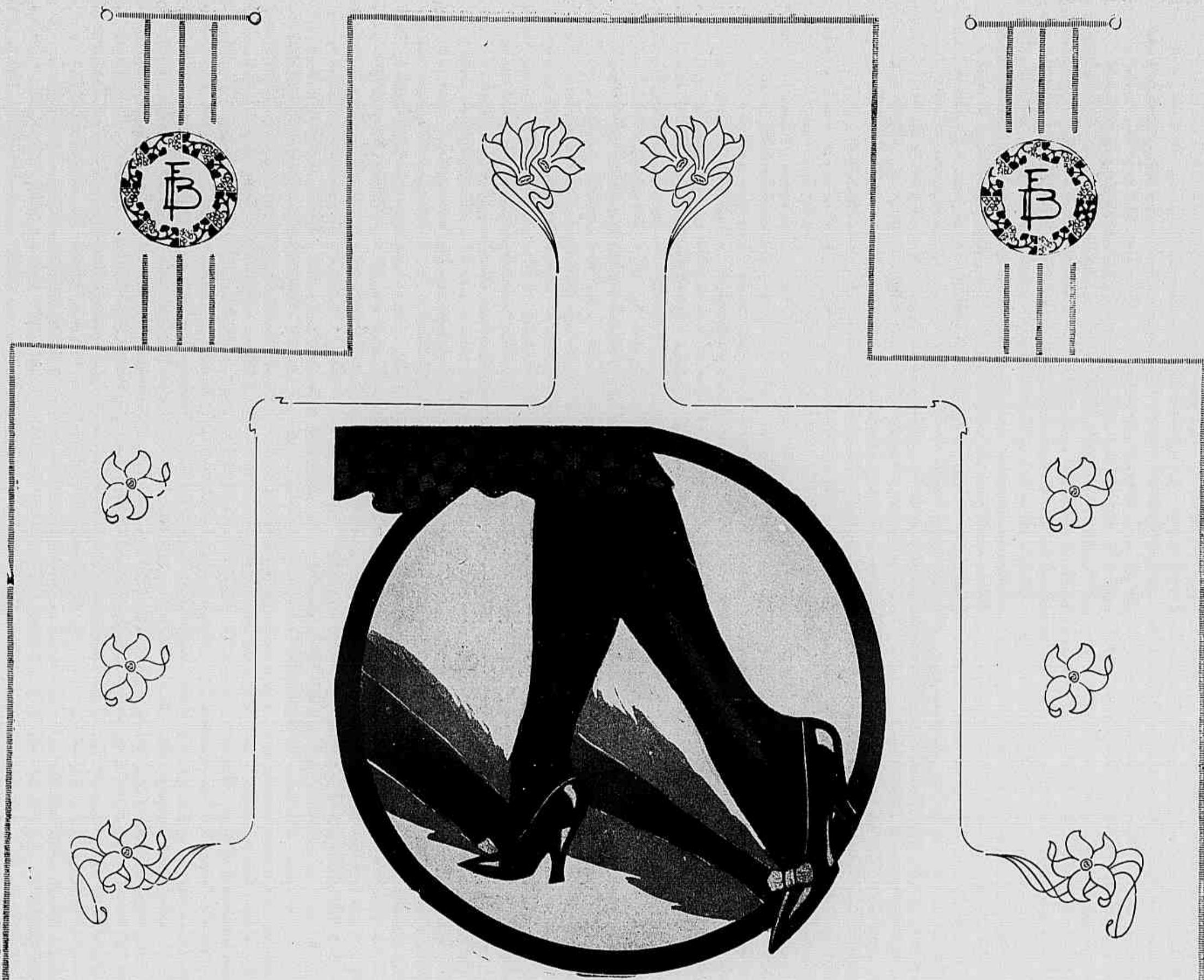
Sem o minimo compromisso, fornecer-lhe-emos todos os elementos necessarios para escolher acertadamente um automovel.

STUDEBAKER DO BRASIL, (S. A.)

Avenida Rio Branco, 180

TEL. CENTRAL 5497





Si V. Ex. deseja adquirir o ultimo modelo em
Calçado fino para Senhora ou Homem, visite as
nossas Exposições
BARBOZA FREITAS & C.
AV. RIO BRANCO, 136

ESPECIALIDADE EM MEIAS DE
SEDA PARA
SENHORA E PARA HOMEM



COMPLETO SORTIMENTO DE ARTIGOS
PARA PINTURA E
DESENHO EM TODOS OS GENEROS

A maior variedade em Artigos para bordar e aviamentos para Costureiras

Acabamos de receber as ultimas creações em
tecidos leves para Verão.

Barboza Freitas & C.

Avenida Rio Branco, 136

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA

ANNO IX

Rio de Janeiro, 12 de Outubro de 1921

NUM. 14

A vida continúa...

Existe, de certo, "uma possibilidade de vida superior na humilde e inevitável realidade quotidiana". Essa vida ha de ser formada, lentamente, no segredo da nossa alma, de todos os nossos pensamentos esquecidos, de todos os gestos bons que fizemos e que em nós deixaram, para sempre, um luminoso, inapagável sulco...

Nós sabemos uns nomes e veneramos uns homens, cuja vida passou, em éras anteriores á nossa éra. Não são esses, entretanto, não são esses sómente os nossos ancestraes e os nossos mestres. Tantos se foram despercebidos para a morte, mas restaram, em força e em sonho, na alma e no corpo da terra. Depois do milagre hellenico, que encheu de luz o mundo antigo e revelou quasi todos os segredos humanos; depois de Roma e Alexandria; em seguida aos barbaros, a idade-media, parecendo tudo exterminar, preparou, na sombra, a renascença, precursora paradoxal do progresso dos dias modernos. Então, entre os rumores das officinas, na turbamulta das mais desconstradas actividades quotidianas, o que ficára para ser dito, veiu acordando, vae acordando nas palavras novas, que são as mes-

mas de outros tempos, e que têm, agora, uma doçura maior pelo que lembram...

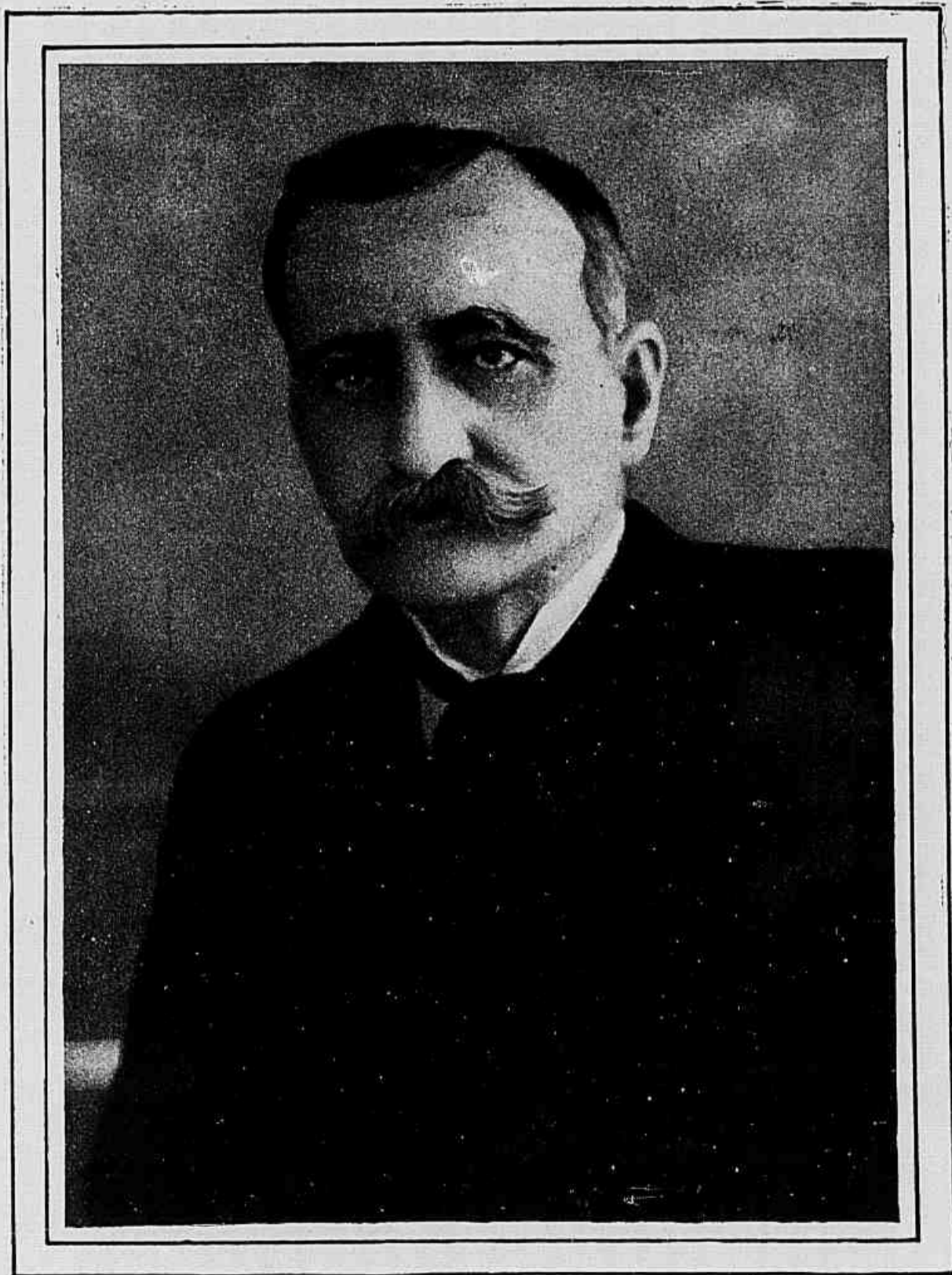
Que lembram essas palavras? Nem se sabe... Mas,

quando tomam fôrma dentro de nós, no crepusculo interior, cada uma traz um instante harmonioso ao nosso destino. A felicidade nos toca quasi physicamente, e a memoria, do longe do seu mysterio, consente em vir aos nossos labios e falar. O silencio em que ella lavora, apenas revelado, ás vezes, numa visãõ ou numa idéa, num verso ou num sorriso; as nuvens que a vestem e guardam os instinctos desconhecidos que carregamos, — frangalhos de uma remota divindade, — com a memoria, chegam, e o silencio se faz rythmo e as nuvens todas se illuminam.

A serenidade absconsa desvenda-se em prazer. É este prazer que nos irmana á existencia universal, identificando-nos á materia e ao espirito de tudo que em torno de nós se extasia e vibra.

A vida continúa...
Nós somos as imagens
ephemeras, transeuntes de uma lenda maravilhosa...

ALVARO MOREYRA.



O EXMO. SR. DR. JOAQUIM FERREIRA CHAVES, MINISTRO DE ESTADO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES, PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA DO CENTENARIO DA INDEPENDENCIA.

ephemeras, transeuntes de uma lenda maravilhosa...

Ermida

de Rodrigo Octavio



ERTA vez, em diligencia, na comarca de meu primeiro emprego judiciario, no interior de Minas, longe de arraiaes e povoados, em montanhosa região de lavra de ouro, meus olhos, na pesquisa curiosa em que se apraziam, de panoramas e perspectivas, viram ruínas de uns velhos muros, na orla de um bosque, já dentro da espessa matta sombria.

Que as fosse ver de perto e visitar, como desejei, não n'ò permittiram meus companheiros que, timoratos, nem mesmo um rapido e fugaz olhar sobre ellas quizeram lançar.

Porque?

O sitio era malassombrado, as ruínas tinham sua mysteriosa tragica historia. Perto dellas nada pude obter que me contassem; ao passo apressado das alimarias espertas, passamos ao largo. Mais tarde inquiri, busquei saber e eis quanto, das diferentes versões que recolhi, pude apurar sobre o caso estranho.



Que intenção piedosa ou que mão arrojada plantára ali os quatro muros da pequena igreja, era cousa que ninguem sabia ao certo.

Lendas, inverosimeis algumas, fantasias todas, envolviam as tristes ruínas.

O sitio era soturno. A' meia encosta de uma colina que, logo após, se erguia, quasi a prumo, em rocha, escalavrada e limosa, pela altura, além, o accesso do santuario era dificultado por grandes blocos erraticos, que se lhe accumulavam em torno. Por um lado, a dois passos, o solo se abria num abysmo em cujo fundo referviam aguas, vindas por ignotos, invisiveis rumos.

Hoje a mattaria investiu o templo, assaltou-lhe os pateos, crescia do interior onde ruíram os tectos; apenas as quatro paredes se erguiam, abertas em fendas, olhando, desconsoladamente, sem ver, para os quatro lados da terra, pelos vãos das portas e janellas, escancaradas, como orbitas vazias...

Dizia-se que nesse tragico logar, num accesso de paixão, alguém, trespvairado, sacrificára a noiva que acreditava impura; e que, mais tarde, nas ancias do remorso e da duvida, viera, penitente e louco, plantar ahi um templo á misericordiosa Mãe dos homens...

Outros prendiam a criação da solitaria capella á dôr de um velho pae que, numa alegre excursão de amazonas e cavalleiros, vira, de improviso, o vulto da filha estremeçada, resvalar nas lages, desapparecer no abysmo...

Diziam-se ainda outras versões; o certo é que bizarra fóra a idéa de ali, nesse agreste recanto, erigir-se a pequena igreja, cujas ruínas lugubres a floresta ora envolvia. Por muitos annos vivera, entretanto, essa ermida de estranha e mysteriosa origem; não é menos 'estranho e mysterioso seu fim.

Dos arraiaes proximos vinha-se ahi satisfazer promessas. A invocação da Senhora da Serra era, por toda a redondeza, respeitada e tida por miraculosa. Romeiros piedosos entretinham, preparado para as cerimoniaes do culto, esse logar sagrado, e duplamente sagrado, pelo sentimento religioso e pela superstição do mysterio. Conta-se que ahi, muita dôr arrefeceu, muito martyrio moral se alliviou.

O certo é que, na calma do seu retiro, o pequeno templo nunca estava abandonado; a lampada do santuario jamais deixaram que se extinguisse e, não raro, lá dentro, por dias e noites, velas e cirios ardiam, votivamente, numa crepitação solitaria.

Comtudo, não tinha a ermida um serventuario effectivo, nem mesmo um simples guarda; guardava-a e servia-a o respeito commum dos habitantes proximos.

E, do mesmo modo por que, um dia, a igreja ali apparecera, um dia se aperceberam os fieis que a ermida tinha o seu cura. Um padre, ou algvem que um velho habito vestia, ahi se havia installado.

Ao fundo, alguns passos distante, sobre a rocha, uma tosca, pequerrá casa se havia construido, onde o religioso morava.

E, sem que se inquietasse quem quer que fosse de inquerir quem era e de onde viera, o improvisado vigario foi visto e aceito, num accordo tacito que o sentimento reciproco sellou.

Augmentou de tal geito o mysterio. Para aquelle templo, que não se sabia quem construíra, chegava um cura, que não se sabia de onde vinha. E a fama da milagrosa ermida cresceu e dilatou-se. O ermitão não era velho, nem moço. Trazia n'alma, porém, a funda preocupação de uma dôr irreparavel, que, de todo em todo, o prendia áquella religiosa empreza.

Não parecia creatura de nossos dias; depois que ali chegára, jamais se o viu entre-gue a outro mister senão aquelle que o sacerdocio lhe impunha. Se bem, de seu estado cousa alguma se soubesse, e já, de muito, houvessem desapparecido vestigios de tonsura, na exuberancia de uma cabelleira loira que lhe sobrava na nuca e se confundia com a fina barba que lhe envolvia o rosto, comtudo todos o recebiam como confessor e celebrante.

A clientela dos fieis crescia; *ex-votos* cobriam as paredes internas da pequena igreja, cerimoniaes celebravam-se, frequentemente, e, na sobriedade de seu viver, nada faltava ao cura para as necessidades materiaes da vida.

E desse modo, nesse entendimento entre fieis e pastor, annos foram passando, que crearam para o extranho ermitão a aureola de santidade, que a persistencia de seu viver austero e a dedicação exclusiva a essa obra espiritual, de mais em mais se acentuava.

As missas de domingo, sobretudo, attrahiam maior concorrencia, a despeito da hora matinal em que eram ditas.

E assim seguiram as cousas, sem historia, na continuidade serena e uniforme dos dias e dos mezes.

Mas, tudo acaba; tudo o que existe no mundo está marcado para acabar.

Certa manhã, num domingo, rezava, na compunção habitual, o ermitão, a missa matutina. Não notara a assistencia, no momento, mas, depois, a circumstancia foi assignalada e confirmada por muitas vozes, que o celebrante manifestava nessa clara manhã uma abstracção maior, um ar de maior despreendimento dos aspectos materiaes do mundo.

Por vezes, em meio das orações, braços erguidos, parava o officio, como num extase, alheio á vida, alheio aos fieis; depois proseguia, arrastadamente, entregue de todo á sujeição espiritual do acto que celebrava. No momento da consagração, varios fieis commungaram, presos da emoção enorme que o aspecto sobrehumano do cura lhes transmittira na solemnidade do seu gesto e na dolorosa expressão de seu rosto.

Retirando-se, após, para o altar, preparou para si o corpo e o sangue de Christo; o pequeno acolyto, ao deitar no pobre calice o puro vinho, que o ritual prescreve, viu, surpreso, que o cura, por sua vez, despejou ali tambem o conteúdo de um pequeno frasco.

E a missa continuou. Feitas as orações, abençoado esse vinho, o cura tomou do calice e o absorveu num trago. Não rezou mais; pousando o calice sobre o altar, ergueu os olhos para a imagem, na brancura de suas vestes e, alguns minutos após, levando a mão ao peito, prostrou-se e cahiu, pesadamente, no chão.

Acercaram-se delle, atonitos, os fieis, clharam-lhe o rosto, apalparam-lhe o corpo, e... mort...



Como um pensado bando de pombos, que a quêda subita de um corpo, em meio dellas, dispersa, fazendo-os voar, celeres, por direcções diversas, tal os fieis, desordenadamente, e em panico, abandonaram a ermida.

Ninguem ousou volver atraz um olhar curioso e, foi em casa, na segurança do lar, no aconchego dos seus, que cada qual parou e respirou.

E dias correram, e mezes passaram, e
(Conclue no fim do numero)



Julio Vaz
1921

"...longe de arraiaes e povoados, em montanhosa região de lavra de ouro, meus olhos, na pesquisa curiosa em que se apraziam, de panoramas e perspectivas, viram ruínas de uns velhos muros, na orla de um bosque, já dentro de espessa matta sombria."

Partido Político de 1891

por Agenor de Moura



A immensidade do nosso territorio creou, desde o descobrimento, a necessidade da descentralização politica; mas o desejo de manter a unidade nacional forçou a evolução no sentido da centralização, iniciada por D. João VII com mão segura e firme, continuada por Pedro I, attenuada pela Regencia no momento opportuno e consolidada definitivamente no reinado de Pedro II.

Os primeiros povoadores do Brasil formaram nucleos independentes, que se governavam com autonomia, sem ligações entre si e apenas subordinados á Metropole afastada. Veiu depois a primeira divisão em oito capitánias, de Pernambuco para o sul, no anno de 1534. Cada uma dellas tinha o seu governo, ou melhor, o seu *proprietario*, sem dependencia umas das outras. Em 1549 creou-se um governo geral na Bahia, com o proposito de centralizar a acção administrativa e de preparar a unidade nacional. A pratica demonstrou que era ainda cedo para isso, de modo que em 1573 os governos eram dois — um, na Bahia, para as capitánias do Norte; outro, no Rio de Janeiro, para as capitánias do Sul. Convinha não apertar muito o laço que os unia: podia arrebentar. Mais tarde ainda, o Brasil passou a *Principado*, com cinco governos, no Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. A difficuldade das communicações torna va imprescindivel certa parcella de autonomia nas administrações locais, reduzido o raio de acção das autoridades centraes.

Com a chegada de D. João VI começou a obra da fundação de um imperio no Brasil. Os seus actos prepararam a unidade nacional e garantiram o exito da centralização administrativa. Em 1815 tivemos o Reino do Brasil e em 1822, ao ser proclamada a independencia, esta va mos com 10 capitánias (incluida a Cisplatina) que se tornaram as provincias do Primeiro Reinado e que só com Pedro II se transformaram nos vinte actuaes Estados, pelo desmembramento do Paraná (antiga comarca de São Paulo) e do Amazonas (comarca do Pará).

As Côrtes Portuguezas de Lisboa, com a lei de 1 de Outubro de 1821, procuraram, confessadamente, supprimir a autonomia das provincias brasileiras, determinando a criação de Juntas Provisorias de 7 e 5 membros, em substituição dos "governos independentes", não para centralizar a acção administrativa no Rio de Janeiro, mas para subordinar a ás Côrtes e ao Governo da Metropole. Convem ficar registrado que a 1^a do mez corrente passou o centenário dessa lei e da outra, da mesma data, que ordenou a viagem de D. Pedro por algumas Côrtes da Europa, com o intuito de afastar o elemento nacionalista, que já preparava a resistencia á recolonização e, portanto, a independencia. Desta ultima resultou o "Fico" e do "Fico" resultou a independencia, sem a qual teria vingado o plano das Côrtes — ferir de morte a unidade do Brasil, pela supressão das relações das provincias com o centro brasileiro do Rio de Janeiro, para subordinar-as directamente á Metropole. Este proposito das Côrtes ficou ainda mais claro na lei de 13 de Janeiro de 1822, que extinguiu os tribunaes creados por D. João VI.

A Constituinte de 1823 votou a lei de 20 de Outubro, revogando a das Côrtes de Lisboa, dando nova fórma aos governos das Provincias e creando para cada uma dellas um Presidente e um Conselho — Presidente amovivel nomeado pelo Imperador e Conselho eleito. Estabeleceu-se o regimen da autonomia limitada pela necessidade de continuar o preparo da unidade nacional ainda ameaçada, ainda em perigo. O projecto de Constituição elaborado por Antonio

Carlos estabelecia uma nova divisão territorial — comarcas com limites naturaes e igualdade de população quanto fosse possivel. Não vingou a idéa, vencendo a corrente partidaria da divisão absurda que resultou das capitánias desmembradas na epoca colonial. O plano de Antonio Carlos obedecia ao systema da lei de 20 de Outubro: em cada comarca, um presidente nomeado pelo Imperador (demissivel *ad nutum*) e um conselho presidencial electivo que o auxiliasse; em cada districto, um sub-presidente e um conselho de districto electivo; em cada termo, um administrador e executor denominado decurião,

tinuada nas lutas da Independencia, garantida e consolidada pela Regencia e pelo Reinado de Pedro II.

Com a Regencia, em 1832, sentia-se já a necessidade de maior autonomia para as provincias, propondo o Visconde de Uberaba (Miranda Ribeiro) a indicação da qual resultou o Acto Addicional. Não faltou quem se batesse pela adopção do regimen federativo, que já tivera partidarios na Constituinte de 1823. O que passou, porém, foi a concessão de mais ampla autonomia ás provincias e aos municipios, creando-se as assembléas provinciaes em substituição aos conselhos geraes das provincias, com attribuições legislativas mais amplas. Aos presidentes das provincias foi dado o direito de sancção e *veto*, só intervindo o Governo Geral quando as leis provinciaes offendessem a Constituição, os impostos geraes, os direitos de outras provincias ou os tratados.

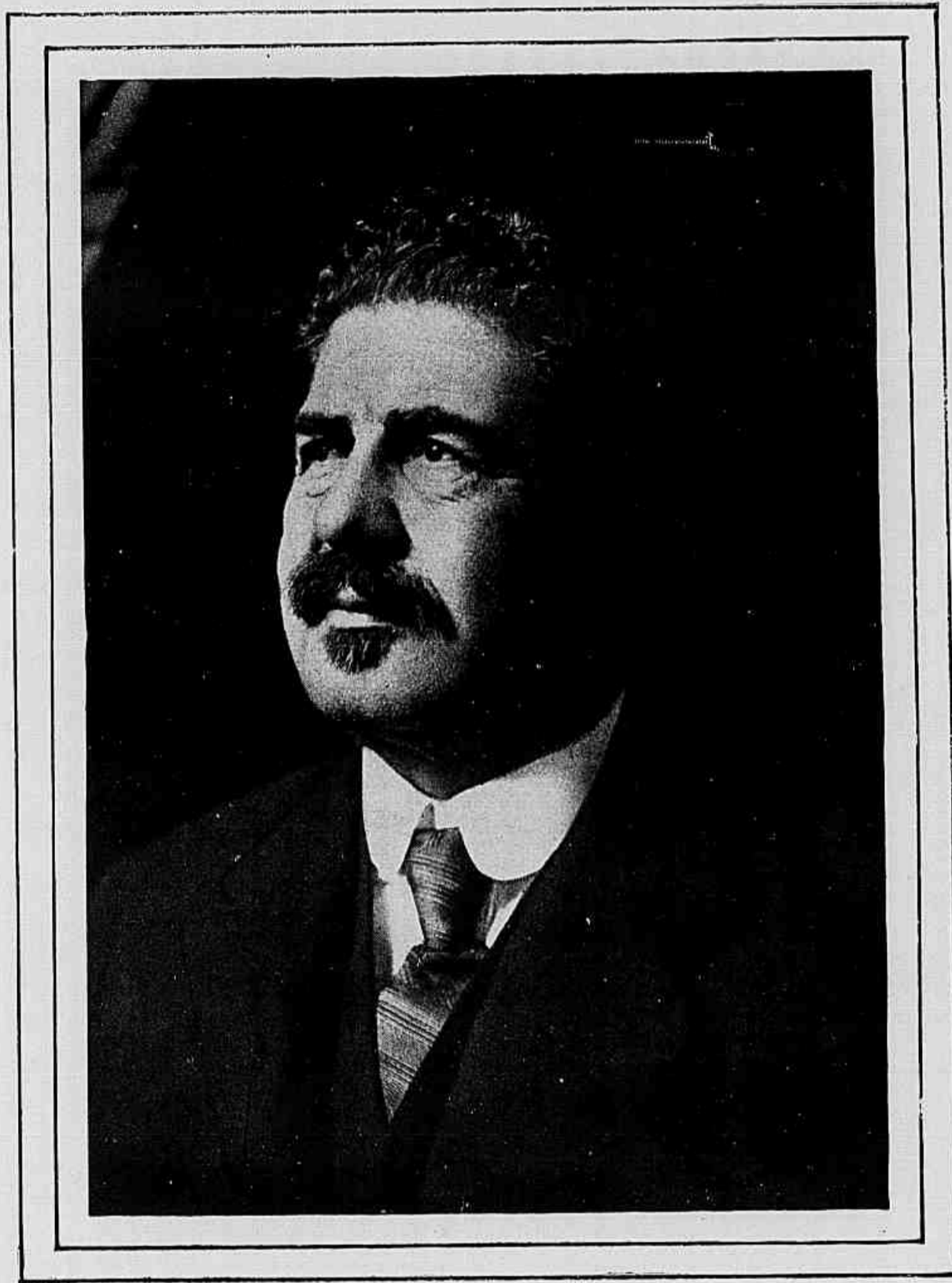
Em 1840 foi votada a lei de interpretação, que restringiu a autonomia concedida pelo Acto Addicional. O que a Republica encontrou, em 1889, foi uma Nação — o Brasil — formada, através os seculos, pelos esforços conjugados de portuguezes e brasileiros em luta contra os invasores e, afinal, pelos brasileiros em luta contra os soldados da Metropole. Das capitánias *doadas* a protegidos dos reis havíamos feito um paiz grande e unido, com uma só lingua e uma só religião; com os mesmos costumes e o mesmo sentimento de patriotismo que levára o sul a libertar o norte e que fizera o norte correr em defesa do sul ameaçado; com um só direito e uma justiça só, igual para todos, do Amazonas ao Prata.

O Brasil, assim formado, resolve-ra conceder limitada autonomia ás suas provincias e dispunha-se, pela propaganda na imprensa, no parlamento e nos comícios, a ampliar-a até os limites da federação. O Brasil era, em 1890-91, uma nacionalidade que se despojava de bens e de direitos em favor dos Estados que a compunham, que cresceram e prosperaram á custa de um patrimonio commum, de uma receita geral arrecadada em toda parte e applicada por toda parte, no seu territorio. Não se comprehende, portanto, a attitude de certos homens de valor e de responsabilidade na Constituinte Republicana de 1890-91, procurando fazer acreditar que as antigas provincias haviam feito a Republica para, de commum accordo e reunidas por laços novos, formarem uma Nação. Esta já existia, com todos os caracteristicos proprios — unidade de lingua, religião, leis, costumes, direito e justiça. Nos Estados Unidos, na Suissa e na Allemanha, a federação se

fez da peripheria para o centro, unindo-se povos de lingua, de origem, de costumes, de religião e até de raça differentes, para, por um pacto solemne, formarem uma só Nação fortalecida para a defesa commum. No Brasil, a marcha federativa operou-se em sentido contrario, do centro para a peripheria, de modo que a União preexistente se dispunha a offerecer, a dar autonomia ás partes. Num caso, o pacto significava o aperto dos laços de vizinhança, de communhão de interesses, de necessidade de defesa. No outro, se traduzia pelo afrouxamento desses laços, que, por muito apertados, asphyxiavam.

O Governo Provisorio, ao convocar a Constituinte, receiava o exaggero federalista da Assembléa. Na sua mensagem, Deodoro dizia: "A autonomia do governo local, tão tenazmente pleiteada pela universalidade dos brasileiros no passado regimen, não deve importar, no regimen republicano, a desaggregação da Patria. A união não é só essencial ao funcionamento normal das nossas instituições politicas; ella é o palladium da nossa integridade territorial."

O receio de Deodoro era fundado. Os factos o demonstraram. Os *annas* ali estão para attestar

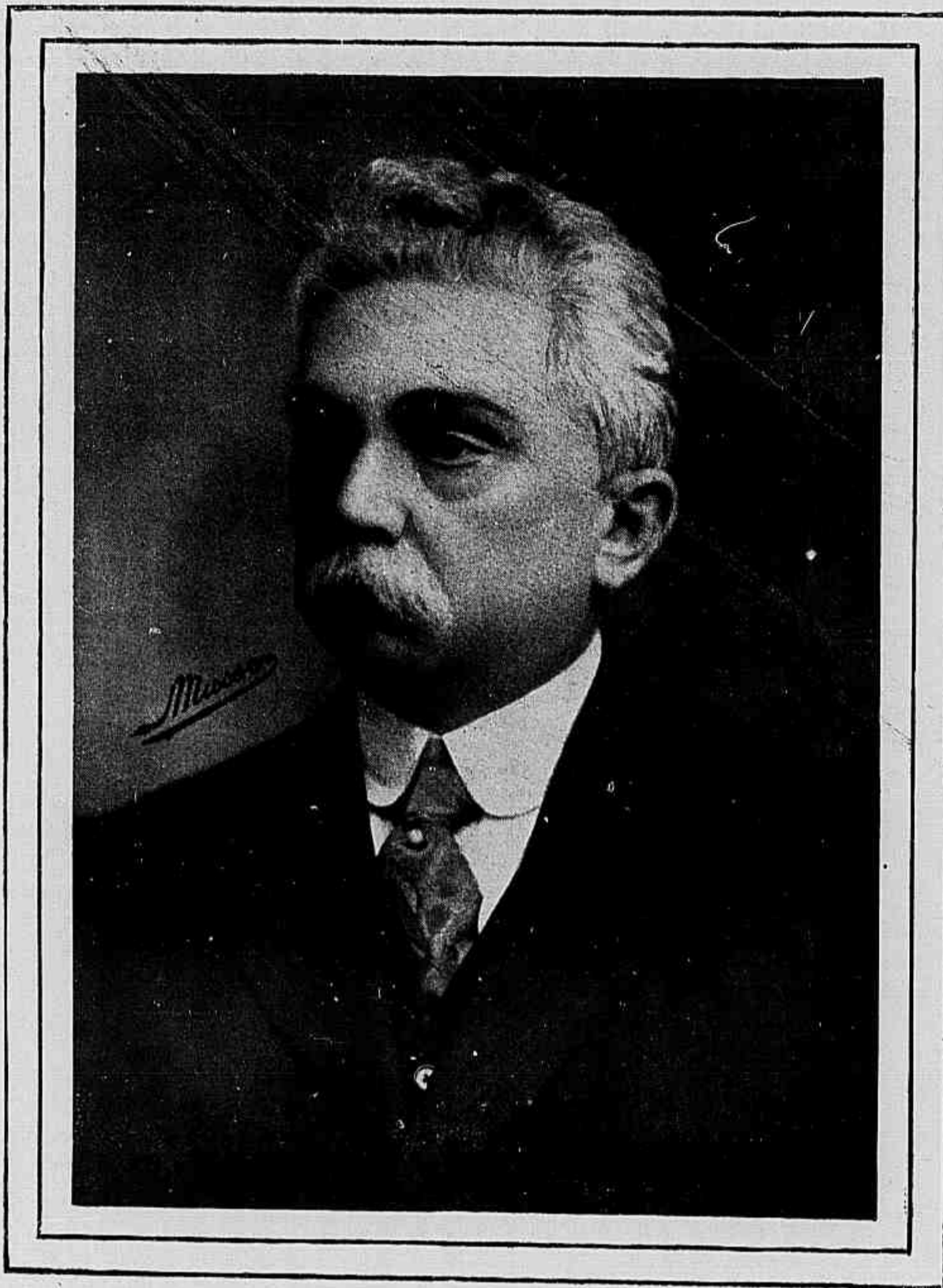


DR. BUENO DE PAIVA, VICE-PRESIDENTE DA REPUBLICA

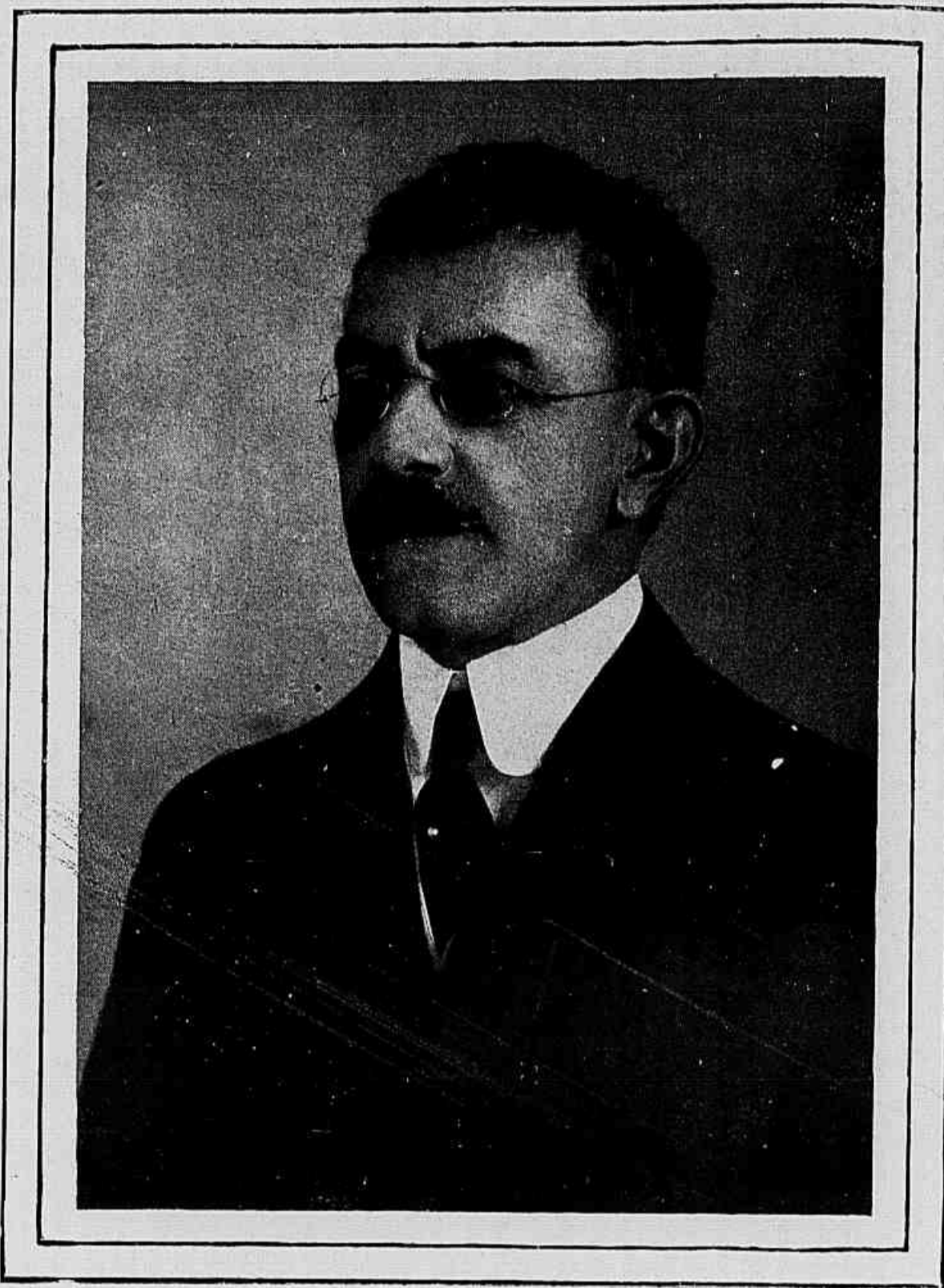
que seria presidente da municipalidade ou camara, no qual residiria todo o governo economico e municipal; o orçamento das comarcas seria votado pela assembléa geral, que repartiria a contribuição directa pelas comarcas, cujo governo repartiria, por sua vez, os impostos que deveriam caber aos districtos, etc.

A carta de 1824 manteve as provincias, permitindo a subdivisão como pedisse o bem do Estado. Garantia ao cidadão o direito de intervir nos negocios de sua provincia, por intermedio das camaras dos districtos e dos conselhos provinciaes eleitos cujas resoluções eram submettidas á Assembléa Geral no Rio, com *veto* suspensivo do Imperador até o pronunciamiento da Assembléa, si esta não estivesse reunida. Os presidentes de provincia eram nomeados pelo Imperador e demissiveis. As camaras municipaes eram electivas e dispunham da applicação de suas rendas segundo determinasse a lei ordinaria.

Do regimen das capitánias independentes, governadas discretionalmente por seus donatarios, passámos pouco a pouco para o regimen de centralização, com uma, duas e até cinco sedes de governos centraes, até que D. João VI aportou ao Rio, iniciando francamente a obra da unidade nacional, con-



SR. ANTONIO AZEREDO, VICE-PRESIDENTE DO SENADO.



DR. ARNOLPHO AZEVEDO, PRESIDENTE DA CAMARA DOS DEPUTADOS

o rumo errado que se pretendeu dar á organisação federativa do Brasil. A unidade do direito e da justiça correu risco, com a approvação de uma emenda que estabelecia a pluralidade de legislação, quando a Confederação Suissa já caminhava da diversidade para a unidade de legislação, para a uniformidade do direito. Ao ser restabelecida, em 2ª discussão, a unidade do direito, a pluralidade ainda obteve 85 votos em 183. A unidade de religião andou ameaçada, porque depois de restabelecida a plena liberdade religiosa, entendeu-se que, em virtude mesmo dessa liberdade, poderiam os Estados subvencionar cultos, num paiz de immigração e de concentração de colonos de varias nacionalidades e de religiões diversas. A propria unidade da lingua nacional andou por ahi estropiada nos documentos officiaes das assembleas municipaes de Estados colonisados por allemães, até que a guerra de 1914-1918 veio despertar a União e apontar a necessidade de sua intervenção no ensino primario, que a Constituinte entregára ás antigas provincias.

Depois de haver lutado em vão pela extincção da trindade garantidora da unidade da Patria, o grupo numeroso de constituintes partidarios da politica de campanario atirou-se ao combate e *chicounou* de modo a obter vantagens outras na partilha republicana-federativa de 1890-91. Pelo relatório do Ministro da Fazenda do Governo Provisorio, o Imperio deixou á Republica a divida externa de £ 30.321.200 e a interna de 543.585.300\$000. Era dinheiro tomado emprestado para ter applicações no Brasil inteiro, para ser gasto com obras e serviços que aproveitaram ás Provincias. Pois bem, no momento da partilha, essa divida ficou inteira a cargo da União, reduzida a uma entidade abstracta, sem as terras devolutas que o projecto Ruy lhe dava e que a Constituinte passou para os Estados; sem as minas, cuja propriedade o mesmo projecto lhe attribuia e que foi transferida aos proprietarios do solo; sem os proprios nacionaes de que não precisasse, cabendo aos legisladores, sempre bairristas, a tarefa de operar a transferencia desses proprios para o dominio dos Estados.

Responsavel pela divida anterior á organisação federativa, a União viu-se ainda privada, na hora da partilha das rendas, de quatro fontes de receita que o projecto Ruy lhe dava e que a Constituinte entregou aos Estados: imposto predial, imposto de industrias e profissões, taxas de correios e telegraphos estaduais e sello em papeis emanados de auto-

ridades locais. Podia ter sido peor; por um systema de discriminação de rendas, que teve numerosos adeptos, deixavam-se á União quatro fontes de receita, cabendo as demais aos Estados. Por esse systema, o Thesouro Federal estaria hoje privado de um terço pelo menos da sua já insufficiente receita! E não foi só isso: como recurso proteccionista, cabendo á União os impostos de importação, foi permitido que os Estados cobrassem addicionaes sobre as mercadorias estrangeiras que tivessem similares na produção local, mas recolhendo essa renda ao Thesouro Federal. Insistentemente tentou-se, na illustre assemblea, que essa sobretaxa da importação ficasse nos Estados!

Dos serviços industriaes entregues á União, nenhum dá renda, todos dão *deficits*: o dos correios, o dos telegraphos, o das estradas de ferro, o da Imprensa Nacional, o da Casa da Moeda, o dos arsenaes militares e o da navegação. De todos elles aproveitam os Estados para as suas communicações,



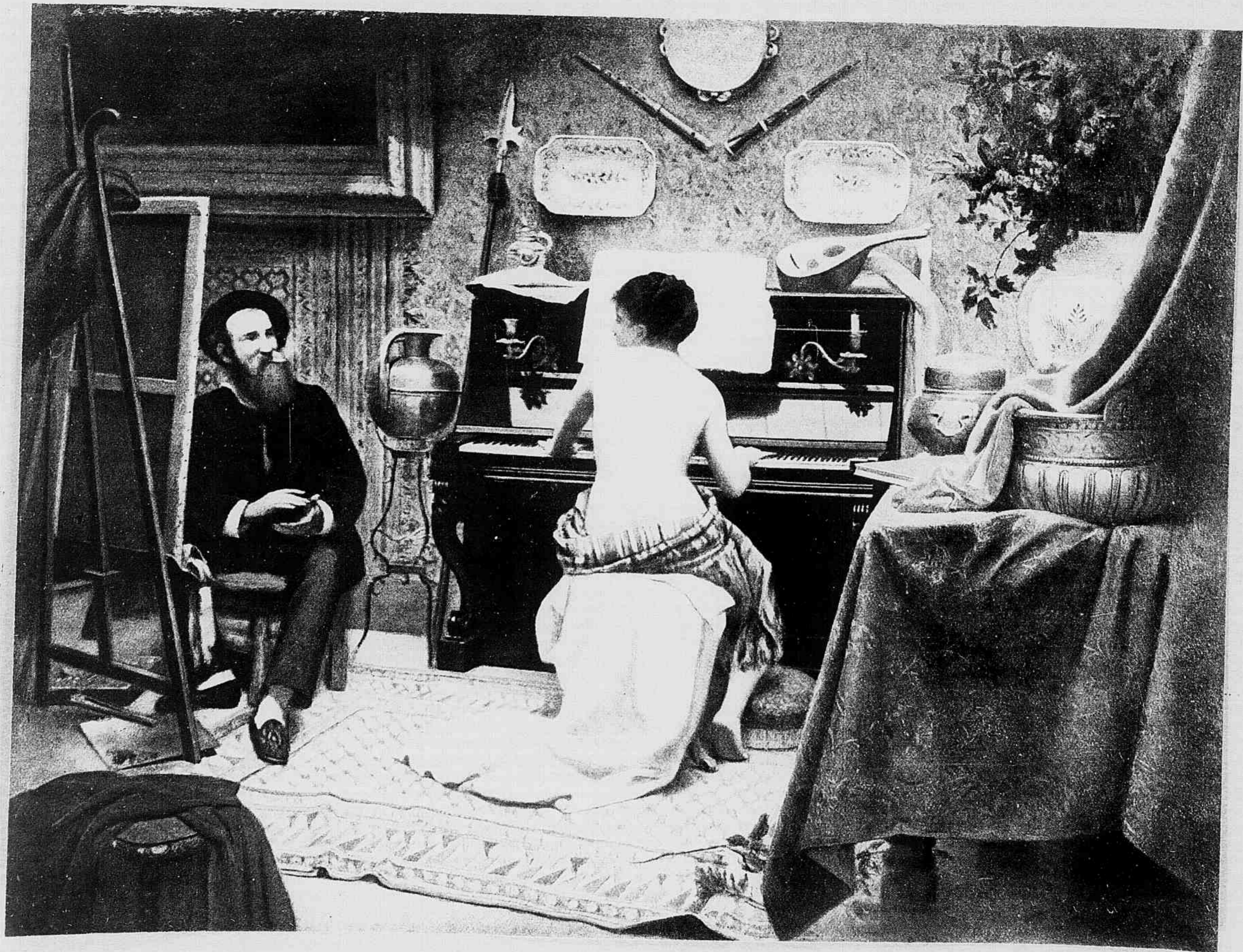
A EXTRACÇÃO DA BORRACHA, NO AMAZONAS.

para os seus transportes, para o desenvolvimento de sua vida economica, para a sua riqueza, para o seu povoamento, para o conforto das suas populações.

Sobrecarregada com o peso de toda a divida do Imperio Unido, contrahida em beneficio das Provincias; privada das terras devolutas e das minas; onerada com serviços industriaes que dão vantagens materiaes aos Estados e que lhe avolumam o *deficit* orçamentario; desfalcada nas rendas pelos impostos que a Constituinte transferiu para os Estados; a União ainda lutou para evitar outros prejuizos na partilha. Quizeram annullal-a, entregando o commando das forças federaes nos Estados aos Governadores, prohibindo á União ter forças suas nos Estados, dando aos Governadores o direito de remover os commandantes de tropas do exercito que lhes não agradassem. Conseguiram diminuil-a, cortando da Constituição o direito que todas as Federações dão á União, por intermedio do Congresso Nacional — o de mobilisar as policias dos Estados em tempo de guerra, mesmo de guerra contra inimigos externos! Procuraram quebrar a unidade da moeda no paiz, para dar aos Estados o direito de fabricar dinheiro!

No famoso art. 6º, manhoso, nebuloso e hypocrita, ficou a porta aberta ás interpretações de accordo com as conveniencias politicas do momento. Nenhuma clareza no enunciado dos casos de intervenção federal nos Estados, de modo a estar hoje a União atropellada pelos credores estrangeiros que emprestaram a Estados e que delles não recebem sequer os juros promettidos. No art. 63 foi dada liberdade aos Estados para organisarem-se como entendessem, *respeitados os principios constitucionaes da União*; mas, foram rejeitadas as emendas em que se estabelecia o processo de intervenção federal para fazer respeitar aquelles principios — a suspensão da lei estadual pelo Executivo Federal até que o Supremo Tribunal decidisse, definitivamente, como queria Julio de Castilhos; ou a suspensão pelo Supremo Tribunal até decisão final pelo Congresso Nacional, como propunha João Pinheiro.

Esta rapida analyse demonstra que na partilha politica de 1890-91, os advogados dos Estados, que são os filhos do Brasil, se não deixaram a mãe, que é a União, inteiramente nua, conseguiram deixal-a com a roupa do corpo, á qual as razões das dividas externa e interna, contrahidas antes do regimen federativo, dão uma graça toda especial.



O
DECANÇO
DO
MODELO

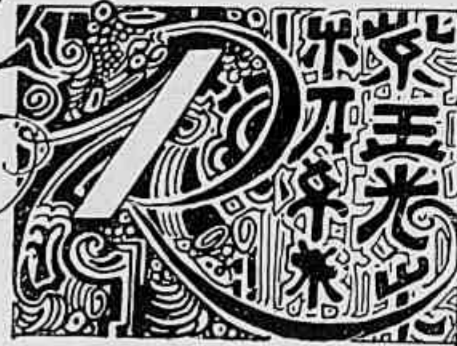
QUADRO DE
Almeida Júnior

...Escola de Bellas Artes - Rio...



Ainda Faltava

por Alcides Maya



(A EZEQUIEL UBATUBA)

Já ia longe o atropello da perseguição quando, a uma centena de metros da casa fechada, a escolta parou em observação.

Desconfiados, os gauchos consultavam-se em grupo, attentos de olhar, mas de redeas frouxas sobre o pescoço dos cavallos.

Afinal, um delles, que parecia chefe, de perfil indiatico, popular no exercito pela furia de lancear, interrompeu altaneiro o silencio :

— *Bueno*, amigos, carreguemo', ou não? Viemo' aqui p'ra ollhá! Que a casa tinha parado tapéra, isso vi, inda hont'onte. Que o home varou o Cambahy e enveredou neste rumo, isso todos viram do lado de lá. Que'hi dentro havia gente, era só arrepará na fumaça que sahia de riba da casinha. Ao demais, a porta, escancarada quando cruzemo, 'tá fechada. Póde, como disse o cabo, que elle 'teja com outros de tocaia e que a fumaceira seja no mais uma negaça : mas, nós é que não andemo aqui devalde...

E, dizendo, avançou ousado em direitura á porta.

A dez metros, porém, uma bala derribou-lhe o cavallo, ferido em plena testa. Os outros, pelo fumo, descarregaram as armas, clavinas Mauser, esburacando a porta.

A descarga, nenhuma resposta : e, receioso de cilada, os homens *abriram-se*, investindo por tres lados. Então, quasi ao mesmo tempo, um cahiu ao oitão, atingido no peito, outro teve a cabeça do lombilho riscada, e uma bala furou, de flanco, o pala do terceiro.

Era segura a pontaria : mas, nenhum delles, agora se enganava : tinham a certeza de enfrentar apenas um adversario.

Não podia ser emboscada : só estupidos prefeririam um entreveiro dentro de casa a uma descarga protegida, abrangendo em massa os assaltantes. Ora, as balas não haviam sido simultaneas : era o mesmo atirador a alvejal-os sereno e certo, sabendo o que fazia.

— Estavam deante de homem, valesse-lhes isso...

O assalto á morada foi então resolvido instantaneamente, sem prévio accôrdo. Luctava-se com frieza, combinando espontaneamente movimentos. Se possivel, queriam agarrar vivo o inimigo.

— E' elle mesmo, resmoneou iroso o indio — Inté que finalmentes...

Ao mesmo tempo, e num impulso parelho, botaram abaixo a janella do oitão e duas portas, a da frente e a do pateo. Logo esporas retiniram, resoaram passos apressados no interior.

Ao acaso da investida, um dos homens atirou contra um vulto em fuga rapida através do corredor escuro. Uma porta bateu e, quando se detiveram defronte daquella peça, dois tiros estrugiram lá dentro.

Quebradas a violentas e tovelladas, escancararam-se os batentes, e foi terrivel a surpresa diante do quadro entrevisto desde a porta arrombada. Houve um recuo, uma parada, a commoção de um vago arrependimento. Sobre a cama, velha marquezia quasi desconjunctada, com a cabeceira ligada aos pés por meio de guascas, uma rapariga arquejava agonisante sobre o corpo de um joven official morto, assassinado por ella propria, afim de o poupar á sanha adversa. O sangue de ambos confundia-se sobre a coleha de chita. O homem, que tinha um dos braços atado ao peito por um lenço de seda ensanguentado (um ferido que a amante, rude vivandeira gaucha, conseguira arrastar na sua carreta até áquella casa abandonada), recebera uma bala no coração, antes da que a ella tambem lhe varára o peito. Tinham-se confundido, continuavam a confundir-se os dois sangues...

A heroína cahira de frente, como ainda prestes a defender-se e a defender o pouso. Havia nos seus olhos abertos, parados, de

fixa lucidez, bravía e curiosa, a morredíça interrogação daquelle fim...

— Medo da degolla —, pensou o chefe dos assaltantes —, estremeido pela primeira vez na vida, na sua ingenua vida brutal de guerrilheiro.

E não pensava mais no inimigo a quem procurava, e que bem longe andava áquella hora, zombando delles...

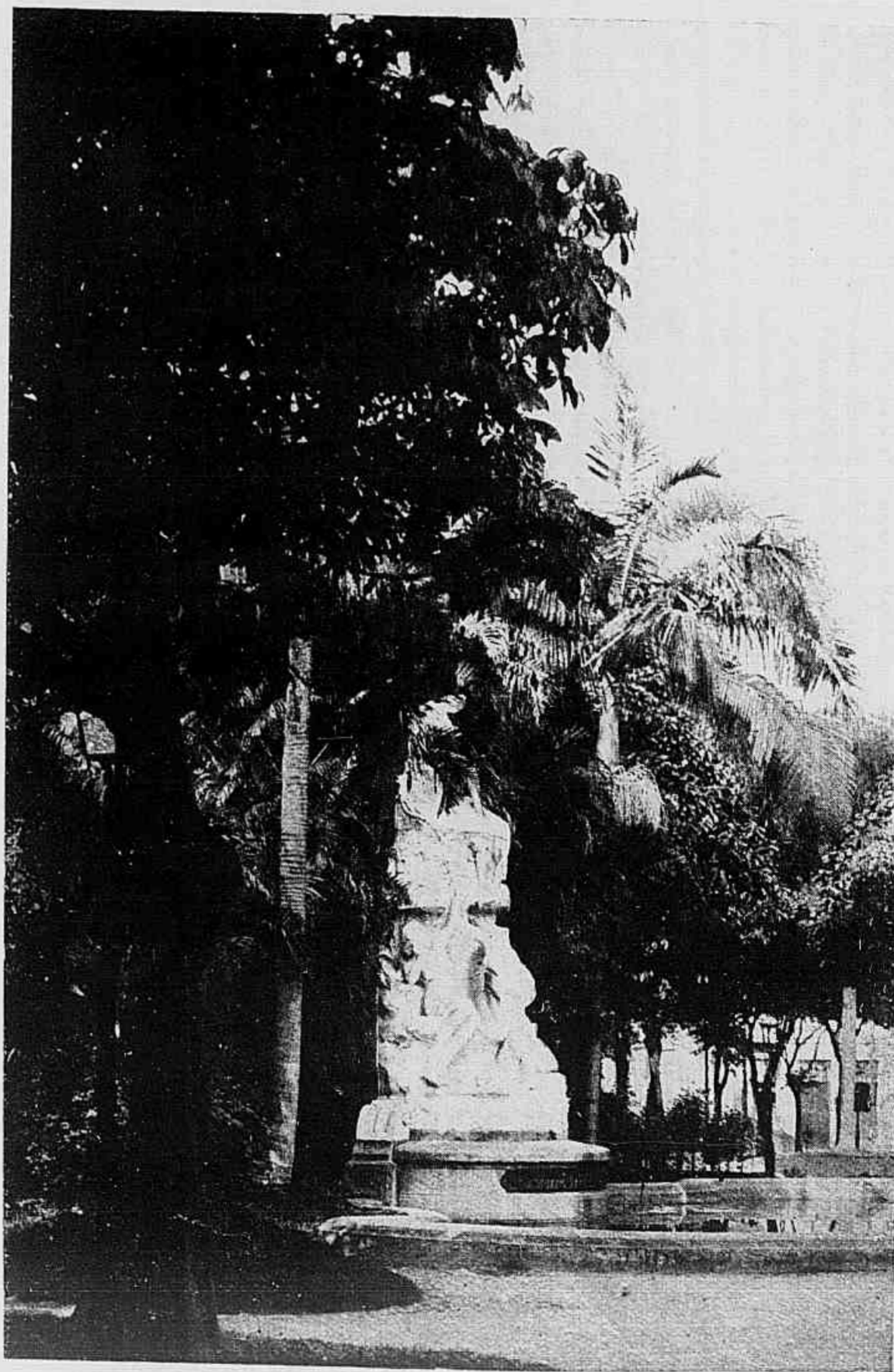
— China-flôr! — limitou-se a dizer aos camaradas taciturnos.

Entretanto, no derradeiro estertor, o corpo da agonisante se approximára mais do outro, immovel e rigido. Pendeu-lhe a cabeça, soltaram-se-lhe os cabellos sobre o peito sangrento do seu amigo. Findou assim a pobrezinha, e estava tão formosa que o Antonio Sagaz, encarregado de abrir as sepulturas, após a partida da escolta, sentiu dentro de si como um clarão e disse ao soldado que o acompanhava :

— Botemos os dois na mesma cova, amigo, que é como se ella estivesse me pedindo... Cousa assim!

O outro tambem estava commovido, tanto que accrescentou, a coçar a barba ruiva que lhe chegava quasi aos olhos :

— E' eu mesmo vou fazer a cruz...



A FONTE "RAMOS PINTO", NO JARDIM DA GLÓRIA

O Pantheon dos
Andradas
em Santos

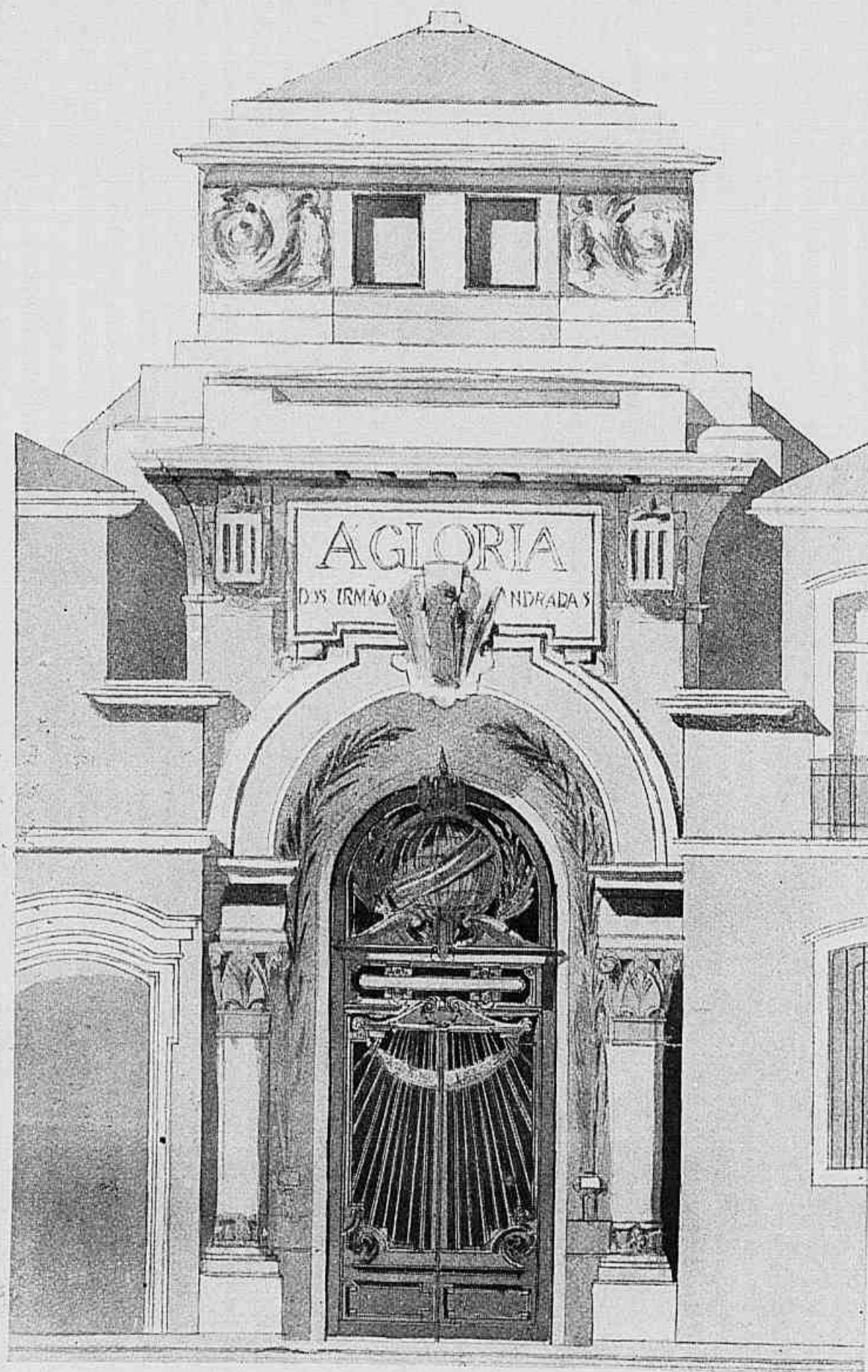


VISTA DE CONJUNTO DA IGREJA E DO CONVENTO DO CARMO

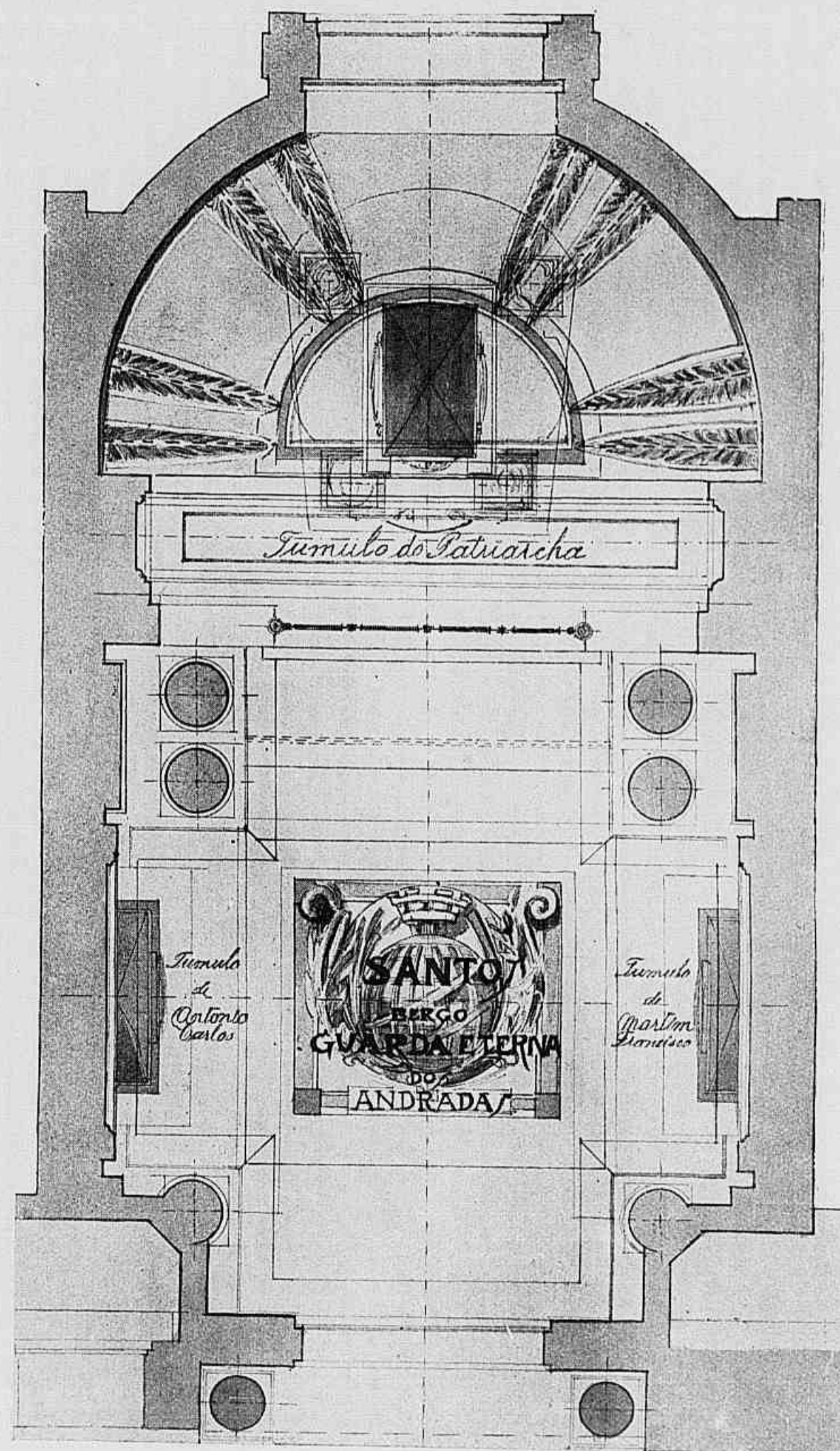
A' alta capacidade dos administradores santistas não passou despercebida a significação patriótica de honrar, no mais alto grão, a memoria dos Andradas, de que Santos foi o glorioso berço.

O illustre vereador municipal, Sr. Arnaldo Aguiar, considerando a vontade expressa de José Bonifacio de ser enterrado

naquella cidade e no Convento do Carmo, onde, de facto, se acham os seus despojos mortaes, propoz, e a Camara accitou



A FACHADA DO PANTHEON



PLANTA BAIXA DO PANTHEON

com entusiasmo e applauso, a junção dos tumulos dos Tres Irmãos num Pantheon Nacional, que attestasse aos posteros a grandeza da sua acção e do seu patriotismo nos fastos da Independencia.

Tornada lei a resolução da edilidade, o benemerito prefeito Joaquim Montenegro, inspirado em boa hora, encarregou a Companhia Constructora de Santos de elaborar o projecto do Pantheon, no qual a Gloria e o Triumpho fossem a idéa dominante.

De como se desempenhou a Companhia da honrosa tarefa attestam-n'o as gravuras, que publicamos.

Não se lamenta na obra de arte a perda dos gloriosos patricios ; é a sua maior glorificação !

Em todo conjuncto architectural ha nobreza, ha gloria, ha patriotismo.

O bloco de granito, que ha de conter os restos do Patriarcha, é conduzido por quatro figuras monumentaes: a Patria, o Genio Humano, a Historia e a Liberdade.

A actual cobertura do seu tumulo, que é uma obra prima, será disposta sobre soccos de bronze, na base do monumento, cuja maior imponencia reside em uma riquissima abobada, incrustada de palmas de triumpho.

Todo de granito e bronze, o monumento receberá inscripções de datas e factos historicos, além das dedicatorias de homenagem do povo e do governo santistas.

Do tumulo do Patriarcha tem-se impressão da immortalidade, com aquellas magestosas figuras de bronze, guiando a historia, para passar sob o arco de triumpho, encimado pela *Independencia* e recebendo a abobada interna luz coada pelo coroa-mento de vitraes de valor.

Antes do arco estão o grupo das columnas e o salão da gloria, tendo este, de um lado, o tumulo de Martim Francisco e do outro o de Antonio Carlos.

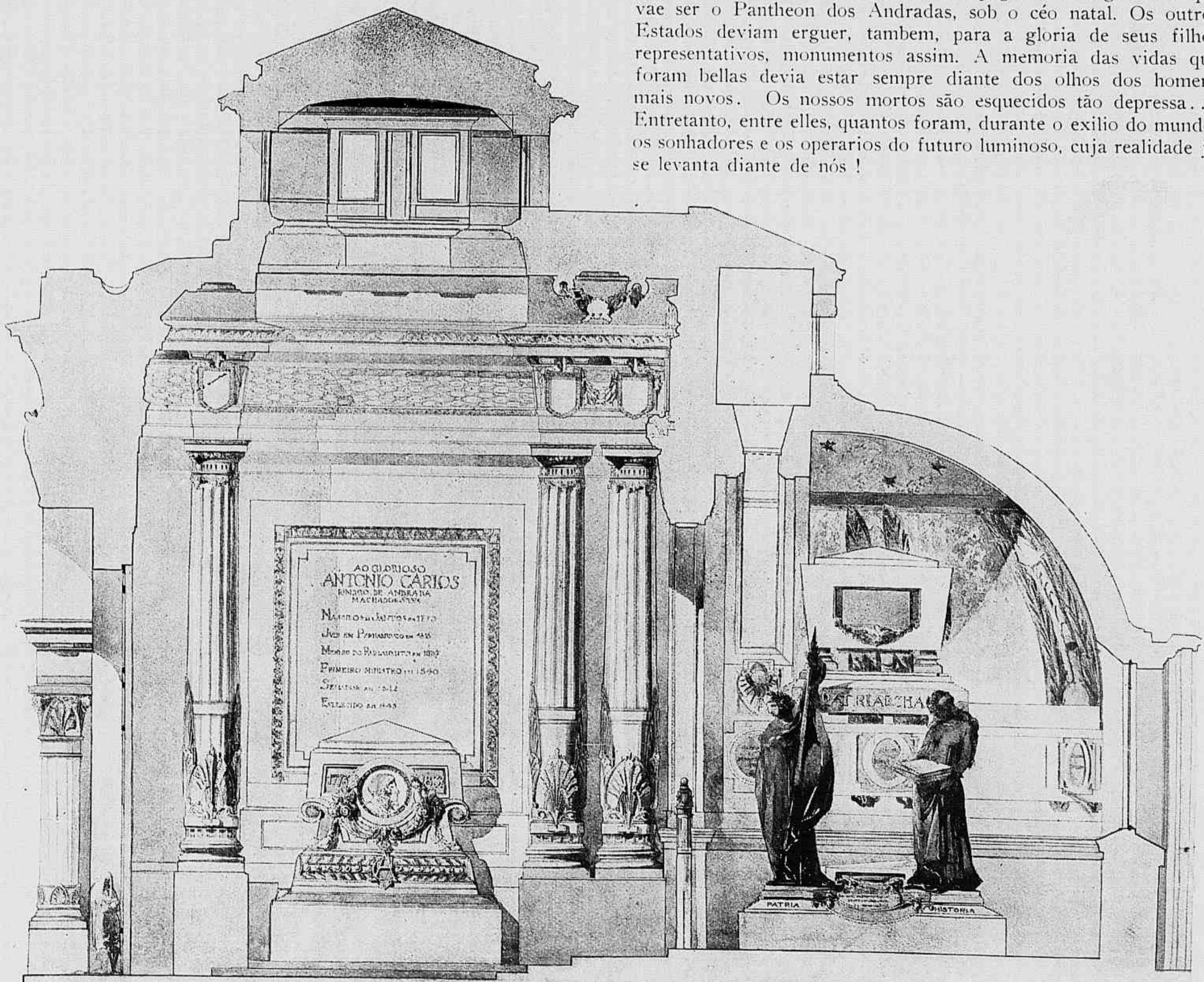
Ha ainda a grande sala monumental — SALA DA INDEPENDENCIA — ricamente decorada em estylo nacional e illuminada pela parte superior.

A fachada do Pantheon está sobre o eixo da Praça da Republica, accusando o estylo monumental da obra, embelezando o local e elevando a harmonia das linhas architectonicas da historica Igreja do Carmo.

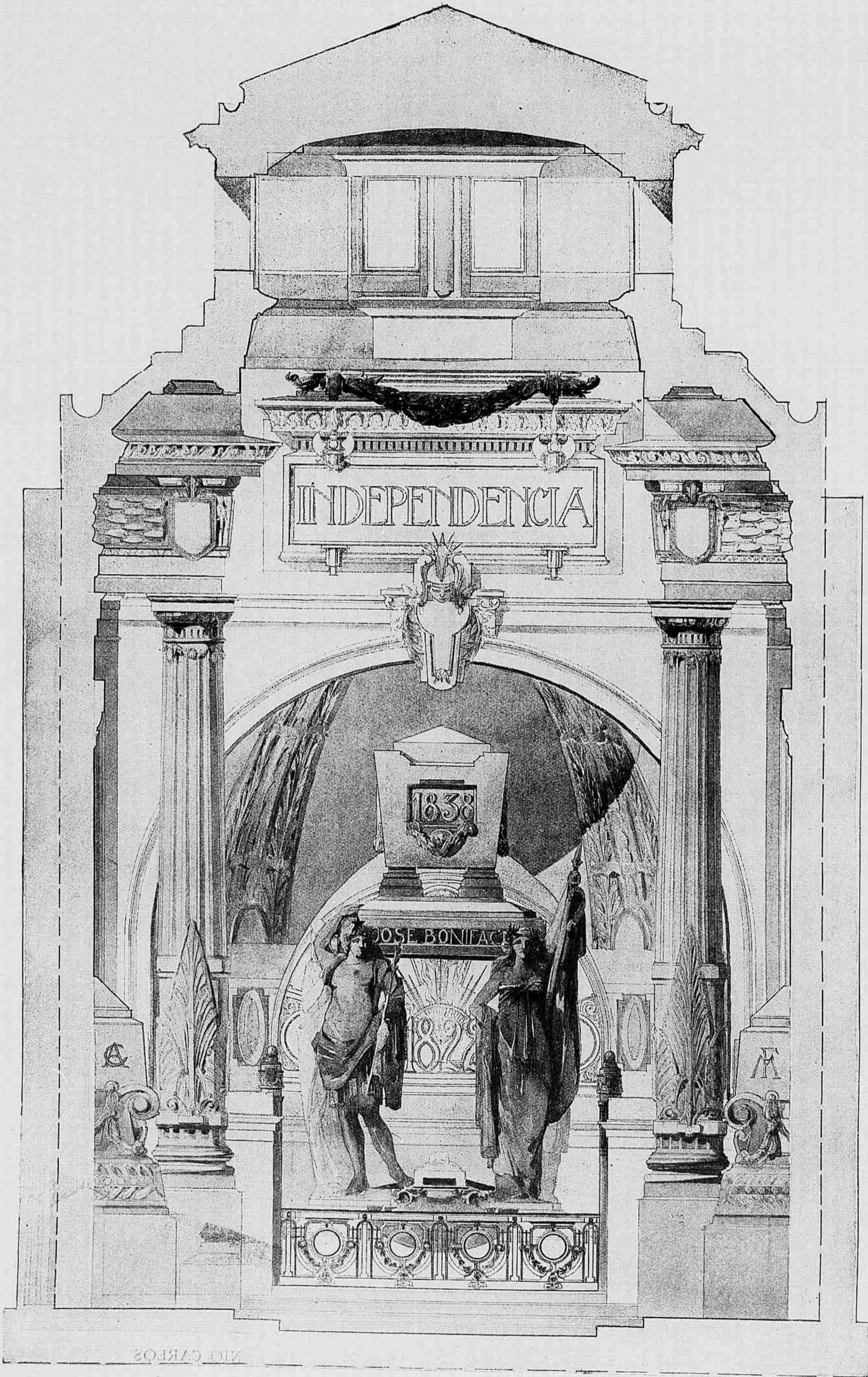
Com a collaboração do genio artistico brasileiro, esse monumento honrará o paiz, glorificando a Nação, que tão grandes filhos tem dado ao mundo.

São tão raros os nossos *verdadeiros* monumentos, de tão poucos podemos envaidecer-nos que o gesto da cidade de Santos nos enche de prazer pelo exemplo que espalhará.

Ha tempos publicámos aqui o projecto do Pantheon Rio Grandense, no qual ficarão immortalizados os grandes vultos da gloriosa terra gaucha. Hoje, em tres paginas, divulgamos o que vae ser o Pantheon dos Andradas, sob o céo natal. Os outros Estados deviam erguer, tambem, para a gloria de seus filhos representativos, monumentos assim. A memoria das vidas que foram bellas devia estar sempre diante dos olhos dos homens mais novos. Os nossos mortos são esquecidos tão depressa... Entretanto, entre elles, quantos foram, durante o exilio do mundo, os sonhadores e os operarios do futuro luminoso, cuja realidade já se levanta diante de nós !



CORTE TRANSVERSAL DO PANTHEON, VENDO-SE O TUMULO DE ANTONIO CARLOS



Santheon
de
Andradas
—
O tumulo
do Patriarcha
da
Independencia

Onze

por Augusto de Lima

Alguem que vi, já não sei onde,
A cujo fado estou entregue;
Alguem que busco e que se esconde,
Como uma sombra me persegue...
Alguem que vi, já não sei onde...

Quem é que assim me attrae e expulsa,
Quem é que assim me ama e detesta?
Que me estrangula a alma convulsa
Numa febril visão funesta,
Quem é que assim me attrae e expulsa?

Alguem que vi, já não sei onde,
Alguem que busco e que se esconde,
A quem pergunto, e não responde...

Quem as vigílias me devora
No turbilhão da vida intensa,
Desde o clarão hostil da aurora
Até o cahir da noite immensa?
Quem as vigílias me devora?

Alguem que vi, já não sei onde,
Alguem que busco e que se esconde,
A quem pergunto, e não responde...

Quem é que o somno me perturba
Com as visões do pesadello?
Nem sei eu mesmo e nem a turba
Se um dia posso conhecê-lo.
Quem é que o somno me perturba?

Alguem que vi, já não sei onde,
Alguem que busco e que se esconde,
A quem pergunto, e não responde...

Onde a raiz deixei perdida,
Rocha escavada da montanha,
Para que assim erre na vida,
Numa jornada tão estranha?
Onde a raiz deixei perdida?

O espaço e o tempo em vão transpondo,
Procuro o eterno Livro Mudo,
Alturas galgo, abysmos sondo,
E só mysterio encontro em tudo,
O espaço e o tempo em vão transpondo

Vagas do mar, do mar obscuro,
Se o conheceis, a mim dizei-o:
O mysterioso que procuro
Jaz escondido em vosso seio,
Vagas do mar, do mar obscuro?

Esse que vi, já não sei onde,
Esse que busco e que se esconde,
A quem pergunto, e não responde...

Mundo estellar, plaga infinita,
Que com o olhar turvo contemplo,
Na vossa luz é que elle habita;
Do Ser Occulto sois o templo,
Mundo estellar, plaga infinita?

Alguem que vi, já não sei onde,
Alguem que busco e que se esconde,
"Quem é?" Debalde! Não responde!

Rio, 1921.



NICTHEROY — ALAMEDA SÃO DOAVENTURA, DE 4 KILOMETROS DE EXTENSÃO, NO BAIRRO DO FONSECA



A ESTATUA EQUESTRE DE D. PEDRO I, QUE ESTA' NA PRAÇA TIRADENTES, ANTIGO LARGO DO ROCIO. TRABALHO DO ESCULTOR FRANCEZ LOUIS ROCHET.

A Criação e o Brinquedo



ERVIU este titulo de thema a uma conferencia literario-social bastante original e que acaba de realizar o Dr. Moncorvo Filho, no Collegio Bennett, á rua Marquez de Abrantes, e na qual passou em revista todos os problemas de psychologia, de hygiene e outros, sempre em torro dos brinco infantis. Começou perguntando, como fizera Claparede: "Para que serve a infancia?..." e, respondendo, esse sabio cientista disse: "A infancia serve para brincar e para imitar".

A esse proposito estendeu-se o conferencista, tratando do desenvolvimento das funcões psychicas desde os primeiros vagidos até a idade adulta, mostrando as tendencias da creança logo ao desabrochar do entendimento, o seu desejo de crescer, de ser *gente grande*, tudo procurando imitar.

Commentou, além das idéas de Claparede sob este ponto de vista, as de Finske, J. J. Rousseau, Froebel, Michel, Binet e outros.

Referiu-se aos *meninos e meninas* prodigios, declarando ser muito difficil explicar a sua verificação, citando Colin e outros, que admittem a existencia de uma verdadeira tara.

Disse que os *meninos prodigios* que posteriormente se revelaram *homens de genio* como Pascal, Mozart e Goethe representam excepções rarissimas. Via de regra os casos de precocidade da mentalidade observam que ao entrarem na puberdade se tornam vulgares.

Fez ver que varias circumstancias influem sobre o intellecto da creança na revelação da anomalia, não devendo ser esquecidas as que se referem á raça, á idade, ao sexo, á indole, á herança, ao meio, á educação, etc.

Dissertou, com certa minucia, sobre a psychologia da creança nos primeiros tempos, em sua correlação com os brinco e diversões com que se deve amenisar a sua vida.

Passou em seguida a tratar do *brinquedo* propriamente dito, citando a definição de Larousse, mostrando ser elle um objecto destinado á instrucção e á distração. Definio o que é *jogo*, enumerando os principaes brinquedos e jogos que agradam o infante, de accôrdo com a idade e o desenvolvimento dos seus sentidos, exaltando o interesse que elle tem de querer conhecê-los, traduzindo seus actos por verdadeiras experiencias.

Referindo-se a certa ordem de brinquedos, reproduziu as bellas palavras do illustre poeta portuguez Alberto de Oliveira:

"Deus fez talvez o mundo para o homem, mas a neve e a areia com certeza as fez para as creanças. Quem alguma vez viu toda uma humanidade pequenina erguendo fortes castellos ou furando profundas minas terá de certo pensado, como eu penso, que a areia... é um brinquedo nato. E igual impressão nos fica quando vemos, nas cidades do norte (o autor referia-se á Europa) as creanças das escolas assaltando as primeiras neves, deslizando por ellas como formigas por assucar, com ellas construindo estatuas ou blócos de arremesso, e cahindo sem se magoar, porque neve e areia as fez Deus paternal e carinhosamente brandas e molles, para os corpos tenros a cuja alegria as destinava.

"Com a neve e a areia, doces e maleaveis, realizam as creanças todos os projectos das suas imaginações impacientes. Rapidamente constróem e destróem, porque a areia e a neve obedecem á sua voz, como a de pequeninos deuses creadores. Uma é de ouro e outra de prata, como o sol e o luar; e se eu fosse pintor ou poeta, sem esforço as representaria como duas boas fadas postas por Deus ao serviço das creanças, para lhes ensinarem por um abecedario vivo as primeiras letras da Vida e lhes porem nas mãos armas sem ponta, para o ensaio geral dos seus combates de algum dia..."

E tem razão o illustre homem de letras, porque a plasticidade daquellas substancias estimula a fantasia e desperta o germen da actividade do petiz.

Fazendo considerações sobre o brinquedo custoso e muito aperfeiçoado citou a opinião de Agostinho de Campos, encontrado no seu apreciado livro "Casa de paes, escola de filhos":

"O seu espirito inventivo, o seu ardor de mo-

vimento e criação, ficavam sem ambito para se revelarem e expandirem, desde que o fabricante, prevenido tudo, realisando tudo, attingindo a perfeição definitiva, defraudou afinal o interesse do principal interessado e, por assim dizer, *brincou sózinho*. Então acontece o que era inevitavel e, além de inevitavel, é justo; a creança, se lhe dão licença, pega no brinquedo admiravel e caro, incapaz de fornecer-lhe variação ou surpresa — e dá conscientemente cabo d'elle. A maravilha de trabalho e de luxo é agora um montão de páoszinhos, e taboas, e rodas, e farrapos e só assim é que começa a ser um brinquedo, susceptivel de dar, após a destruição apparente, o prazer real, não só infantil, mas humano, de novas e variadas creações".

Continuando a tratar do assumpto, alludiu a tentativas feitas na Russia para introduzir um sistema racional na escolha dos brinquedos, quer sob o ponto de vista artistico, quer pedagogico, adduzindo os escriptos de Litornsky e as descripções da interessante exposição "A arte na vida da creança" realisada em Petrogrado em 1907, com a qual se chegou á conclusão de que a creança não gosta dos brinquedos complicados, preferindo os simples e de tons vivos, mas sentindo-se chocada em seu amor instinctivo do Bello, se se lhe dão objectos de tons berrantes ou de forma grotesca.

Não foi de outra sorte pensando que a "Sociedade pro-cultura ethica de New York", reconhecendo a imoortancia da questão, organisou, não ha muitos annos, a curiosissima "Exposição de brinquedos", cujo Comité de Direcção os classificou meticulosamente, não esquecendo o seu uso e registrando o resultado da observação, do que poudo concluir dividindo os brinquedos em dois grandes grupos: os que devem ser utilizados e os prejudicados por diversos motivos.

E eram curiosas e eminentemente praticas as conclusões a que chegaram os psychologistas americanos e que o conferencista detalhou, mostrando, em ultima analyse, qual deve ser a concepção moderna do brinquedo, em ordem a prestar relevante serviço á educação dos nossos filhos.

Proseguindo, tratou então o orador do *historico do brinquedo*, da maior curiosidade, provando ser elle da mais remota criação, datando talvez da "caverna, provavelmente modelado em barro ou ingenuamente desenhado em osso, alegrando a alma da creança primitiva na noite mal illuminada da pre-Historia..."

Citou o livro muito interessante de Lami e em uma longa serie enumerou os brinquedos pouco a pouco consagrados á infancia. Lembrou a esse proposito o que se deu com as antigas civilizações, quando o brinquedo já apparecia gracioso, e então disse que se póde affirmar que "Andromaca, Ephygenia e Helena brincaram com bonecas e o filho de Ulysses alinhou muitas vezes, em ferozes batalhas, os soldadinhos de pão".

Referiu-se a Aristoteles, quando alludiu ao mecanico Archytas, de Taranto, ao mesmo tempo philosopho e mestre de Platão, e que se não sentiu humilhado de fabricar os primeiros brinquedos ruidosos e lindos para divertir as creancinhas!

Quando de *proche en proche* chegou o orador aos tempos romanos, falou da boneca, referindo o interessante e justo conceito de S. Jeronymo: dando-se a uma creança todas as gulodices as mais deliciosas, as mais agradaveis ao paladar e mais custosas, as mais bellas pedrarias, ella de cento encontrar-se-ia muito mais encantada entre as bonecas.

Ao tocar no assumpto o conferencista com justa razão se declarou revoltado contra a medida na Russia actual, estabelecida por Lenine e Trotsky, em nome do *progresso (!)* e das idéas que ali *implantaram*, prohibindo terminantemente que as creanças brinquem com bonecas.

Dalhi por diante largas foram as considerações do conferencista acerca das differentes *modas* de brinquedos, de accôrdo com as épocas: a Revolução Franceza, o Directorio, o Sitio, etc., e depois de alludir aos brinquedos nos differentes paizes, tratou da industria de brinquedos, citando entre outras a obra do professor A. Héraud, com as suas maravilhosas descripções, sobretudo em relação ao fabrico dos soldadinhos de chumbo, produzidos na

Allemanha já nessa época (1888) ás cem mil duzias por anno!

Um outro livro com elogio citado pelo conferencista, o de Jules Huret "La Bavière et la Saxe" (1913), é um repositório das mais curiosas narrativas sobre as fabricas allemãs de brinquedos.

Reportando-se tambem aos soldados de chumbo, entre outras cousas que escreveu Huret, transcreveu o seguinte topico:

"Sabe-se que se encontram muitos amadores e dos mais serios, para as reconstituições guerreiras. Os allemãs são os mais avidos desse genero de distração. Os principes da Casa Real da Prussia fizeram sua primeira educação militar com o auxilio dessas miniaturas. Officiaes apaixonaram-se por fazer reviver os embates celebres da historia; um delles narrou-me um dia sua emoção, logo após haver disposto num immenso tapete de areia, figurando a planicie de Austerlitz, alguns milhares de soldados de chumbo, francezes, russos, austriacos com os seus estados maiores e collocado Napoleão sobre uma elevação de terreno. Teve a illusão de ouvir-o a dar ordem de combate. Elle reproduziu o ataque de Davout na ala direita, o assalto de Soult no planalto de Pratzen, os ataques de Lannes e de Murat sobre a ala direita inimiga e finalmente a derrota dos russos sobre os lagos gelados de Satchau. Elle fremia de emoção marcial como si tivesse sido o autor vivo dessa jornada memoravel.

Em certas casernas officiaes divertiam-se imaginando manobras. Cada um se defende como entendendo, segundo seu proprio plano, combinam sómente as condições da victoria, como nas manobras verdadeiras.

Os melhores freguezes desses fabricantes de soldados, não são pois, como se poderia crer, as creanças, que se contentam para as suas distrações com uma caixa de brinquedos, mas officiaes, generaes, principes ou simples amadores civis, que precisam dos corpos do exercito! Durante o tempo que lá estive, o Sr. Heinrichsen recebeu uma commenda vinda de França, de cavalleiros de Rocroi, de dragões feridos, de couraceiros imperiaes. Era um filho de um historiador que estudava as guerras do grande Condé.

Deste assumpto passou o Dr. Moncorvo a dissertar a respeito do *brinquedo sob o ponto de vista moral, da educação e da instrucção* e, depois de citar o grande Ruy Barbosa, proclamou os ensinamentos de Froebel e de Calkins sobre as *noções das cousas* e que constituem a base do ensino nos Jardins de Infancia.

De passagem referiu-se ao engenhoso *tangram japonéz*, o predilecto passatempo do genial Napoleão I.

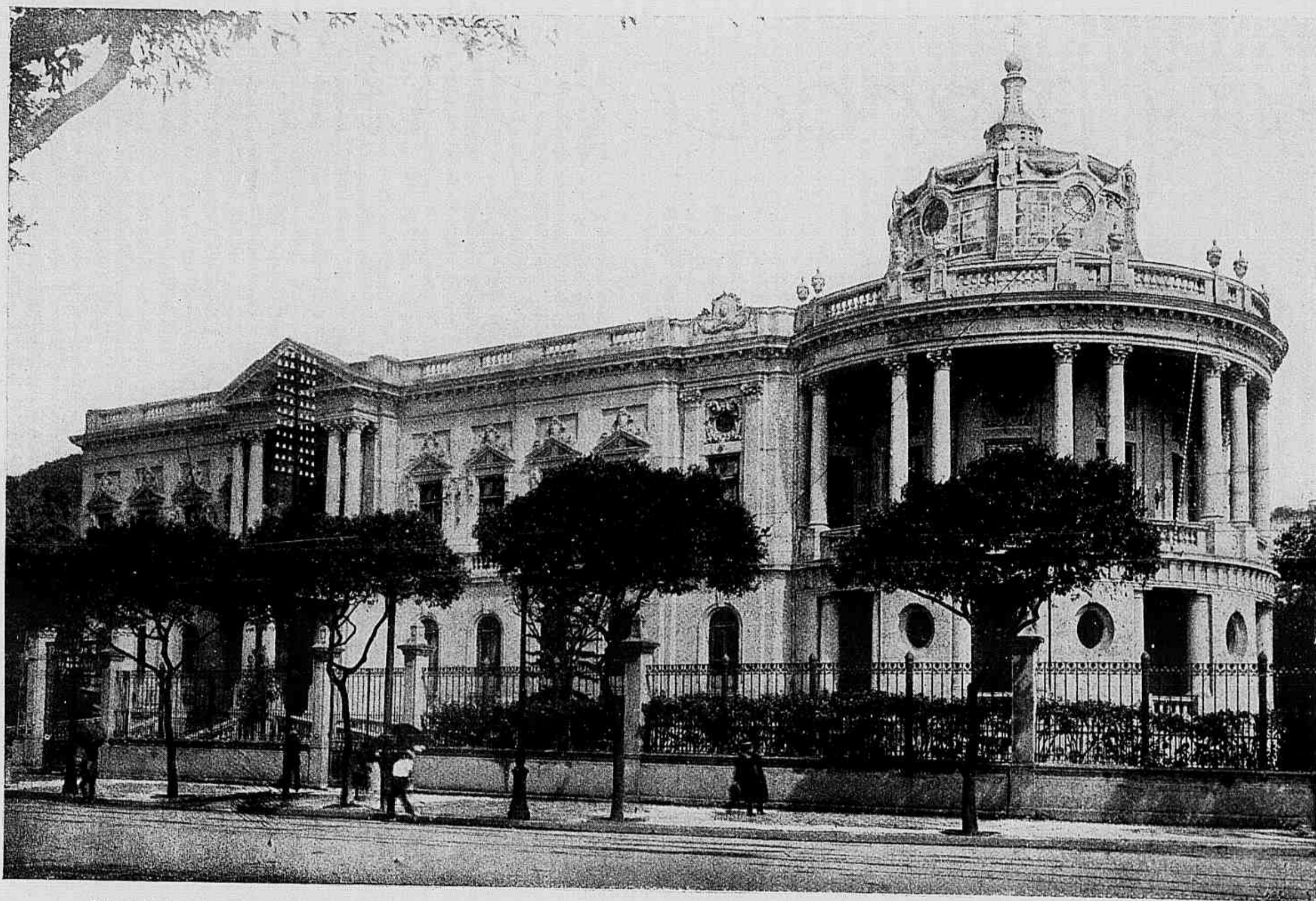
Em seguida falou sobre as modernas idéas de Binet, detendo-se um pouco, proclamando-lhe as vantagens, nos admiraveis methodos da Dra. Maria Montessori, tão divulgados no mundo inteiro, a começar pelos Estados Unidos, encontrando-se entre nós entusiastas extremados desses methodos entre os nossos mais illustres pedagogos, como Basilio de Magalhães, Coryntho da Fonseca e Frederico Ferreira Lima.

Alludiu, então, ás asseverações dos americanos do norte pretendendo demonstrar a influencia dos Jardins de Infancia sobre a educação do povo dos Estados Unidos, sobretudo no tocante á revolução ali operada em materia de industria.

Depois de minuciosamente cuidar da importante questão — o brinquedo e a hygiene — constituindo essa parte da palestra uma verdadeira lição em que são dados os conselhos utilissimos sobre os brinquedos, os que convém e os que não devem ser dados ás creanças, pelas côres toxicas com que são pintados, pelas fórmulas inconvenientes, etc., chegou finalmente o orador ao termo do seu *desideratum*.

Após demonstrar a necessidade do brinquedo, que é, sem duvida, o mais doce enlêvo da alma da creança, assim terminou:

"Milhões de creanças brasileiras, pois, precisam conhecer o brinquedo e será da maior proficuidade que nos empenhemos nessa utilissima propaganda, fazendo chegar até os nossos mais invios sertões os brinco e os jogos creados pela arte e pelo engenho dos industriaes, alegrando a alma



PALACIO SÃO JOAQUIM, RESIDENCIA DO SR. CARDEAL ARCOVERDE, CHEFE DA IGREJA CATHOLICA NO BRASIL.

das creanças desses logares, onde tantas vezes domina a tristeza e a dôr acarretadas pela doença e pela miseria.

Será uma obra a um tempo educativa, social e patriótica !

Já que vos falei da dor, da tristeza, da doença e da miseria, não me posso furtar a revelar-vos que, na minha vida, nenhum momento se tem afiurado mais feliz, nenhuma ocasião me tem proporcionado horas de mais doce e reconfortante prazer do que aquelle em que todos os annos, ha já cerca de vinte, por occasião das festas de Natal e Reis realisadas pela "Assistencia á Infancia", se me offerece a oportunidade de distribuir, entre os pequeninos pobres, alguns milhares de brinquedos os mais diversos, de côres variegadas e os mais ruidosos.

E' uma alegria communicativa que encanta, que suavisa as agruras da nossa vida agitada, enternecendo-nos o coração.

... E' que ali estão nesse dia associadas a infancia e a indigencia e quantas vezes revolta a sordidez dos andrajos do esqualido corpozinho, num contraste berrante com a pureza da alma infantil ?

Então, no meio de toda aquella pobreza, de passageiro aspecto risonho, esquecido por momentos das asperezas da rude existencia, naquelle ambiente familiar, onde tantos pequeninos alçam os braços em busca das prendas que cobijam com supplices olhares, tem-se a impressão de uma cousa santa, de um embelezamento sem igual.

Ha de certo um alimento para as creanças, tão necessario como o pão, que é a alegria !

E eu confesso que participo sempre desse gozo que, em alvoroço, as inebria, no dia em que lhes dou tantos brinquedos.

E' que muitos dos presentes não conhecem, certamente, como eu, o *bas-fond* da nossa capital, onde lavra a miseria e a dôr em toda a sua plenitude !

Eu comprehendo, eu sinto com todas essas creancinhas que enchem o recinto das nossas festas, que, ness'hora, pelo menos, de seus risos e clamores de jubilo sahidos dos labios em flor, na ancia de ganhar o brinco, num enlevo communicativo,

ellas se olvidam do ambiente muitas vezes tragico em que vivem suffocadas, o seu pezar immenso pelo soffrer continuo e não têm pelo menos inveja das creanças ricas que brincam, como então lhes succede.

Na magestade daquelle espectáculo que sublime é a felicidade daquelles milhares de pequeninos e veja-se si não ha uma triste desigualdade entre esses pobrezinhos aos quaes posso, com saciedade, fazer chegar, no Natal, as nossas dadivas e esses outros pobrezinhos, sem duvida, que por ahi os ha em tão larga copia, mas que não conheço, o que me inhibe de levar-lhes tambem o balsamo do socorro e da alegria !

E vem-me á mente aquelles bellos e expressivos versos de Francisca Julia da Silva :

"A FILHA DO CARPINTEIRO

Deixa-se estar em casa a fazer planos
O carpinteiro João, porque é domingo
Perto, a filha mais nova, de dois annos,
Põe-se então a brincar com o seu cachimbo.

Chama-se Eulalia. E' um anjo, que sem aza,
Faz entrever o céu no olhar bregeiro;
E' o encanto, o prazer daquela casa,
E' o consolo do pobre carpinteiro.

Vel-a tão nuazinha faz-lhe pena;
E ao pranto amargo o velho mal resiste
Porque não tem bonecas a pequena,
E sem bonecas uma creança é triste.

Ao peito aperta com os pequenos braços
O cachimbo do pae, num gesto doce;
Diz-lhe coisas de amor e dá-lhe abraços
Como se aquillo uma boneca fosse.

Que alegria em seu olhar !
E ri-se a creancinha, e ri-se, enquanto
O carpinteiro João, sentado a um canto,
Se põe triste, a chorar."

Querendo bem caracterisar o encanto que é o brinquedo, fazendo alvoroçar de jubilo o pequenino coração da creança, num admiravel conto, de Coelho Netto, um dos nossos mais notaveis literatos, narra a sing'la, mas tocante historia do "Santo do Natal" que bem caracteriza a magia de um lar em que não appareceu ao pequenino o tão cubicado "Papá Noel".

Depois de descrever com as negras cores o aspecto daquelle ambito, onde dominavam a fome e as lagrimas, terminava elle :

Mal o pequeno adormeceu foi a mulher a uma área, tirou umas costuras e poz-se a coser em silencio. E foi assim que ella passou a noite de Natal.

Cantavam os gallos, soavam ao longe, docemente, os sinos; cresciam na rua os rumores da manhã e o sol nasceu doirado.

Ao abrir a janella um golpe de ar fel-a tossir e o pequeno accordou.

Vendo o lampeão acceso julgou que ainda era noite e perguntou á mãe :

— Por que não te deitas ? Os anjos, vendo gente acordada, não entram para não ser vistos... E elles já devem andar voando perto. Vem deitar-te.

— Deitar-me, com o sol de fóra ? Olha o dia. E abriu a janella.

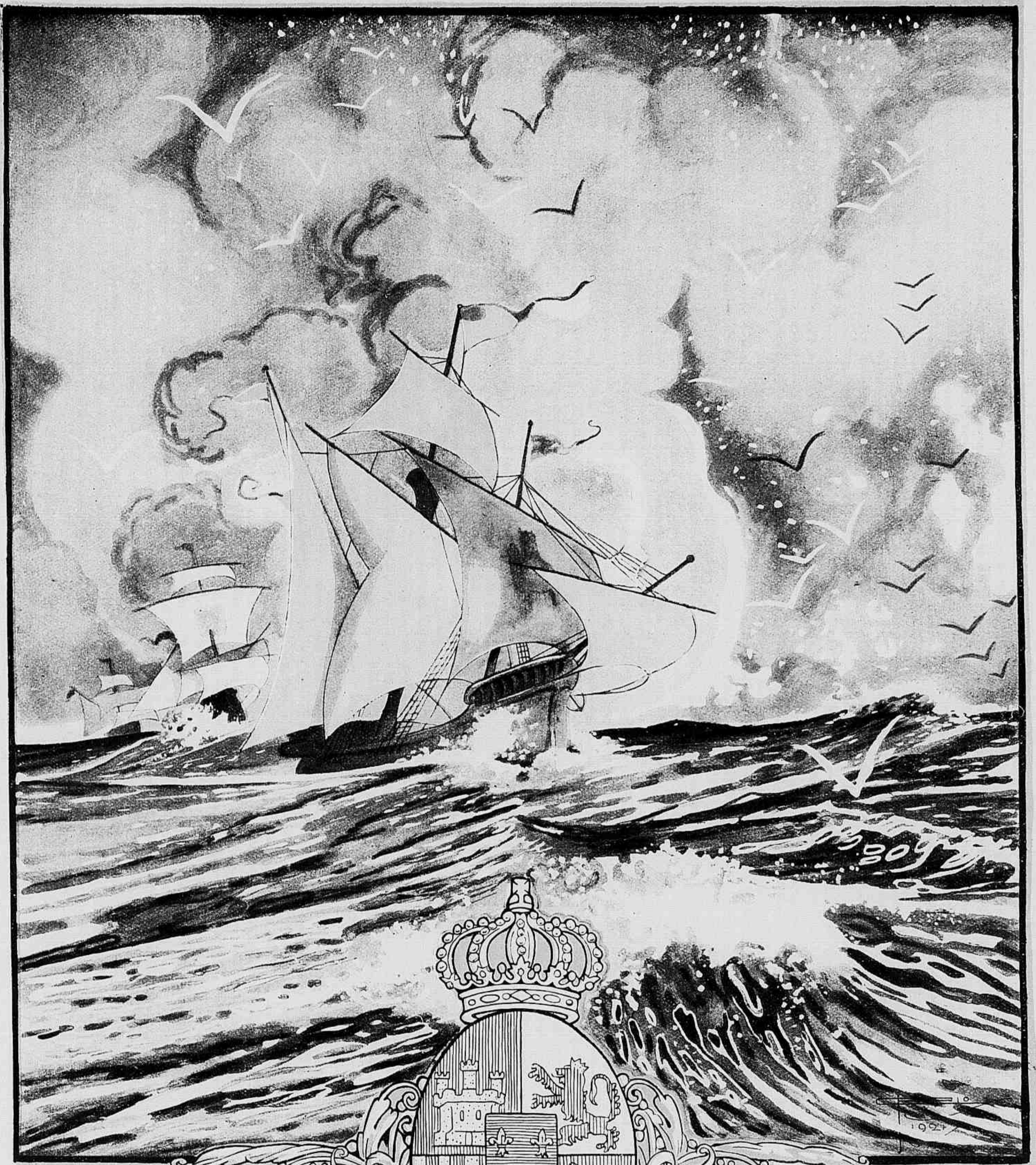
— O sol, e não te deitaste ?

— Não. Se eu me houvesse deitado quem faria a roupa que has de vestir hoje ?

— A ! mamãe... Exclamou o pequeno, com lagrimas na voz, e saltando da cama correu á cozinha. O sapato lá estava, vazio como elle o deixara. Vês ? Ficaste acordada e os anjos passaram e foram-se... Elles só entram nas casas quando todos dormem. Se te houvesse deitado estaríamos ricos, porque elles teriam enchido o sapato de ouro... e assim...

A misera, attrahindo o pequeno a si, disse-lhe como em segredo :

— Não te iludas, meu filho... os anjos não deixam presentes em sapatos rotos.



SANTAMARIA
NINA
PINTA

COLOMBO

1492
1921

(Desenho de J. Carlos)

MOSTRA DE ARTES

CESÁREO BERNALDO DE QUIRÓS



Em uma das alamedas sombrias do *Jardim de Epicuro*, onde os frutos e as flores da sabedoria e da sensibilidade florescem com o perenne viço da primavera encantadora, Anatole France, o pontífice sereno de uma philosophia suave e eterna, diz que o que é admirável não é que o campo das estrellas seja tão vasto, mas, sim, que o homem o tenha medido.

E Anatole France, que tão profundamente conhece os escaninhos da alma humana e a cadencia desigual dos corações, bem sabe por que, em um livro de tão intenso sentimento, disse aquellas palavras de justo labor.

Eu ainda sou dos que acreditam na sinceridade dos homens. Admitto, porém em certas attitudes, uma falta de sinceridade relativa, desde que, pela sua artificialidade ou extravagancia, tenham conseguido por momentos a emoção de meus nervos.

Dentro deste apparente paradoxo, não me sinto isolado, pois me acompanha a amavel e erudita figura de Remy de Gourmont, que, em uma das paginas de seus *Passeios literarios*, deixou escripto pouco se importar com a sinceridade de uma attitude, desde que ella fosse bella.

Esta fórmula de Remy, embora comprehensivel, principalmente por ter cahido de uma penna sem freios, acostumada a derramar sobre o papel tudo o que della brotava, não deixa de pôr duvidas ao espirito de quem a emprega genericamente.

Assim é que podemos perguntar: — A belleza da vida não estará na sua sinceridade? ou então: — A comprehensão do bello não será o reflexo da nossa sinceridade?

Mas para que philosophar? Deixemos em paz o bom Remy, que já ia pondo uma duvida em meu espirito tranquillo. Não levem, porém, a mal o seu pensamento. Posso justificar-o com palavras que elle mesmo escreveu: "Un homme de talent peut tout se permettre..."

Apezar, porém, desta pequena nuvem, continuo a ser daquelles que acreditam na sinceridade dos homens.

E, retomando o pensamento de Anatole France, podemos transplantal-o do campo vasto e luminoso das estrellas para as coisas terrenas.

De onde vem este maravilhoso poder que tem o homem de conseguir fixar e reproduzir *ad eternum* os aspectos mais varios da natureza, as horas mais descontraídas da vida e as emoções mais palpitantes da nossa alma?

Restringindo o pensamento de Anatole á acção do homem como artista, interprete, portanto, da natureza e dos sentimentos, através uma emoção pessoal, de que formidavel espanto espirital se povoa nossa alma atordoada e sensível!

De facto, como explicar scientifica ou psychologicamente uma tábua onde se ache espalhado um trecho qualquer de natureza, mas onde se veja retratado com sentimento indescriptivel, tudo que ella possui de mysterioso e de divino? Por que será que os olhos de um pintor conseguem vêr o que não vemos e que, depois de revelar com luminosa sinceridade as bellezas reconditas da natureza, trazem á nossa admiração qualquer coisa de maravilhoso, que, embora nossa sensibilidade tenha adivinhado, nossa perceptibilidade não pode vêr?

Penso que existem na alma dos grandes pintores os mesmos sentimentos que

existem na alma dos grandes amorosos. Elles vêem as coisas da natureza com os mesmos olhos com que fixamos o olhar da mulher de nosso amor. E conseguem vêr a grande alma da natureza com a mesma intensidade com que os amorosos sentem a sinceridade de um verdadeiro amor. Ha uma differença,



porém: é que os pintores nos contam os segredos e mysterios que conhecem e os outros, os amorosos, egoisticamente (e com razão!), não revelam as emoções de sua predilecção.

Cesáreo Bernaldo de Qui-

o PINTOR QUIRÓS E O NOSSO COMPANHEIRO RODRIGO OCTAVIO FILHO.



O PINTOR QUIRÓS, EM BUENOS AIRES, TRABALHANDO NO SEU "ATELIER".

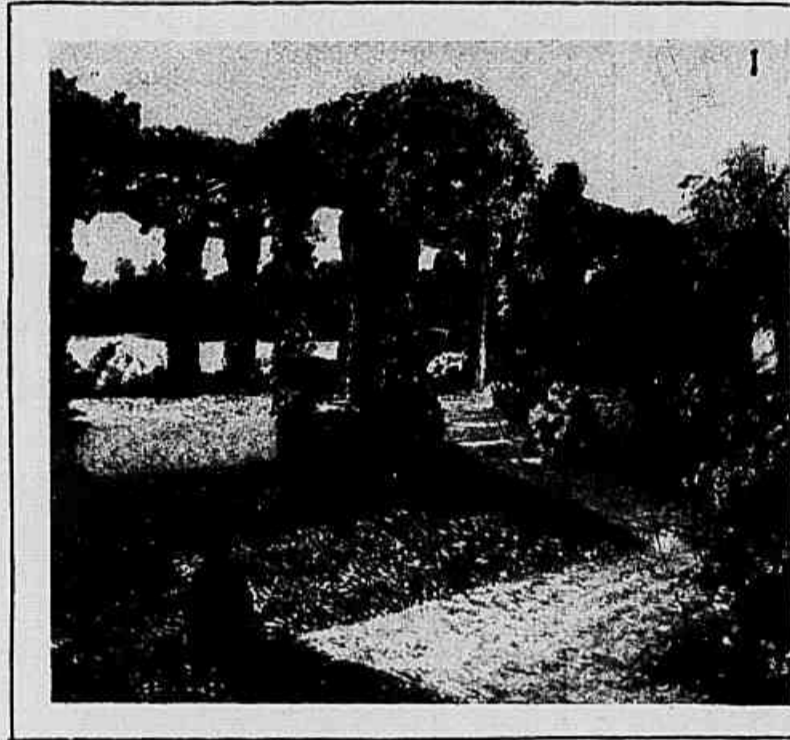
rós é um pintor que olha a natureza com o olhar dos amoros.

Como artista, já passou a phase de duvida na interpretação do mundo e na comprehensão da vida.

Com grande acerto o professor Rodolpho Rivarolla observou que Bernaldo de Quirós conseguiu, principalmente, nos mostrar, em seus trabalhos, aquillo que nós não podemos ver, isto é, o ar, o ambiente, a alma das coisas!

Os quadros que agora expõe são todos impregnados de um mesmo sentimento de exaltação e crença. Deixam uma impressão de honestidade e contentamento.

Alegres ou tristes, paisagem, natureza morta ou figura, a impressão é a mesma; em todos uma absoluta sinceridade de interpretação e uma graça



encantadora na exteriorização de seu pensamento de artista.

Entre as figuras de sua mostra de agora, Cesáreo Bernaldo de Quirós expõe *Jitaninha*, estupefante mulher desenvolta e alegre, tendo o corpo maravilhoso envolvido na riqueza de um chale bordado com sedas vivas, nos olhos negros o velludo de uma volupia intensa e espoucando da bocca toda a sensualidade hespanhola.

Outro encanto da exposição Quirós é a interpretação que o artista dá á natureza morta.

Habituaos ao eterno scenario de cozinha, onde, em ordinarissimas mesas de pinho, tres ou quatro tomates, uma abobora partida ao meio, mostrando os veios de um recheio nada poetico e uma pánella bem burnida, fazem, em geral, o encanto dos pintores desse genero, estranhamos, é certo, o artista que dá vida e graça á natureza morta, valor exacto a cada coisa e illumina com elegancia e espirito o ambiente em que estão.

Veja-se o *Canto do meu atelier*, *Frutos e flores*, *Hortensias*, *Bolas de neve*...

As flores pintadas por Quirós conservam um perfume mysterioso e a saudade das mãos delicadas que as colheram...

Outro aspecto curioso dos quadros deste artista é que todos elles resolvem um problema de luz, de movimento ou de côr.

Para não alongar mais estas pequenas notas, basta citar *O curral*, talvez a mais perfeita das télas do illustre argentino, onde as sombras lançadas pelo sol que morre se chocam com o luar que nasce vivo, da outra banda do horizonte !...

Que mais dizer sobre Quirós ?

Em suas grandes composições como *Jogos de sol*, *Na rede*, *No atelier*, *Hora do chá*, conseguiu perfeita harmonia de figuras e côres.

E sua alma de poeta se revela em *Primaveral*, onde a alegria do verde se irmana á alegria do azul, e em *Outonal* e *Sol de outono*, que são tão lindos como versos de Verleine...

Possuindo a alma de um poeta em toda a belleza de sua mocidade, Cesáreo Bernaldo de Quirós possui também as qualidades definitivas dos mestres de sua arte.

Setembro 1921 — Rio.

RODRIGO OCTAVIO FILHO

LEOPOLDO GOTUZZO

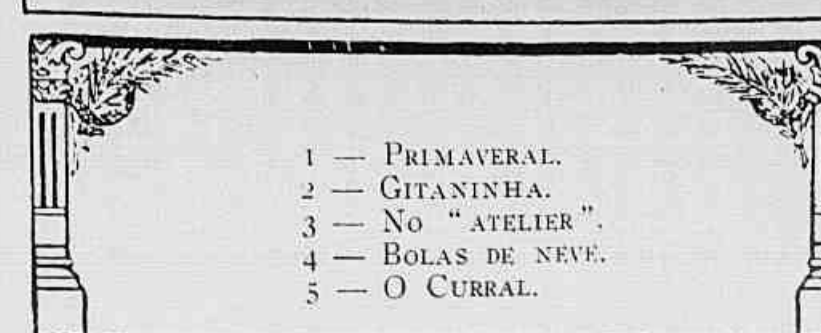
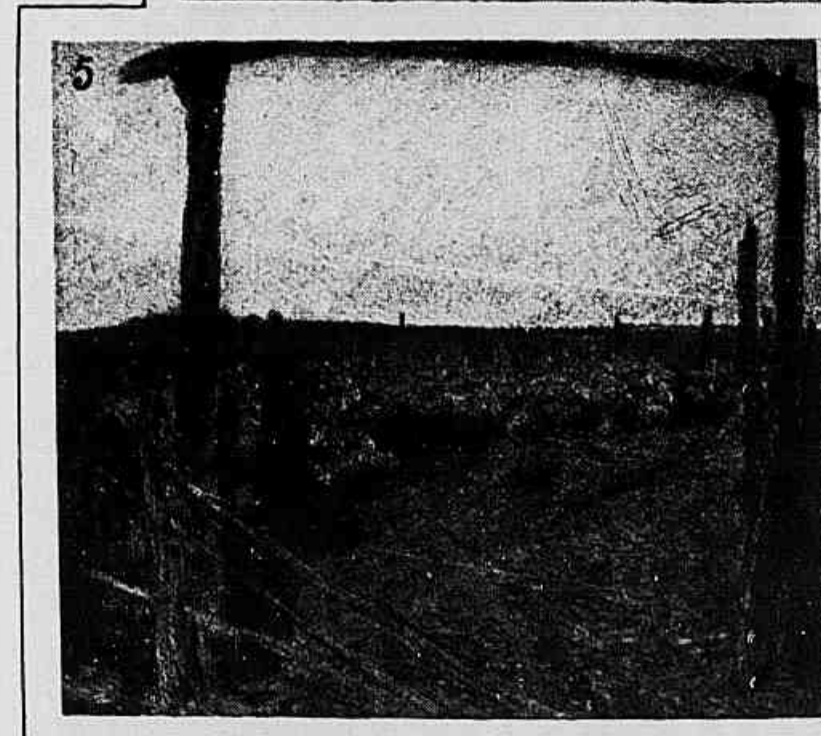
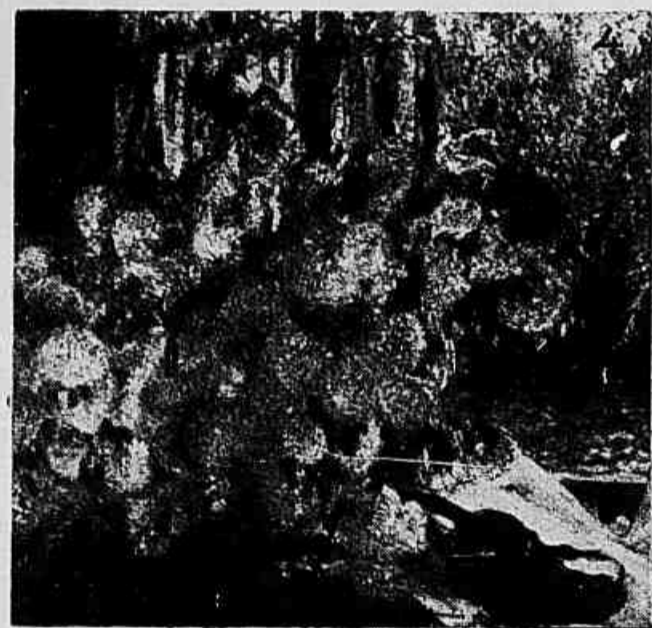
Existe no Rio de Janeiro uma categoria de artistas que não produz, sob o pretexto de que lhes falta ambiente, material, modelos, etc.

Se ha motivos que não procedem, são precisamente os allegados. Leopoldo Gotuzzo é a prova evidente do contrario, e, por mais de uma vez, o tem provado, apresentando ao publico intelligente as suas collecções de quadros, cuidados e resolvidos com criterio e honestidade. Na marinha, na paisagem, como na figura, o pintor mostra uma maneira pessoal de tratar os motivos. Os seus *cartes* são sobrios, não esbanja espaço, sabe collocar o restrictamente necessario ao effeito desejado e desprezar o superfluo, sempre prejudicial á perfeita interpretação do sujeito artistico. Com pinceladas simples, o pintor consegue resolver as difficuldades que, porventura, se apresentem. Essa importante qualidade, só o estudo aprimorado e methodico pôde emprestar. Por essa fórma, as condições perturbadoras que, vulgarmente, são encontradas nas obras de arte, desaparecem, para dar lugar á exacta realisação dos motivos, que prodigamente a natureza offerece a quem a sabe contemplar. São precisamente esses motivos que Leopoldo Gotuzzo, — sem a orgia e a especulação bertrandos, porque entendemos que o verdadeiro artista é o que concebe com entusiasmo e executa com calma. Isso, nós encontramos na obra de Gotuzzo, como também na dos nossos maiores. Eliseu Visconti, na *Maternidade*, nas *Oreades*; Almeida Junior, no *Descanso do modelo*, na *Fuga para o Egypto*, no *Judas*; Zeferino da Costa, no *Obulo da viuva*, nos grandiosos painéis da *Candelaria*; Bernardelli, nos *Bandeirantes* e na magnificencia da decoração do antigo Instituto Nacional de Musica,

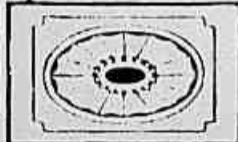
nos fornecem os mais solidos argumentos para fortalecer o nosso juizo. E' bem provavel que tal maneira de apreciar tão complexo assumpto não poderá satisfazer a turba, que persiste em ler pela cartilha ultra-modernista, embora estejam seguros que os principios que abraçam não resistem aos rigores do bom criterio, nem á verdade do tempo...

Leopoldo Gotuzzo é um pintor que sabe evocar um motivo racional e, conseqüentemente, um espirito equilibrado, perfeitamente dentro do principio que affirma ser a *Arte uma função do meio*. Esse meio está flagrantemente plasmado na sua obra sadia, cheia de elegancia. Os seus quadros, é verdade, possuem cheias defeitos, — não fosse o artista, ainda muito joven — mas, defeitos que desaparecem no conjuncto disciplinado, na forma de coordenar e executar as ideias. Sob o ponto de vista productor, Leopoldo Gotuzzo offerece um campo de capacidade vastissimo, invejavel mesmo. A sua comprehensão é digna de reparo. Revela perfeitamente desconhecer o desequilibrio que o acaso, muitas vezes, força o artista a praticar, isto é não possue altos e baixos, de onde se depreheende que é uma individualidade perfeitamente dentro das normas despendidas por Laffite: *Ideia, Observação e Expressão*. O pintor, percebe-se, pertence ao numero dos que, ao encontrarem um bello motivo, não desprezam o momento de tornal-o seu, interpretando-o de accordo com a sua visão esthetica, tornando-o uma eloquente expressão de arte espontanea, que espelhe a sua personalidade; ao contacto da sua visão, a inspiração surge numa crise estupefante, que surprehende o observador e torna o artista de uma tensão extranha; o seu organismo vibra, treme, deixa de ser homem para ser o estro creador, privilegiado e genial. Vendo a arte de Leopoldo Gotuzzo sente-se tudo isso. A sua emoção limpida repercute em torno a nós, num canto de belleza. O seu poder creador levanta-se agigantado, fulgurante em todo o seu encanto, na sua linha, na sua côr...

Entre as manifestações sobrias do labor de Leopoldo Gotuzzo destaca-se o *Retrato de criança*, (n. 2) que a nós, com o nosso ver, de obra mais concreta que o artista apresenta; é a figurinha, muito fina de côr, bom empastamento e detalhes resolvidos com grande talento. A renda da blusa é flagrante de interpretação, a carnação é suave e justa de valores; as nuances, perfeitamente resolvidas, revelam a segurança de toque. A expressão dos olhos é deliciosa, e as



- 1 — PRIMAVERAL.
- 2 — GITANINHA.
- 3 — NO "ATELIER".
- 4 — BOLAS DE NEVE.
- 5 — O CURRAL.



extremidades desenhadas com segurança. O valor do artista está sobejamente definido em tal trabalho, realmente difficil, dada a qualidade do motivo irrequieto e impaciente. Em *Pensativa*, o pintor nos dá um typo de perfil e mãos aristocraticas, e, uma expressão que diz perfeitamente com o titulo; a carnção, de uma grande frescura, agrada; o modelado, tranquillo, é valorizado nas nuances delicadas e toques de grande propriedade. *Sevilhana*, um bello conjuncto, colorido e desenho correcto, confirma as magnificas qualidades do pintor e do desenhador consciencioso. O rendilhado negro foi resolvido com segurança, e o typo foi comprehendido. A expressão do olhar é profunda, de uma psychologia que fala á alma do contemplador... A linha de composição patenteia bem as qualidades do esbelta, que soube tirar o maximo partido, do minimo que

cadora paizagem, de bellas qualidades, onde se vêem as elegantes palmeiras mandadas plantar por Bernardo José de Serpa Brandão, em substituição ás casuarinas. Lembra ainda a bella paizagem a morte violenta de José de Souza Azere do Pizarro e Araujo, notavel historiador, que no dizer do conego Jannuario da Cunha Barbosa: "Foi um ecclesiastico respeitavel, um juiz integro, um escriptor severo, que tirou do esquecimento e da desordem dos nossos archivos suas Memorias Historicas, em que vive o seu nome para a gloria dos brasileiros". Completando a sua mostra, Gotuzzo nos dá umas sanguineas interessantes, muito bem desenhadas, que, sem favor, collocam o pintor entre os mais fortes desenhadores da sua geração.

AS NOSSAS TRICHROMIAS

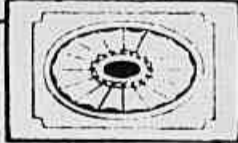
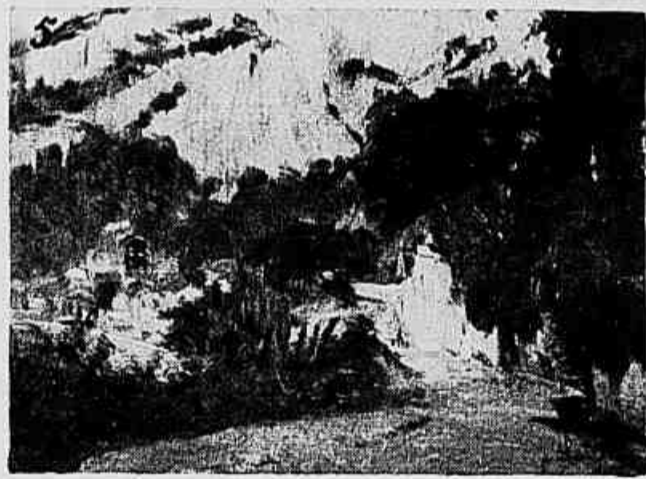
Da autoria de Almeida Junior (José Ferraz de) e Henrique Bernardelli, são as finas gravuras a cores que ornarn as nossas paginas de hoje. Ambos os artistas representam bem o grão de cultura artistica de nossa terra. Do primeiro é o quadro *O descanso do modelo*, que figurou no Salon de Paris de 1882, despertando os mais vivos commentarios; commentarios que muito lisonjearam o artista, dadas as difficuldades existentes num ambiente extranho, e na pre-



venção que sempre existiu para com o estrangeiro, alheio ás complicadas tricas dos bastidores artisticos. Representa o quadro, um interior de atelier, fino, de luz suave e ambiente suggestivo. O modelo, em um dos repousos, executa um trecho de agradável musica ao piano; na attitude do artista percebe-se o agrado de ouvir e, no gosto, o applauso espontaneo, que diz perfeitamente com a expressão physionomica do pintor. Elle tem á cabeça uma boina de cor escura; a palheta colorida está sobre o rico tapete; fuma um cigarro, cuja fumaça brinca caprichosa sobre a sua loura cabeça. O modelo, um bello typo moreno, sorri, agradecendo os applausos do pintor; a cabeça voltada deixa ver um movimento garrulo; as suas mãos correm o teclado, dedilhando um preludio despreocupado. Os panrejamntos do quadro são jogados com maestria, a qualidade do tecido distingue-

1 — O TRAQUINAS. 2 — RETRATO DE CRIANÇA. 3 — JARDIM BOTANICO. 4 — PENSATIVA. 5 — CASARIO VERMELHO. 6 — SEVILHANA.

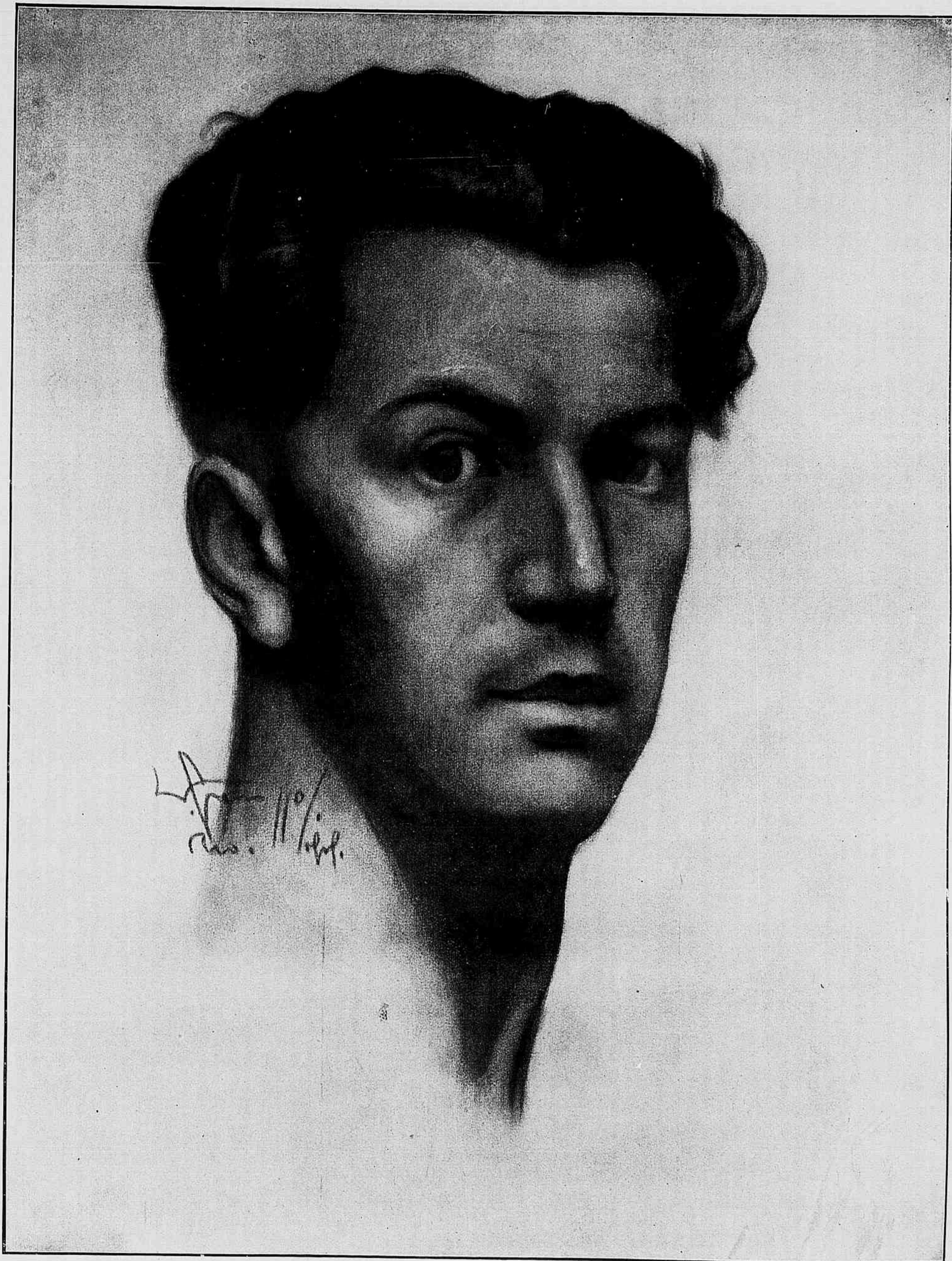
o modelo offerece. Outra manifestação psychologica, encontramos no contraste existente entre o *Moleque triste* e *Traquinas*, dois typos oppostos perfeitamente resolvidos. O estudo de expressão é justo de observação. Um é triste, o outro gaiato. Em ambos, a pintura é solida e a cor perfeita. No primeiro, existe um pequeno desvio do artista; o braço esquerdo da figura é um pouco duro, o que em parte prejudica o effeito geral. O quadro *Traquinas* é impecavel. *Interior da porta do Castello* é um bello specimen de arte; muita cor, — com propriedade — perspectiva rigorosamente observada e massas resolvidas com talento; o primeiro plano do quadro revela a segurança do pintor; apesar de vazio está perfeitamente localizado, não dá ao ambiente a monotonia, em geral causada em taes circumstancias, offerecendo, ao contrario, um magnifico aspecto. Em *Flamboyant* e *Chuva de ouro*, Leopoldo Gotuzzo firmou definitivamente o seu espirito decorativo. A interpretação dos motivos componentes é soberba. A *Accacia florida* joga admiravelmente com o vermelho do *Flamboyant*, formando um conjuncto de primavera, de encanto. Além das mencionadas qualidades, é a paizagem bem cortada, de empastamento harmonioso, caso difficil de conseguir, dadas as condições das cores que se contrastam violentamente. O pintor, collocando na tela o assumpto em questão, veio desmentir a versão de que é exclusivamente um pintor que só produz na tranquillidade do studio, com todos os recursos ao alcance da mão. No quadro *Casario vermelho* encontramos uma magnifica paizagem de toque feliz, muito luminosa e boa planimetria; a nesga de céu que se vê no canto do quadro é de uma rara felicidade, dizendo perfeitamente com o conjuncto do trabalho. O casario é desenhado com segurança. Aliás, as qualidades de Leopoldo Gotuzzo não nos surprehendem, pois elle é sempre o mesmo: rigoroso em tudo o que produz; é o consciencioso das outras mostras. *Outeiro da Gloria* talvez seja o quadro mais suggestivo da sua ultima producção. O pintor nos dá o Outeiro visto de Santa Thereza, ao longe, beijado pelo sol. O pequeno quadro reúne todas as qualidades imprescindiveis á perfeita obra de arte: cor, luz, ambiente, perspectiva e corte ousado. Em *Mangueira com brotos novos* temos um bello estudo de verde bem valorizado, fazendo lembrar a obra de Eliseu Visconti, no tempo em que pintou o *Cabra! guiado pela gloria*, pelo seu corte. *Lagoa Rodrigo de Freitas* é um lindo effeito de cor, um trecho magnificamente interpretado. Da sua collecção de manchas destacamos as de ns. 27, 41, 34 e 37, onde ha espontaneidade e justeza de valores. Em *Aléa de Palmeiras* (Jardim Botânico) dá-nos uma suggestiva e evo-



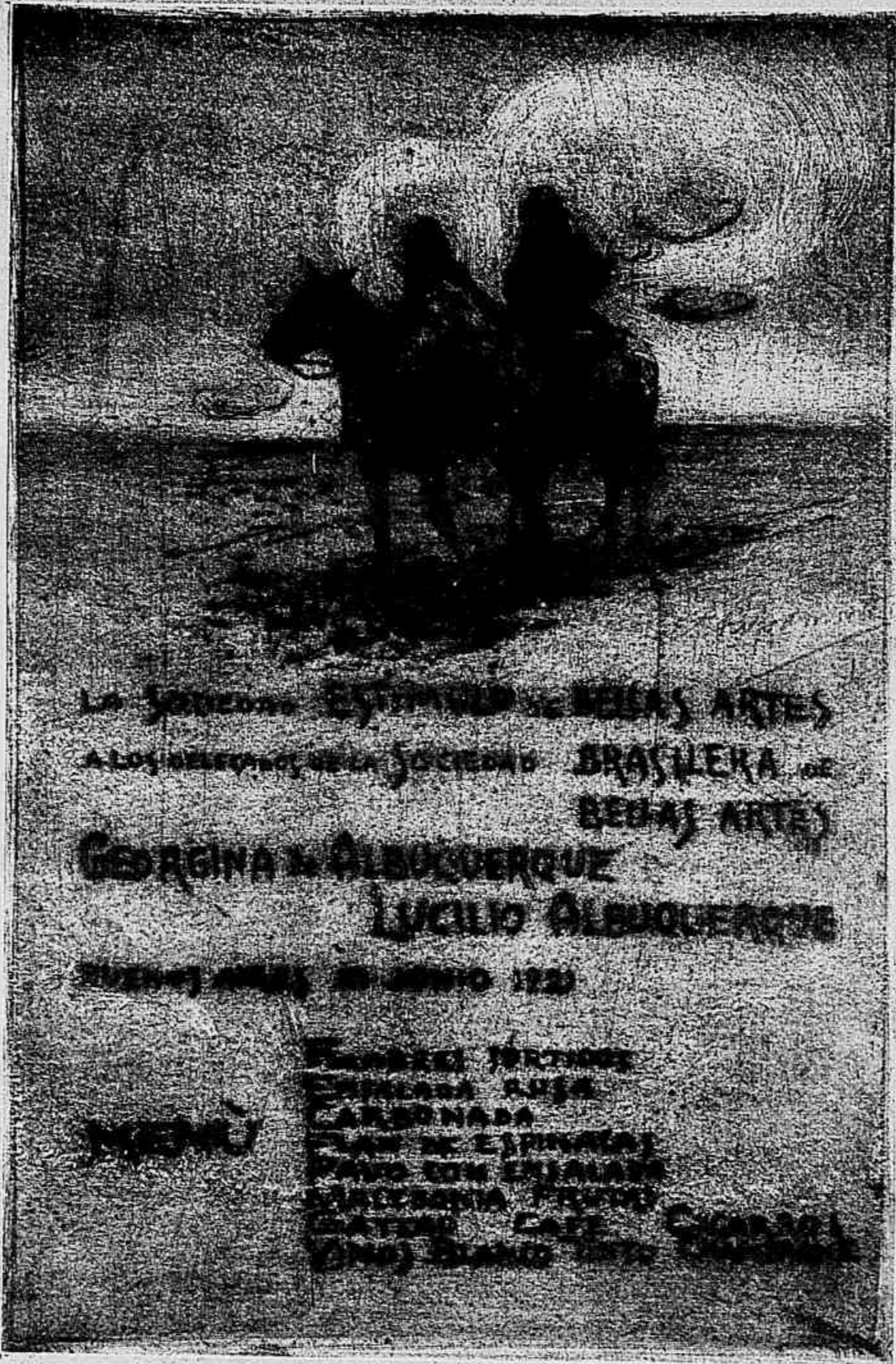
se perfeitamente e em presta ao tronco nú da rapariga uma symphonia de reflexos quentes. A luz empoirada que beija a tampa do piano é notavel, de uma verdade impressionante; o conjuncto da obra é impecavel, as massas de composição distribuidas dão ao quadro um equilibrio e uma sympathia dignas de registro. A perspectiva é solida, resolvida com grande sa-

(Continúa no fim do numero)



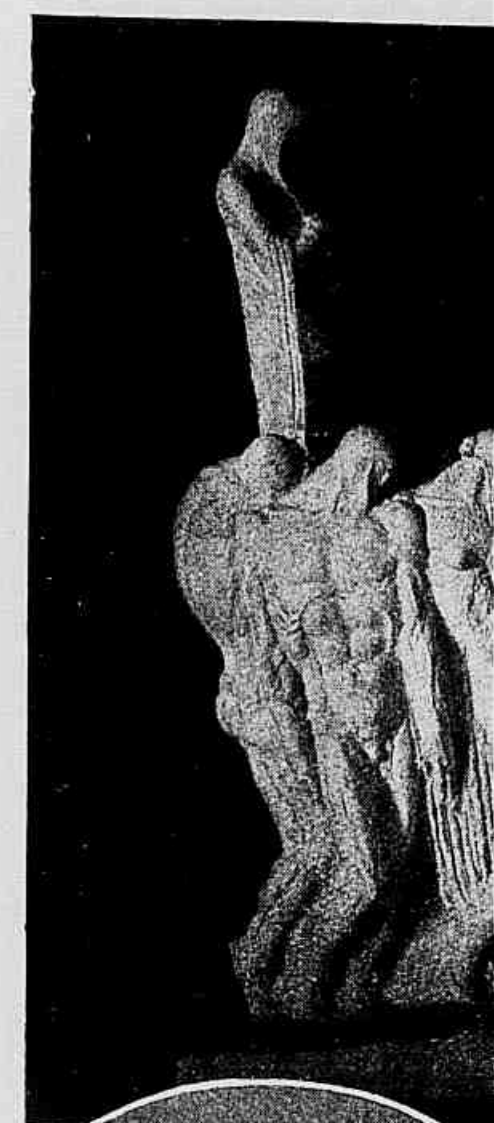


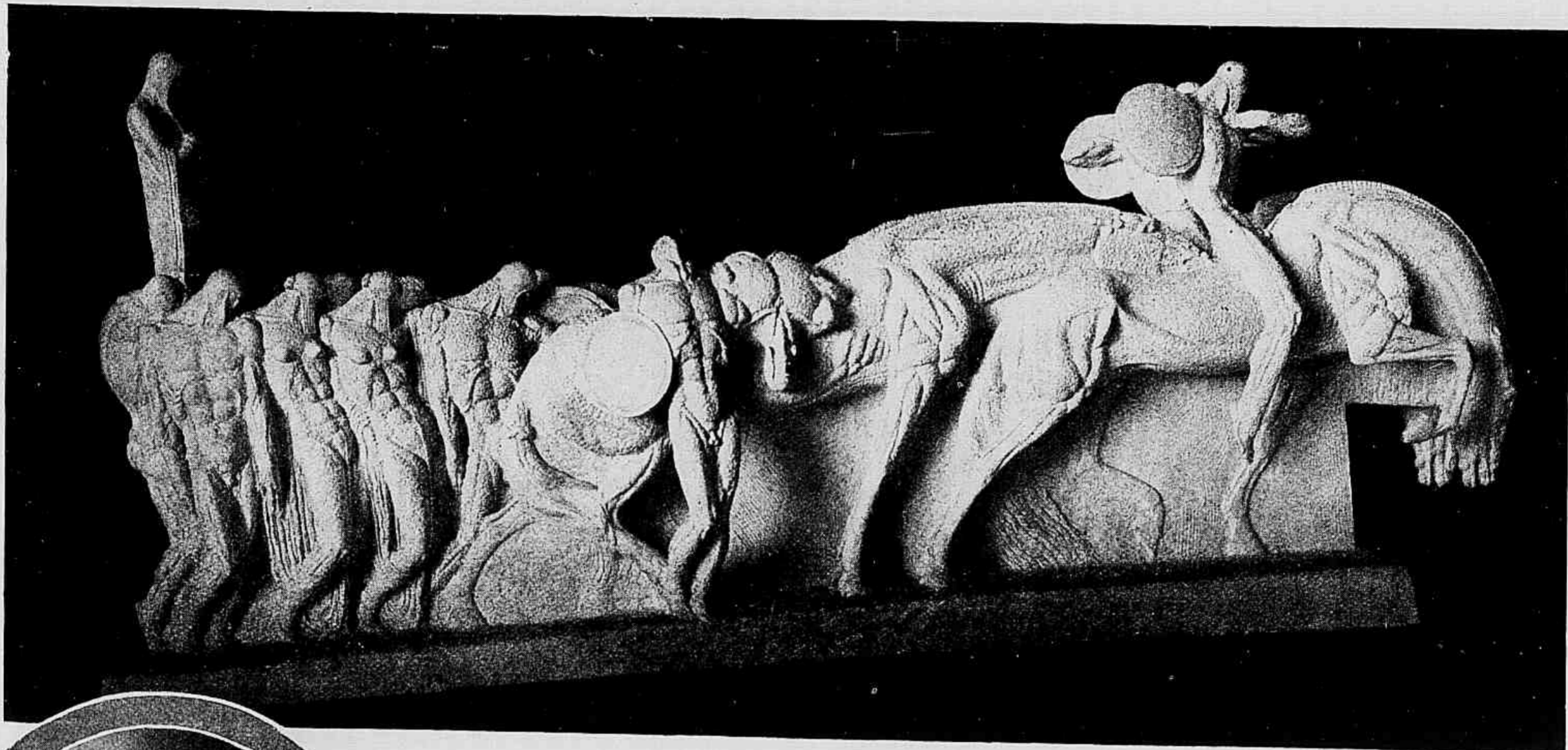
AUTO RETRATO, A SANGUINEA, DO PINTOR BRASILEIRO LEOPOLDO GOTTUZO



Handwritten signatures and names:
Lucilio Albuquerque
Georgina Albuquerque
Lucio Albuquerque
B. Klingula Martin
F. Sauterling
Josef B...
Josef B...
Josef B...
Roberto M...
L. Bading
Loudet
Roberto M...
Alberto M...
Josef B...
Josef B...
Josef B...

"MENÚ" DO BANQUETE OFFERECIDO EM BUENOS AIRES AOS PINTORES GEORGINA E LUCILIO DE ALBUQUERQUE, PELA SOCIEDAD ESTIMULO DE BELLAS ARTES, COM A ASSIGNATURA DE TODOS OS ARTISTAS PRESENTES.





Victor Brecheret

Victor Brecheret é na escultura brasileira uma força nova. Culto, creado num ambiente moderno, elle realisa sempre, dentro dos mais puros ideaes artisticos, obras cheias de verdade e personalidade.

Acostumados ao barrinho machucado dos esculptores do nosso *Salon*, ante a obra aparte do esculptor paulista surprehendemo-nos, não só por elle se destacar entre mediocres, mas pela distancia que elle guarda dos seus contemporaneos.

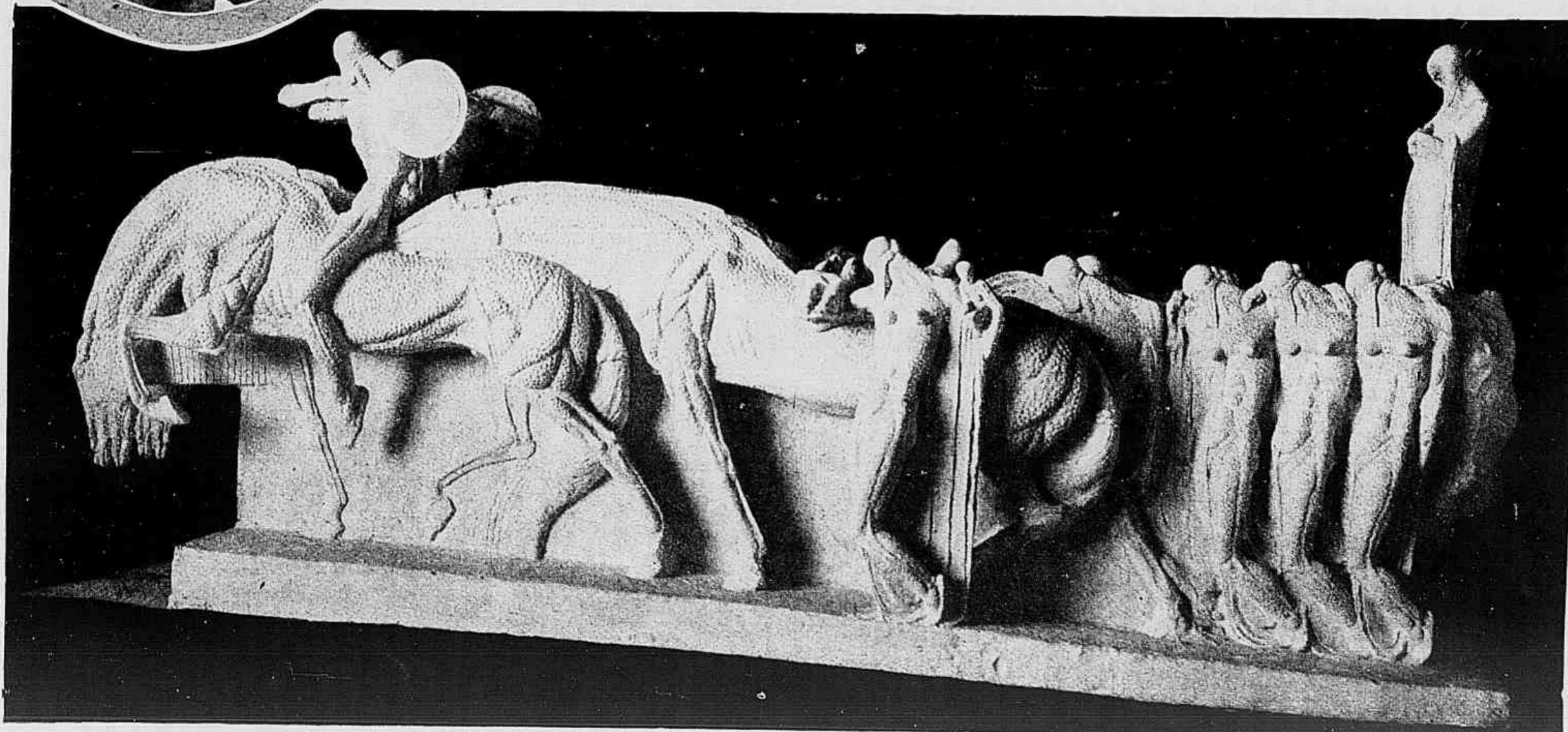
Na escultura brasileira Brecheret é o vulto maior. Attestando o seu alto valor basta lembrar que o museu de Amsterdam e a Real Academia de Poma adquiriram-lhe duas obras. Isto é bastante para abysmar a admiração indigena...

Os artistas, no emtanto, já procuram melhor conhecer a obra do solitario paulista e já se fazem alguns seus imitadores.

As photographias que illustram esta pagina dão bem a prova das affirmações que fazemos. São reproduções de um de seus ultimos trabalhos: *A Volta*, grupo monumental inspirado na epopéa magnífica dos bandeirantes. A marcha funera] que movimenta o grupo, cheia de elasticidade e rythmo, não poderia estar melhor representada pelo esculptor. As figuras que acompanham, sob a protecção de uma figura de Madona, o corpo do conquistador morto, são bem as figuras de Brecheret, como são delle os cavallos dos guiadores — magníficos de concentração nervosa e de força. Ha originalidade, ha criação, não é nada copiado com servilismo. Participando de uma alma, resultando de um esforço cerebral, têm vida...

No artista ha esta semelhança com o creador — del'e queremos representações vivas, participando do nosso espirito como uma expressão creada em complemento á natureza. A arte nos deve sempre trazer aos sentidos alguma coisa que faltava á nossa sensibilidade, ou que dentro d'ella adormecera. Se não traz, se é apenas reprodução do que estamos acostumados a ver sobre outra modalidade, não é arte... Brecheret realisa estes conceitos. Sua obra é a representação de um espirito maior. Está na altura das dos grandes artistas, pela fórma e pela idéa. O Brasil deve ter orgulho em possuir um artista como é o solitario esculptor paulista.

D. C.



Do Leoncio Correia

A' MARGEM DO ABYSMO

Tremo... Um secreto horror as carnes me arrepia...
Passa, em grosso tropel, o vagalhão sanhudo
Da cascata a rolar da bronca penedia
Sobre de um largo valle o dorso agreste e rudo.

Scismo. Escruto. Medito. E' troante a vozeria
Rumorosa, reboando em estrepito; e mudo
Fico, que me allucina esta grandeza fria:
O abysmo em baixo, em cima o abysmo, o abysmo em tudo!

Que tragica imponencia abarca esta paizagem,
Este plagio a um fragor de vasto cataclysmo,
Este trecho avernal, de atra feição selvagem! —

No mundo, outro, porém, que guarda, em flor, o arcano,
Existe, e mais attrae do que este ainda: o abysmo,
O abysmo enganador do coração humano!...

VÃ PERGUNTA

Porque dos homens eu cheguei tão perto?
Porque mãos tantas apertei no mundo,
Se a alma dos homens é como um deserto
Arido, esteril, lobrego, infecundo?

Porque por tantas vezes fui liberto,
Se outras tantas, captivo ou moribundo,
Movi meu passo pela vida, incerto,
Beirando a lama ao pantanal immundo?

Calcando o lodo da peor vileza
— Embora! — invulneravel e divina,
Guarda minha alma a candida pureza

Dos alvos lyrios dos profundos valles
Que, á orvalhada da aurora peregrina,
Abrem, vergando, o perfumado calix...

ESTAÇÕES

Dezeseis annos... Um paraíso. O aureo fruto
Da arvore do Bem e do Mal esplende. E ha um riso
Em tudo. E o céu, por todo o lindo paraíso,
Como um zimborio, cae, brunido, azul, enxuto.

Vinte annos! Que harmonia! Avança, resolutio,
Cantando. Amor. E todo o chão, em flores, liso,
Desabotôa aos seus passos. Um indeciso
Dulçor doura do Sonho esse auroral reducto.

Trinta annos... Um rumor de azas mil, estonteante,
Na alma, que, commovida, ajoelha, muda, diante
Do val, do céu, do sol, do mar, do azul, da flor.

Cincoenta... O funeral da entre-sonhada gloria,
E Satan celebrando, a sorrir, a victoria
Da paz, da fé, do ideal, do bem, da luz, do amor!

ALMA DE NEVE

Chego á porta da sala... Paro. Hesito...
O silencio augural das velhas naves
Domina o ambiente. Lês. Que modos graves,
Teus modos! E eu, por te falar, afflictio!



LEONCIO CORREIA

Do teu corpo se evola um exquisito,
Calido aroma... Sôam palmas suaves...
Ergues do livro os olhos — duas aves
Baixadas dos mysterios do infinito!

Cravas em mim os doces olhos claros...
Mergulha a sala em sombras. Morre o dia.
Anda em tudo o Desejo a palpitar...

Fulguras como um marmore de Paros...
E és marmore, mulher! E's fria, fria
Como um clarão de lua sobre o mar!

PELA AFRICA

Ha o calor, que suffoca. A arcia, a argila,
As brunas pedras asperas dos montes
Abrazam. A agua espuma, e ferve. Oscilla
O mar. Curvam-se, em fogo, os horizontes.

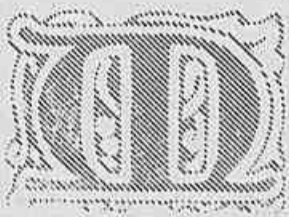
Queda-se a matta, esplendida e tranquilla;
Repousa, ao céu erguendo as atras frontes,
A monotona, tarda e longa fila
Dos crocodilos e rhinocerontes...

Paira pela pesada Natureza
— Como um luar nostalgico e perenne —
O genio do Infortunio e da Tristeza;

E como que ainda se ouve, ás suas portas,
O doloroso ancisar da alma solemne
E veneravel das cidades mortas...

Cruzada Nacional contra a Tuberculose e Apparelhos Sociaes de Defesa e o Dever de Contribuição.

Conferencia realisada a 27 de Agosto
pelo Dr. Antero Pinto de Almeida, no Salão da Bibliotheca Nacional



MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES!

Chamado pela Commissão Directora da Cruzada Nacional contra a Tuberculose, afim de occupar hoje esta tribuna e realisar a segunda conferencia da série que a Cruzada organisou, em cumprimento do seu programma, venho desobrigar-me desse grato dever com muita satisfação, sentindo apenas que a minha desvalia mental e a exigencia do tempo para fixar melhor as idéas desta palestra não me tivessem permittido construir um plano de trabalho mais completo, mais harmonioso e mais atrahente, de modo a merecer da culta assistencia que me ouve os seus applausos e as suas sympathias.

Releve-me, portanto, o complacente auditorio o natural desalinho dessas idéas, porquanto, na ancia de examinar o nosso problema nos seus aspectos mais interessantes e convenientes, essas idéas se atropelam num golpe de vista rapido e se precipitam velozmente, sem um criterio de coordenação methodica, aproveitando quanto possivel o escasso tempo de que dispomos para não fatigar nem diminuir a vossa benevola e carinhosa attenção.

APPARELHOS SOCIAES DE DEFESA E O DEVER DE CONTRIBUIÇÃO

Escolhi para thema da presente palestra estes dois assumptos, referindo-me rapidamente ás seguintes questões que se ligam ao seu organismo institucional:

- These individualista que prescreve a eliminação do fraco, como meio de depuração social.
- Beneficencia e pauperismo.
- O espirito de verdadeira solidariedade humana.
- As tendencias modernas para um regimen de equilibrio social.
- O direito de protecção aos fracos e o caracter novo que está attingindo na legislação de todos os povos.
- A intervenção reguladora do Estado sem a feição de um despotismo tutelar irritante.
- O dever legal da Assistencia Publica e o dever moral da assistencia privada.
- O reflexo da acção conjugada de ambos; suas consequencias e resultados.
- Não confundir a esmola e piedade com o dever de contribuição.
- Organização deapparelhos de efficiencia immediata; assistencia domiciliar, primeiro elemento de soccorro.
- A nossa situação precaria. Estatística e quadros impressionantes.
- Uma campanha de lutas e sacrificios.

Qualquer destas questões exigiria um desenvolvimento tão amplo, que não me permittiria fazello o tempo necessario para o exame detalhado dos seus aspectos e nem mesmo se enquadrariam ellas nos moldes e nos intuitos da propaganda que desejamos iniciar. Convem demonstrar apenas e ligeiramente que o fortalecimento de uma boa organização de defesa social e collectiva, no problema da tuberculose, depende muito mais dos movimentos generalizados das massas individualistas contribuintes do que da propria acção do Estado, constituindo esses movimentos a mais preciosa reserva de força dinamica na renovação e distribuição constante de energia indispensavel aos órgãos de função.

Sempre se attribuiu ao Estado o dever legal da Assistencia Publica. Congresso e Conselhos internacionais, estudando as questões de assistencia, consagraram sempre nas suas respectivas legislações as doutrinas e os principios dessa salutar intervenção.

A these individualista que prescreve a eliminação do fraco e considera que o pauperismo é entretido e alimentado pelos proprios remedios que

se lhe oppõem, não tem felizmente alcançado nenhuma formula de organização pratica, a despeito da autoridade scientifica dos seus evangelisadores e da escola que os recommenda.

Minhas Senhoras e meus Senhores!
Toda a entidade humana tem direito incontestavel á existencia e a sublimidade desse direito cresce aos nossos olhos, augmenta verdadeiramente de fulgor, quando a solidariedade social dos povos na comprehensão integral dos seus deveres procura a todo o transe organizar e compôr os seus apparelhos de defesa, reparando os desvios, as falhas, dos seus órgãos de resistencia, restituindo-lhes o vigor necessario ao rythmo equilibrado da sua movimentação.

A eliminação das entidades fracas como therapeutica de depuração social é antes um reflexo de manifestações produzidas e geradas no egoismo humano e que pouco a pouco vão sendo relegadas para dar logar a esse extraordinario movimento de reacção universal com que a consciencia moral



VISITADORAS DA INSPECTORIA DE PROPHYLAXIA DA TUBERCULOSE DISTRIBUINDO FOLHETOS DE PROPAGANDA PELA CIDADE

e juridica dos povos, desperta do marasmo em que se amodorrava, começa a fixar todo o esplendor da justiça humana!

Já Diderot proclamava no seu tempo, como um conceito de grande sabedoria: "*Se toda a somma da miseria publica fosse conhecida, seria ella exactamente a divida da riqueza social*".

Não podemos conhecer com precisão todos os valores dessa somma de miseria publica; mas é claro que a divida da riqueza social augmentará progressivamente, se uma grande reserva de beneficencia privada, auxiliando paralelamente a acção do Estado, não mantiver em constante actividade os apparelhos sociaes de defesa, completando e sa magnifica obra de fraternidade humana.

Deixem os sociologos fiados á theoria transformista do Darwinismo considerarem a beneficencia como um mal, vindo no desapparecimento gradativo dos organismos enfraquecidos e debeis uma formula conveniente e justa de selecção da especie para o vigoramento das raças e dos nucleos de população do mundo.

Preferimos as doutrinas philosophicas e christãs de S. Gregorio de Naziazeno, que considera a beneficencia publica e privada como uma obra "antes de justiça do que de misericordia!"

Mas, exactamente por ser uma obra de justiça humana é que a intervenção reguladora do Estado precisa revestir-se de caracteres harmonicos, devendo ser abolido todo o regimen em que prepondera um despotismo tutelar irritante.

A organização e o exercicio dos apparelhos de assistencia não dispensam, porém, a autoridade orientadora do Estado, que deverá dividir com a iniciativa particular a missão de liberalizar e estender

os recursos que a beneficencia officializada não possa proporcionar ou não esteja ao seu alcance distribuir.

Devemos considerar que para a dignidade da propria função dos apparelhos de assistencia social não basta que o soccorro se apresente revestido simplesmente da sua expressão material.

E' sem duvida uma obra meritoria a que vise insinuar simultaneamente, no espirito e no coração dos infelizes o soccorro moral da resignação, da esperanza e da coragem, levantando as energias dos que soffrem e dando-lhes o animo indispensavel para reagir contra a propria dôr e contra o proprio soffrimento. A fraqueza physica e organica, a miseria e a enfermidade não deverão ser considerados elementos de desordem social nem factores directos de perturbações na existencia dos povos. Porque, então, eliminar o fraco? Não são sómente a robustez de uma organização forte e os privilegios de uma situação material, cheia de encantos e de commodidades, que deverão dar direito ao gozo imperecível da vida, no esplendor da sua magnificencia. A fraqueza humana é tambem um titulo e um elemento bastante valioso; caminhando paralelamente ao lado da força — ella realisa uma combinação harmoniosa de reservas, de utilidades e de compensações na economia social. A propria natureza nos está ensinando todos os dias a necessidade desse equilibrio reparador. Na floresta ou no campo os órgãos delicados das flores e das plantas encontram sempre a necessaria defesa nos seus proprios organismos e a vida animal, como a vida vegetal, por mais frageis que sejam os seus elementos representativos, recebem sempre a protecção dadivosa dessa força creadora, que lhes ampara a fragilidade organica.

Porque, pois, admittirmos processos e doutrinas contrarias a todas as leis naturaes, quando a belleza da vida reclama exactamente a conservação e o aperfeiçoamento da especie humana, fazendo diminuir quanto possivel o coefficiente da lethalidade e reduzindo o algarismo das populações enfermiças e o dos nucleos de indigencia?

Temos todos o direito de viver, ricos ou pobres, fortes ou fracos, sadios ou doentes, todos temos o direito de protecção e de defesa que o Estado e as leis asseguram nas relações dos seus organismos institucionaes.

E é pela assistencia social, pelo gráo de desenvolvimento das instituições e apparelhos de beneficencia publica e privada — que se pôde bem aferir da boa ou má organização dos Estados, do adiantamento e da cultura moral das suas populações.

As nações mais adiantadas do mundo multiplicam a criação dos seus apparelhos de assistencia e cada vez mais registram os beneficios dessa cuidadosa defesa preventiva contra os males produzidos pelos flagellos da humanidade.

Erguem-se por toda a parte os monumentos grandiosos dessa obra de solidariedade social. Sociedades e associações, leigas ou religiosas, se fundam todos os dias para fins de beneficencia, de protecção na primeira idade, de assistencia ás mães, aos velhos e doentes, creando e mantendo creches, orphanatos, asylos, maternidades, dispensarios, preventorios, hospitaes, casas de saude, sanatorios, colonias de férias e um sem numero de apparelhos de defesa, de que a sociedade necessita para assegurar o equilibrio dos seus movimentos.

As tendencias modernas do sentimento publico, em relação ao problema, assumem um caracter novo na legislação de todos os paizes. A intervenção orientadora do Estado, como órgão tutelar dos apparelhos de defesa social, vae encontrando agora no espirito do povo e de todas as classes da sociedade — manifestações positivas de um crescente movimento de cooperação efficaç, no sentido de facilitar a tarefa do poder publico.

Ao dever legal de assistencia que compete ao Estado attender com a maior solicitude — corresponde assim consequentemente o dever moral da



GRUPO DE DOENTES NUM DISPENSARIO DA INSPECTORIA DE PROPHYLAXIA DA TUBERCULOSE

assistencia privada: um será o reflexo do outro e a acção conjugada de ambos resolverá com mais propriedade e decisão o problema de defesa social, sem dispersão inútil de forças isoladas.

Como poderá a Cruzada Nacional contra a Tuberculose corresponder nobilitantemente aos intuitos deste ponto de vista?

Pela execução integral do seu programma:

- a) Coordenando pratica e scientificamente os esforços de todas as instituições de assistencia;
- b) Fundando as que faltarem ao aparelho anti-tuberculoso, na ordem da sua urgencia e na medida das suas possibilidades;
- c) Desenvolvendo a mais intensa propaganda fallada e escripta sobre questões geraes de hygiene e especialmente em relação á tuberculose;
- d) Mantendo, permanentemente, cursos especiaes para enfermeiras visitantes;
- e) Trabalhando, finalmente, junto ao governo e aos particulares, no sentido de obter medidas contra o alcoolismo, a favor das habitações hygienicas, da melhoria da alimentação dos operarios e dos pobres em geral.

Mas, como nos devemos aparelhar antes de tudo para o melhor exito desta campanha?

Como poderemos construir a nossa resistencia organica e dar a essa resistencia os elementos de força e cohesão, tão indispensaveis para a luta?

Minhas Senhoras, que dirigis com tanto carinho e dedicação os destinos desta nova Instituição!

A vós especialmente compete animar e promover a arregimentação das nossas forças de cooperação e de trabalho; deveis marchar impavidamente para a frente, estimulando todas as classes da sociedade, levantando o espirito de todo o nosso povo, alentando os corações e as almas dominadas de descrença e scepticismo, para que se incorporem na vossa gloriosa missão de beneficencia!

O que o Estado difficilmente poderá conseguir com os seus codigos, as suas leis e os seus decretos, vós o conseguireis com a graça da vossa encantadora magia, penetrando nos lares pobres ou abastecidos, percorrendo todas as zonas de trabalho, conduzindo para toda parte, onde a actividade da vida se apresenta radiante e bella — essa força suggestiva da persuasão, symbolo do vosso espirito de abnegação e de coragem, sempre prompto; sempre preparado para todas as grandes obras de sacrificio e de bondade!

A vossa palavra, de uma ternura significativa e impressionante, transmittirá bem a toda a gente a grandeza dessa força mysteriosa!

Organisae com todo o empenho e com toda a bravura das vossas energias moraes — as linhas de defesa, movei todos os elementos da sociedade, acompanhae vigilantemente as perigosas investidas do insidioso e solerte inimigo, não he concedendo treguas no combate noite e dia, hora por hora, minuto por minuto!

E' pela organização parcial dos aparelhos sociaes defesa que podereis alcançar os primeiros resultados da campanha.

E' preciso systematisar o recrutamento de socios, fazendo com que se avolumem as inscrições de novos colaboradores da Cruzada e possa esse movimento se transformar pouco a pouco, pelo exemplo e pelo estímulo, num verdadeiro apostolado, em que todos os órgãos da sociedade, grandes ou pequenos, se façam representar espontanea e voluntariamente!

As condições especiaes desse recrutamento necessitam, todavia, de um conveniente esclarecimento, para que o grande publico se habitue a distinguir entre a acção da esmola e o dever de contribuição — aquella tendo a sua genese na sublimidade de preconceitos da caridade christã e este, reflectindo um movimento de imposição moral á consciencia do homem, nas relações da sua existencia social.

Ninguém pôde licitamente recusar-se de cum-

prir o dever de contribuição. A esmola é um acto voluntario de generosidade, que inaccessa simplesmente á consciencia individual de quem a concede; o dever de contribuição — é um movimento de solidariedade social, que affecta ao interesse colectivo dos nucleos humanos.

Se, no conceito philosophico, o dever é a necessidade de obedecer á lei pelo respeito á lei, o dever moral de contribuição nada mais é do que um reflexo dessa obediencia legal, que desenvolve no espirito do homem, pela educação da vontade, pelo amor da justiça, pelo exercicio da temperança e da coragem, todos os sentimentos da mais perfeita solidariedade humana.

E' esse dever moral que exige dos homens a assistencia continua aos órgãos enfraquecidos da sociedade, ás suas zonas de debilidade e de fraqueza, para reitui-lo e o vigor e a saude.

O dever de contribuição é, pois, no organismo social, uma imposição da propria consciencia do homem.

E de que fórmula praticamos nós esse dever? Vejamos uma observação pessoal!

Quando em Janeiro do corrente anno, por iniciativa de Mme. Antero de Almeida, a Cruzada organizou uma exposição de cartazes para servir de modelos á confecção de sellos de propaganda, eu tive uma excellente oportunidade de estudar, naquela semana de tão edificante trabalho, o gráo de comprehensão moral que o nosso publico em geral tem pelo dever de contribuição.

A exposição tinha a sua entrada franca.

A curiosidade publica attrahia para o interior do salão da Avenida Rio Branco, no edificio do *Jornal do Brasil*, uma peregrinação continua de homens, senhoras e crianças, avidos todos de ver a galeria de quadros e cartazes, mapas e graphics, diagrammas e photographias, dispostos pelas paredes e pelas mesas, em meio de flores naturaes, que davam ao ambiente singular a impressão agradável de um acontecimento.

A romaria era constante de manhã á noite, e as abnegadas enfermeiras da Cruz Vermelha, sob a direcção da propria organisadora do certamen, se revezavam no seu posto de honra, distribuindo os catalogos illustrados da exposição e um sem numero de impressos de propaganda, conferencias e cartões suggestivos, solicitando a inscrição de socios para a Cruzada.

Milhares e milhares de pessoas atravessavam o salão em todas as direcções, detinham-se em examinar os trabalhos expostos e, pasados alguns minutos, volviam apressadamente para a rua, sem um gesto que demonstrasse a ternura consoladora dos seus corações e sem um movimento que significasse uma espontanea comprehensão do seu dever.

E quando as jovens enfermeiras denodadamente pediam a cada visitante se inscrevesse como socio da Cruzada, a recusa era formal e terminante, na maioria dos casos!

Se toda aquella massa de curiosos indifferentes, que durante os oito dias de exposição orçou por alguns milheiros da nossa população urbana, tivesse attendido pressurosamente ao seu dever de contribuição, que resultado surpreendente não teriamos podido constatar, sobretudo, como documentação magnifica da nossa grande cultura moral?

Pude verificar nas observações diarias do conjuncto que as contribuições espontaneas partiam de preferencia das classes mais rudes e menos favorecidas da fortuna, sendo que 80% dos visitantes da exposição deixaram de contribuir com qualquer auxilio insignificante, indifferentes em absoluto ao movimento de propaganda da nossa Cruzada.

Quanto é doloroso, minhas Senhoras e meus Senhores, o registro destas duras verdades, que aqui consigno como uma necessidade indeclinavel de estimular os nobres sentimentos do publico!

Essa indiferença, todavia, não deverá ser julgada como caracterisação de um grande mal do nosso organismo social.

Entre nós, felizmente, não medra nem viceja a flor daminha do egoismo humano, nem os elementos da nossa sociedade se acham contaminados de sentimentos subalternos e mesquinhos.

O que é indispensavel é desenvolver e cultivar, pela educação do povo — os germens de bondade que a alma brasileira contém em demasia, fazendo-lhe conhecer a necessidade de cumprir o seu dever de contribuição, grato dever de solidariedade, que precisa ser solícito e pressuroso — todas as vezes que os ecos das campanhas sociaes reclamem a sua valiosa intervenção.

Nos Estados Unidos, especialmente, a comprehensão do dever de contribuição já assumiu um caracter de tão elevada cultura moral que toda a Nação vibra de entusiasmo e de prazer ao primeiro brado dos grandes appellos em favor da beneficencia publica e privada.

Não são necessarios ali consideraveis esforços para arrecadar em poucas horas, em poucos dias,

rapidamente, sommas vultuosas com que a Nação ou as empresas e associações particulares constroem as suas extraordinarias instituições de educação e de assistencia.

Nos seus cartazes de propaganda costumam os americanos pedir apenas *um dollar e um coração* e os dollars jorram em quantidade de todos os cantos e de toda a parte, num movimento desordenado de alegria e de contentamento pela oportunidade feliz que o povo tem do dever cumprido.

Nós aqui deveremos imitar o grande exemplo americano.

Lá o espirito pratico do yankee apresenta o *dollar* ao coração — para lembrar sempre o seu dever de contribuição.

Aqui poderemos supprimir a indicação da moeda bemfazeja para pedir sómente *um coração* — tanto basta a sua conquista para o exito completo da nossa campanha.

E' o coração do Brasil que precisa ser estimulado nos appellos constantes da nossa fé; é o coração do nosso povo que necessita desse rythmo de ternura, capaz de movimentar todas as iniciativas e de resolver todos os problemas da nossa comunidade social.

Não é a esmola que resolve o nosso problema, nem as grandes doações isoladas com que a philantropia cumula por vezes as instituições sociaes.

E' a contribuição systematica e generalisada do pequeno auxilio como um habito regular do povo — na comprehensão do seu dever.

Só assim poderemos atingir um gráo de cultura moral elevada e que fará honra á nossa civilização continental; só assim poderemos obter com facilidade a organização de todos os aparelhos sociaes de defesa, dando ao mundo uma demonstração positiva do nosso adiantamento.

Eis, minhas Senhoras e meus Senhores, o que precisamos fazer em materia de propaganda, dando o mais cabal cumprimento a uma das partes interessantes do nosso programma.

E' mister espalhar e divulgar estas verdades por toda a parte, nos logares publicos, nas ruas, nas Avenidas, nas praças, nos cinemas, nos theatros, nos clubs, nos restaurants, nas estradas de ferro, nos portos de embarque e desembarque, em todos os pontos onde se verifiquem o movimento e a circulação do povo.

E' preciso impregnar a alma brasileira do perfume cloroso dessa maravilhosa essencia do bem e dentro em pouco ella se tornará a mais decidida impulsadora da generosa campanha de solidariedade social, em que está empenhada a Cruzada Nacional contra a Tuberculose.

Temos, pois, que attender a tres pontos capitales do nosso programma:

A PROPAGANDA, systematica e permanente por todos os meios e de todas as formas;

O RECRUTAMENTO, por meio de inscrição de socios, voluntarios ou solicitados;

A CONTRIBUIÇÃO, pelas annuidades ou donativos, como um dever moral de cooperação.

A propaganda facilita o recrutamento, este assegura uma maior e mais desenvolvida contribuição geral — e da harmonia de acção destes tres elementos de trabalho poderemos recolher os thesouros de uma fecunda aparelhagem de recursos materiaes, tão necessario para os empreendimentos que temos que iniciar.

A propaganda sanitaria, por meio de illustrações suggestivas e impressionantes, vale muito mais como vehiculo de persuasão do que milhares de folhetos contendo indicações scientificas e conselhos escriptos em linguagem douta.

Os departamentos de Saude Publica de New York distribuem em profusão cartazes illustrados de propaganda, transmittindo ás classes populares todos os cuidados para evitar as enfermidades, so-



CONSULTORIO DE MULHERES, NO DISPENSARIO DO ESTACIO, DA INSPECTORIA DE PROPHYLAXIA DA TUBERCULOSE

bretudo as que fazem maior devastação na população infantil.

E' curioso ver-se como o espirito americano constróe o plano da sua extraordinaria propaganda!

Os assumptos que mais ferem o sentimento publico, os temas que mais impressionam ás massas populares, são alli intelligentemente explorados em todos os sentidos — para o duplo trabalho de educação do povo e da sua vigilante defesa contra o mal.

O governo e as instituições particulares dependem quantias fabulosas com essa propaganda.

Ha, por exemplo, cartazes em que se vê á illustração admiravelmente traçada de um quadro que impressiona fundamente ao primeiro golpe de vista.

Eis o quadro, segundo a descripção de uma revista americana :

" Uma pobre mãe chorando junto de um pequenino leito vazio e ao chão, abandonados, os brinquedos proprios de creanças de collo". No alto da gravura, em grandes letras, a pergunta suggestiva: Porque? e logo abaixo a dolorosa resposta :

" Porque ella não soube ou não quiz preocupar-se em prodigalizar ao seu filhinho todos os cuidados de hygiene e o regimen que se prescreve para conservar a saude dos pequeninos".

Em outro cartaz vemos a reproducção de vasto cemiterio e dentro delle uma mosca de enormes proporções, chorando sobre uma sepultura de creança; e o titulo dessa gravura diz simplesmente o seguinte :

" Se as moscas tivessem remorsos... E' o modo pratico de insinuar a necessidade de mover uma guerra sem treguas aos perigosos insectos que, pousando nos alimentos, na bocca ou nas mãozinhas das creanças transmittem o germen de terriveis enfermidades, a que se devem tantas caminhas vazias e tantas pequeninas cruces nos cemiterios".

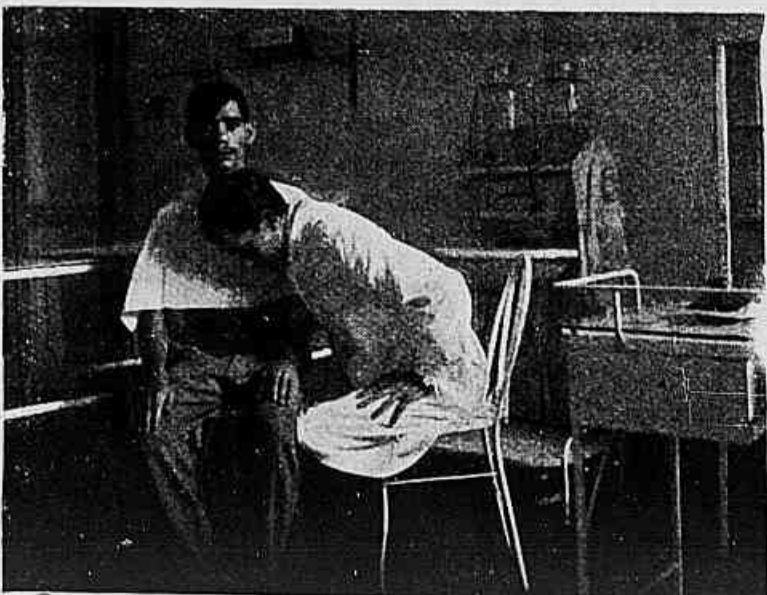
Nós devemos seguir o exemplo do espirito de sagacidade, de previdencia defensiva e pratica que revelam os americanos — nas grandes campanhas em que estão empenhados. E como não temos ainda o preparo conveniente para o voluntariado da contribuição e o nosso povo, em sua generalidade, não está habituado ainda ao exercicio desse grande dever social, precisamos, ao lado da propaganda da prophylaxia, insistir sem cessar nos appellos a todas as classes da sociedade — para que se alistem na Cruzada Nacional contra a Tuberculose, dando um pouco do seu esforço em beneficio da generosa campanha.

Neste particular, devemos imitar igualmente os nossos irmãos do Sul, que desde muitos annos se preocupam com o problema dessa educação.

O *Monitor de la Educacion*, de Buenos Aires, dando noticia de um projecto de Sanatorio popular para a cura de tuberculose, do architecto Aloisi, apresentado em 1910, pelo Dr. Sylvio Dessy, assim se exprime :

" El doctor Dessy, con generosa elocuencia, expone la idéa : es necesario sacudir, persuadir las masas, obligarlas á intervenir en la cruzada contra la tuberculosis, el terrible flagelo moderno. Como ?

" No es bastante — dice — para nuestro fin, el fiarse únicamente al sentimiento filantropico que anima a unas cuantas almas privilegiadas, al resultado de una loteria de beneficencia ó á una subvención del Estado. Es indispensable que la gran mayoria nos acompañe, que tome parte activa, con su accion y su dinero, e n la formidable lucha contra el alevoso veneno". Hay que estimular por todos los medios la formacion de las ligas contra la tuberculosis, no cansarse de pedir, buscar á los socios, verlos personalmente uno á uno, conseguir de ellos cuotas subidas de acuerdo con sus recursos; Hay que comprometer á los mismos socios á no hacer compras para si ó sus familias en las casas de negocios cuyos propietarios no hagan parte de la liga misma, despertando á ese propósito una noble rivalidad entre los comercian-



CONSULTORIO DE HOMENS, NO DISPENSARIO DO ESTACIO, DA INSPECTORIA DE PROPHYLAXIA DA TUBERCULOSE

tes; hay que instituir recoletas de dinero "un domingo de la tuberculosis" cada mes, como se hace en Inglaterra; hay que incitar á las señoras á pedir en beneficio de la liga, en los puntos más frecuentados, en las reuniones aristocraticas; hay que lograr que una parte del producto de las misas, de la entrada de los teatros, del producto de las carreras, llegue á las cajas de la asociación, y tambien se podría instituir un impuesto voluntario de 10 a 20 centavos por cada boleto, durante la temporada teatral, y ésta seria — dice el doctor Dessy — además de una medida de practica utilidad, un modo excelente para controlar el desarrollo de sus ideas humanitarias. De alli podrian salir las reformas que sugiera la ciencia; hospitales para tuberculosos, sanatorios populares, hospicios maritimos, etc., etc."

Eis, minhas Senhoras e meus Senhores, o que temos a fazer em nosso meio, sem tergiversações nem desfallecimentos. E' preciso pedir, mas fazel-o com a convicção de que não se está exercendo um apostolado de humilhação, senão cumprindo rigorosamente um dever de humanidade.

E' preciso transmittir á alma do publico essa elevada convicção, de maneira que comprehenda a necessidade desta campanha e concorra prazenteiramente para os seus beneficos resultados.

Nós teremos de iniciar dentro em breve — distribuição dos sellos-defesa, do plano a que já me referi, de Mme. Antero de Almeida.

Não será de mais repetir aqui que esse plano visa exactamente uma propaganda efficiente de recursos e educação do povo. A distribuição permanente dos sellos por todo o territorio do Brasil, entre todos os órgãos de produção e commercio do paiz, entre todos os elementos que constituem a actividade racional, concorrerá, diz a sua autora, para que, com uma contribuição minima e absolutamente voluntaria, possa a Cruzada Nacional contra a Tuberculose disseminar por toda a parte os preceitos da defesa sanitaria contra a terrivel peste branca. Esse será o plano para suavemente estabelecermos um valioso elemento de trabalho efficaz na campanha que estamos empreendendo, reunindo assim, num esforço continuo de assistencia e de util arrecadação, os recursos precisos para o cumprimento integral de todo o programma da nossa Cruzada. E' um meio facil de praticamente interessar todas as camadas sociaes na grande campanha, sem exigencias de sacrificios relevantes e com a vantagem de estabelecer paulatinamente uma salutar prophylaxia nos habitos do povo, dentro dos methodos modernos de propaganda.

Era minha intenção illustrar esta palestra com uma abundante documentação de graphicos, diagrammas e estatisticas relativos á nossa situação actual nos ultimos registros dos boletins demographo-sanitarios.

Além disso queria expôr aos vossos olhos penetrantes — reproducções suggestivas de aspectos das habitações collectivas que dentro do coração da Cidade — offerecem um scenario impressionante de pobreza e de miserias.

São amontoados de barracões e casebres immundos, turgios sem luz, sem ar e sem nenhuma condição hygienica — que povoam os cimos e as encostas dos nossos lindos morros — e dão a esta grande metropole de palacios encantadores, de avenidas sumptuosas, um doloroso contraste para a physiognomia tão radiante das nossas bellezas de conjunto.

Não me foi possivel obter senão as seguintes chapas (São feitas na tela varias projecções de aspectos da cidade, e varios diagrammas sobre a mortalidade do Rio de Janeiro, comparada com outras capitales).

Nunca será de mais repetir e reproduzir incessantemente todas as estatisticas da mortalidade pela tuberculose no Rio de Janeiro, comparando-a com a dos outros grandes centros de população do mundo.

Não representam estes dados a minima novidade aos nossos mestres de hygiene, aos dedicados especialistas empenhados no combate ao terrivel mal.

Mas por isso mesmo que essas estatisticas e esses algarismos impressionam ao publico e mostram claramente a tristissima culminancia que occupamos no obituario da tuberculose — é que se torna necessario reproduzil-os sempre por toda a parte, fazel-os vibrar aos nossos ouvidos, fixal-os permanentemente na nossa visão, retel-os na nossa mente e na nossa memoria, considerando sempre a extensão das suas terriveis proporções e o desprestigio que nos trazem perante o mundo.

Todos os dias, pela bocca autorisada dos nossos mais acatados hygienistas — a começar pelo Dr. Carlos Chagas, o illustre Director de Saude Publica, Dr. Placido Barbosa, Dr. Belisario Penna e tantos outros e pelo dedicado corpo clinico dessa notavel instituição nacional que é a Cruz Vermelha Brasileira, pelos medicos de todos os estabelecimentos de assistencia publica e privada desta Capital e dos Estados e notadamente pelo nosso querido Secretario Geral Dr. Amaury de Medeiros, que é o chefe dos nossos serviços — todas estas estatisticas de mortalidade,



VISITADORAS DA INSPECTORIA DE PROPHYLAXIA DA TUBERCULOSE DISTRIBUINDO FOLHETOS DE PROPAGANDA PELA CIDADE

todos os algarismos indicativos da acção perniciosa da tuberculose no nosso meio, todos os conselhos hygienicos têm sido bem definidos e demonstrados — traçando-se continuamente o plano geral de defesa e dando-se a orientação do que é preciso coordenar, para lutar e para vencer.

Recorri ás fontes onde esses dados se encontram em abundancia, para, não fatigando a vossa attenção, reproduzir aqui apenas e ligeiramente os calculos da nossa mortalidade pela tuberculose e as horrorosas consequencias que ella continua implacavelmente a nos acarretar.

— Morrem no Brasil annualmente 60.000 victimas de tuberculose.

— O Rio de Janeiro é das grandes cidades aquella em que mais se morre de tuberculose, vindo em seguida Paris, Berlim, Montevidéo, New York, Londres e Haya.

— Ainda nesta semana finda, segundo os dados do ultimo boletim demographo-sanitario, a tuberculose, em todas as suas especies clinicas, occupou o primeiro logar no obituario da cidade, fazendo nada menos de 111 victimas ou sejam 25% sobre o algarismo total dos fallecimentos desta semana.

— Média dos victimados pela terrivel peste branca foi de 15 individuos diariamente!

Em todo o mundo a tuberculose contribue para 1/7 das populações dos cemiterios. — No Rio de Janeiro ella contribue com 1/5.

— A tuberculose dá ao Brasil um prejuizo annual de 600.000 contos de réis!

E' preciso considerar que esse prejuizo é calculado por morte simplesmente, visto que, attribuin-do-se á vida humana o valor medio que o illustre Dr. Afranio Peixoto calculou para a vida de um brasileiro, ou seja o valor de 9:600\$000 por entidade eliminada, teremos a cifra de 576.000:000\$000 ou approximadamente o algarismo redondo já indicado de 600.000 contos de réis!

Se, entretanto, o capital humano, na sua unidade, fôr avaliado em 80 contos, como em recente e brilhante discurso no parlamento brasileiro se referiu o não menos illustre medico, Sr. Deputado Joaquim Moreira — quando justificou o seu magnifico projecto de auxilio á construcção de tres sanatorios para tuberculosos, então teremos um prejuizo muito maior, oito vezes mais elevado, ou seja um total approximado de 5 milhões de contos de réis annualmente!

Mas o grande prejuizo não está sómente nessa extraordinaria eliminação de 60.000 vidas annuaes que a tuberculose nos impõe. Considerae bem.

Esse prejuizo é augmentado consideravelmente pelo algarismo volumoso da população doente e contaminada e que, segundo os calculos da ciencia para os casos de tuberculose aberta, contagiantes, deverá ser computada entre nós uma existencia nunca inferior de 600.000 doentes!

Ora, além dos 600.000 contos de prejuizo pela morte ou dos 5 milhões de contos — se prevalecer a avaliação de 80 contos por unidade do capital humano, temos que verificar ainda os damnos que para a nossa actividade economica acarreta esse formidavel e assombroso coefficiente de 600.000 individuos prejudicados na sua saude, privados de produzir e de concorrer com as suas energias, com o seu trabalho, com todo o seu esforço para a grandeza do Brasil.

E' um peso morto, de proporções extraordinarias e que opprime e agrilha exactamente a flôr fina da capacidade productiva dos jovens, das classes de trabalho, daquellas onde a tuberculose faz mais victimas impiedosamente.

O prejuizo, portanto, ascende a um valor quasi que incommensuravel para a fortuna publica do paiz.

E além dos thesouros dessa energia, que se perde na voragem da ceifa sinistra pela morte e nos atormentados grilhões da maldita enfermidade contaminadora, quantas creações de belleza se annullam e se

sacrificam, paralyzando a harmonia inspiradora da arte e da sciencia e estiolando tantos factores apreciaveis da nossa vibratilidade organica, perdidos, esmagados, por essa força innominavel da destruição, quando deveriam contribuir tambem para o crescimento brilhante do patrimonio intellectual e moral da Nação.

Reflecti bem, minhas Senhoras e meus Senhores, sobre a gravidade da nossa penosa situação.

Temos o inimigo dentro de casa, dominando francamente todas as posições e zombando da nossa tibieza, invasor audaz que se fixou nos nossos campos nas nossas cidades, nas nossas terras e vae desferindo inexoravelmente os golpes fulminantes da



UM POBRE DOENTE DE TUBERCULOSE SOCCORRIDO PELA INSPECTORIA DE PROPHYLAXIA DA TUBERCULOSE

sua malignidade, golpes cada vez mais fundos e certos, numa ebriedade furiosa e crescente do aniquilamento e da morte.

A nossa raça, o nosso sangue, escaldante ainda do heroismo dos nossos antepassados e das glorias das nossas tradições historicas de civismo, começam a sentir que o seu vigor esmorece e perde de intensidade renovadora, e ai! do Brasil e do nosso povo — se os não libertarmos quanto antes dessa dominação cruel e devastadora!

A Cruzada Nacional contra a Tuberculose é uma instituição nova, creada recentemente sob os auspícios das illustres damas Cariocas.

E' claro que ella não poderá realizar em pouco tempo toda essa obra de defesa, sem os recursos necessarios para empreendimento de tão alto valor.

Não obstante o curto periodo da sua existencia, já tem ella iniciado uma série de serviços notaveis, sobretudo no ponto de vista de preparo dos elementos de sua organização e de aparelhagem dos seus serviços.

Mas, é mister intensificar quanto antes e de qualquer modo a sua acção, desenvolvendo fortemente a propaganda dos conselhos higienicos, auxiliando a campanha contra o alcoolismo, organizando o recrutamento systematico de socios e sobretudo dando desde já começo aos serviços de assistencia domiciliar que, a meu ver, é, nas actuaes circunstancias que atravessamos, o mais efficaz de todos os serviços, porque concorrerá de certo modo para reduzir as proporções do grande mal. Temos que enfrentar o problema com toda decisão e vontade, imprimindo-lhe uma feição pratica e conveniente.

Já o disse em outra conferencia, quando tratei das reivindicações operarias — que o "caracter austero das nacionalidades provém sobretudo da limpeza e da hygiene de seu meio social".

Devemos combater o mal em todos os sentidos, desde a frouxidão dos costumes até os vicios perniciosos, os que se multiplicam na immundicie dos lupanares — todo esse formidavel e diabolico aparelho de ruina dos organismos humanos, conductores impertinentes dos germens da tuberculose, perturbadores da harmonia social e factores implacaveis da decadencia das Nações!

Batei, minhas Senhoras, quanto antes, á porta das mansardas, procurei a dôr occulta e envergonhada, correi ao esconderijo da miseria, conduzi ao lar pobre, ao leito do infeliz tuberculoso, pelas vossas mãos delicadas e generosas, mandae pelas mãos das vossas enfermeiras visitadoras, os recursos indispensaveis do alimento, da roupa e dos remedios, acompanhae de perto com o carinho da vossa cuidadosa intervenção a marcha da enfermidade, liberalizando sempre com solicitude e promptidão todos os auxilios reclamados pela assistencia.

E' certo que já existem espalhados pela cidade os postos de prophylaxia da Saude Publica e que a direcção official dos serviços procura imprimir agora uma nova e bem orientada campanha de combate contra a terrivel peste branca.

A benemerita Liga Brasileira Contra a Tuberculose tambem já vae prestando, com os seus utilissimos dispensarios, os melhores e mais assignalados serviços de assistencia domiciliar, ditribuindo leite e medicamentos e mandando os seus medicos em socorro dos doentes.

Mas não é sufficiente o que já se vae praticando em beneficio da pobreza.

De que vale, por exemplo, uma simples desinfeção autorizada pela Saude Publica, nos focos de contaminação e a declaração do medico de que as habitações não dispõem da capacidade cubica de ar indispensavel aos doentes, se não se determina immediatamente a sua remoção e o seu isolamento?

Mas, removel-os para onde? Isolal-os em que sitio? em que paragens?

Retiral-os dessas habitações condemnadas, desses compartimentos deficientes e viciados para transportal-os para onde? Se não temos os recursos de qualquer organização para uma hospitalisação conveniente?

Já que não podemos conduzir os enfermos para os Sanatorios de montanhas, onde teriam elles enjeço de encher os pulmões de ar puro e embalsamado das serras e das florestas, pelo menos levemos ao seu pobre lar necessitado os alimentos com que serão animados e estimulados um pouco os seus organismos enfraquecidos, e a roupa indispensavel para renovar a limpeza do corpo e a hygiene do miseravel leito em que repousam.

Deveis considerar que ha commodos e casinhas dentro desta nossa magnifica cidade, espalhados pelos seus morros e até mesmo por todos os recantos das zonas urbanas e suburbanas, onde familias numerosas e sem o menor recurso exercem todos os misteres da sua precaria existencia: ali dormem em conjunto paes e filhos, numa promiscuidade revoltante, ali preparam os escassos alimentos que posam obter e ali vivem noite e dia utilizando-se do mesmo ambiente infecto e corrompido para todas as suas necessidades.

Como praticar a verdadeira hygiene dentro desses casebres immundos, dentro das habitações collectivas das classes pobres, se falha antes de tudo o isolamento dos doentes?

E que valor pratico terá a medida de uma simples intervenção para aconsellar as regras de hygiene, num ambiente em que essas regras não poderão ser observadas de forma alguma?

Qual a utilidade neste caso dos postos de socorro installados nas diversas zonas da cidade, se os doentes para se valerem dos seus recursos precisam de fazer longas caminhadas em busca simplesmente dos remedios, porque não ha ainda outra assistencia organizada?

Eis, minhas Senhoras e meus Senhores, o que

deveis considerar para completar a obra da Saude Publica, que já é grande e valiosa como benemerencia, mas que necessita da vossa cooperação para supprir as deficiencias da penosa campanha salvadora.

Todos os higienistas proclamam e com elles o Prof. Brouardel que o alcoolismo é "o mais poderoso vehiculador da tuberculose".

Mas a miseria, digo eu, sobretudo a miseria, a fome, a falta de alimento reparador, a desgraçada nudez do pobre, sujeito aos resfriamentos produzidos pelas nossas súbitas baixas de temperatura, todo esse cortejo de necessidades e de privações — constituem os mais excellentes auxiliadores do grande mal, os propicios agentes da sua desenvolvida propagação.

E' por isso que eu entendo que o melhor serviço que podereis prestar nesta emergencia é o de assistencia organizada ao domicilio do pobre, mas fazel-o com todo o methodo e carinho, dando-lhe um caracter pratico, estabelecendo um cadastro para o registro de inscripção e de informações e para a conveniente vigilancia e fiscalisação do serviço, no sentido de tornar a mais possivel efficiente e perfeito o socorro liberalizado pela Cruzada contra a Tuberculose.

Esse será o germen mais fecundo de todo o vosso trabalho e ha de frutificar perennemente, multiplicando os dons da Providencia no coração dos homens bemfazejos, para que a obra da nossa Cruzada, como um exemplo de firmeza e de abnegação corôe os esforços do vosso dedicado apostolado e eleve definitivamente o patrimonio moral e a resistencia organica da nossa benemerita Instituição.

Tinha, ainda, que abordar um outro assumpto interessante, relativamente á organização entre nós de seguro contra a tuberculose, que é uma das formas modernas da garantia de socorro, já adoptada em diversos paizes da Europa e um dos mais vantajosos elementos dos aparelhos sociaes de defesa.

Ficará, entretanto, este assumpto para ser devidamente considerado em uma outra qualquer oportunidade.

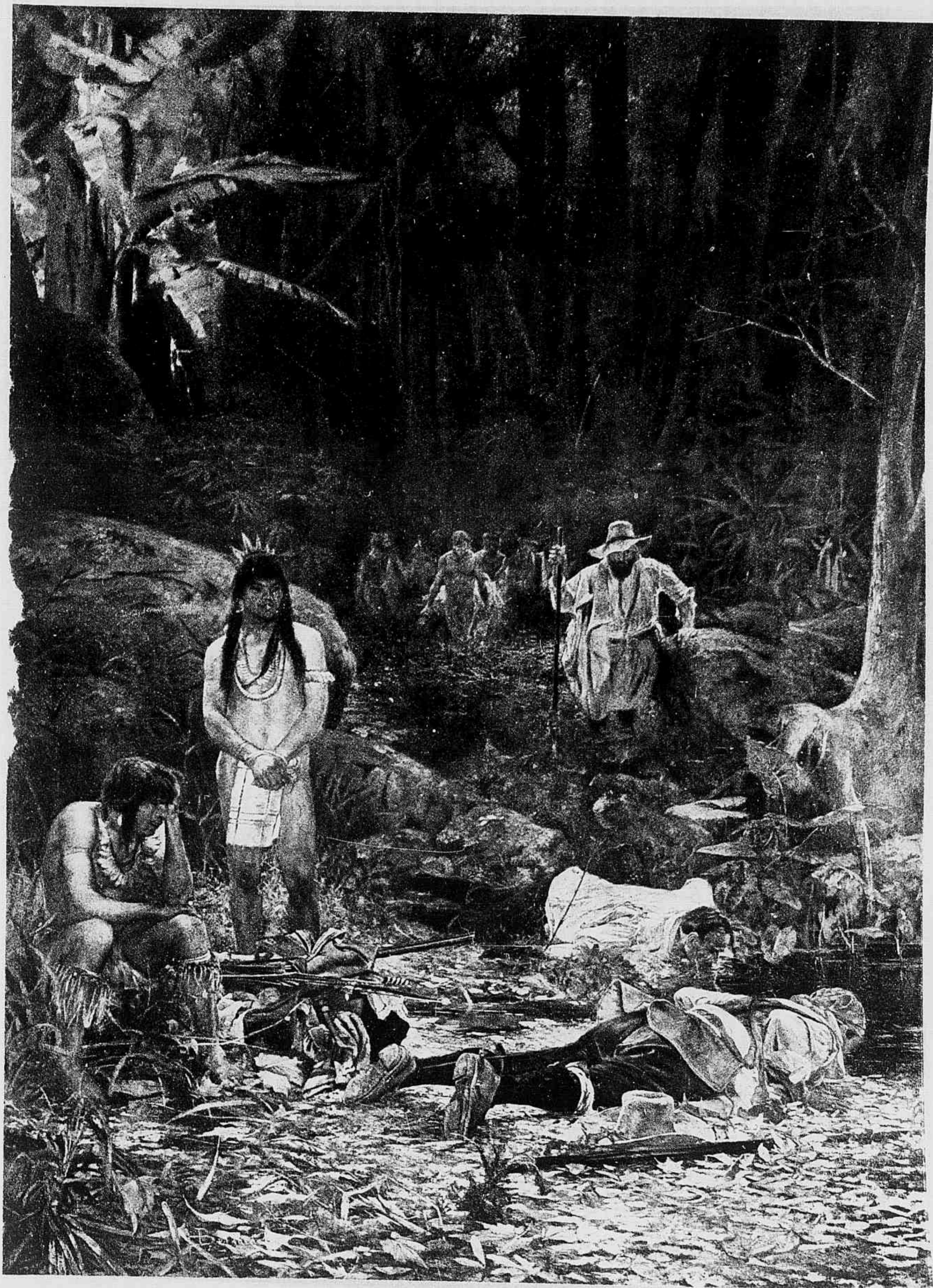
Terminando, eu peço venia para repetir as palavras que pronunciei quando, em Janeiro do corrente anno, encerrámos a nossa Exposição de Cartazes:

"O que nos conduz é a fé inquebrantavel na victoria da nossa acção collectiva, até vermos o Brasil inteiro restituído ao vigor integral da sua resistencia organica, contra a invasão de todos os males.

Sejamos unidos nessa fé, nessa coragem e nessa cruzada de sacrificios continuos pela victoria da nossa campanha, que é incontestavelmente a mais importante dentro de todas, como obra de defesa nacional, obra de patriotismo e de amor, vinculadora de todas as energias moraes, tão necessarias quanto efficazes para o revigoroamento da nossa nacionalidade e a grandeza da nossa Patria!"



GRUPO DE ENFERMEIRAS-VISITADORAS DA INSPECTORIA DE PROPHYLAXIA DA TUBERCULOSE



OS BANDEIRANTES
Quadro de H. Bernardelli
Escola de Bellas Artes - Rio



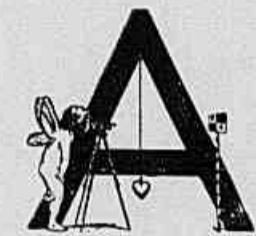
O VELHO RIO

ENTRADA DA LADEIRA DO MORRO DO CASTELLO, NA RUA SÃO JOSÉ

A Marinha de Guerra do Brasil sob D. Pedro I

Rápida analyse histórica e politica que, sobre o assumpto e para os leitores da nossa revista, fez o Sr. Almirante Dr. Tancredo Burlamaqui, Professor da Escola Naval.

ORIGENS DA LUTA



A revolução de Portugal em 1820, occasionada tanto pela penuria extrema a que havia chegado a nação, em consequencia do seu abandono, pela fuga precipitada do Rei para o Brasil, como pela antipathia em que haviam cahido os inglezes, que, de facto, mais governavam que a Junta a cujas mãos estava entregue a Regencia, e que a esta muito tinham melindrado pela presença de officiaes, seus patriocios, na direcção suprema das forças e nos commandos dos corpos do exercito nacional, com enorme prejuizo, isto, do renome militar e competencia profissional da officialidade portugueza — obrigara a maioria dos ministros de D. João VI a opinar pelo prompto regresso do monarcha, com o intento de suffocar o movimento; e este, embora mais propenso aos avisos dos que o aconselhavam mandar em seu lugar o Principe Real, como mais capaz de ser dominado pelas Côrtes, cujos designios eram realmente anti-brasileiros, — cheio de saudades de uma terra que elle temia deixar entregue ás mãos inexperientes do seu filho, resolveu partir. E a 26 de Abril de 1821, receioso, deixava o torrão hospitaleiro que durante 13 annos lhe servira de abrigo, quando expulso da Europa pelas tropas do general Junot e pela supposta perfidia da politica ingleza.

Assumiu as redeas do governo, como Regente e Logar Tenente de seu pae, o Principe D. Pedro, assistido de um ministerio em que occupava a pasta da Marinha o major general da Armada Manoel Antonio Farinha.

Occurrencias posteriores, porém, taes como o recebimento pelo Principe de decretos promulgados pelas Côrtes portuguezas e sancionados por El Rei, em que mandavam este retirar-se do Brasil e seguir, incognito, a viajar pela Europa, ficando as provincias sujeitas ou fazendo parte das de Portugal, sem centro algum de união, e administradas por pessoas dependentes do governo central de Lisboa, e em que lhe declarava ficar a administração militar a cargo de officiaes portuguezes, de nomeação daquelle mesmo governo, medidas estas que denotavam claramente o proposito de transformar, de novo, o Brasil em uma verdadeira colonia, bem como os successos revolucionarios no Pará, Pernambuco e Bahia, que se recusavam a reconhecer os actos emanados do governo do Principe, declarando obedecer só ás Côrtes portuguezas e, portanto, a El Rei, obrigaram os brasileiros a tomar a resolução que lhes convinha de interceder junto áquelle, para que não deixasse o paiz, ao que o mesmo acquiesceu com o seu celebre *como é para bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico*.

Por motivo desta resposta, franca, decisiva, verdadeira, e a mais formal das desobediencias ás ordens das Côrtes, a Divisão Auxiliar, no Rio, revoltou-se, tendo o Principe de adoptar disposições urgentes e rapidas para fazel-a embarcar para Portugal, e comboial-a até muito distante da costa, para que não fossem os navios á Bahia ou a qualquer outro ponto do paiz onde o seu governo não estivesse ainda reconhecido, tal como aconteceu a dois delles — o *São José Americano* e o *Verdadeiros Amigos*, que, na altura dos Abrolhos, approaram a São Salvador.

Depois d'isto succederam-se factos sobre factos, reacção contra reacção, lutando sempre os brasileiros pela liberdade nacional, quer nas proprias Côrtes, onde alguns tinham assento, quer em jornaes, por pamphletos, em comicios, emfim, onde quer que pudessem clamar e trabalhar pela felicidade d'elle.

D. Pedro, despeitado pelo procedimento do congresso portuguez para com o seu governo, e comprehendendo não ser possivel mais fazer parar os

acontecimentos que deviam levar o Brasil á sua separação, deixa-se fascinar tanto pela gloria de ser o fundador de um novo Imperio como pelo brilho da nova Corôa com que queria cingir a sua fronte de moço ousado e ambicioso.

Entre Portugal, convulsionado por tremenda guerra intestina, e o Brasil, cheio de um futuro positivamente muito promettedor; entre a posse do reino do seu pae, juguete das paixões de um congresso desenfreado e o novo throno da America, cercado pelas benções do povo, absolutamente não trepidou. Esposou a causa da liberdade com a franqueza de que era capaz sua indole eminentemente liberal.

Começou então a luta sem treguas entre portu-



LORD COCKRANE

guezes e os brasileiros que queriam a independencia, e na qual a marinha de guerra representou papel da mais alta importancia.

FORMAÇÃO DA PRIMEIRA ESQUADRA BRASILEIRA

Os navios que estavam fundeados no Rio formaram o nucleo da primeira esquadra brasileira, esquadra que, ao depois, com a proclamação da independencia nas provincias, foi sempre e sempre crescendo de poder.

Destas, as guarnições, sem resistencia activa de parte dellas, porém com uma má vontade que em seguida sempre demonstrou, passaram ao serviço do novo imperio. Os officiaes, estes, na quasi totalidade, não quizeram regressar a Portugal, preferindo, antes, ao sentimento da lealdade á bandeira, como era natural e justo, o de amor á terra e á familia que já haviam constituído no paiz.

Na guerra da Independencia dos Estados Unidos da America do Norte, officiaes nascidos alli e que faziam parte da marinha ingleza conservaram-se fieis ao serviço da metropole durante toda a guerra civil. Nenhum quiz abraçar a causa das colonias revoltadas, nenhum quiz adquirir celebridade, combatendo contra o pavilhão da patria commum, naquellas guerras da revolução. Na guerra da Independen-

cia Brasileira só a guarnição de uma escuna portugueza da esquadrilla que estava em Montevidéo e a esquadra que estacionava na Bahia se recusaram a cumprir aquillo que não lhes parecia ser do seu dever.

Apezar, porém, destas adhesões assim tão precipitadas e tão interesseiras, tanto o Principe como os de seu governo, na expectativa de pelepas encarniçadas e duradouras, começaram a se empenhar para que do estrangeiro, e principalmente da Inglaterra, viessem officiaes e equipagens aptas e habituadas aos serviços do mar e da guerra, pois os brasileiros de gradação na marinha real, os unicos em que ainda poderiam depositar confiança segura, inda eram em geral jovens e inexperimentados em taes trabalhos. Os navios da armada real que constituiram a primeira esquadra de nosso paiz foram os seguintes:

Não *Martins de Freitas*, depois *Pedro I*, com 64 canhões; não *Vasco da Gama*, com 74 canhões; não *Principe Real*, com 84 canhões; fragata *Successo*, depois *Nitheroy*, com 40 canhões; fragata *União*, depois *Ypiranga*, com 40 canhões; fragata *Real Carolina*, depois *Carolina*, com 40 canhões; corveta *Maria da Gloria*, com 30 canhões; corveta *Liberal*, com 28 canhões, e brigue *Reino Unido*, depois *Cacique*, com 22 canhões; e mais alguns outros, sem valor militar em uma marinha de guerra.

ACÇÃO DESTA FORÇA NO INICIO DAS CAMPANHAS E COMBATES EM PROL DA INDEPENDENCIA—FRAQUEZA DO VALOR MILITAR DO ALMIRANTE QUE PRIMEIRO AS COMMANDOU.

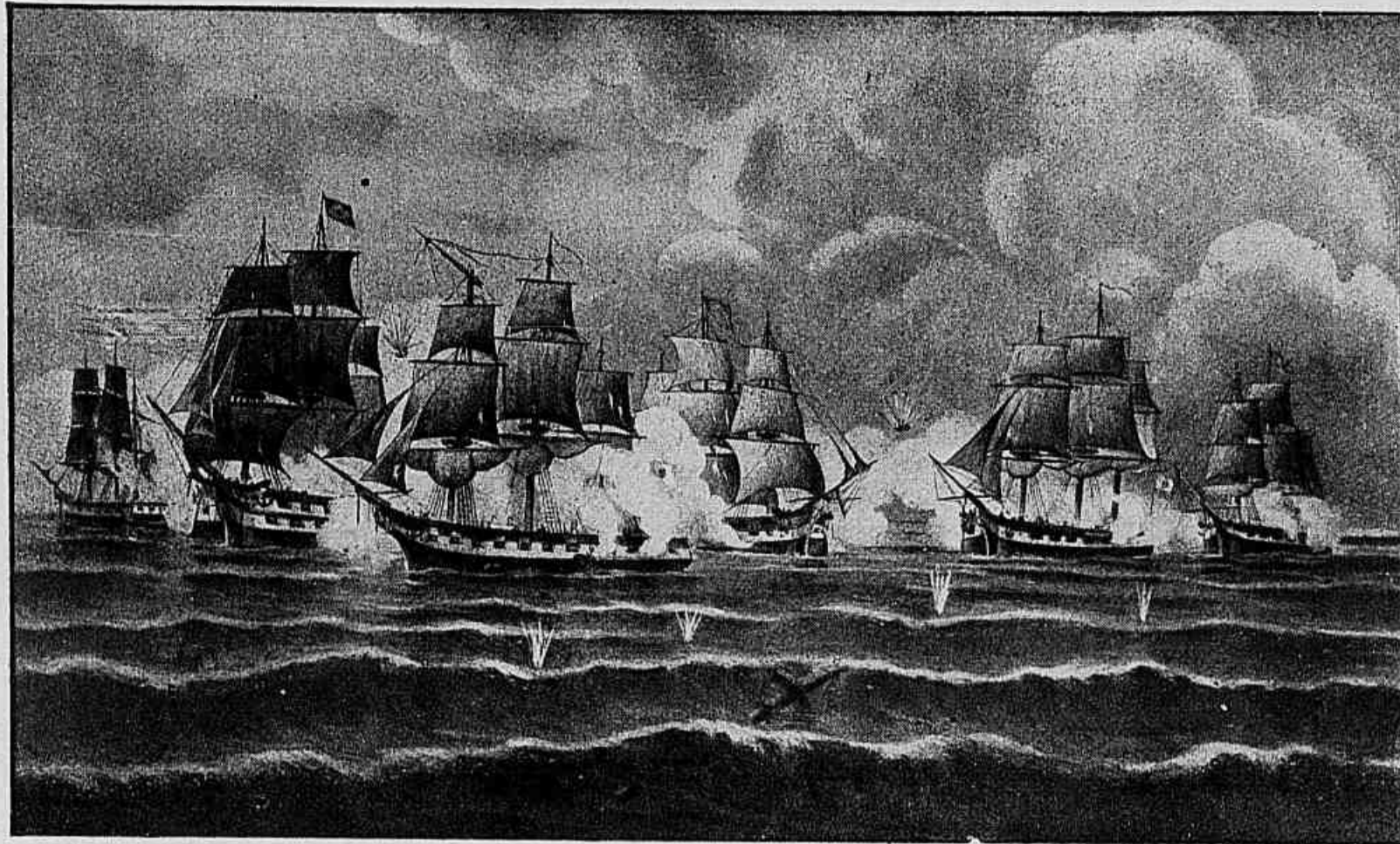
Desta esquadra foi que sahiu a força mandada pelo governo para conduzir ao norte da Bahia as tropas de reforço que, sob o commando do brigadeiro Pedro Labatut, tinham de enfrentar as forças do general Pinto Madeira, ainda naquella provincia em opposição ao governo do Principe Regente.

Esta constava da fragata *União*, como navio chefe, das corvetas *Maria da Gloria* e *Liberal* e do brigue *Reino Unido*, e levava o seu commandante, o chefe de divisão Rodrigo Antonio de Lamare, como destino, além do desempenho daquelle objectivo, o de bloqueio ás costas da Bahia, para impedir a entrada de qualquer reforço mandado da Europa e evitar o recebimento de munições de guerra e de bocca, que começavam a escassear na capital e em outros pontos da provincia, bloqueio esse que deveria proseguir até que aquelle general se retirasse para fóra do paiz ou fosse vencido pelas forças sob seu commando.

Ao tempo sabia-se que o capitão de fragata da armada portugueza, Joaquim Antonio Bruno de Moraes, encontrava-se na Bahia, á frente de uma divisão composta das corvetas *Des de Fevereiro*, com 26 canhões, *Regeneração*, com 22 canhões, *Restauração*, com 24 canhões, dos brigues *Audaz* e *Promptidão*, cada um com 18 canhões, e da escuna *Conceição*, com 14 canhões; portanto haveria muita probabilidade de um encontro com a mesma, emquanto estivessem os navios brasileiros na execução de operações de tanta extensão como aquellas do bloqueio.

Parte a esquadrilla do Rio em meio de estrepitosos vivas e aclamações seguidas do povo fluminense, certos todos de que a mesma haveria por força de accorrentar á *União* aquella grande provincia, ainda dominada pelas tropas portuguezas.

O chefe De Lamare, porém, de encontro a toda expectativa, não correspondeu á opinião que formavam do seu valor militar. Teme das suas guarnições, em sua maioria ainda compostas de portuguezes; aterrorisa-se com a possibilidade de serem as forças sob seu commando inferiores ás forças inimigas; foge ao contacto do adversario, logo este vem ao seu encontro em frente á barra da Bahia; e aproveitando-se do pedido do general Labatut para que



COMBATE DE 4 DE MAIO DE 1823

os seus navios fossem rumo de Alagoas, afim de desembarcar ali as tropas que estavam confiadas á sua direcção, pedido este feito pelo temor de que o mesmo não fosse executado em ponto mais apropriado que este para uma semelhante operação, segue para Jaguará e d'alí para Pernambuco, onde ao saber da noticia da partida de Lisboa de uma nova frota, após um voto de officiaes medrosos, resolve vir em direitura para o Rio, com isso infringindo as ordens formaes, então recebidas, de procurar sempre praticar o maior mal para com o inimigo.

O almirante Delamare não tinha a energia, nem a envergadura, nem a promptidão de decisão precisa ao desempenho de uma commissão de responsabilidade como a sua; do contrario, com o conhecimento que deveria ter do valor da esquadra adversa, teria accedido immediatamente a luta que pela mesma lhe foi offerecida, onde, pelo exemplo e pela lição no momento, poderia ter tido occasião de mostrar ao paiz que um verdadeiro chefe militar só deve preoccupar-se com a conservação das embarcações confiadas ao seu commando, quando desta conservação não resulta para elle nem desprestigio e nem desmoralisação.

As esquadras, elle bem o sabia, eram iguaes em poder do fogo, pois dispunham, ambas, do mesmo numero de canhões por banda, embora as forças brasileiras tivessem dois navios de menos que a sua contendor. O combate, pois, impunha-se por qualquer forma.

Arreceia-se d'elle, fazendo então acreditar aos seus uma superioridade do inimigo que de facto não existia, e, sem ter a coragem indispensavel para suffocar os rumores que a lente do receio e do susto fazia de um supposto movimento de revolta que dizia estar a lavrar entre as guarnições dos navios, trata exclusivamente de exaggerar sempre e sempre o valor, a bravura, o preparo e os recursos das forças a que tinha sido, desgraçadamente para o Brasil, enviado a travar combate.

No decorrer de sua commissão não encontrou o almirante motivo que justificasse sua extrema fraqueza. Não teve em vista, em momento algum, o aniquilamento do inimigo, que é e sempre foi o principio incontestado que deve servir de guia aos actos da vida profissional dos chefes de valor. Não cumpriu as ordens dadas sobre o bloqueio, porque nunca teve os seus navios em distancia sufficientemente approximada do ponto onde estava a esquadra contraria, afim de que continuamente soubesse dos seus movimentos e em condições de impedir a sua fuga do lugar onde devia esperar esta fosse feita. Nunca pensou sequer em cortar a communicação dos navios do commercio com a terra, porque, em vez de tomar posição propria a permitir este serviço, corre para Pernambuco e para o Rio, sem que nesta sua disparada houvesse recebido o justo e merecido castigo de uma refrega com o inimigo. Emfim, jámais tomou qualquer providencia para que as suas forças ficassem ao abrigo de um ataque imprevisto do adversario, que, se não fôra o receio injustificado e inexplicavel do seu commandante, que se não fôra a falta de amor e de zelo pelo reino e prestigio de sua classe, teria completamente posto fôra de combate as forças que elle Delamare commandava, deixando assim que fracassasse, ou pelo menos de muito se retardasse a declaração da nossa independencia, que se fazia sentir victoriosa, já em quasi todos os recantos do paiz.

Houvesse o chefe portuguez cumprido o seu dever e o almirante Delamare se teria bandeado para as suas fileiras, entregando-se á commiserção daquelles que serviam ao paiz cujo pavilhão inda estava fluctuando no penól das caranguejas dos navios sob seu commando, ou teria soffrido irreparavel derrota, que nada mais seria que o premio de sua inhabilidade em um commando para o qual não dera nunca prova da menor competencia.

O ALMIRANTE COCKRANE E' NOMEADO COMMANDANTE EM CHEFE DA ESQUADRA IMPERIAL

Occurencias posteriores, devidas todas á insistencia das Côrtes portuguezas em querer á viva força trazer subjugado o Brasil, e a guerra e as escaramuças que por isto se manifestaram na Cisplatina e no norte do paiz, mormente na Bahia, onde as tropas lusitanas ao mando do brigadeiro Ignacio Pinto Madeira de Mello e a poderosa esquadra do chefe de divisão Felix Pereira de Campos queriam se antepor á acção da politica do Brasil, fizeram com que o principe regente declarasse em S. Paulo a Independencia da nação e que os dirigentes de então — o grande José Bonifacio á frente, tratassem logo da organização de uma esquadra bastante forte para agir contra as esquadras de Portugal, que se encontravam disseminadas em diversos pontos das costas do paiz, ás quaes poderiam muito molestar, quer prohibindo o uso das aguas ou o dominio do mar, quer facilitando o desembarque de forças que viessem reforçar as existentes já por estes mesmos e por outros pontos.

Duas esquadras são remetidas sem demora para o norte e para Montevidéo; uma ás ordens

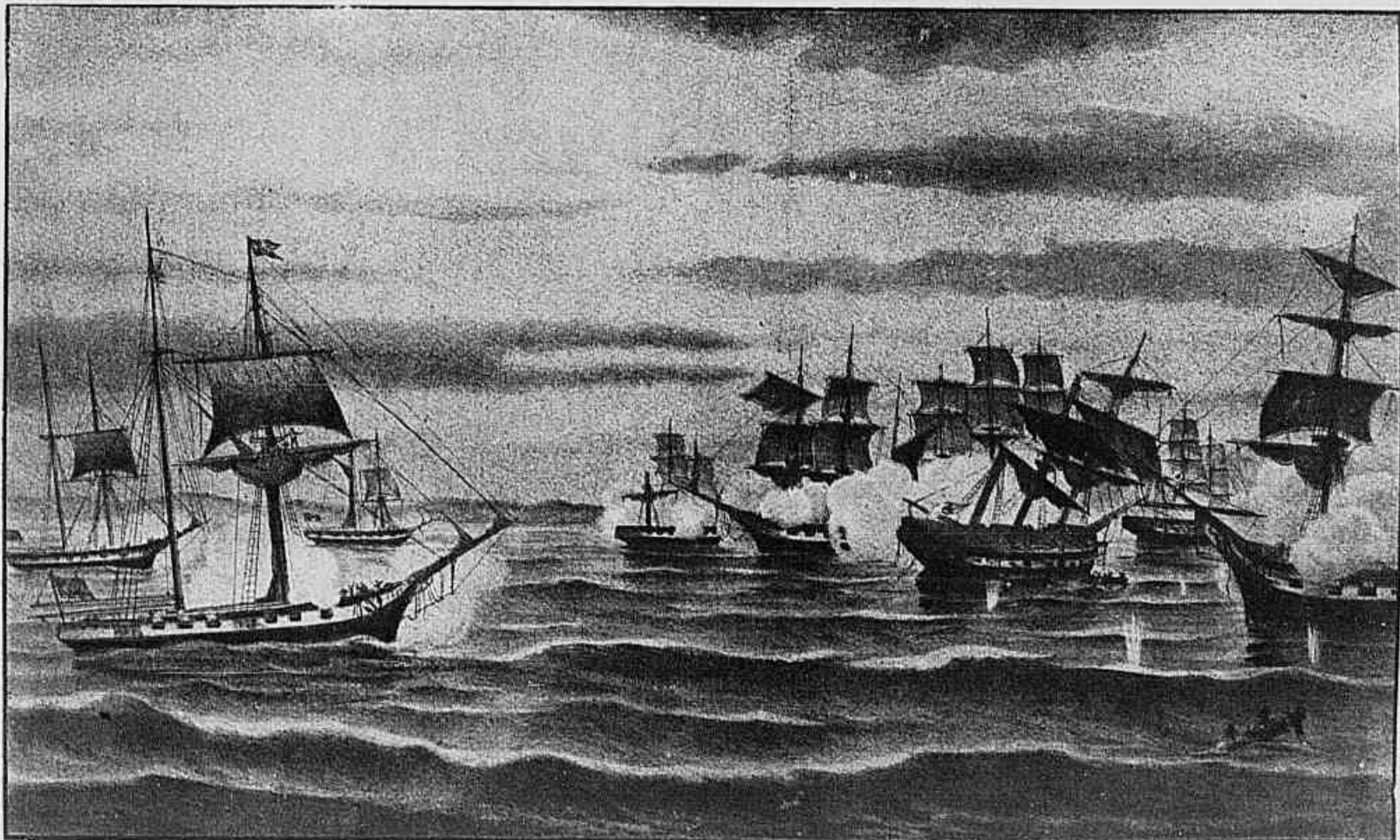
do general Labatut e outra ás ordens do general Lecór, para que em taes localidades protegessem aos que se interessavam pela independencia nacional e atacassem as forças contrarias de Madeira e de D. Alvaro da Costa. Na falta de mais recursos de que podiam lançar mão, para aniquilar o poder maritimo da metropole, expedem um Alvará do Regimento, concedendo a brasileiros e a estrangeiros a faculdade de armamento de corsarios contra a bandeira portugueza e propriedades publicas e particulares dos subditos inimigos.

Martim Francisco prepara um interessante plano para aquisição gradual e successiva de navios de guerra, sem gravame para os cofres publicos e nem sobrecarga para o bolso particular, pelo qual, por uma subscrição geral, mensalmente, se poderia obter somma sufficiente a taes aquisições. Ordena o concerto de todos os navios em serviço e manda que com este fim o arsenal trabalhe ininterrompidamente. Pede aos ministros no exterior a remessa rapida das tripulações contratadas e para o commando da esquadra convida a Thomaz Alexandre Cockrane, que na sua estancia de Quintero, no Chile, descansava dos serviços que allegava haver prestado á marinha desse paiz. Este assigna um contrato em que por clausulas especiaes se lhe asseguram e aos officiaes que em sua companhia trouxesse, postos, soldos e demais vantagens, da mesma cathgoria e do mesmo valor que naquella republica se lhes havia concedido.

Cockrane era um ex-official da marinha ingleza, pertencia á alta nobreza do seu paiz e havia sido outr'ora membro do seu parlamento. Conhecido como um marinheiro valente, a sua audacia, a sua bravura e o seu heroismo foram causa seguida de sua chamada para as arriscadas aventuras pela liberdade das republicas hespanholas no continente sul americano.

Mas, ao lado destes predicados, possuia outros que o deixavam ver como um ambicioso, um louco por dinheiro, a cuja idolatria sacrificava a fama das innumeras façanhas que praticára. De facto, em parte, deu ao nosso paiz o prestigio do seu nome, o brilho das suas tentativas e dos seus successos guerreiros, estes aureolados inda mais pelo modo exaggerado e inconveniente com que o governo vinha de lhe formular o seu convite, mandando informar-lhe de que a honra e a gloria estavam no paiz anciosas, á espera d'elle, para que viesse dar aos seus exercitos navaes a ordem admiravel e a disciplina incomparavel que reinavam e existiam na marinha ingleza, mas ao mesmo tempo lhe acarretou desgostos e contrariedades taes que ao partir de vez, para sua terra natal, nenhuma recordação deixou dos seus serviços, aliás estes, por motivos alheios á sua vontade, de resultados consideraveis para o exito da causa que se queria vencer.

Recebeu a patente de primeiro almirante da armada nacional e imperial, a qual fôra creada com o intuito exclusivo do mesmo poder exercer a superioridade do mando sobre os demais almirantes existentes. Assume o commando e iça a bordo da não *Pedro I* o seu pavilhão. Nesta occasião aquelles se portam da mesma maneira que os almirantes chilenos, quando coube ao almirante Cockrane assumir em Valparaizo o commando da esquadra, os quaes reconheceram a incontestavel superioridade desse afamado marinheiro, e com uma generosidade patriótica deixam-se ficar á mercê dos seus hypothet-



COMBATES DE JOÃO DAS BOTAS

tiões conselhos, no correr destas lutas tão mal iniciadas pelo almirante Rodrigo De Lamare.

Visita os navios da esquadra, reconhece o bom estado de conservação de quasi todos e diz duvidar só do preparo de algumas guarnições, pois estas se compunham ainda de portuguezes oriundos ou da peor camada social ou das companhias constituídas pelo refugio dos navios do commercio de Portugal.

Esta compunha-se dos seguintes navios :

Não *Pedro I*, com 78 canhões, commandante Crosbie; fragata *Nietheroy*, com 40 canhões, commandante Taylor; fragata *Ypiranga*, com 52 canhões commandante Jewet; corveta *Liberal*, com 22 canhões, commandante Garçã; corveta *Maria da Gloria*, com 32 canhões, commandante Beaurepaire; brigue *Guarany*, com 16 canhões, commandante Couto, e escuna *Real Pedro*, com 16 canhões, commandante Xavier de Castro.

OPERAÇÕES DA ESQUADRA BRASILEIRA

Recebe ordem para ir bloquear a Bahia com os navios que escolhesse e se lhe concede o direito de destruir as embarcações e propriedades inimigas onde quer estas se encontrassem.

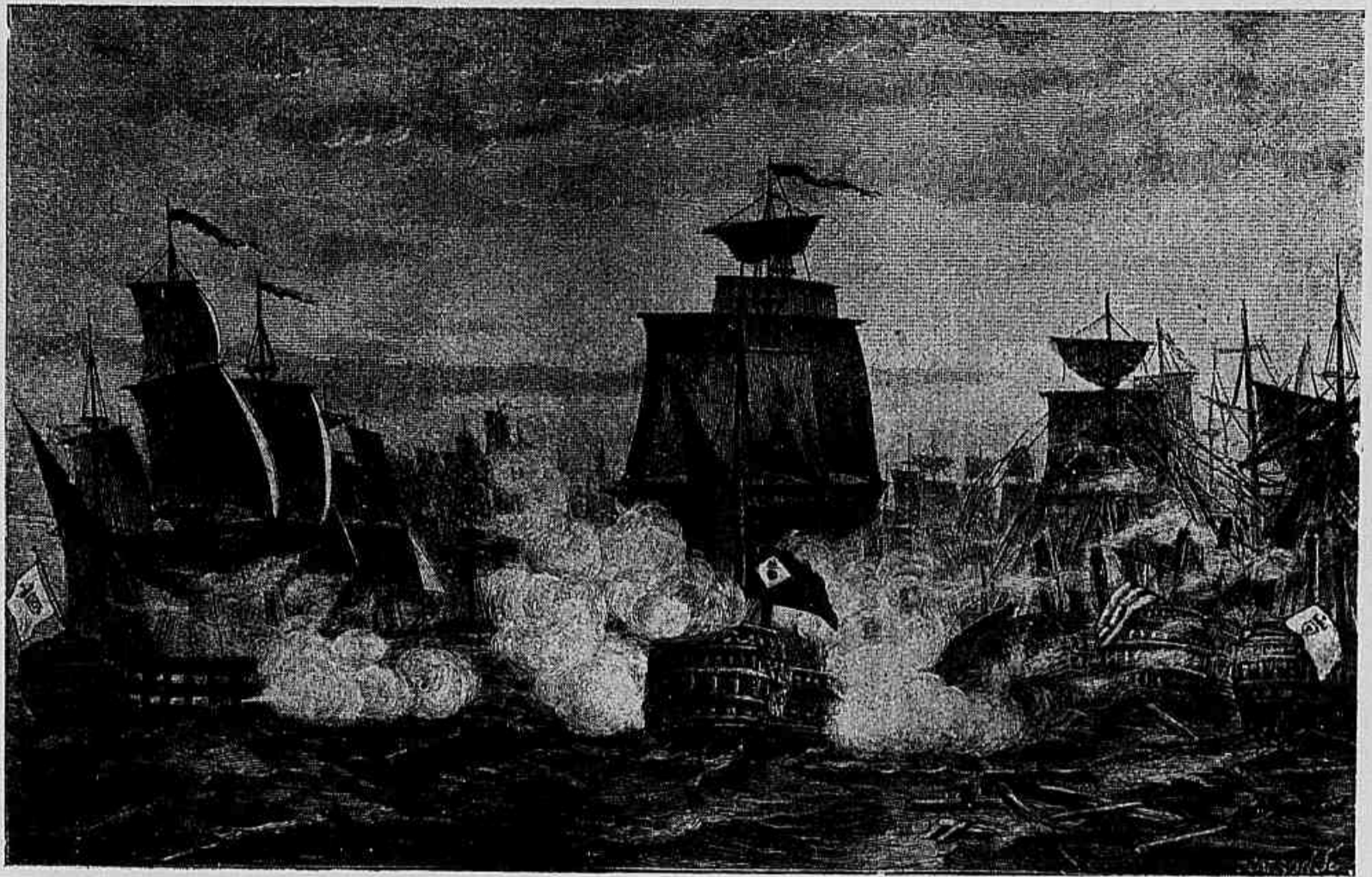
Com este intuito faz-se de vela para o ponto indicado, e a 26 do mesmo mez avista a esquadra portugueza ainda dentro do porto, e, sem se animar a atacal-a immediatamente, consente a mesma se prepare e parta d'alli a navegar em mar alto.

Esta esquadra compunha-se dos seguintes navios, todos sob o commando do chefe de divisão José Felix Pereira de Campos:

Não *D. João VI*, com 74 canhões, commandante capitão de fragata Cunha; fragata *Perola*, com 44 canhões, commandante capitão de fragata Amorim; fragata *Constituição*, com 50 canhões, commandante capitão de fragata Bruno de Moraes; corveta *Regeneração*, com 26 canhões, commandante capitão de fragata Silveira da Motta; corveta *Dez de Fevereiro*, com 26 canhões, commandante capitão de fragata Gil de Noronha; corveta *Calypto*, com 22 canhões, commandante 1º tenente Flores; corveta *Príncipe Real*, com 22 canhões, commandante 1º tenente Rodrigues; bergantim *Audaz*, com 18 canhões, commandante capitão-tenente Costa Carvalho; escuna *Príncipe*, com 24 canhões, commandante tenente Carvalho; escuna *Conceição*, uma charua e um lugar.

Na manhã de 4 de Maio seguinte encontram-se as forças em operações, e Cockrane, depois de uma pequena serie de evoluções e de movimentos tacticos que não produziram resultado algum e em que pareceu querer este chefe praticar a manobra tantas vezes executada por Nelson de atacar com toda sua força uma fracção ou parte da linha inimiga, para depois destruir a outra parte, bate em retirada para o morro de S. Paulo, attribuindo o fracasso de sua missão tanto ao pouco preparo das suas guarnições para o manejo das armas e aparelhos de bordo, como a heterogeneidade dellas, e a não comprehensão das mesmas dos signaes feitos no momento de combate.

Por ter havido, disse, em um dos navios, e este precisamente era o navio chefe, tres artilheiros que se recusaram á entrega de munições para o fogo, com a declaração que dos paíões não sahiria mais polvora para atirar sobre portuguezes, teme a acção dos que ainda manobravam a bordo, embora como o af-



NÃO "PEDRO I", COM O PAVILHÃO DO ALMIRANTE LORD COCKRANE, PERSEGUINDO E DESBARATANDO, NA BAHIA, A 2 DE JULHO DE 1823, UMA FROTA PORTUGUEZA DE 13 NAVIOS DE GUERRA E UM COMBOIO DE 70 NAVIOS MERCANTES DE TRANSPORTES.

firmou, na marinha portugueza, o Sr. conselheiro Celestino Soares, em um dos seus Quadros Navaes, ali existissem destacamentos de marinheiros de diferentes nacionalidades que no momento sobre elles cahiram, prendendo-os e os carregando de ferros.

As guarnições dos navios inimigos eram formadas do pessoal tão bisonho como eram as dos navios brasileiros; ambas as forças, portanto, sob este ponto de vista, encontravam-se em condições perfeitamente identicas.

Felix de Campos era um official sem prestigio e ignorante mesmo em materia de sua profissão. Quando o almirante Delamare appareceu em frente á Bahia, trazendo ainda içados nos seus navios o pavilhão portuguez, elle não tivera a coragem precisa, como determinavam as instruções em seu poder, de ordenar a entrega daquelles; ao passo que o almirante Cockrane passava por habilissimo marinheiro e de coragem a toda prova, embora esta as mais das vezes fosse por demais intempestiva. Os commandados deste ultimo, pois, mais que os daquelle, poderiam esperar exemplos de confiança que os animassem a se baterem com a galhardia precisa na luta.

As forças de Felix de Campos apresentaram-se no campo de combate em pessima formatura, e os commandantes, quasi que sem excepção alguma, executaram os movimentos que se lhes determinaram com uma morosidade de esmorecer.

No momento diziam os portuguezes estarem entre Scylla e Charybides, isto é, que de um lado tinham de manobrar de accôrdo com o general Madeira, que se intitulava o commandante em chefe de todas as forças em operações, e que do outro

queriam evitar o sobrececho do Rei, que, como pae, desejava proteger a causa que o filho defendia.

Não havia entre elles o concurso mutuo dos que desejavam vencer na peleja, pois imperfeita e inconveniente era a comprehensão da responsabilidade que haviam assumido e de que não comprehendiam o valor no momento. O mesmo succedia nas forças brasileiras. Não consta dos archivos nacionaes indicio algum de que Cockrane, como Felix de Campos, hevesse cogitado da confecção preliminar de um plano de combate segundo o qual fosse assegurado o exito da luta.

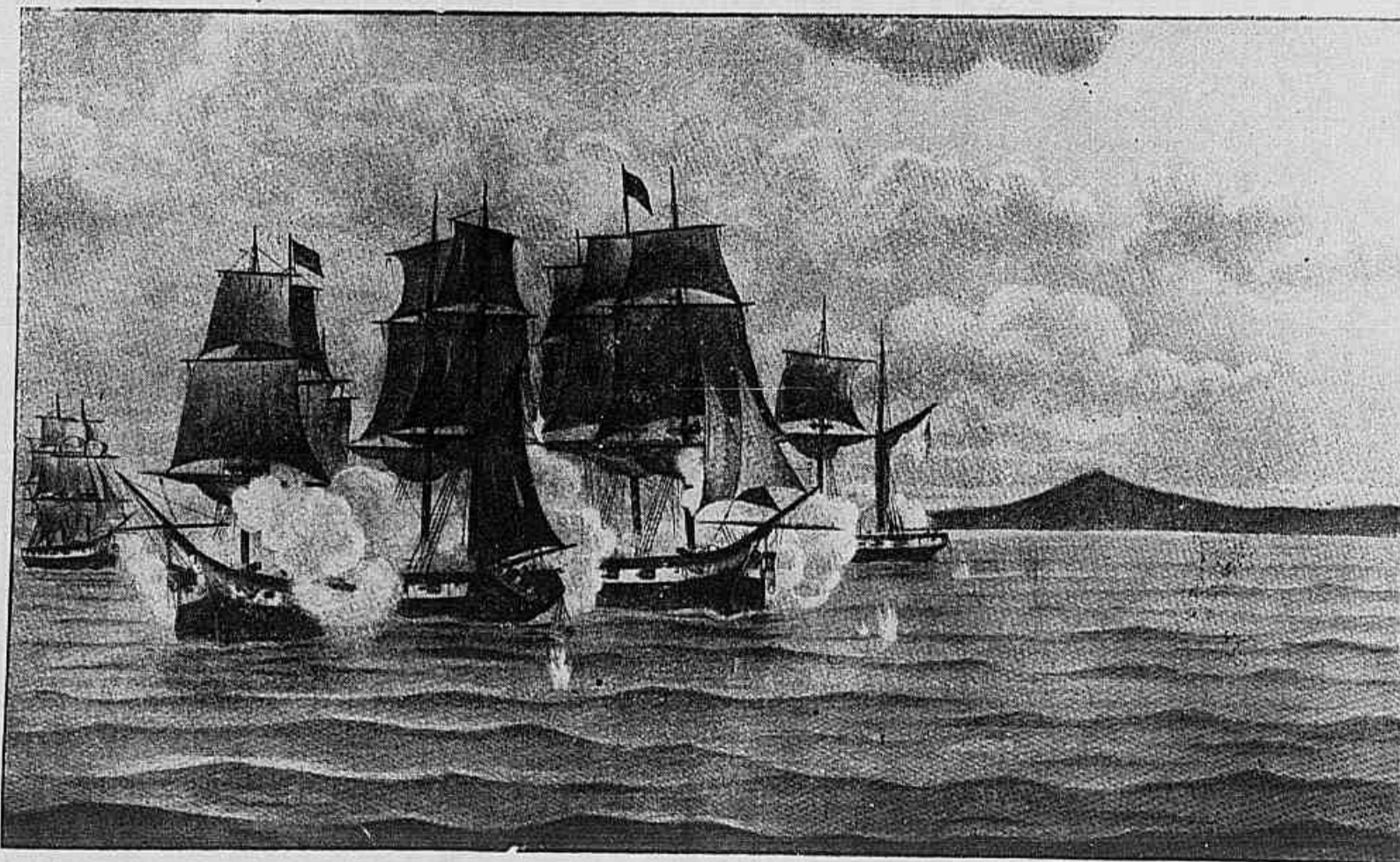
Não pensaram nas recommendações previas dos detalhes necessarios á sua execução e por isto não conseguiram rapidez nas evoluções que praticaram de parte a parte. Ao tempo, Nelson já havia demonstrado, no celebre memorandum por elle elaborado antes de começar a sua extraordinaria perseguição a Villeneuve, que se o pensamento do chefe fôr o de vencer a todo transe, no momento de traval-a serão de todo inuteis os signaes, desde que cada um esteja disposto a cumprir rigorosamente o que seja de seu dever. Quebrada a fila, disse Jurien de La Gravière, pôde-se fechar o livro que os classifica, porque desde logo começa a responsabilidade util dos que commandam em segundo.

ESCARAMUÇAS ATE' 2 DE JULHO DE 1823

No morro de São Paulo, ponto que elle dissera ser da maior importancia strategica para os seus futuros planos de guerra, e que, em verdade, não foi mais que um antro temivel onde fazia recolher as innumeradas presas de que se apoderava, recebe o reforço da fragata *Carolina*, com 44 canhões, do commando de Thompson, e mais o do brigue escuna *Rio da Prata*, o da charrua *Lucinda* e o de um brigue mercante, e dentro do porto da Bahia, contando com um grande numero de pequenas embarcações armadas e preparadas pelo celebre 1º tenente João das Botas, anima-se, logo sabe estarem os navios portuguezes a abandonar a cidade, a partir dali e vir com o grosso de suas forças a atacar os transportes de commercio, que não dispunham de artilharia, para facilmente apressal-os e assim se locupletar com o producto dos ricos carregamentos que a precipitação da retirada e necessidade do momento haviam feito conduzir para bordo. Neste ponto, antes, para os melhores navios escolhe as equipagens que mais confiança lhe mereciam, dispõe a artilharia mais acertadamente, prepara brulotes, como já o havia feito em Aix e em Calhau, e a 12 de Junho chega com o auxilio da escuridão da noite e descuidada vigilância do inimigo a tiro de revolver com o inimigo. Escasceia o vento e impellidos pela correnteza do refluxo abandonam o commettimento.

Volta de novo a elle desde o instante em que tem certeza de que em conselho haviam os portuguezes resolvido não continuar a resistencia e, portanto, a não levarem mais ataque nenhum ás linhas inimigas.

No dia 2 de Julho procedem por tal maneira, partindo todos a se reunir ou aos portuguezes



COMBATE NAVAL DE 21 DE OUTUBRO DE 1823

no Maranhão, ou ás forças de D. Alvaro da Costa, que em Montevideo estava a lutar com o general Lacér.

Neste dia, não com a *Pedro I* de seu commando, sozinho, como parece fazer crer a figura junta, mas com outros dos mais fortes da sua divisão, espera a noite para destroçar o comboio e captural-os se possível fosse, e ao amanhecer, por haver reconhecido estar entre a terra e a esquadra de Felix de Campos, e ter visto que dos seus



CAPITÃO-TENENTE JOHN PASCOL GRENFELL,

COMMANDANTE DAS FORÇAS NAVAES EM OPERAÇÕES NA PROVINCIA DO PARÁ.

navios uns já haviam desaparecido, vae até a latitude 4° norte, e dahi, por suppor que parte do comboio seguira para o Maranhão, para este porto faz proa, permittindo que a esquadra inimiga seguisse o caminho que lhe approvessse, pois não era de crer que a *Nictheroy*, do commando de Taylor, fosse de força sufficiente a forçá-la a tomar o rumo que porventura indicasse.

A inacção da esquadra portugueza em condições taes só se explica pelas dissensões e desavenças que a cada momento appareciam entre os chefes a quem o governo confiara a direcção de todas as operações.

O general Madeira não confiava em Felix de Campos, visto que este, contra as suas determinações, sempre se insurgia, asseverando que instruções especiaes lhe garantiam o exercicio de funções daquelle de todo independentes. As guarnições estavam ao par destas discordias e por isso, quando receberam ordem de deixar a Bahia, por não esperarem nada mais do paiz a que pertenciam, quizeram lançar fogo aos navios, o qual chegou ainda a manifestar-se em alguns. As sedições a bordo, promovidas pela marinhagem, obedeciam a accôrdo ou eram influenciadas por traidores que os incitavam a uma revolta geral. E a todos estes motivos, mais que ao famigerado nome de Lord Cockrane, foi que ás forças portuguezas sobreveiu a serie de catastrophes que aniquilaram de vez o seu poder.

Quanto ao combate de 4 de Maio, o commandante da charrua inimiga *Princesa Real*, em parte official, depois de se referir á vergonhosa retirada de Cocrakne, e de se pronunciar sobre a desigualdade de forças com que foram atacados no combate, considerou aquelle como um aventureiro sem coragem para enfrentar a linha onde estavam os navios contrarios, e se outros não puderam julgar do mesmo modo, nós o devemos aos cuidados e reservas de sua parte, em se esquivar a uma medida de forças toda vez que a occasião para isto se offercia.

SUCCESSOS AO NORTE E AO SUL

Suspeitando de que com o apresamento dos navios mercantes que soubera se terem dirigido para o Maranhão inda maiores seriam os proventos a conseguir, segue também para aquella provincia, onde ao chegar se apodera logo de quanta mercadoria e embarcações portuguezas se encontravam na alfandega e no porto, reputando tudo boa presa, e com o pretexto de falta de conducção e meios para remettel-as para o Rio, vende-as logo por dois terços do preço por que foram avaliadas aos proprios commerciantes da localidade, muitos dos quaes portuguezes. Recolhe todo o dinheiro encontrado nos co-

fres publicos e caixas militares, o que por confissão propria subira a muitos milhões de pesos fortes.

Depois de accita a independencia por esta provincia vem para o Rio, tendo antes feito Grenfell seguir para o Pará a obter o mesmo fim.

Este commandante consegue formar uma Junta para governar a provincia e faz com que as autoridades portuguezas reconheçam logo a Independencia do Imperio.

Soldados e gente do povo exaltada, todos brasileiros, pouco depois tentam por motivos diversos a deposição da mesma Junta. Grenfell, inda que soubesse ser o intuito principal destes o fazer embarcar para Portugal todos os que se haviam opposto á sua Independencia, dá mão forte aos que com isto não concordavam, prendendo e castigando os descontentes com uma crueldade inaudita e até então desconhecida nos annaes da historia maritima do Brasil.

Confisca as fazendas que estavam em deposito, na alfandega, ordena a captura dos navios no porto, e manda, ou pelo menos consente, que um dos seus commandados receba a bordo para mais de 200 d'aquelles amotinados, onde os entulhou no porão, em que se não podiam mover, e de que a capacidade era por demais insufficiente para contel-os, sem que a luz e o ar lhes fizessem immensa falta.

Apezar dos gritos de horror e signaes de agonia e loucura com que estes pobres prisioneiros clamavam por sua misericordia e sua clemencia, não permite que dali se os retire, mandando antes que a tiros de fuzil e saccos de cal se lhes tirasse a vida.

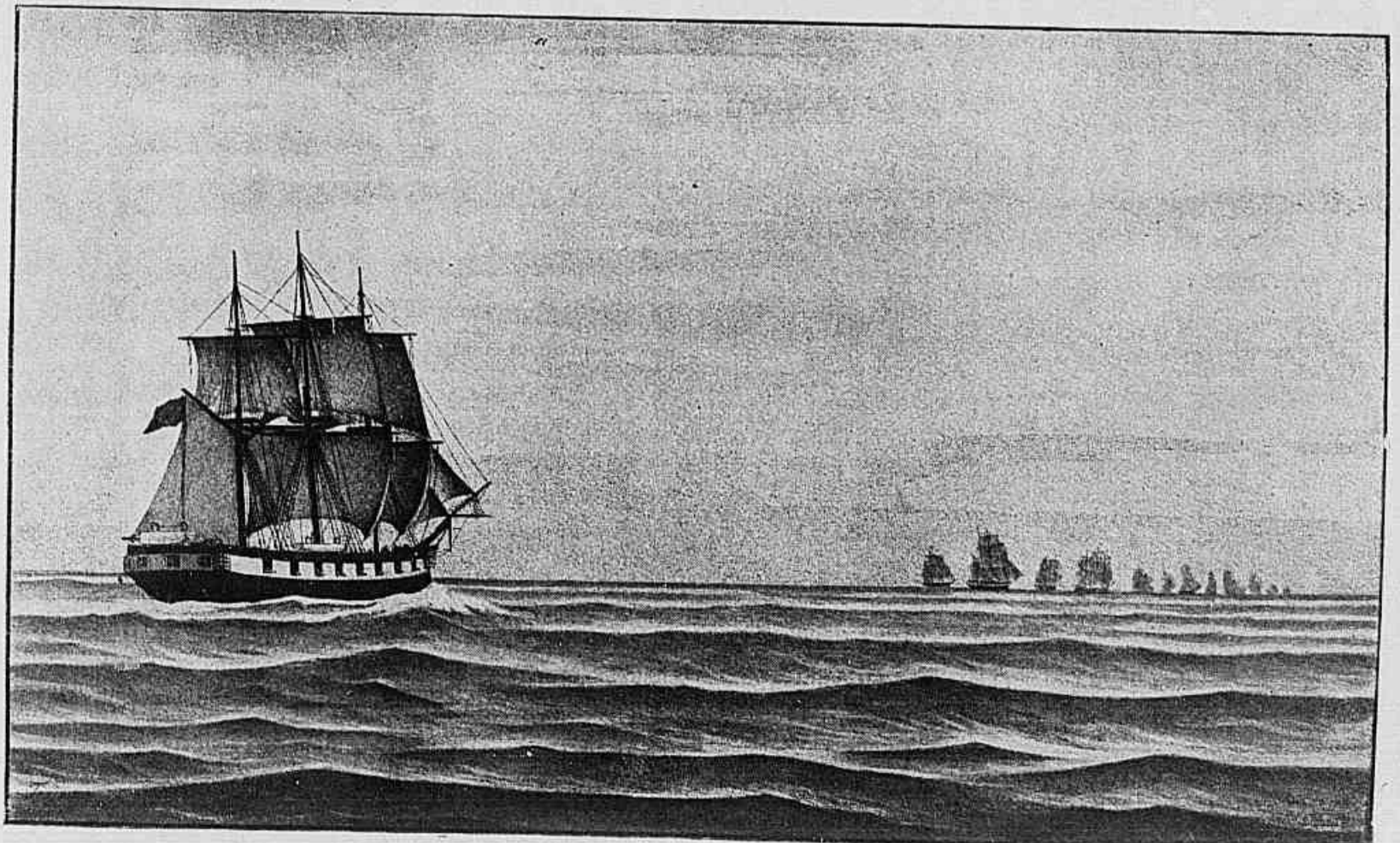
Em seguida faz seguir uma esquadilha de pequenas embarcações para os portos da provincia ainda recalcitrantes em reconhecer a Independencia nacional, e sem esperar ficasse em paz toda a região, vem em direitura para o Rio, deixando continuasse a luta entre as facções que se degladiavam pelo poder.

O defensor ostensivo da independencia abandonou a provincia quando mais era necessaria a sua presença, pois uma parte consideravel do interior estava a arder ainda por entre as chammass da discordia civil.

E' que não havia mais presas a conseguir. A execução do seu trabalho, na parte que dizia ter sido ser a mais penosa, não estava no amor não demonstrado pela victoria da causa publica, da causa por que se batia o paiz para o qual se contratára servir. Esta consistiu, sim, tal como o provou por occasião de sua partida, em dar muito recommendada a cobrança do restante que lhe era ainda devido pelas presas que conseguira effectuar.

Movimentos subversivos dão-se posteriormente em Pernambuco, no Rio Grande do Norte, Ceará e Parahyba, e por tal motivo o governo é forçado, outra vez, a socorrer-se dos serviços de Cockrane, que na Capital estava a reclamar a parte de dinheiro que lhe cabia pelos apresamentos feitos.

A' frente de uma divisão vae a Pernambuco, onde não obtém a pacificação da provincia, ainda que sob a ameaça de destruição das embarcações inimigas, do entulhamento da barra por cascos de navios, tudo como preliminar de um bloqueio que não chegou a executar. Segue depois para a Bahia e dahi chega ao Maranhão, para collocar na presidencia da provincia quem fosse capaz de entregar-lhe as sommas precisas a cobrir os prejuizos que dizia lhe terem provindo pela sua estadia na cidade no anno anterior.



PERSEGUIÇÃO Á ESQUADRA PORTUGUEZA PELA "NICTHEROY"

Passa o commando da esquadra ao commandante Dewet, logo se apodera da quantia que queria, e manda que este caminhe para a Bahia, para onde fez constar também seguiria. Embarca-se ao depois na fragata *Ypiranga*, faz-se de vela para Plymouth, e dahi parte para Londres a receber, cavilosamente, de nosso ministro naquella côrte acreditado, o pagamento integral de todos os seus ordenados e os da guarnição e bem assim o dinheiro que houvera despendido para transportar-se até aquelle ponto, onde teve o desprazer e a justiça de receber a demissão do posto que ainda occupava na marinha Imperial.

Antes, quando o Imperador lhe concedera o titulo de Marquez de Maranhão, o deputado Montezuma a isto se oppoz com todo o seu talento e a sua eloquencia, visto que o seu interesseiro modo de proceder não permittia se lhe tributasse distincção para a concessão da qual o congresso ainda não se havia pronunciado a respeito. O Brasil reconhecia que a ganancia mercantil do velho marinheiro sobrepujava ao seu supposto amor pela causa da liberdade publica.

Emquanto o Norte adheia á Independencia, a Cisplatina, no Sul, inda se oppunha a esta aspiração nacional. As forças navaes alli estacionadas eram, com excepção da escuna *Maria Thereza*, positivamente pelo Brasil. Só do chefe que a commandava e que da trahição fazia arma principal, logo se encontrava em qualquer difficuldade, se suspeitava a fidelidade. Até o ultimo momento o almirante Rodrigues Lobo fez crer a D. Alvaro da Costa estar a seu lado na defesa de Portugal, que tantos e tão serios desgostos já devia á sua incompetencia e á maleabilidade de seu caracter detestavel.

O governo força os portuguezes a fazerem causa commum com as forças brasileiras ou, se a isto não annuissem, a embarcarem as tropas e a marcharem a bordo das mesmas, caminho de Lisboa.

Tendo o general portuguez deliberado sustentar pelas armas a attitude por elle assumida, determina então destituir do commando dos navios estacionados naquelle ponto ao duvidoso almirante Rodrigues Lobo, fazendo-o substituir pelo capitão de mar e guerra Pedro Nunes.

Estes eram a corveta *Liberal*, os brigues *Cacique*, *Real Pedro* e *Guarany*, e as escunas *Seis de Fevereiro* e *Leopoldina*.

Os navios portuguezes constavam das corvetas *Conde dos Arcos* e *General Lecór*, brigue *Liguri* e escuna *Maria Thereza*.

Batem-se com denodo, tendo sido o inimigo obrigado depois a recolher-se ao porto, para abrigar-se sob as baterias de terra, donde mais não podiam ser molestados pelos navios nacionaes, abrigo de que não sahiram até que, convencidos da inutilidade da resistencia, tiveram de retirar-se para levar a Portugal a noticia de que nem um só soldado lusitano pisava mais o solo do Brasil.

Por esse tempo, graças ás providencias tomadas pelo illustre Sr. Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, as guarnições dos navios eram em sua grande maioria compostas de nacionaes. Este eminente estadista affirmava não ser preciso mais se cogitar do idioma com que deviam ser executadas as manobras a bordo. As guarnições brasileiras já superavam as portuguezas e estrangeiras reunidas, e, por maior que fosse a habilidade destes em todas as fainas, o mesmo interesse não podiam ter pelas coisas de uma terra que não era delles. Ninguem ignora os pro-

digios de que é capaz o entusiasmo pela gloria patria, e quantas vezes delle depende a sorte dos combates.

INCAPACIDADE DE COCKRANE COMO ADMINISTRADOR—VALOR DE SEU CARACTER MILITAR

Cockrane não tinha a capacidade de administrador que os nossos politicos suppuzeram elle possuisse, pois se assim fosse não teria se abalançado a propôr as leis de seu paiz para uso em nossos navios, mórmente no estado de insufficiencia technica professional em que dizia estarem, tanto a officialidade como as guarnições destes supracitados navios. Taes leis podiam ser perfectas, como elementos do systema de que eram parte; mas, para serem adoptadas com utilidade em um paiz como o nosso, era indispensavel que soffressem modificações e alterações proporcionadas ao estado de civilização deste, aos seus usos, aos seus costumes, á natureza e á indole de sua organização politica, até mesmo ás circumstancias phisicas do seu territorio, cuja influencia pôde arrastal-o antes para um que para outro genero de industria nacional. O Sr. almirante Pereira Pinto, outr'ora, com muito acerto, disse as melhores leis servirem aos homens, quando os espiritos, á imitação dos terrenos, estejam preparados para as receber e tornar fructiferas. Elle não procedeu quanto aos interesses brasileiros da mesma maneira que o seu grande compatriota o almirante Brown, quando ao serviço da marinha argentina. Em logar de, como este, exigir toda a sorte de recursos indispensaveis ao apresto dos navios sob seu mando, expõe-se a um desastre certo, para depois allegar em seu favor a inexperiencia dellas e o máo estado de conservação destes. Mas o seu objectivo não foi nunca o de corresponder á confiança do governo imperial e nem o de pugnar pela Independencia nacional, pois, se fôra assim, uma vez aguerridas as guarnições e prompta a esquadra, iria bater-se honrosamente com o inimigo e não atirar-se a embarcações mercantes, onde pela pilhagem só cuidava de se apoderar das barras de ouro e das especiarias ricas que no bôjo dellas se achavam enthesouradas.

Mitre, o grande Mitre, em sua *Historia de San Martin*, diz que Cockrane não tinha as virtudes moraes e nem o caracter excepcional que se requer para commandante em chefe; nunca tratou de captar a confiança e o devotamento dos seus subordinados; não tinha percepção militar; era forte de energia, mas sem a tenacidade sufficiente para cumprir uma ordem, desde que da execução dessa não lhe proviesse vantagem de ordem pecuniaria. Era governado por um caracter imperioso, por uma imaginação ardente, unida a um ingenho fecundo em expedientes, um heroe de aventuras extraordinarias, mais do que um cabo

de guerra, leal e desinteressado, de espirito equitativo e juizo equilibrado, qualidades estas sem as quaes a bravura, como se sabe, se torna questão de temperamento e o proprio genio uma luz intermittente.

Por nossa propria conta diremos agora: Cockrane era audaz e experimentado nas coisas do mar e com capacidade para ser um bom commandado; era um genio singular animado pelo poder individual que domina os acontecimentos dentro de uma determinada esphera de acção, porém, nem por isto, dominou o seu proprio destino e nem deixou escola que prolongasse o seu espirito na posteridade.

O seu paiz o repudiou com desprezo e elle do mesmo se separou, maldizendo-o sempre. Do Chile, do Perú, do Brasil e da Grecia se afastou enojado, e no seu testemunho historico os estigmatizou como ingratos, calculando em ouro, como objecto de negocio, o preço dos seus serviços.

Era dotado de faculdades intellectuaes, ainda que sem talentos politicos e nem methodo algum, quando se dava ao desempenho de qualquer commissão; era um executor de feitos prodigiosos, mas sem que por isso conquistasse na historia nome para uma destas paginas, que têm por si só significação e poder moral capaz de pôr em relevo qualquer acção humana.

Cockrane não se mostrou, no Brasil, possuidor dos dotes excepcionaes, militares e professionaes, que se requer em um chefe sob cuja e unica responsabilidade se entrega o exito de uma campanha.

Mostrou falta de percepção militar, quando nas costas da Bahia não avaliou bem da posição e do valor das forças adversas, em relação com as que, no momento, estavam sob sua direcção. Exaggerando sempre o numero de navios do inimigo, fugia ao contacto com este e pouca perseverança e fraqueza mostrou na perseguição á esquadra portugueza, quando esta fugia para Lisboa. A velocidade de sua esquadra consentia dar-lhes uma segura caça, pois, muito pesados os navios, tanto pela tropa que traziam, como pelos apetrechos e munições que conduziam, eram todos os da frota contraria.

A ESQUADRA BRASILEIRA COMO AGENTE PRINCIPAL DA UNIÃO NACIONAL — CLARIVIDENCIA DOS ESTADISTAS PATRIOS A ESTE RESPEITO — GLORIA AOS IRMÃOS ANDRADAS

Ao almirante Cockrane, menos que a outros officiaes inglezes que sob as suas ordens serviram em nosso paiz, devemos a conquista de nossa liberdade. Aos estadistas daquelle tempo sim: á habilidade, ao patriotismo, ao entusiasmo, á confiança, á valiosa cooperação dos serviços de todos elles em prol daquella causa santa e justa, mórmente á ousadia do maior de todos elles, ao excelso patriar-

cha daquelle glorioso feito, o eminente José Bonifacio, deve o Brasil a felicidade da sua Independencia.

Foram elles que se esforçaram desde logo para a criação daquella marinha, pois estavam convictos de que sem o auxilio de força de tal natureza não seria de todo possível firmar uma união solida e duradoura entre fragmentos de possessões autonomas, porém, no momento, partes esparsas de uma colonia muito enfraquecida já em sua cohesão pelas continuas e successivas disputas dos seus governos entre si.

A Martin Francisco, irmão de José Bonifacio, deve-se a concepção daquelle plano para reforço de material em serviço; ao criterio e aos cuidados de José Bonifacio deve-se a vinda dos famosos mercenarios que, de algum modo, por proveito proprio e resultados de alguma vantagem para a marinha, suppriram o que inda de escasso e de deficiente existia nesta corporação; á voz fogosa, eloquente e apaixonada de Antonio Carlos, tambem seu irmão, inspirada pela sabedoria e convicção profundamente democratica daquelles dois grandes estadistas patrios, de mãos dadas ao que a nação possuia de mais notavel pela cultura, pelo talento e pelo saber, com o amparo e serviços das forças de mar que crearam e dos exercitos que reorganizaram, deve sobretudo o Brasil ter despejado "as reichas da estreita jaula onde o tinha enclausurado o cioso egoismo da metropole."

Ao conhecimento, pois, da politica naval, que o nosso paiz deveria seguir naquelle instante critico da vida nacional; á familiaridade dos estadistas do tempo com os principios militares fundamentaes, proprios a serem applicados ás circumstancias da occasião; aos intelligentes esforços e solidez de preparo dos officiaes brasileiros natos, na Armada, e acima de tudo ao interesse de todos em cuidar dos meios de defesa do paiz, estudando os perigos que o ameaçavam e o modo ou maneira de os conjurar, deveu o primeiro imperador a obra da criação da nacionalidade brasileira.

Cockrane, os officiaes que o acompanharam, e as guarnições estrangeiras que estavam a bordo dos navios em que serviam e commandava, nada mais foram que executores parciais daquella criação patriótica, a qual em vez de affrouxar, como queriam, os vinculos moraes das nações em disputa, uma querendo a todo transe o seu senhorio, a outra tentando sacudir o pesado jugo de uma vassalagem impossivel de supportar, mais os apertou, convertendo-as em dois povos independentes, é facto, porém irmãos unidos, pelo menos por vontade do Brasil, pelos laços seguros e firmes de uma grande solidariedade, cimentada por uma mesma communhão de sangue, de pezares e de affectos.

Rio, Agosto de 1921.



"TARDE NO AÇUDE" — QUADRO DE JORGE DE MENDONÇA, PREMIADO COM GRANDE MEDALHA DE PRATA NO SALÃO DE 1921 E ADQUIRIDO PELO GOVERNO PARA A PINACOTECA DA ESCOLA NACIONAL DE BELLAS ARTES.

O autor de "Tarde no Açude", tão admirado pelas suas paizagens e marinhas, é um dos nossos pintores mais amorosos da natureza. Elle comprehende e sente a alma da terra com aquella sensibilidade dos homens antigos, que eram simples e acreditavam na divindade da belleza esparsa pelo Universo, nas arvores e nos rios, nas montanhas e nas nuvens, e na aurora, no meio-dia, nos longos crepusculos, ao poente; na maravilha do luar dentro da noite...

Com a technica moderna, Jorge de Mendonça é puro como um primitivo na maneira de interpretar os "modelos" das suas telas. Esses "modelos", de uma essencia commum, são, entretanto, sempre differentes.

É a obra do artista, guardada nas melhores galerias do Rio e de São Paulo, é um lindo poema de glorificação aos recantos espirituaes das praias, dos campos e das serras do Brasil.

"Tarde no Açude", entrando para o numero dos quadros consagrados, deu a Jorge de Mendonça a oportunidade de ser querido por um publico maior.

exhausto, a repousou na grama. Oh! não ter o seu cavallo ali, pensou...

Era, porém, proximo o posto. Iria até lá. Pediria ao posteiro o seu cavallo; diria que viera, distraído, até ali, caçando tatús e, uma vez servido, levaria Pana á garupa, caminharia toda a noite e, depois? Depois, em terras longinquoas, a felicidade, a posse da mulher amada, por cuja conquista estivera a pique de lutar, de exterminar, se preciso fosse, o arraial todo dos ciganos.

As primeiras barras do dia tingiam já o horizonte, quando Mario, passada a fronteira, chegou á porta de um rancho plantado á beira da estrada, no sopé de uma coxilha.

Sem desmontar, com o cabo do relho, golpeou a porta, ajuntando a interpeção "O' de casa!"

Sentindo que não lhe correspondiam a chamada, boleou a perna e, approximando-se da porta, desatou uma guasca que a fechava, entrando. Como não visse ninguem, comprehendeu logo que o seu dono andava empenhado no seu perigoso trabalho.

Tomou Pana ao collo, descansou-a á beira de um miseravel catre e esperou que o dia clareasse definitivamente.

Feliciano, a quem tantas vezes servira, ajudou-o, com certeza.

E, enquanto esperava, meigo e docil, chegou-se á Pana e, sentado a seus pés, entreteve a sua paixão, communicando-lhe os seus projectos. Casar-se-ia com ella, tirava-a daquella vida aviltante e miseravel, cobria-a das mais lindas joias e dos mais finos tecidos; viveriam felizes, ignorados.

— *Pero Mirko me vá a buscar endonde yo esté y entonces...* disse a cigana.

— *Lo mataré como a un perro!* exclamou Mario.

— *El me golpeará sin que usted sepa...*

— *Ya seré tu sombra; nadie te verá sin que primer me vea!...*

— *Mi suerte la traigo escrita en mis manos... Si tu supieras... Está resuelto que yo me muera por el cuchillo de Mirko, mi esposo!...*

.....

Um dia Feliciano devia jogar o lance maximo de sua vida aventureira. Fôra encarregado de passar, para o Brasil, vultuoso contrabando de sedas e joias. Se fosse feliz, resolvera, não mais se metteria em "negocitos miches"; cuidar-se-ia mais, pois com o resultado daquelle serviço, junto ás economias que já tinha, via assegurado o seu descanso, a velhice calma e independente, velhice que já lhe vinha apontando nos cabellos duros de indio creado ao rigor de soes causticantes e minuanos bravios.

Aos primeiros albores do dia, as carretas carregadas das mercadorias demandavam a linha divisoria, por um caminho só conhecido de Feliciano, enquanto tres outros contrabandistas, tocando por deante mulas carregadas de pessoas vazias, tomavam direcção differente, justamente a percorrida e devassada pelos "aduaneiros".

Era o plano concertado entre os contrabandistas: enquanto os que levavam por deante as mulas se entretinham, caso encontrassem os empregados do fisco, em escaramuças e tiroteio com os guardas, que por acaso encontrassem. Feliciano metteria o contrabando, com calma e segurança.

Mario ficára no rancho de alcatêa, disposto a intervir na arriscada empreza, caso sentisse, para os lados em que iam as carretas, indicio de luta. Elle bem conhecia o valor do indio, que era o ter-

ror dos empregados da repressão; mas a sua amizade e reconhecimento pelo velho contrabandista levaram-n'o a preparar-se para ajudal-o, caso fosse necessario.

Ouvindo um tiro, montou a cavallo e, a galope, dirigiu-se para o local onde Feliciano deveria estar, naquelle momento.

E' que o intrepido gaúcho vira ao longe um vulto suspeito.

Distanciara-se das carretas e, ao certificar-se de que era o representante do fisco, alvejou-lhe o cavallo, que tombou morto, enquanto, sob ameaça de morte, amarrrou-lhe as mãos e lhe vendou os olhos, collocando-o em seguida, dentro de uma das carretas que transportavam o contrabando.

— *Vá cuidar da piguancha,* disse Feliciano, ao ver Mario a seu lado. *Esse tiro? Fui eu que voltei o reuno, pro lambeta não ir mexiricar... Volte no mais, ordenou a Mario... Vá lambar a cria... Deste estou livre e se elles vierem de espacito, deixo tudo, como esse que ahi vae, sesteando de madrugada, le garanto...*

Mario deu de redeas e, no tranco, voltou para o rancho.

Ao entrar, porém, um grito de dôr, de espanto e colera sahiu-lhe da garganta.

Pana jazia exangue, no meio do aposento.

Estertorava nas vascas da morte, com um punhal, ainda cravado, abaixo de seu seio turgido e vermelho do sangue que lhe brotava da ferida.

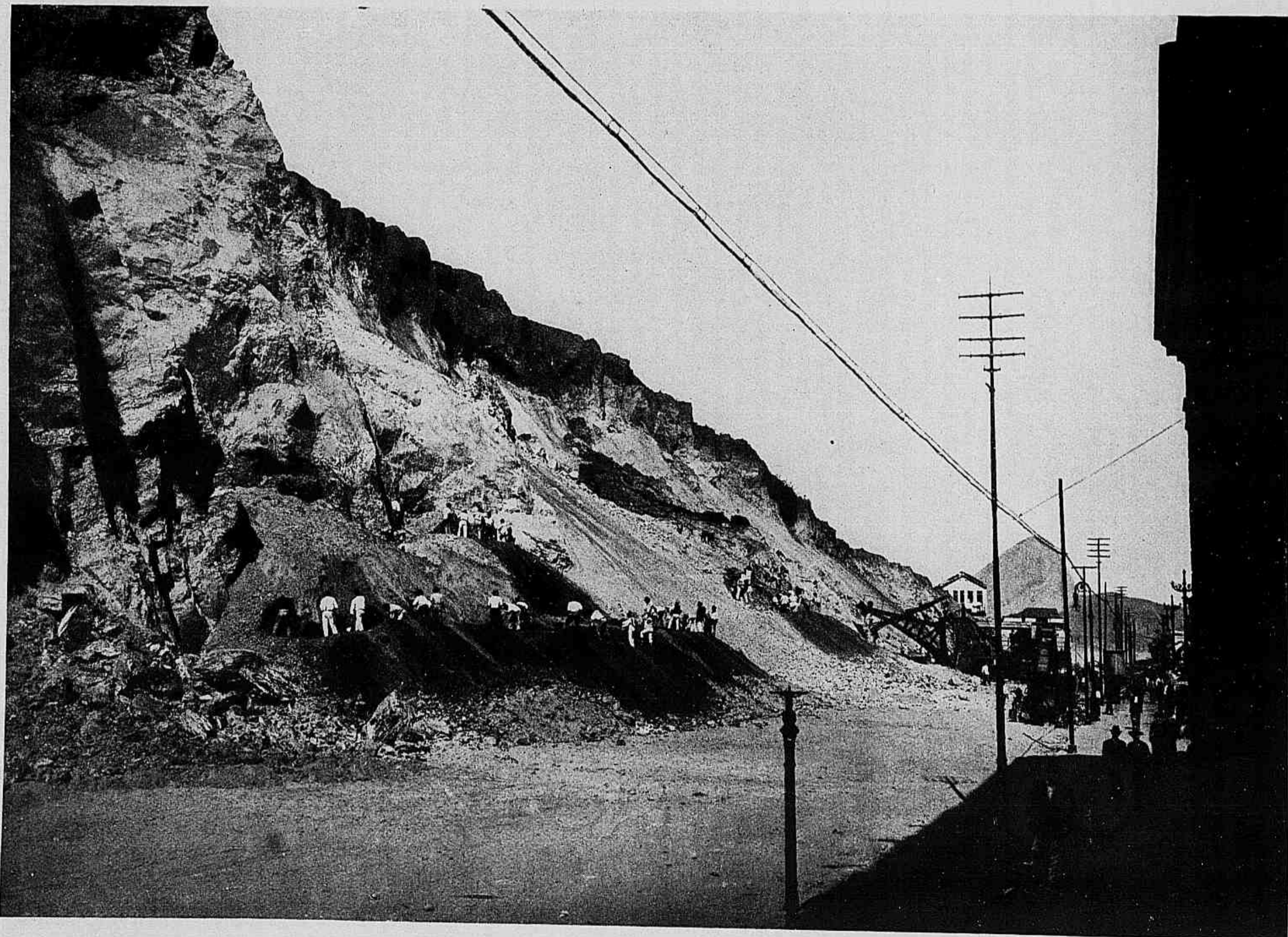
O seu olhar embaciado ainda distinguia o vulto do amante, que a beijava com frenesi.

Com voz apagada a cigana murmurou:

— *Estaba... resuelto... que yo... me mueria... por... el... cuchillo... de...*

E expirou.

LACERDA DE ALMEIDA JUNIOR



UM DESEJO ANTIGO DOS CARIOCAS, EM COMEÇO DE REALISAÇÃO: A DEMOLIÇÃO DO MORRO DO CASTELLO, — SALIENCIA POUCO INTERESSANTE NA ENTRADA DA CIDADE QUE SE TRANSFORMOU...

DE JOELHOS

Ha precisamente trezentos e dezeseis annos, no dia oito deste mez de Outubro, que se encontraram os

corpos de Santa Ignez e de Santa Emerenciana. A devoção pela virgem, tanto do mundo catholico, como dos ministros de Deus até os Summos Pontifices, creára uma tão grande importancia que a Basilica de Santa Ignez, em Roma, se tinha tornado alvo das mais empenhadas predilecções.

Liberio, succedendo a Constantino, fez, no grandioso templo e no tumulo da santa, custosas obras de marmore.

No fim do quarto seculo, S. Damaso, o papa piedoso, fez esculpir em pedras raras os versos que compuzera em honra de Santa Ignez.

Muitos annos passados, em obras da Basilica, operarios ignorantes destruíram esses monumentos, delles salvando-se apenas um, que ainda hoje lá se encontra, attestando ao mundo o poder da fé catholica.

Innocencio I encarregou dois notaveis sacerdotes, educados e inspirados na arte christã, de adornarem o magestoso templo.

S. Simmaco e S. Honorio procuraram remodelal-o, mas a sua pessima construção não admittiu sensiveis melhoramentos e assim este Santo Padre resolveu reconstruil-o, por completo, ornando, com um carinho inegualavel, a sua abside com o mosaico que ainda hoje se aprecia.

Muito mais tarde, Adriano I, mais ou menos em 753, reconstruiu a Basilica, que os soldados do rei dos Lombardos tanto damnificaram.

Por essa occasião foi que, pretendem alguns autores, se juntaram as reliquias de Santa Ignez e Santa Emerenciana, a sua irmã de leite, assassinada a pedradas em Roma, sobre o seu tumulo, poucos dias depois do seu martyrologio.

Leão III, Paschoal I, Alexandre IV, Julio II, muito fizeram pela Basilica, cujas riquezas augmentaram sobremaneira, obrigando o Papa Innocencio VIII a dar-lhe uma rigorosa, permanente e piedosa guarda, qual foi, tendo sido e será a dos conegos regulares, a que está entregue.

Leão XI, como pontifice, continuou a sua obra de simples Cardeal Alexandre de Medicis, dotando a Basilica de tudo quanto pudesse augmentar o culto á Santa Ignez, cujo prestigio na Côte Divina era proclamado no mundo inteiro.

O Cardeal Sfrondati, sobrinho de Gregorio XIV, foi um zelador devotado e constructor benemerito de grandes bellezas artisticas do glorioso Templo.

No pontificado de Paulo V, ao se remover o altar antigo, encontraram-se as reliquias sagradas das duas santas.

Apezar de reinar apenas 24 dias, o Santo Papa fez construir o precioso altar existente, uma obra prima, da mais pura arte, debaixo do qual se acha valiosa urna de prata com os restos san-

tos das duas virgens e martyres.

Nesta obra teve parte saliente o grande artista Niccoló Cordieri, a quem a Igreja sempre bemdisse. O cardeal Varallo, o pontifice Innocencio X e os proprios conegos regulares muito contribuíram para o embellezamento e a sumptuosidade da Basilica.

De todas as obras, porém, feitas até hoje, a mais notavel, sem duvida, foi a de Pio IX, empós a grande catastrophe de 12 de Abril de 1855, que, pela propria intervenção miraculosa de Santa Ignez, ficou reduzida a proporções minimas. Ha quem a ignore.

Pio IX visitava a Basilica e quando, numa sala do primeiro pavimento, dava uma recepção, elle abateu ruidosamente, precipitando todas as pessoas á parte terrea.

Milagre! Duas dentre ellas apenas ficaram machucadas e tão pouco que, instantes depois, em côro, assistiram ao solemne *Te-Deum* entoado pelo bondoso pontifice, ali mesmo, em louvor da prodigiosa santa.

Não é de extranhar, pois, que accrescendo aos muitos milagres de Santa Ignez mais este, a sua Basilica fosse e seja uma das mais queridas dos fieis catholicos de Roma e do Universo.

No Brasil, sendo antiga a devoção pela santa virgem, augmentou nos ultimos annos, com o maior conhecimento da sua grande obra religiosa e da sua immensa piedade.

Para isto concorreu muito a cruzada benemerita da Exma. esposa do Sr. Presidente da Republica, fundando, em logar pittoresco e salubre da Gavea, á rua Marquez de S. Vicente n. 421, a *Casa Santa Ignez*, destinada a recolher moças pobres e operarias enfraquecidas, preminindo-as contra o terrivel mal da tuberculose.

Esse asylo, cujas obras se acham adelantadas e das quaes, no proximo numero, daremos aspectos, têm merecido da parte de nossa população catholica a maior sympathia e protecção, tendo preenchido, como é facil avaliar, uma enorme lacuna no nosso aparelhamento social.

Um dos nossos directores, cheio de fé, escreveu longa conferencia sobre a vida de Santa Ignez e brevemente a sociedade carioca terá ensejo de ouvi-la e de applaudil-a, decerto, pois assim conheceremos a virgem martyr e a sua bemaventurança, nos mais insignificantes pormenores.

Estampando a imagem da Virgem, de joelhos, imploramos a sua graça, para que ella nos auxilie na construção da *Casa Santa Ignez* e da sua futura igreja e para que prodigalise toda a sua protecção bondosa á sua fiel devota, a Exma. Senhora Dona Mary Pessôa.





Parabólica de Vila Rica

O Sacrificio da Palmeira de Coelho Netto

A' EXMA. SENHORA BARONEZA DE PARANA'

Os Orphicos veneravam especialmente a palmeira como arvore immortal, que nunca envelhece. Por isto, como symbolo de toda immortalidade e especialmente da immortalidade da gloria, della fizeram a insignia da deusa Niké ou Victoria, tambem chamada *Déa Palmaris*.

A. DE GUBERNATIS.

Arvore monumental cujo caule é uma columna com o capitel de palmas, radiosas como a luz; arvore que se não prodigalisa em ramos, concentrando no tope toda a sua força vegetativa, coroando-se a si mesma com a propria magnificencia; arvore altiva e inflexivel como o destino; arvore que não dá agasalho, não por indiferença descaridosa, mas por veneração ao sol, não espalhando na terra, como bagaço da luz de que se nutre, o residuo da sombra; arvore miraculosa, que se abre em umbella, parecendo á primeira vista uma enorme flor de petalas verdes, és bem isto, palmeira, flor da altura!

Outras arvores serão mais generosas do que tu, offerecendo a quem as busque fruto e sombra, mas tu excedes o ideal que se não alcança e adora-se em extase de longe.

Preso á terra sente-se que és uma exilada, porque te lanças anciosamente para o céo, mais alta do que os cedros gigantescos, lisa, sem galhos que se prestem a escaladas profanadoras, porque a tua belleza é inacessivel como a de Artemis, um esplendor culminando em virtude. Que importa que te multipliques em typos varios se, em todos, se manifesta o caracter energico da tua raça sobranceira? Para ver-te a coma é mister elevar os olhos, como quando se busca um deus no altar.

Pura, tanto que uma das tuas palmas amarellece, para que te não macule a morte, logo a despedes da fronde. O pó da terra, nem quando mais rijos sopram os vendavaes, chega ás tuas franças graciosas.

E's a linha recta tendendo para o infinito, frecha apontada ao céo, com um ramo de verdura terreal na ponta, como mensagem da primavera ephemera ao azul eterno.

Qualquer que sejas, palmeira, és sempre bella, senhoril, augusta, olympica!

A que me traz a esta pagina, palmeira martyr, para dizer da poesia da morte em que se vae finir, é natural do Oriente, como a aurora. Nasce nos logares altos e pedregosos, onde a terra é mais árida e calcinada, por dar-lhe em cheio o sol.

Toda a India venera-a e a ilha balsamica de Ceylão, em cujas praias, avermelhadas a coral, as espumas e rys talisam-se em perolas, é o seu *habitat* preferido.

O nome que lhe dão poetas e peregrinos não o sei eu, nem o sabe tão pouco quem

a trouxe do berço levantino e a creou de pequenina, e a viu crescer airosa e agora, que ella se ostenta no esplendor maximo da belleza, em vez de alegrar-se passa os dias olhando-a tristemente para conservar-lhe bem viva na saudade, que é o archivo do coração, a memoria da graça que se vae sacrificar ao amor.

Precisando de um nome para designal-a, valho-me do que lhe deu a sciencia, appellido pretencioso, esparrimado em latim rude: *Corypha umbra-culifera*, da tribu das *coryphineas*. E de algaravia basta.

Vamos ao romance sentimental da exilada do paiz do sol e dos arómatas, que vae morrer com orgulho pela gloria de um instante, renuncia que é a exaltação da belleza no martyrio.

Traz a palmeira oriental uma genitura poetica: vida breve e contada para findar em apothese. Desde que nasce no cimo asperrimo todo o humus que absorve, toda a luz que concentra, toda a humidade que suga vae armazenando em si avaramente.

Cresce, desenvolve-se, alonga o caule e, vencendo bravios temporaes de inverno e soalheiras adustas de verão, um dia alegre, meneando ás auras as palmas rebrilhantes, outro dia em tortura com a copa desgrenhada aos ventos, luta corajosamente até fechar o cyclo fatal de trinta e cinco annos, nem um só mais. E' o tempo em que a Primavera a visita, e a palmeira recebe-a com o desvairamento de quem, como pastor biblico:

Os dias na esperanza de um só dia
Passava...

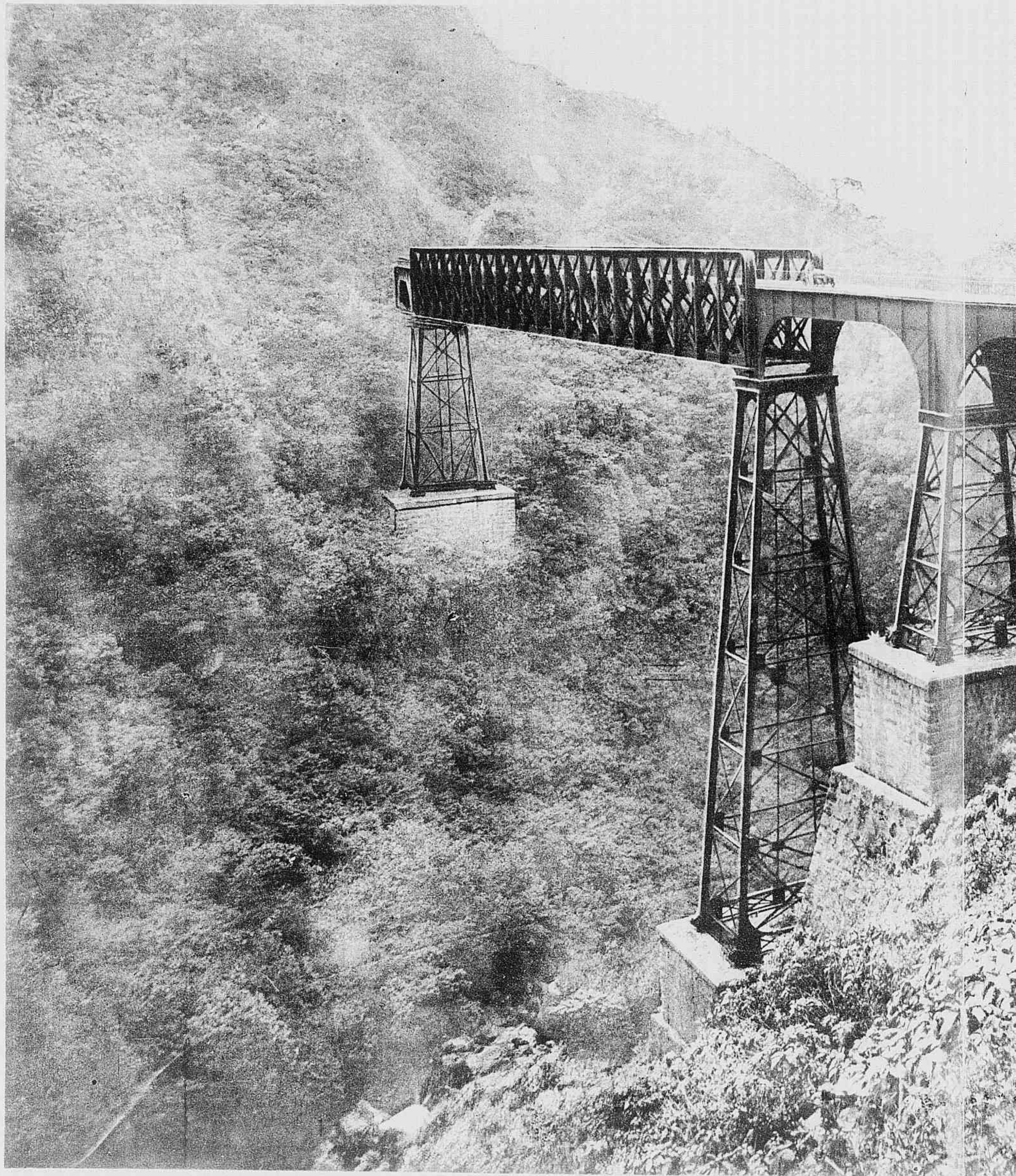
Fecundada pelo effluvio que electriza e desperta a vida após o inverno, reúne e faz affluir ao tope tudo que, durante annos, sem prejuizo de um minuto, accumulou nas fibras a seiva da terra, o calor do sol, a doçura da luz dos astros pallidos e frios, as branduras e os rigores das estações gozadas e soffridas e explode em estemma gloriosa a florada fatal. Toda a cópa da palmeira torna-se um immenso ramo e as energias, poupadas pela planta com parcimonia de usuraria durante sete lustros, escoam-se dissipadamente em dias. E a palmeira, realiado esse sonho de florescimento, entra a definhar exhausta e morre.

Pendem-lhe languidamente as palmas amarellecidas, mirra-lhe resequido o tronco, e, pouco a pouco, desplumada do seu capitel gracioso, a columna altiva de outr'ora esfarella-se por dentro, pulverisa-se no amago e vae cahindo aos pedaços até que, de todo alue.

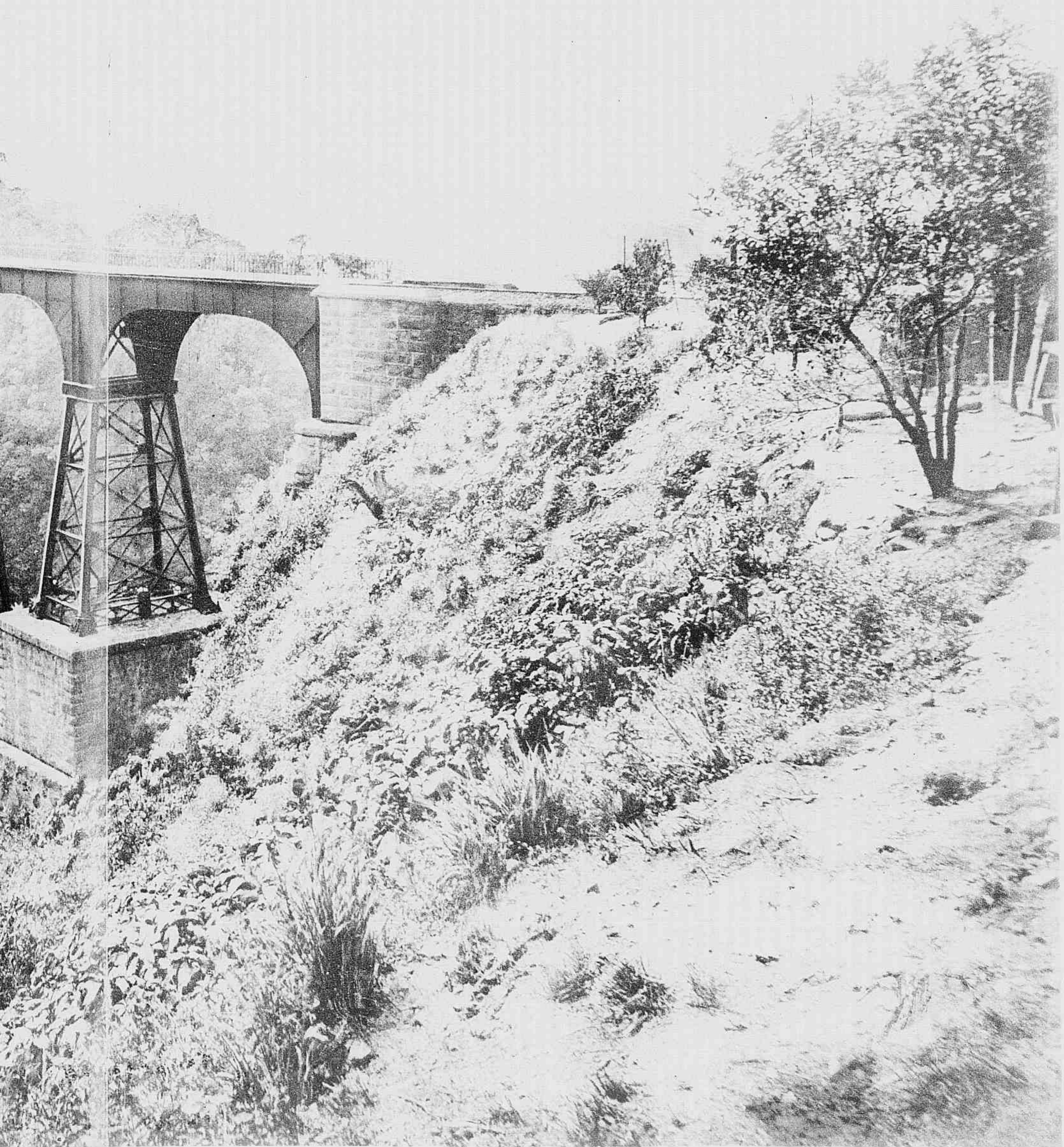
E assim perece em sacrificio á gloria de um instante a planta heroica que os antigos, segundo Plinio, identificavam com a Phenix, a ave solar, que se abrazava em si mesma para renascer das

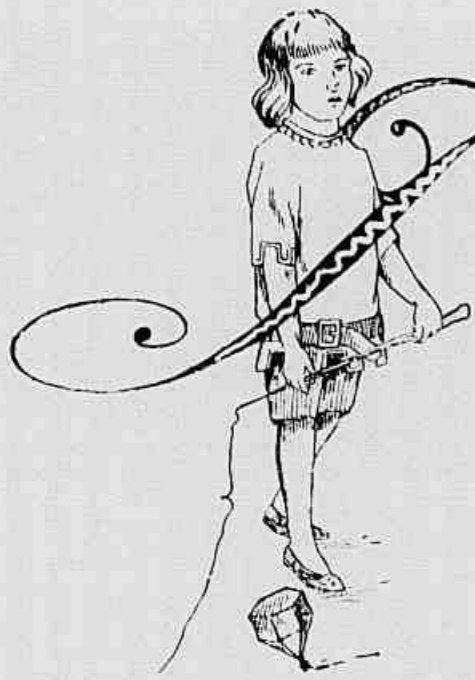
proprias cinzas mais bella, como renasce o sol na aurora, depois de morrer no occaso. Assim tambem ha de resurgir das suas cinzas, que são as sementes, a palmeira a cuja morte piedosamente assiste desvelada aquella mesma que a plantou no jardim do seu palacete, á rua Marquez de Abrantes n. 157, onde ninguem suspeita, olhando com indiferença a arvore que enlanguece florida, que a Natureza esteja nella exaltando, em allegoria formosa, a renuncia sublime, o heroismo sobrehumano do amor de mãe, que pela vida do filho toda se entrega e morre sorrindo e bemdizendo a morte.





Handwritten text, possibly a name or date, in the upper right corner.





Página infantil

Pequeno recitativo
por J. B. Mello e Souza

NÃO VAE BEM ASSIM...

Vendo as incríveis diabruras
De seu neto Benjamin
Dizia o vovô zangado :
— " Isto não vae bem assim..."

Ha dias, meu guarda-chuva,
Em cavallo transformou;
Fez da bengala uma lança,
E, assim armado, azulou !

Eu já disse a minha filha
Que não sou avô ruim;
Mas a paciência se esgota,
Isto não vae bem assim !...

De outra vez, de volta á casa
Vou ao quintal, e — bonito !
A minha melhor gravata
No pescoço de um cabrito !! "

E proseguia o velhinho :
— " Este mal ha de ter fim !
Sou muito bom, mas um dia...
Isto não vae bem assim..."

Pois este senhor meu neto
Não saberá que é preciso
Acabar com as traquinadas
E ter um pingo de juizo ?

Venha cá, senhor peralta;
Sente-se aqui, junto a mim;
Eu já não lhe tenho dito
Que isto não vae bem assim ?..."

Mas são inuteis ameaças,
Pois sabem disso os velhinhos:
Que os vovôs só foram feitos
P'ra querer bem aos netinhos...

ESFORÇO PROPRIO

Dizia um gajo aos amigos :
— No meu fraco parecer
A sua propria fortuna
Cada um deve fazer,

Ninguém espere de extranhos
Protecções e nem favores ;
Sejamos fortes e altivos,
Pois quanto a mim, meus senhores,

Os cem cont's que hoje tenho,
(Orgulhoso concluia)
Ninguém m'os deu ! Fui " eu mesmo "
Que os ganhei na loteria !

TRES DE CADA LADO

A' janella a joven Elza
Trabalhava em seu bordado.
Seis madeixas tinha ella,
Sendo tres de cada lado.

Um rapaz que então passava,
Elegante e bem trajado,
Com seis fios de bigode,
Sendo tres de cada lado,

Pela moça, que bordava,
Ficou logo apaixonado ;
Seis beijinhos enviou-lhe,
Sendo tres de cada lado.

O pae que a scena avistara,
Desceu raivoso e apressado,
E deu-lhe seis bengaladas,
Sendo tres de cada lado.

PALAVRA RISCADA

" Rio, tres, caro Barroso
Desastre Central se deu
Communico pezaroso
Tua sogra pereceu. "

— Pouco paga o telegramma
Só treze palavras tem.
— Com a bréca ! (o sujeito exclama)
Tal conta não me convem.

Diz, amavel, o empregado :
— Retire uma; é forçoso.
Responde o outro, apressado :
— Risque então o pezaroso.

QUADRINHAS

Cruz do Sul ! Em ti se encerra
Da noite no immenso véo,
Um mappa de nossa terra,
Traçado por Deus no céo.

Tenho gallinhas e coelhos ;
Azas, dez; trinta patinhas.
Faze a conta de cabeça,
Quantos são ? Vê se adivinhas !

Morrera um grillo afogado
Num dia de inundação.
Na casa dos gafanhotos
Foi profunda a sensação.

Disse um bagre do Amazonas,
A um piatu do Tapajoz :
— Não ercias que no Oceano
Haja peixes como nós.

Quiz dar meu frak a um mendigo,
Mas o ingrato respondeu :
— Senhor, minha casa é pobre,
Mas não é nenhum museu.

Ha no céo tres estrellinhas
Que são minhas; notem bem;
A não ser que peçam muita,
Não as cedo a mais ninguém.

AS DUAS CONTAS

O pequeno Raul, travesso garotinho de oito annos, intelligente e vivo a valer, ouviu, certo dia, seu papae e sua mamãe conversando sobre uma conta que havia sido apresentada, e que era necessario pagar.

Vira o Raulzinho a tal conta, e tomara nota dos termos em que estava redigida. Reflectindo sobre o caso, teve uma idéa que desde logo considerou magnífica. Resolveu apresentar tambem, á sua mãe, uma conta de varios pequenos serviços que se recordava de lhe haver prestado recentemente. Como elle se arranjou para ralisar esse intento sem auxilio de ninguém, não o sabemos; o caso foi que a mãe do nosso peraltinha, ao sentar-se á mesa,

á hora do almoço, encontrou sob seu prato a seguinte e extraordinaria conta :

A Mamãe,	
deve	
a seu filho Raul:	
por ter desido e subido a escada dez vezes para dar recados	14000
por ter ido buscar figurinos orn casa de tia Sauria	14000
por ter tomado conta de Rina-tinho uma porção de vezes	14000
por ser há oito annos um bom filho	14000
Total	56000

A boa senhora ficou admiradissima, porém guardou a conta sem dizer palavra.

A' tardinha, o Raul teve um a'egrão. Chamado para jantar, verificou que junto a seu prato estava a conta acima transcripta, envolvendo quatro meedinhas de prata.

Contentissimo pelo feliz resultado de sua idéa, já o nosso amiguinho se preparava para embolsar o dinheiro, quando notou que havia outro papel no mesmo logar. Desdobrando-o, viu que era outra conta, assim redigida :

O Raulzinho	
deve	
a sua mamãe:	
Por ter tido casa, alimento e roupa ha oito annos	NADA
Por ter tido brinquedos e passios em grande numero	NADA
Pelos cuidados e carinho com que o tratou durante sua enfermidade	NADA
Por ser, ha oito annos, uma boa mãezinha	NADA
Total	NADA

A leitura dessa conta fez-o comprehender que não devia ter exigido nada de sua mãe, elle, que tanto lhe devia !

Depois de curta reflexão, elle, visivelmente commovido, correu para perto de sua mãe e, restituindo-lhe as meedias, disse :

— Mamãezinha, eu não quero este dinheiro; sei muito bem que a senhora e o papae não me devem nada, e são muito bons para mim; eu é que lhes devo tudo o que tenho. De hoje em diante hei de fazer o que a senhora quizer, sem mandar com a nenhuma, sim ?...

HISTORIA DA SENHORITA CHUVA

Era uma vez uma menina muito bonitinha chamada Chuva. Sua mãe era a Senhora Nuvem, e o seu pae o Senhor Vento. Tinha a Senhorita Chuva um tio chamado Cyclone, e era neta de D. Aguiar e Dona Tempestade.

Como vocês comprehendem, meus amiguinhos,

esta familia era muito respeitada no céu, e existia desde a criação do mundo.

Sendo a menina Chuva a única creança da familia, por isso muito animada pelos mais velhos, ficou cheia de vontades, como succede a muitas creanças nas mesmas condições, e não escutava os sabios conselhos que lhe davam.

No outro lado do céu habitava o Senhor Sol com seus filhos, que eram muitos: Raio de Sol, Luzinha Dourada, Caricia do Sol e Calor do Sol.

Um bello dia de Setembro, Raio de Sol, Luzinha Dourada e Caricia do Sol desceram à Terra para festejar a chegada da Primavera. Homens, animaes e plantas, todos estavam contentes nesse dia. Os filhinhos do Sol corriam um atraz do outro; dansavam, passavam por entre as folhas das arvores e iam a toda a parte.

As creanças sahiam a brincar nos terreiros e os cabritinhos pulavam pelos morros.

— Que linda manhã! Que bello dia vamos ter hoje! diziam.

E por toda a parte ouviam-se cantos de alegria e de contentamento.

Ouvindo esse barulho a menina Chuva abriu uma janella de sua casa e poz-se a observar o que se passava na Terra, vendo então que o alegre bulício era produzido pelos filhinhos do Sol.

— Quero ir brincar com elles! — disse ella.

— Não, não, aconselhou sua mãe, a Senhora Nuvem. Ainda não é o tempo em que você deve brincar na Terra. Se você fór, será mal recebida, porque cada qual deve apparecer no momento proprio. Não supponha você, Chuvinha, que os filhos do Sol brincam somente; elles cumprem tambem um dever: trabalham, fazem crescer os arbustos, amadurecem as frutas, abrem as flores e, como trabalham com alegria, parece que estão a brincar. Agora são elles que devem apparecer, e não você.

Mas a menina Chuva era, como dissemos, muito teimosa. Depois de manifestar varias vezes o desejo de vir à Terra, vendo que não lh'o permitiam, illudiu a vigilancia da sua mamãe e desceu, correndo em todas as direções e arrojando

grossos pingos d'agua. Mas, como havia prognosticado sua mãe, em vez de ser acolhida com alegria, notou que todos ficaram descontentes.

O Raiozinho de Sol, a Luzinha Dourada e a Caricia do Sol esconderam-se. Os cabritinhos, todos molhados, voltaram a seus abrigos. As creanças foram obrigadas a entrar para suas casas. E os camponezes diziam:

— Que lastima! Esta chuva veio nos estragar o tempo!

— A plantação não vae por diante se ella continua...

— Arruinará todo o nosso trabalho. Malvada chuva!

Ouvindo esses improperios, a menina Chuva ficou muito contrariada e voltou para casa, contando a sua mãe o que lhe havia acontecido.

— Maltrataram-me e insultaram-me, dizia ella. Receberam-me como uns brutos! Quero que a vovó Tempestade e o vovó Aguaceiro me vinguem, castigando essa gente e inundando os campos!

— Oh! Chuvinha, disse Dona Nuvem, essas palavras de vingança são muito feias para uma menina; você não as deve pronunciar nunca. Si você fosse obediente, tal cousa não aconteceria. Eu bem lhe disse que esperasse pacientemente até que chegasse a vez, para que você fosse ajudar o homem em seu trabalho. Então, sim; você será bem recebida.

— Pois está bem, respondeu a menina Chuva. Não voltarei à Terra enquanto não me chamarem.

Com effeito, nem procurou mais ver pela janella o que se passava na Terra. Por esse tempo, o Senhor Vento e a Senhora Nuvem resolveram fazer, com sua familia, uma longa viagem pelo céu, e só regressaram tres mezes depois, em Dezembro.

— Quem sabe, pensou a menina Chuva, si já posso agora brincar um pouco lá em baixo?

E poz-se a observar pela janella.

Como havia mudado em tres mezes o aspecto da Terra!

A vegetação estava tristonha, sob o calor fortissimo que reinava. A agua principiava a faltar;

anciosos, os cabritinhos procuravam as fontes onde matassem a sede. Creanças e adultos, suffocados pelo ar quente, já não cantavam.

Estacionados junto à porta de suas casas, diziam os lavradores:

— Que benção seria uma chuvinha agora!

— Um aguaceiro bastaria para salvar a colheita.

— Si continua esta secca, estamos perdidos!

Ouvindo isto, o vovó Aguaceiro perguntou:

— Chuvinha, queres ir commigo à Terra?

— Sim! sim! respondeu ella, saltando de contente.

E pouco depois as gottas d'agua cahiam em abundancia sobre as florestas e plantações ressecadas, com immensa alegria para toda a gente.

As arvores pareciam mais viçosas, os animaes deixavam-se molhar pela chuva e até as creanças se entretinham, pisando descalças nos pequenos corregos formados por ella, ou atirando pauzinhos ou barquinhos de papel, cuja marcha acompanhavam com o olhar, enquanto podiam.

— Para mim basta, disse o Senhor Aguaceiro. Vou-me embora.

— Mas eu fico um pouquinho mais, replicou a Chuva.

E o vovó consentiu que ficasse.

Por sua vez os filhinhos do Sol, impacientes porque estavam presos em casa, obtiveram licença para sahir e foram brincar com a menina Chuva.

Formaram todos uma roda e cantaram:

Ciranda, cirandinha

Vamos todos cirandar!

Foi uma festa!

Nesse momento, as creanças da Terra puzeram-se a gritar:

— Papae! mamãe! venham depressa ver que lindo arco-iris!

Realmente, sempre que os filhos do Sol brincam com a menina Chuva, os homens veem um formoso arco-iris e toda a natureza parece sorrir de alegria.



O RIO, DOS ARES — UM TRECHO DA CIDADE, VISTO DE UM AEROPLANO



MELANCOLIA — DESENHO DE DI CAVALCANTI

Flavorina em face do momento social de nossos dias

pele Dr. João Moniz Barretto de Aragão

ENTRE os que se jactam de entender de cousas de finanças e de economia politica ouve-se de continuado falar que o nosso desequilíbrio financeiro vem, principalmente, do abandono dos campos por nossos patricios e do affluxo delles para as cidades; todo mundo quer ser funcionario publico.

Infelizmente o facto é verdadeiro; mas, para gaudio nosso, o mal é hoje reputado universal, e não privilegio da nossa raça.

São do *L'Avenir Medical* as seguintes observações, que mostram que o mal do abandono dos campos não é só brasileiro: "E' com grande pena e real tristeza que constatamos que o camponez não tem mais apego á terra. O que possui algum pedaço della se conserva ainda preso á sua posse em consequencia do amor de dono; mas os seus filhos e os que não puderam adquirir uma pequena propriedade não têm pelo solo natal a menor attracção e se deixam arrastar pelas seducções das cidades e pelos falaciosos engodos dos altos salarios. São as grandes cidades, Paris, principalmente, que aspiram os habitantes, e é por esse affluxo excessivo que se tem podido explicar a crise de habitações. O excesso da população rural se escoando para a capital é uma das causas do engurgitamento, do desequilíbrio que soffremos. Diante de tal invasão se torna difficil achar uma casa e não ha mais logar para pessoa alguma."

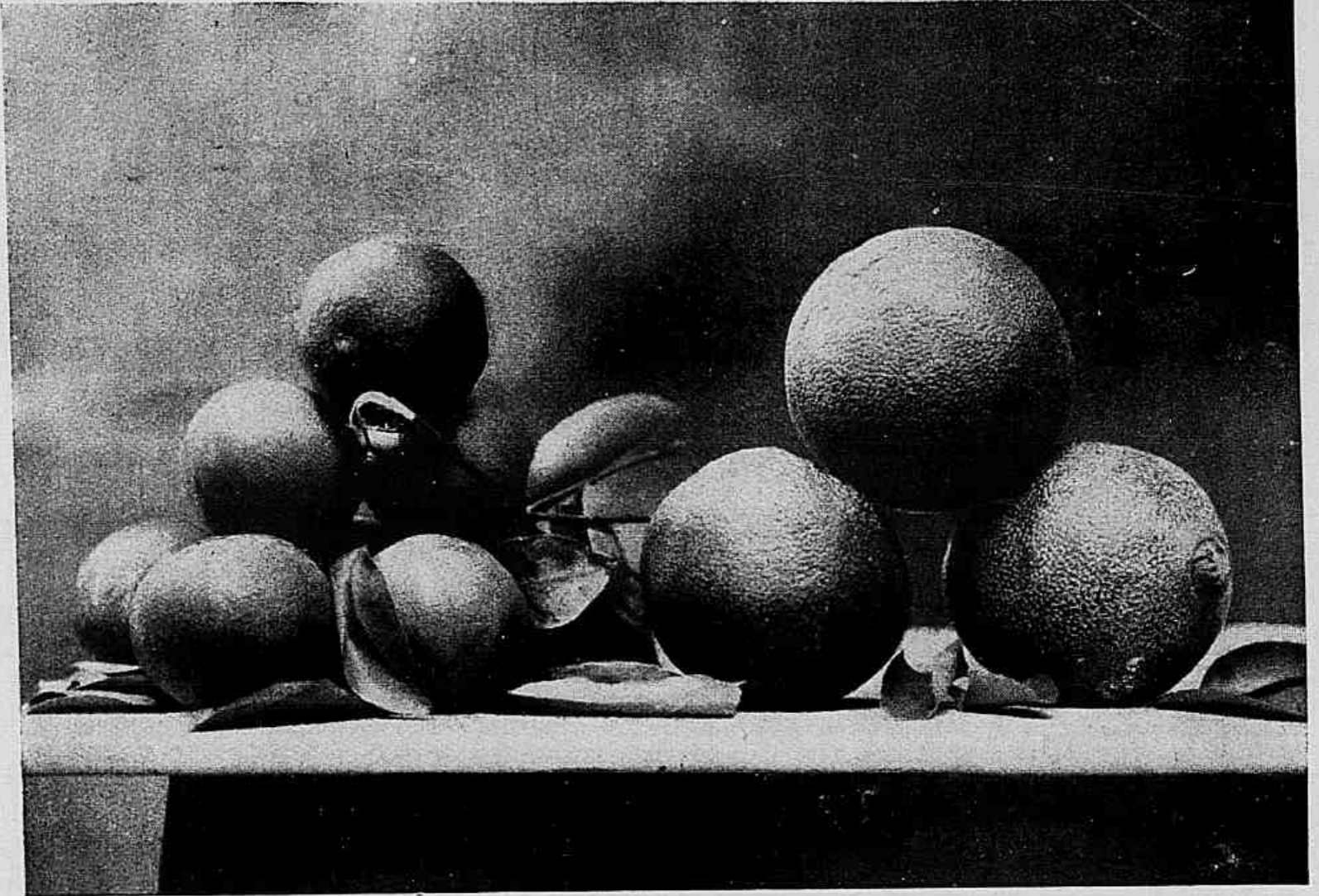
Vão muito além as criteriosas e suggestivas observações do articulista, e nós, que mais de uma vez temos, destas columnas e das da *Leitura para todos*, mostrado o mal que nos ameaça, nos achamos com o direito de perguntar: — E' pratico continuarmos a encher o nosso solo de immigrants que, já na sua patria, não mais querem se entregar aos trabalhos dos campos, para virem se estabelecer nas cidades, e assim concorrer comnosco no consumo do pouco que produzimos e pois augmentar as nossas difficuldades de vida?

E' verdade que os entendidos, que vivem a proclamar as virtudes da vida do campo, a riqueza que se póde conquistar com os trabalhos da lavoura, não desceram, talvez, do pinaculo da sua autoridade, para chegarem até aos pobres agricultores. E' ainda verdade que a cultura dos campos, que mesmo a criação de animaes, proporcionam encantos á vista, principalmente áquelles que apreciam as cousas de longe; mas os contratempos são tantos e tão frequentes que os momentos de admiração e de entusiasmo do agricultor ou criador fenecem ás lu-

fadas dos prejuizos, damnos e decepções que, a cada instante, se lhe apresentam.

Tomemos para servir de demonstração dos nossos conceitos a cultura das frutas ou *fruticultura*. Nos terrenos do aprazível Jacarépaguá, assim como nos varios outros que circumdam a nossa Capital, trido que a elles entregamos desabrocha, vegeta e

presença do impressionante quadro. Em horas, porém, se arrefece o seu encanto. As abelhas, os beija-flores, etc., entram em scena e dão combate ás flores. No emtanto, apesar da luta encarniçada dos elementos contrarios, a natureza uberrima e especial do solo faz com que as arvores frutifiquem e se cubram ellas de frutos, e que ao peso



LARANJAS LIMA E SELECTA, CULTIVADAS PELO AUTOR DO ARTIGO DESTA PAGINA.

frutifica; mas as recompensas auferidas por quem se entrega a esse trabalho ficam aquem das esperanças dos mais septicos.

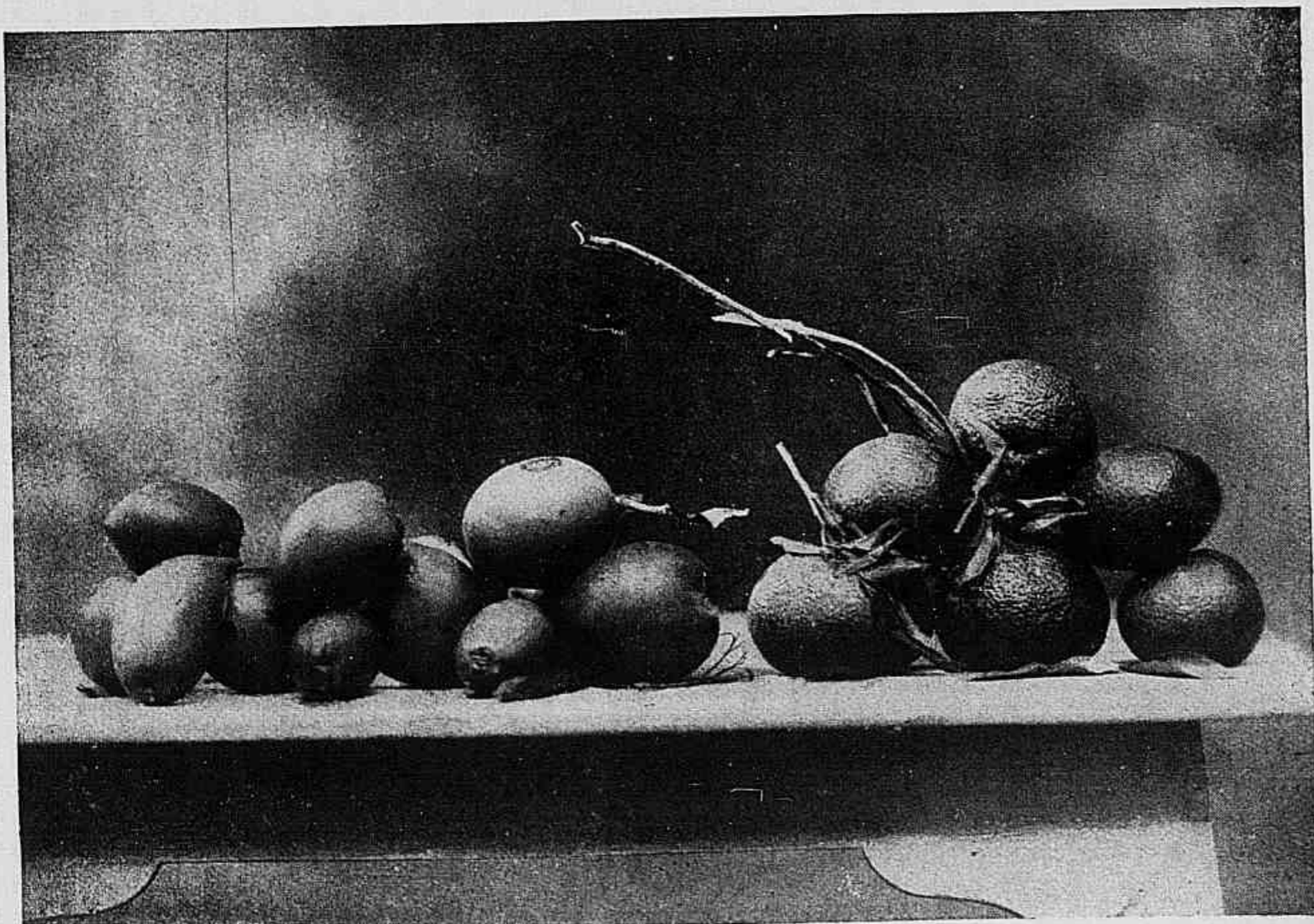
Olhando-se agora para as arvores frutiferas que se desenvolvem pelos nossos campos, cobertas de flores, substituindo estas o colorido verde das folhas e offerecendo um bello espectáculo á nossa vista, com os matizes de combinações formados entre flores luxuriantes e verdejantes folhas, sente-se o prazer que deve experimentar o lavrador á

destas os ramos se curvem e lasquem. Apenas começam os frutos a amadurecer surgem as borboletas, os bezouros, etc., e os atacam desapiedadamente e ao osculo de tão prejudiciaes visitas cahem centenas e centenas delles. No emtanto, embora os embates de taes perseguidores, sobram ainda frutas que chegam ao completo estado de maturação. Nessa occasião o lavrador, cheio de esperança e depois de tantas contrariedades, procura vender o seu producto. Chega então a decepção final e os calculos que fez sobre os resultados a obter fallham por completo, pois são tão escassos os lucros que consegue que o desanimo se apodera d'elle, em vista de serem nullos os preços que encontra.

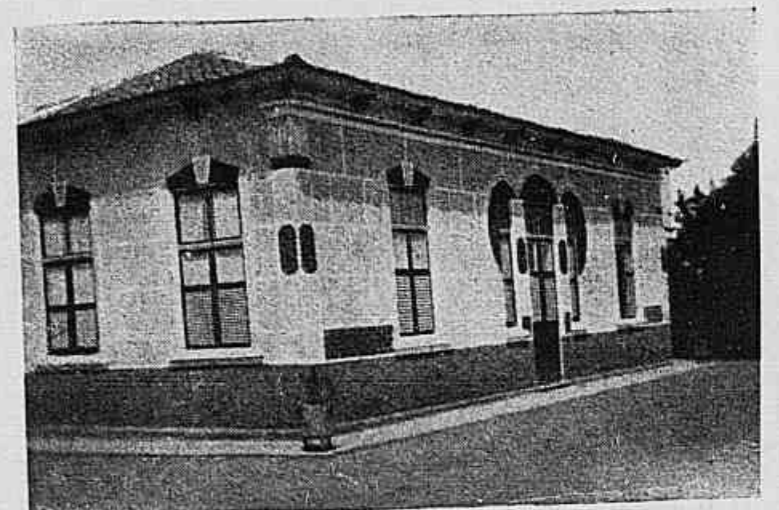
Quem vê o preço que gosam as frutas nas casas que se entregam a esse genero de negocio extranhará as nossas observações, julgando-as filhas do nosso pessimismo, pois as frutas no mercado do Rio de Janeiro são unicamente accessiveis ás bolsas abonadas e não a qualquer outra, e, portanto, dirá que o lavrador não tem lucro, devido á sua preguiça, e muitas outras acres censuras serão dirigidas ao nosso povo.

No emtanto, se uma casa vende, por exemplo, uma duzia de limas, como as que apresentam os

(Conclue no fim do numero.)

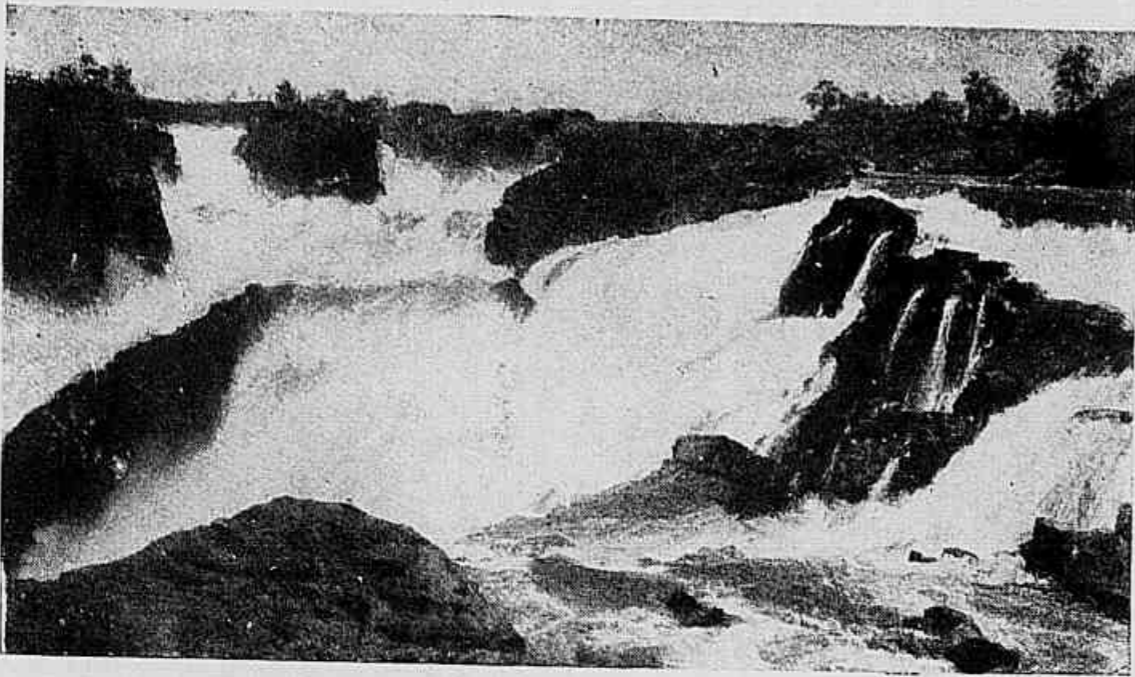


ABIOS E TANGERINAS COLHIDAS NO SÍTIO DE JACARÉPAGUÁ.

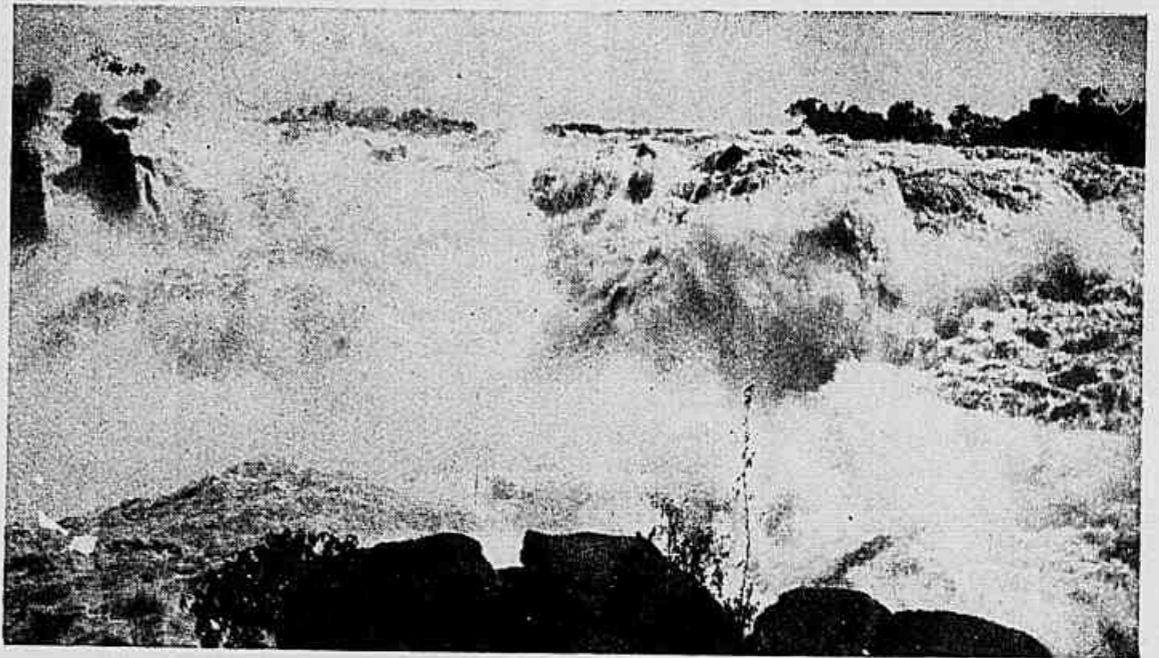


A CASA DE MORADA DO SR. DR. JOÃO MONIZ DE ARAGÃO.

Atulha Branca
Uma das maravilhas brasileiras
As grandes cataractas de Paulo Affonso no Rio Francisco



A CACHOEIRA EM SUAS AGUAS NORMAES



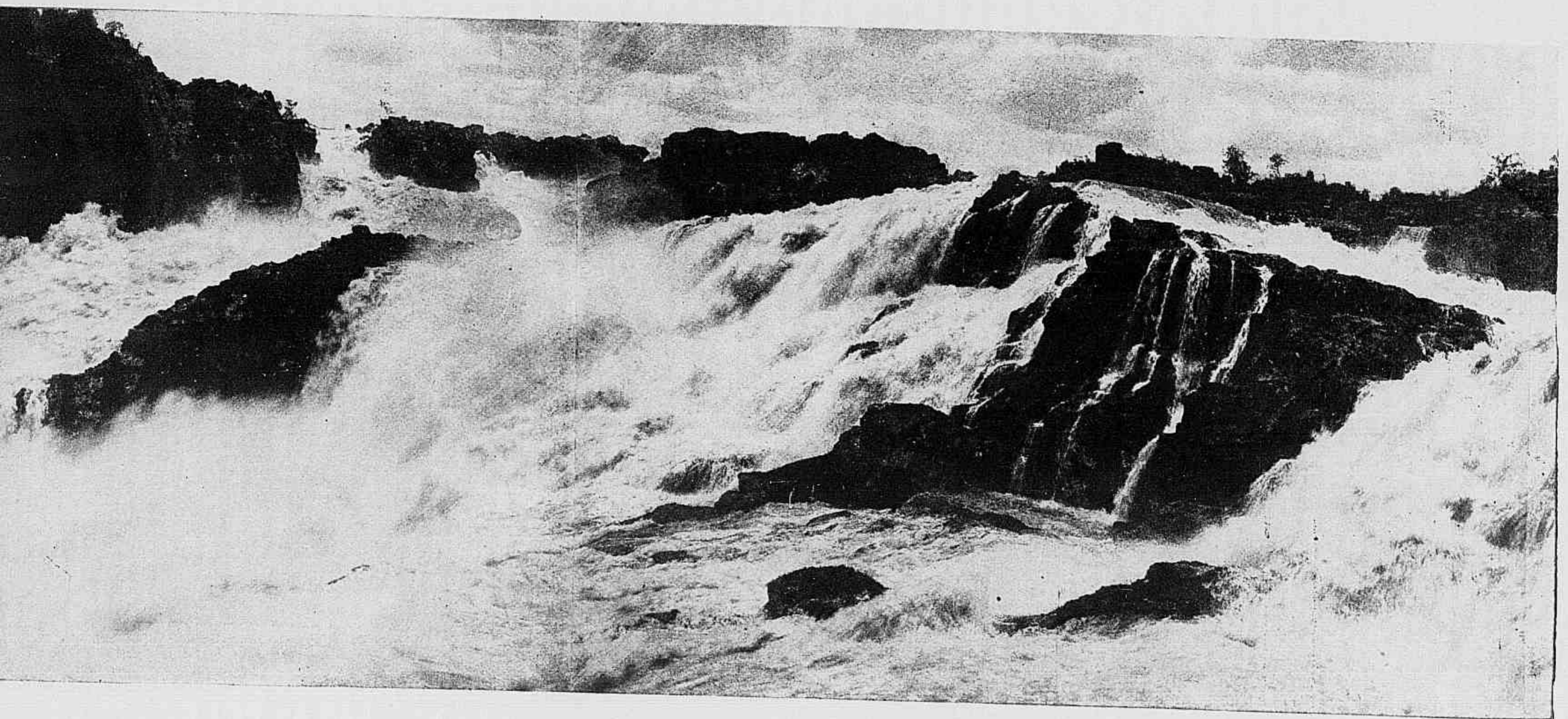
A CACHOEIRA EM SUAS AGUAS ANORMAES



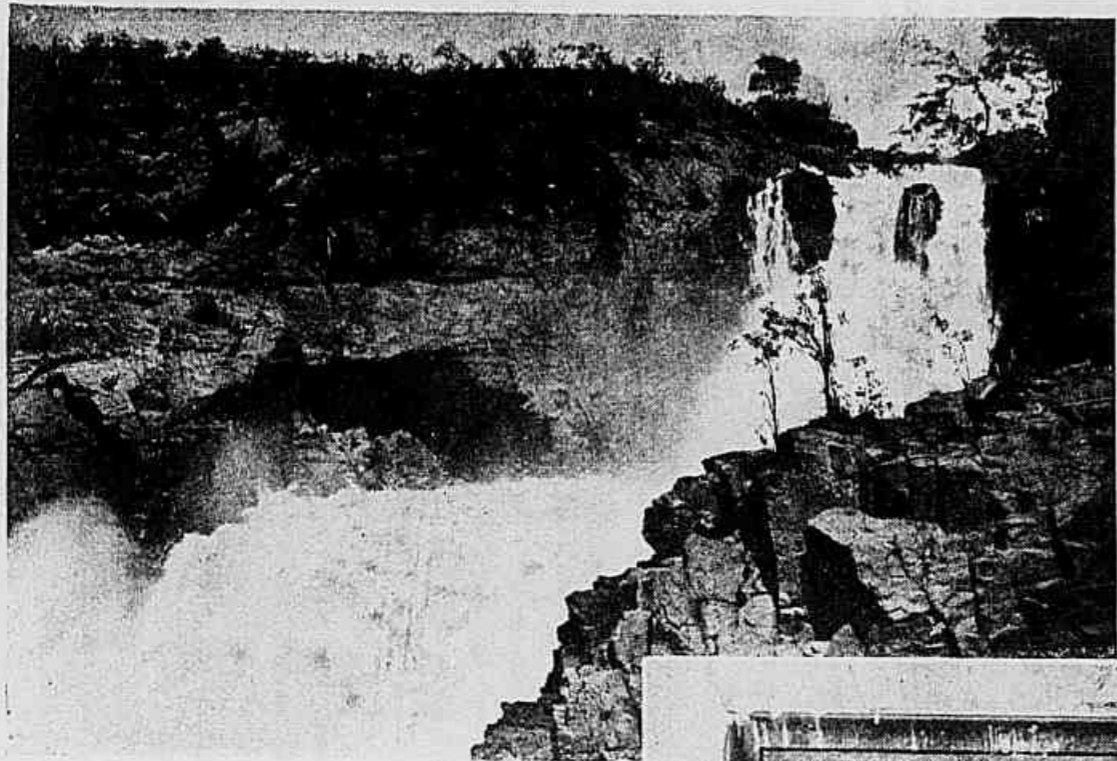
NA EPOCA DAS ENCHENTES



AS QUÉDAS PEQUENAS DURANTE UMA ENCHENTE



VISTA PANORAMICA DA CACHOEIRA "PAULO AFFONSO",



A GARGANTA DA MORTE

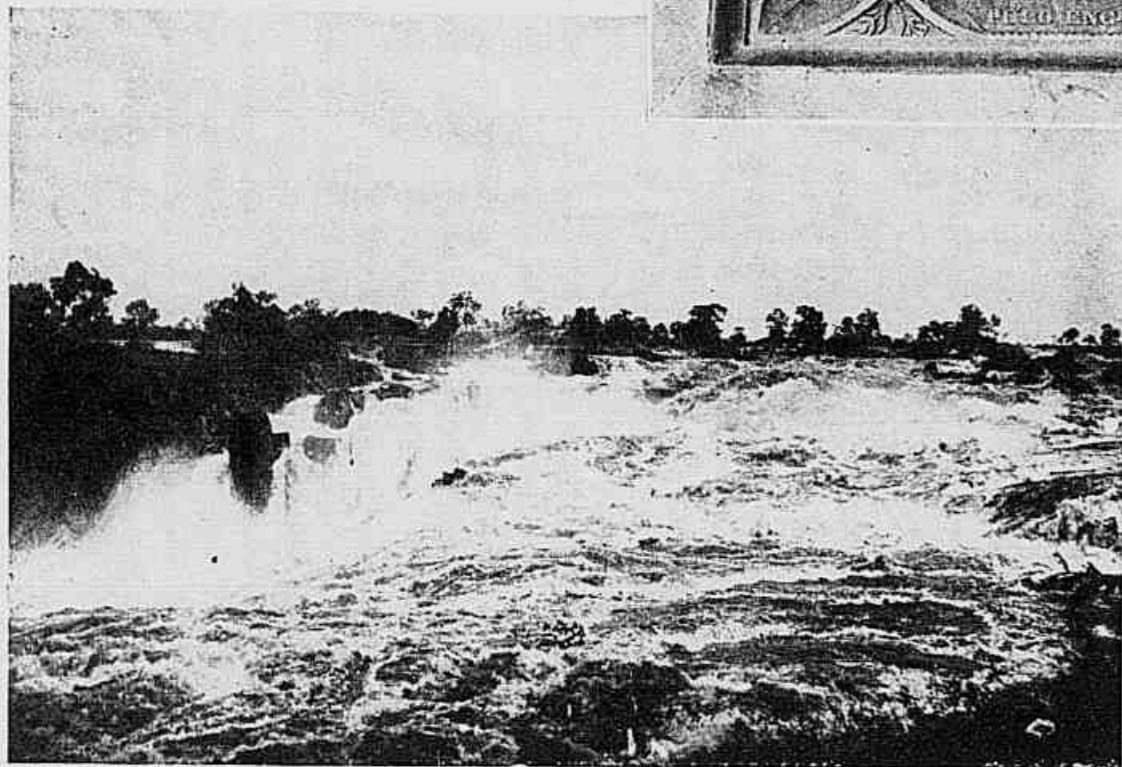


A QUÉDA "ANGIQUINHA", DO LADO DA BAHIA

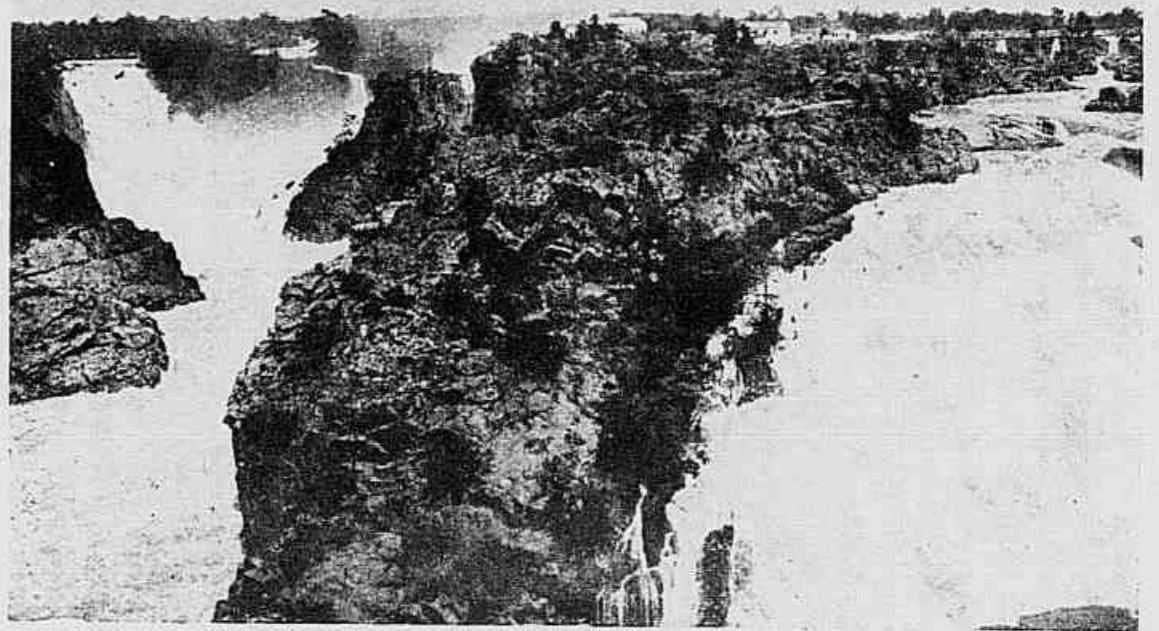


PLACA COMMEMORATIVA EM 20 DE OUTUBRO

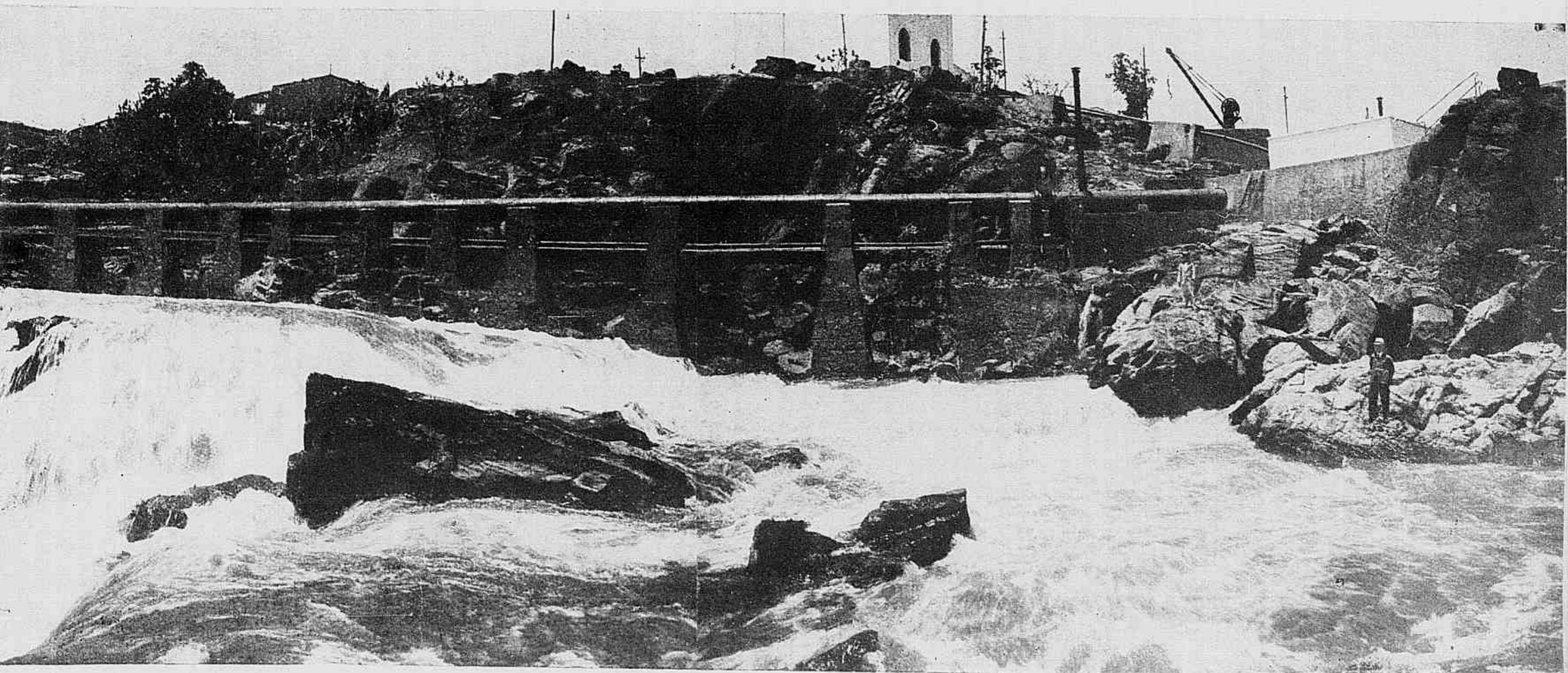
DA VISITA DE D. PEDRO II, EM 20 DE OUTUBRO DE 1859.



A PRIMEIRA CORREDEIRA DE PAULO AFFONSO



A QUÉDA DO DIABO



NOS LIMITES DOS ESTADOS DA BAHIA E DAS ALAGOAS.

A Ballada dos cegos de Madrid

de Carlos Lobo de Oliveira

Ao conde de Santibáñez del Rio, marquez de Quintanar.

O' cegos de Madrid — olhos cerrados
Como janellas duma casa em ruina...
Olhos que são na vida iluminados
Pela luz do luar, branda e divina!

O' cegos de Madrid, cantando á gente
Que passa pela rua,
Na vossa voz monotona e dolente,
Tão vaga que na noite se insinua...

O' cegos para quem a luz do dia
Não é a doce luz consoladora,
Grandes de Espanha na melancolia,
Quem não vos sente a voz perturbadora?

Voz de cegos errantes, voz chorosa,
Assim um fio d'agua pelo Outono,

Por entre salgueirae d'alma saudosa
E choupos verdes, hirtos de abandono.

O' voz que vem molhada da garganta
A soluçar!
Naquelle voz a tua alma canta,
Espanha do bailar!

Olhos céguinhos, onde a luz não brilha,
Perderieis a vista a chorar muito?
Cégos cantando a alma de Castilha,
Eu não vos olho com olhar enxuto!

Chronica antiga ingenuamente reza
Que certo Rei de Espanha chorou tanto,
Que a graça da ternura portuguesa
Lhe reffloriu no pranto.

Assim vossa toada madrilena
Tão cheia de ternura...

Sente-se á roda um cheiro de verbena,
Paira nas almas um desejo alado.

Graciosas mulheres vendem-nos cravos
Que brincam nas corbelhas...
E no calor da dansa
As boccas são vermelhas
E doces como favos...

Ao lado,
Monotona e chorosa a voz avança,
Cégos cantam tragedia e desventura!

Quando estendeis a mão, nunca esqueci
De vos dar uma perra!
Não sei porque, ó cegos de Madrid,
Quando cantaes, eu lembro a minha terra!

Exilio de Madrid.

Maior, 1919.

Do "Roteiro das Saudades" a sahir.

OS DESAFIOS NA CHINA

por João do Norte.

NENHUM brasileiro desconhece que é um velho costume sertanejo o de dois cantadores se pegarem num desafio em versos, horas e horas, até que um se considere vencido. Ha no folk-lore nacional, com abundancia, os mais interessantes exemplos desse habito arraigado entre os tropeiros do nosso immenso sertão.

Os que lêem e estudam as questões folkloristas sabem tambem que o desafio não é fruto especial do nosso meio, que elle existe nas aldeias europeas dos paizes occidentaes, que elle na idade media floresceu nas *tensons* dos trovadores provençaes, que era mesmo uso cantarem em desafio os bufões romanos, durante os lascivos banquetes dos seus senhores. Porém mais interessante é saber como no velho e mysterioso Oriente o desafio tem existido, é estudar as suas manifestações na China antiga, onde attingiu um desenvolvimento muito maior do que na Europa e, posteriormente, na America. Ha um capitulo curiosissimo a esse respeito no livro do Sr. Marcel Granet, "Fêtes et Chansons Anciennes de la Chine". A elle recorreremos muito, para as nossas notas.

As fórmulas de desafio são multiplas no Imperio do Meio e affectam uma feição a que não attingiram no interior do Brasil e á qual mal chegaram nas *tensons* provençaes: a expressão amorosa. Essas justas ou torneios de amor á maneira chinesa se encontram na Indo-China, no Thibet, na Mongolia e no proprio Japão antigo. As suas manifestações são as seguintes:

1ª — Canções de amor, em côros alternados de rapazes e raparigas. São os versos chamados pelo especialista Eitel *Responsorium*. Denominam-se *man* no Tonkin. Bonifacy os registrou ahi em quadras, como os dos nossos sertões. No Japão, esse desafio se realisa por pares de moços e moças, uns contra os outros, segundo a obra a respeito, de Beauvais. No Thibet, narra Grenard no seu livro, uma fileira de homens avança ou recua deante duma fileira de

mulheres, que faz o mesmo, em cadencia, e ambas as filas cantam os seus desafios amorosos.

2ª — Rapazes e raparigas lançam-se uns aos outros versos de amor em desafio, interrompendo os coros da festa, que cantam e bailam. Assim se dava no Japão antigo, conforme registra a tradução Chamberlain de Kojiki, á pagina 279: "um individuo sae de um dos grupos e improvisa uma canção, á qual um individuo sahido do outro grupo responde." No Thibet, essa fórmula de desafiar se é usada nas festas que terminam os casamentos, e o cantador que tem de improvisar a sua quadra é multado se não conseguir ou se a fizer mal feita. No reino do Yunan, entre os barbaros submettidos ao governo chinês, os Tchong-Kia-Tsen, assegura Roux, que os observou, quando dois grupos, um de mulheres e outro de homens, dansando e cantando á luz das fogueiras, sob o céu estrellado, agradam á assistencia com os seus versos amorosos, têm licença dos chefes de irem se unir, amorosamente, durante o resto da noite, no escuro dos valles ou no recesso dos bosques, como uma ronda pagã de nymphas e de faunos.

3ª — Os desafios de amor se realisam nas comemorações agricolas das estações, quando a assistencia é numerosa, mesclados de ritos sexuaes e considerados festas de noivado e de casamento. Os thibetanos as realisam na primavera, com a maior solemnidade, depois de abluções e outras purificações religiosas. Os barbaros do Yunan as celebram no Anno Novo. Na peninsula de Tho-yen (os por menores são fornecidos pela obra de Colquhoun), tudo se passa perto de um pagode cheio de divindades veneraveis. Após os desafios, cada mancebo escolhe a sua preferida e vae com ella *esconder-se* nas grandes moitas de bambus. Antes de se occultarem, os dois ficam, encostados um no outro, de dorso, cantando coplas de amor. Ao anoitecer, todos os pares escondidos reaparecem e se reúnem em duas theorias, que bailam e dansam. Cada rapaz atira á sua bella uma bola na ponta dum cordel. Se ella

acceita, ficam noivos. Se não a quer receber, é que o parceiro, apezar das horas de esconderijo, não lhe agradeou...

4ª — O duello de cantos de amor é realisado por moços e moças de tribus ou de aldeias differentes. Até aqui todas as manifestações do desafio chinês se passam entre pessoas da mesma tribu ou da mesma aldeia. Nesta ultima dá-se justamente o contrario. Segundo o coronel Bonifacy faz notar, isso é uma reminiscencia da exogamia primitiva, quando cada homem era obrigado a ir buscar, fóra da sua gente e ás vezes da sua raça, uma companheira para a sua vida. Porque o fim desse desafio ainda é, tanto na China como no Tonkin, ou na Coréa, o noivado, o casamento ou mesmo a simples saturnal semi-religiosa de uniões sexuaes em plena natureza.

Tudo na China tem o dom de ser complicado, até mesmo o desafio em verso, tão simples e tão curioso no nosso interior. E' que no Oriente se guardaram melhor as lembranças dos primeiros passos da velha humanidade. O desafio de lá ainda mantém a pureza primitiva de suas fórmulas simbolicas e amorosas, que illustraram as primeiras festas das civilizações incipientes, e o nosso, drenado através da cultura greco-latina, da idade media e das influencias peninsulares, desabrocha de novo no sertão immenso e pobre, perfumado pela simplicidade do seu povo, pela espontaneidade da sua verve ignorante e pela franqueza brutal do seu coração:

— Vou lhe fazer uma pergunta,
P'ra você me arresponde:
Em riba daquelle morro
Quantos capins pôde ter?

— Se a secca não matou,
Se o gado não comeu,
Em riba daquelle morro
Tem os capins que nasceu.

Eleonora Duse.



ão é possível esquecer Eleonora Duse! Aquella tarde de Florença será também inolvidavel. Um bello dia, com os pintados por Botticelli, em collaboração com Leonardo, enchia a cidade e pintava de glorias as ribeiras do Arno. Parecia que tinham florido as ruas com uma vegetação espon-tanea, transparente, em nada prejudicial ao tran-sito. Uma vegetação do ar, da luz e do pensamen-to artista, do ar e da luz de Florença, toda perfu-mada a lyrios.

Naquella tarde procurei ver Eleonora Duse; havia chegado um pouco adoentada, e os periodi-cos tinham-n'a recebido com essa amizade dos pe-riódicos locais para com o filho illustre de sua cidade.

Julgava-a contente porque em sua melancolia de sempre se reflectiam, alegrando-a — ainda que se mostrassem radiantes de ventura os espelhos que a um dia formoso dão — a belleza e a esperança ex-ceptionaes da tarde.

A Duse recebeu-me com uma bata dramatica, uma dessas batas scenicas, cheias de volantes pre-gas, com uma larga cauda, como para encher toda a scena. Uma dessas batas como para descabella-das heroínas a quem uma dôr intima persegue. Seu rosto estava abatido, porém em seus olhos havia tão grande intelligencia que se sentia grande con-fiança em sua vida e a certeza de que viveria mui-to, ou com mais enthusiasmo: que viveria sempre.

A Duse pediu-me noticias da Hespanha.

— Esta tarde vivo na Hespanha —, uma Hes-panha de primavera, com uma luz mais alaranja-da; tão em Hespanha, que por um momento ousou falar comsigo em hespanhol.

Isto mais approximou-me da Duse e tornou-a mais affavel; porém quando comecei a interrogal-a sobre cousas de theatro nublou-se um pouco o seu rosto, como se ante o sol de fóra tivesse pas-sado uma dessas nuvens, pequenas, porém que pro-jectam uma grande sombra sobre as cidades, e dis-se-me:

— Conte-me o que sabe de mim pelos outros. A senhora seguramente saberá muitas cousas da minha vida de artista... Pois diga isso... si sou-besse como me afflige recordar... Vim para aqui, fugindo do theatro, dos ensaios a todas as horas, porque o de menos são as noites de estréa e re-presentação; o custoso é preparar esses momentos de luzimento e de applauso. Até em sonhos nos perseguem os vestuários e as cabelleiras; represen-ta-se dormindo, representa-se diante de um publico que nos sonhos ás vezes pateia e dá tremendos des-gostos, desses desgostos que chegam a despertar-nos.

— Porém, uma entrevista precisa de alguma dessas cousas que se recordam sempre, insisti.

— Não. Uma entrevista, minha amiga, é como um ensaio em que ainda em trajes caseiros temos que representar diante do escriptor que nos inter-roga... Pela santa tarde que faz, não me pergun-te mais nada. Gosta de Florença?

— Muito. Florença é o calix de uma flor com-plexada, algo assim como o calix cheio de attribu-tos de uma passiflorea.

— Sim, sim, é como uma flor assim, replicou-me —; eu vinha angustiada, prostrada, e se algu-ma côr se via em meu rosto era o resto do car-mim que por mais que se procure fazer desapare-cer jámais sae depois de tantas noites tel-o usado, como eu. Não obstante, essa flor de que me fala, devolveu-me as cores que nascem do coração e es-pero estar muito breve rosada como uma campo-neza.

— Quer a senhora que lhe diga uma cousa sin-cera, á senhora a quem tanto tenho admirado no estrangeiro, porém a quem jámais vi em Florença?

— Diga-me o que lhe approuver... vós, sim.. vós podeis contar-me a vossa vida e eu escrevel-a.

— Que me pareceis a soberana de Florença, desapparecidas as grandes Princezas de Médicis e merecendo, exigindo, Florença sua dominadora re-gional, é a senhora a soberana... todas as joias de

Florença, o Duomo, o palacio Pitti, tudo, necessita de uma *fada* como vós.

A Duse sorri, com uma alegria mais franca, e olha por cima do balcão, afagada sinceramente pelas minhas palavras. Um creado annuncia o no-me de uma amiguinha mais intima do que eu, ape-zar de ter sido recebida no seu gabinete. Levan-to-me.

— E' uma de minhas amigas que vem buscar-me para um passeio. Vamos almoçar e em seguida merendar as frutas douradas que se colhem ma-duras e appetitosas neste dia esplendido.

Quer vir comnosco?

— Para desfructar comsigo um dia como o de hoje seria preciso ser sua intima amiga. Uma es-trangeira lhe roubaria essa liberdade, essa confi-ança e esse abandono de que necessita esta tarde florentina.

Guardo carinhosamente a recordação daquella tarde inolvidavel.

Para que insistir com perguntas?

Eleonora Duse appareceu-me como uma mu-lher que havia soffrido muito e conservava grava-



UM DOS MAIS BELLOS RETRATOS DA GRANDE ARTISTA TÃO AMADA DO PUBLICO DO RIO DE JANEIRO.

da na alma a causa das dores com que a affligiram as obras que representou, porque jámais ella representou em falso, porém reviveu as heroínas de Shakespeare, de Ibsen, de Maeterlink, de Sardou, de Dumas, de Sudermann e de Gorki, fel-as viver com as dores da maternidade que a esgotaram.

Crucia-a tambem outra chaga dolorosa: a causada pela tremenda ingratidão de um homem. De sua memoria jámais se aparta a recordação de D'Annunzio; estão unidos em sua grandeza como num consorcio mystico e, separados ou não, a Duse será sempre como que a mãe espiritual das creações do grande poeta italiano, porque foi ella a primeira que lhes deu carne, plasticidade e paixão.

Ficará, para sempre, retratada a figura da Duse com aquella phrase com que D'Annunzio lhe dedicou sua obra: "Eleonora Duse, a das bellas mãos".

Suas bellas mãos!

Mãos que parecem finas, admiraveis, superviventes; mãos que parecem vasadas em gesso para perdurar sempre jovens, satinadas, morbidas, sem soffrer a sarmentosa velhice das mãos. Mãos que adoram, espirituas, de mulher que tem amado e que tem soffrido; mãos de Gioconda, que falaram, expressaram e sentiram como seus olhos e sua voz.

No entanto, D'Annunzio teve a crueldade de humilhar, no *Il fuoco*, a paixão tão grande e tão nobre desta mulher. Diz-se que a Duse, quando leu a obra, teve impetos de lançal-a ao fogo; porém logo raciocinou e com os olhos razos de lagrimas exclamou:

— Bemaventurada a que inspirou uma obra de arte.

Sem duvida, este desencanto tem contribuido para que a Duse se retire do theatro em plena gloria.

Não almejou sómente a perfeição na arte; buscou a perfeição da vida e tem sabido abandonar a tempo a scena.

A Duse, como tantas outras, não quiz obstinar-se em seguir-se sobrevivendo; ella não consentiria em apparecer ante o publico como um fantasma de si mesma. Ella quer deixar sua recordação de grande artista, completa, joven; dominadora dessa arte sua tão honrada, tão sincera, que jámais armou a effeitos nem preparou reclames.

E' tão firme esta decisão que, solicitada para que tomasse parte em uma obra de caridade, respondeu:

— Não. Nunca. Os mortos não voltam, nem eu evocaria e resuscitaria o que está morto por uma cousa tão pequena, importuna e inutil como uma festa de caridade. Algumas bellas damas discutiriam minhas faculdades e buscariam minhas rugas e meus cabellos brancos. Depois de tantos annos de ausencia não posso despertar mais do que uma curiosidade impertinente. Que prazer da arte poderia eu causar dizendo versos com uma voz cansada e despedaçada pela emoção... Não. Nunca. "Os mortos não voltam".

Os allemães indignaram-se com a Duse porque ella firmou o manifesto das mulheres de Italia ás suas irmãs de França. Dizem elles que a Duse era um tanto sua, porque haviam sabido applaudil-a e comprehendel-a. E' que a Duse, antes da guerra, era uma figura cosmopolita. Desde o seu primeiro triumpho juvenil no *Fiorentini* de Napoles, passou em triumpho por todo o mundo: Roma, Petrogrado, Berlim, America. Lembro-me bem dos seus triumphos em Paris com *O asylo da noite*, de Maximo Gorki, com sua grande amiga Suzanna Després.

A Duse tem sido a actriz admirada por todos os homens de genio.

Dumas lamentava pela arte de seu paiz que ella não tivesse nascido franceza; Verdi dizia: "Si eu a tivesse ouvido antes de escrever a *Traviata*, que bello final teria feito com aquelle "crescendo" de Armando que ella encontrou em sua alma".

Ella, todavia, sempre suspirou pelo repouso, pela tranquillidade.

Um dia visitou em Nice a casa, perdida entre rosas, onde occultava o seu luto á mãe de Guy de Maupassant, e a pobre velhinha lhe disse, agradecida:

— A senhora tem genio, um grande nome, gloria. Que posso eu desejar-lhe?

— A paz, — respondeu a grande artista.

E em sua vida tão combatida pelas dores, ella sempre e ansiosa, procurou a paz.

Ha muitos annos repouso em sua casinha, numa rua millenaria, solitaria, inencontravel, longe do theatro. Si se volta algumas vezes para a vida, é somente para praticar o bem, com essa grande naturalidade e essa grande sensatez que possui, essa cousa suave que é propria ao seu semblante doce e triste. Seus cabellos são um pouco tragicos, com o penteado de sempre, sem *coquetteria*, fiel a uma moda muito sua e pessoal.

Jamais a Duse exaggerou o gesto, nem no theatro nem na vida.

Tudo é naturalidade na Duse, nella não se percebe um desejo de exhibição, sem se preocupar com o mundo, indifferente aos seus juizos, observa a sua propria alma, com uns olhos sempre banhados dessa tristeza sua, intelligente, affectuosa, interminavel!



CIDADE DO RIO DE JANEIRO

O EDIFICIO DA ESCOLA NACIONAL DE BELLAS ARTES, INAUGURADO EM 1909. E' UMA DAS MAIS BELLAS CONSTRUCÇÕES DA AVENIDA RIO BRANCO.

La Prière sur l'enfant mort



UANDO ella aqui esteve, neste Rio de Janeiro cuja belleza panoramica tão fundamente a commoveu, já a sua alma sensível muita vez se confrangera ao toque da dôr. Na sua vida, porém, a Grande Sombra, a sombra que, quando desce um dia sobre as nossas cabeças, para todo o sempre nos veda a contemplação perfeita da luz, na sua vida a Grande Sombra não baixára ainda, e ella, exaltada e maravilhada pelo espectáculo radioso do nosso flammivono Sol, podia então cantar na sua lyra de poeta o esplendor incomparavel da Guanabara, toda azul sob o banho de ouro:

*Jámais tant de splendeurs n'ont ébloui mes yeux!
C'est ici le pays de toute la lumière,
C'est ici le pays de la beauté plénière,
Des terrestres beautés et des beautés des cieus!*

E ajuntava:

*O, mon plus grand espoir! n'as tu jamais bercée,
Au plus doux de ma vie et de ma passion,
D'une telle magie immense et nuancée...
Mes yeux sont trop étroits pour cette vision!*

E ao fim da tarde, ao começo da noite, quando os milheiros de fogos se accendiam miraculosamente na cidade, e que dos cumes dos montes altos até ás praias da bahia immensa a luz jorrava, fluindo, gottejando em fios paralelos pelas ruas longas, crescendo em clarões nas praças, nos rocios, ella, de bordo do navio que aqui a trouxe, debruçada da amurada, extatica, suspensa, sentia na mente o turbilhonar dos versos:

*La dernière mouette éteint sa blanche plume
Tandis qu'avec douceur le ciel d'astres s'allume.
Dans les airs vaporeux, sur les chemins lactés.
S'éveillent, en tremblant, de légères clartés...
Tout autour de la baie, au flanc de la colline,
Et jusqu'en haut des monts, la Ville s'illumine;
Brillant de tous ses feux, la constellation
Du plus grand des sommets va rejoindre Orion,
Et dans la nuit, et sous la grace de tes voiles,
On ne voit plus que toi, Rio, faite d'étoiles!*

Passaram-se os annos, porém, compridos e multiplos; e um dia um clarão maior que o dos nossos crepusculos illuminou subitamente o horizonte, subiu em labaredas altas, que tocavam os céos. A Terra ardia, crepitando... Era a guerra...

As horas de angustia suprema não começaram logo, mas apenas quando dois dos seus filhos envergaram a farda azul, partiram para a missão sagrada e terrível. Ella ficou então em Paris, com o espirito permanentemente voltado e tendido para os lados de onde o Sol vinha cada manhã, e de onde nem sempre vinham noticias ou cartas. O susto, a preocupação alarmada e constante desse coração de Mãe, sabemos agora que intensidade tinham, ao ler este livro escripto com lagrimas e sangue, este livro de infinito amor e sãdade su-

prema em que Jane Catulle-Mendés conseguiu dar ao filho morto uma vida mais alta e mais duradoura, resuscitando-o pelo milagre da Dôr e da Arte, que é dôr também.

"La Prière sur l'enfant mort", cujos primeiros exemplares, editados pela casa A. Lemerre, em Paris, acabam de chegar ao Rio de Janeiro, é um livro talvez unico na historia das letras. Escripto aos soluços, em arranques menos de inspiração que de soffrimento, a obra não é mais que um volume de memorias; nella, porém, não se contém aquelles pensamentos de melancolia doce, aquellas evocações saudosas e serenas que dão aos volumes desse genero como que um suave olor de flores fanadas. Aqui, tudo é violencia, verdade, soffrimento; cada phrase é um grito lancinante, cada reticencia um gemido de agonia. Memorias de alguns mezes apenas, mas nas quaes se consubstancia toda uma vida humana, mais: toda a vida humana, na sua mais profunda e verdadeira expressão. Este livro, que é um tumulto, tem oscillações de berço. Mas digo mal; não é um tumulto. Primice, o filho morto, nelle resurge, vivo. E' porque o vemos ali, que elle claramente nos apparece em frente aos olhos, não apenas tal como era, mas tal como é e será para sempre, em corpo e em alma, em carne e em pensamento, em acção e em sonho. Quem no livro nos apparece morta não é o filho, mas a Mãe, não é Primice, é Jane, de cujo sangue, de cuja agonia, de cuja morte a figura do morto pode mais uma vez voltar á Vida, maravilhosamente.

*"J'ai voulu écrire ce livre pour Toi, mon petit Bien-Aimé,
Pour te pleurer plus encore,
Pour ajouter les pleurs des mots aux pleurs du sang, aux pleurs de l'âme,
Parce que c'est tout ce que je peux,
La seule pauvre chose que je peux."
"J'ai voulu l'écrire pour que tu sentes encore mon amour,
Pour qu'il t'atteigne, t'enveloppe, et se fonde en Toi,
Si dans l'inconcevable où Tu es Tu peux percevoir quelque chose."*

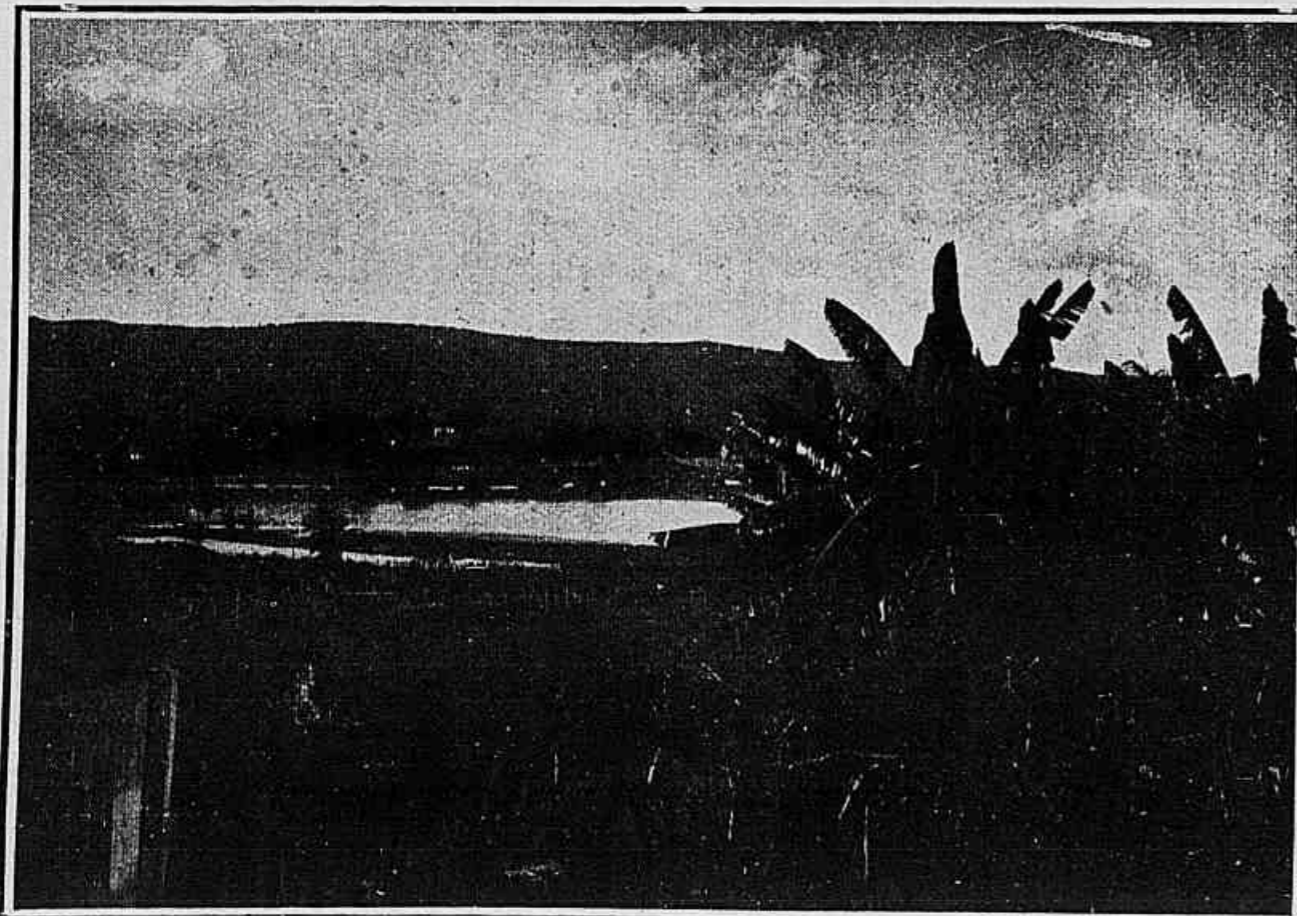
E continua a litania do offertorio, logo após com estas palavras, que são versiculos:

*"Qu'il soit lu par celles dont le coeur est une tombe, et qui ne veulent pas d'oubli;
"Qu'il soit lu par vous aussi, jeunes femmes riantes dont les bébés jouent dans le soleil, — afin que vous sachiez, avec gravité, le prix de leur joie et de votre bonheur."*

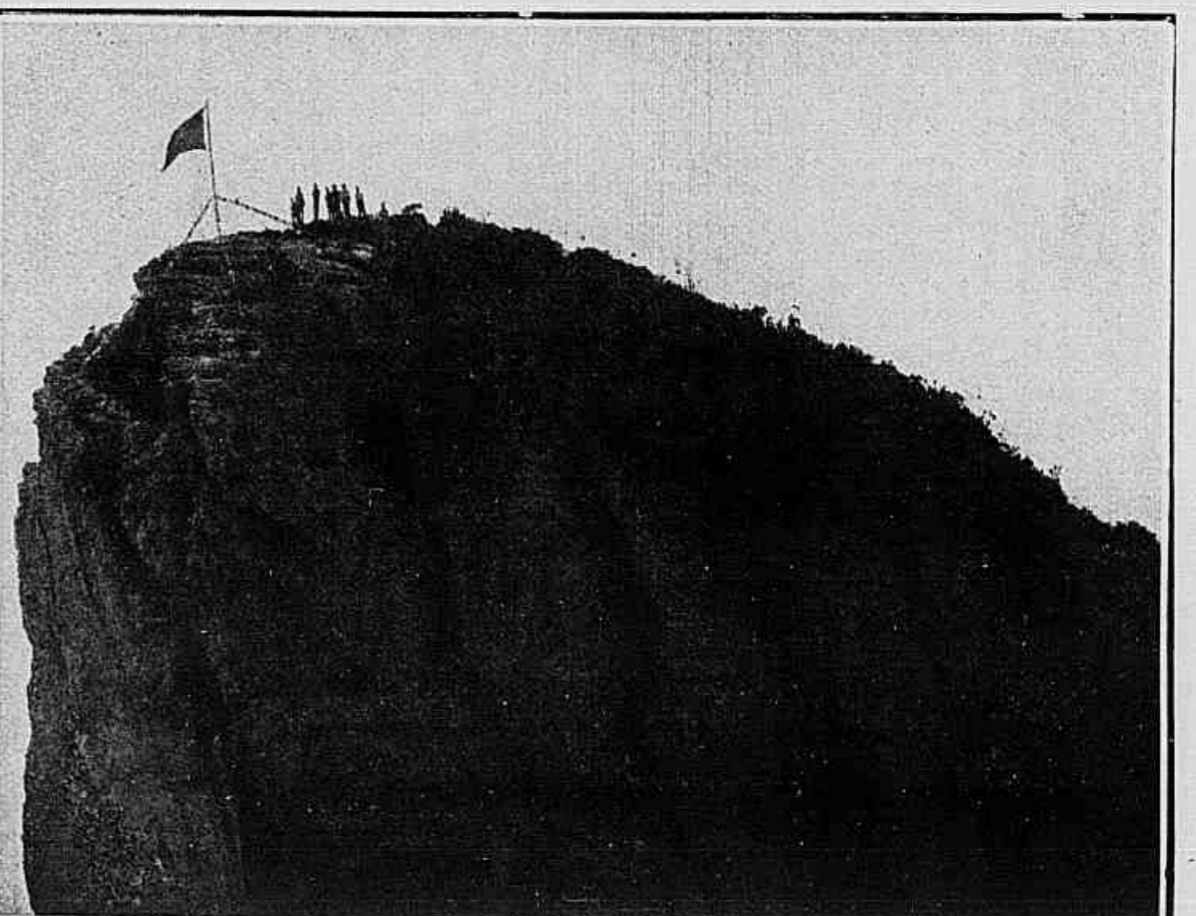
Esta obra poderá chamar-se, em edições successivas, Breviario das Mães. Todas ellas ali reverão reflectida a imagem da sua dôr sem consolação!

Os physicos hão de ainda descobrir um dia que as proprias trevas irradiam; ha raios negros sulcando o espaço, caminhando com rapidez infinitamente maior que a da luz... Assim é este livro, profundo e vasto, erguido em cumes, baixado em abysmos, onde outra luz, outro clarão, outro esplendor não ha que o das trevas — que o das trevas eternas, onde rolam os mundos e os soes, mas que podem todas condensar-se, resumir-se num coração de Mãe... Bemdita seja esta, em nome de todas as demais!

AL-ALA.



ESTADO DE MINAS — LAGOA SANTA



ITACOLOMY — PEDRA MÃE

O Passado. o presente da Nossa-produção Agrícola por Archival de Moraes



TRAVÉS do periodo secular da nossa emancipação politica, até o presente, o que muito pouco progresso tem tido no Brasil e que só ultimamente vae despertando da sua inercia, com alguma actividade e aperfeiçoamento, é a agricultura nacional.

A mecanica agricola, inventando machinismos movidos pela tracção animal, pelo vapor e pela electricidade, adaptando os instrumentos agrarios em todas as phases da producção, isto é, desde o preparo do solo até á colheita e o beneficiamento ou preparo dos productos da agricultura, facilitando e aperfeiçoando o trabalho, e reduzindo o custo da producção, beneficiando simultaneamente o productor e o consumidor, tem tido até o presente pouca applicação entre nós.

O methodo dominante em nossa lavoura ainda é o secular extensivo, em que a derrubada e o fogo são os unicos preparos concedidos aos terrenos de cultura e em que, por consequencia, a natureza é tudo, o esforço humano minimo e a intervenção da sciencia agronomica nulla.

Neste regimen a lavoura toca ás raias da industria extractiva e em que se podiam negar-lhe os fóros de industria, tão fracas são as analogias entre as suas praticas e os preceitos da agricultura moderna.

No regimen que domina a nossa vida agricola, o productor é influenciado sobretudo pela natureza; é o factor que ainda predomina, concorrendo o trabalho mais como auxiliar, alheado da actividade methodica que tem consciencia do seu poder e sabe variar as suas applicações, dando ampla remuneração á sua actividade.

O capital aqui empregado é de existencia rudimentar, quasi inacessivel, e não augmenta senão a passos tardigrados.

A natureza, neste periodo da producção, não é modificada, nem disciplinada, apenas determina e conduz o homem.

Não ha em regra progresso, nem reservas; os homens e as populações vivem, senão das producções diarias, ao menos das annuaes, obtendo penosamente uma colheita desvalorizada.

As calamidades naturaes, uma secca, uma carestia, abalam virtualmente a população, atiram-na á miseria, quando não victimam muitos habitantes.

Não se tem noção de contabilidade agraria na vida, nem de armazenar, guardar, poupar, economisar, pôr em ordem de eventualidade cousa alguma.

O passado é olvidado, o presente é a sequencia do preterito e o futuro desdenhado.

O agricultor habituou-se a colher tão somente o producto da fertilidade espontanea do solo, que não representa o resultado do seu trabalho, do seu saber ou do seu capital, a não ser o pouco de tudo isso que elle despendeu nos processos elementares da mineração agricola.

Sob este regimen invertido, o fazendeiro toma mesmo um titulo de emprestimo, cuja legitimidade é contestavel, quando se diz *agricultor* ou *lavrador*; elle é apenas um *plantador* bisonho.

De fórma que, depois de um seculo de actividade e progresso intenso no mundo agricola, o contingente parco que representamos em mais de uma duzia de productos sob a grande massa do que pela nossa diversidade de condições especialissimas deviamos apresentar, é infelizmente, na verdade, bem insignificante, como podemos verificar.

A CANNA DE ASSUCAR

A cultura da canna de assucar é a mais antiga das occupações agricolas do Brasil.

Essa graminea foi introduzida das ilhas Canárias, nos principios do seculo XIV.

Nos livros de arrecadação da *Casa da India*, de 1526, onde se pagavam em Lisboa os direitos de entradas de mercadorias, consta neste anno que Portugal já importava assucar de Pernambuco.

Duarte Coelho, em 1633-34, tomando posse da Capitania de Itamaracá, procurou aproveitar suas terras excellentes para a cultura da preciosa graminea.

Animando aos que se dedicavam á cultura saccharina, mandou vir da Europa mestres de fabricação de assucar e não poupou esforços para organizar de modo conveniente a lucrativa e futura industria, base da principal riqueza de todo o norte do paiz.

A lavoura da canna de assucar no sul do Brasil, em Campos, no Estado do Rio de Janeiro, data de 1750, continuando até o presente a ser uma das mais importantes.

Póde-se, com absoluta segurança, afirmar que á industria assucareira deve o Brasil os seus maiores progressos, a sua fama de paiz fertilissimo e cubigado, e a sua riqueza, bem como os primordios do seu civismo, de ancia de liberdade e de independencia.

A' classe agricola da lavoura de canna de assucar, do nordeste, devemos a nossa grandeza eco-

nomica, como os primeiros movimentos armados em favor de tão almejada autonomia.

A exportação de assucar de Pernambuco se fazia em caixas de madeira, com 30 a 50 arrobas de 15 kilos, e no anno de 1822 ella foi de 780.702 arrobas, chegando em 1823 a 1.139.301.

Em Campos, a producção do anno de 1822 demonstrava já claramente o futuro que estava reservado ao Estado do Rio, como depois foi confirmado pelos engenhos a vapor montados de 1855 a 1875 e com as usinas ou engenhos centraes installados nos ultimos annos.

No anno de 1820 existiam já, no Municipio de Campos, 360 engenhos, e em 1826, 400, exportando 8.000 caixas ou 60.000 kilos de assucar e 6 mil pipas de aguardente, de 480 litros cada uma.

Sendo uma das nossas mais antigas e importante industria agricola, é ella a que menos progresso tem alcançado e tem-se conservado atrozada, rotineira e estacionaria no que concerne ao rendimento saccharino da canna, além do baixo rendimento da cultura da propria materia prima, o que explica o facto extraordinario da differença da producção de uma Nação tão extensa com minusculos paizes estrangeiros.

O CAFEIRO

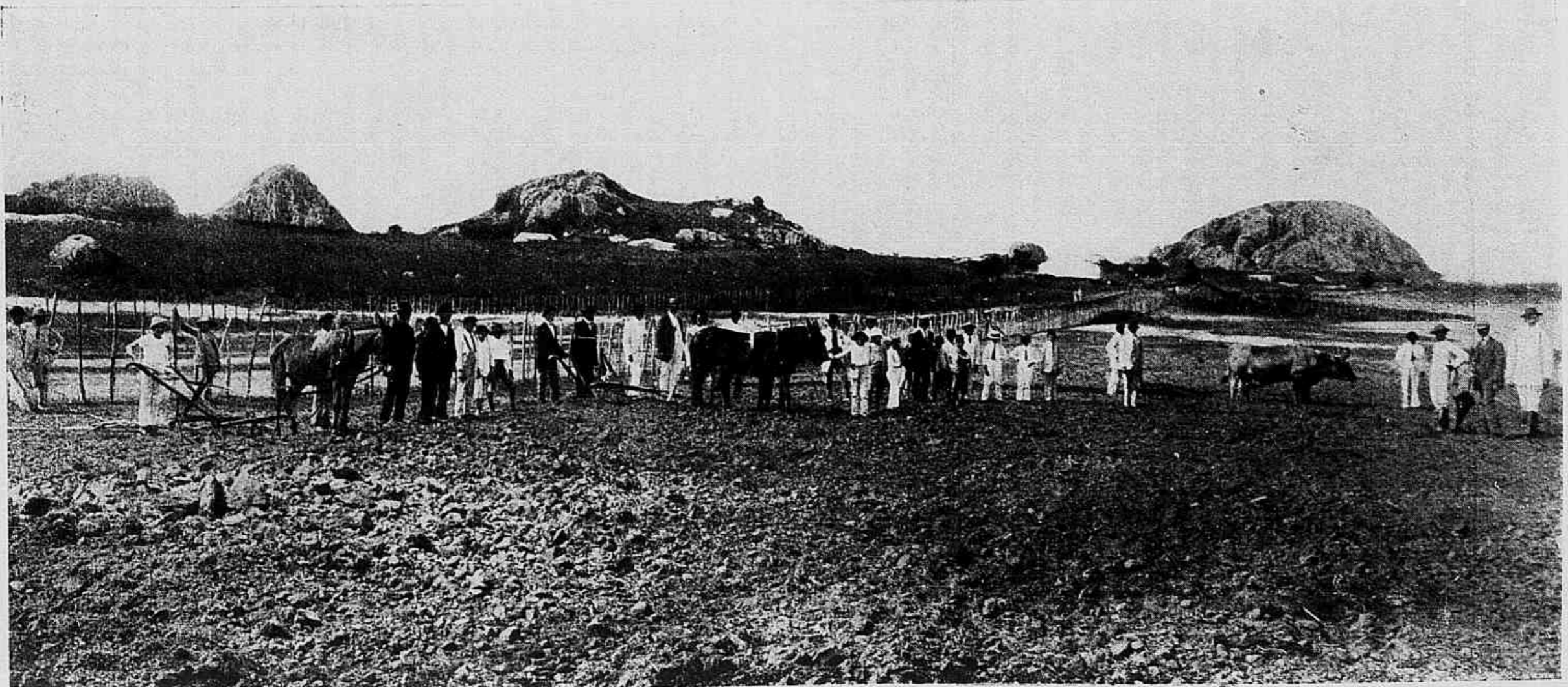
O cafeeiro foi introduzido no Brasil no anno de 1723, trazido de Cayenna para a Amazonia.

Do Amazonas e do Pará passou o cafeeiro para o Maranhão, em 1732; somente em 1762 vindo do Maranhão o desembargador Castello Branco, da Relação de São Luiz, trouxe para o Rio de Janeiro as primeiras sementes do cafeeiro.

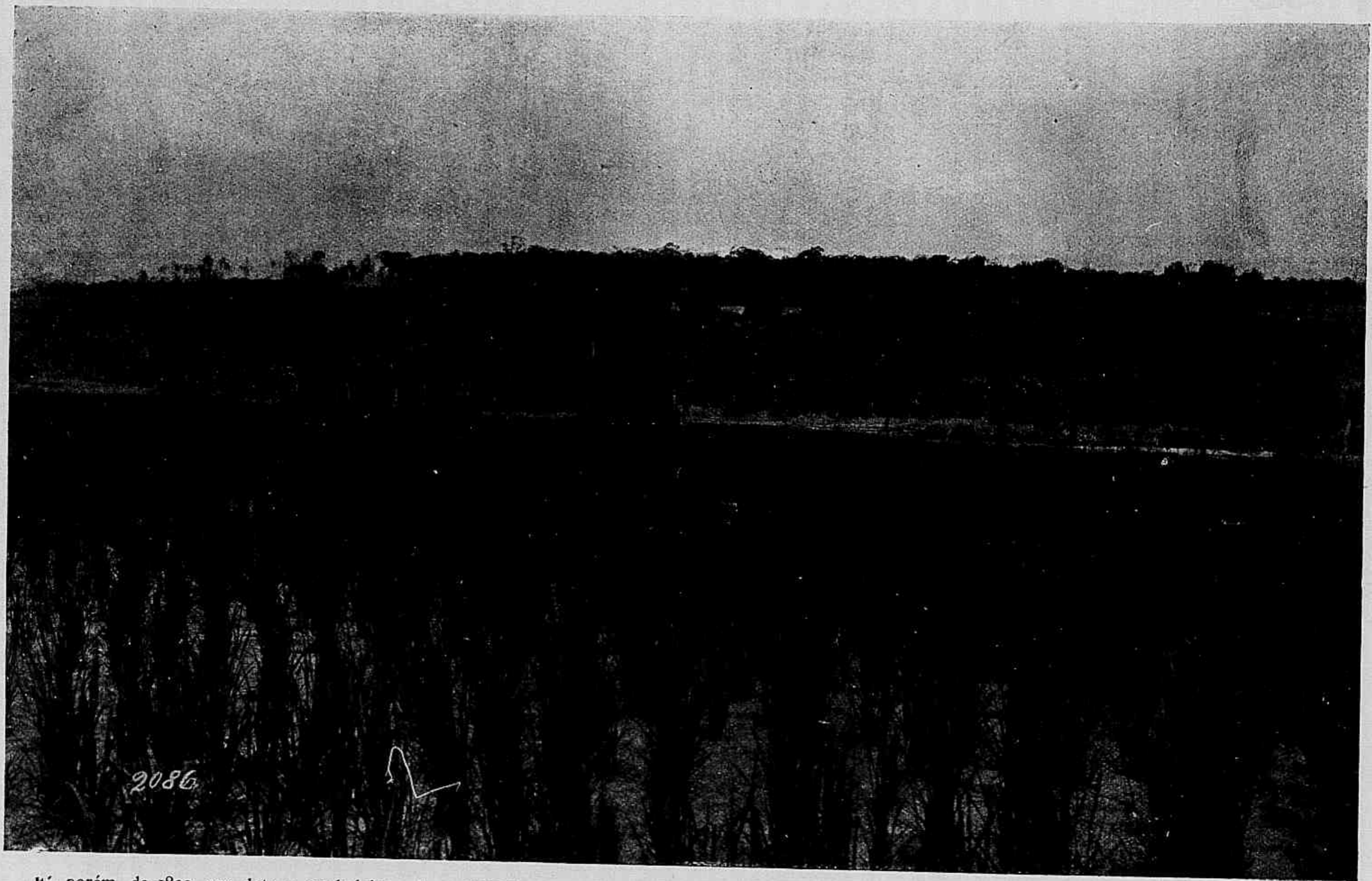
Segundo Corrêa de Mello, o apparecimento dos primeiros pés de cafeeiro em São Paulo, em Jundiahy, coincidem com a chegada do governador da Capitania, capitão-general Carlos Mendonça, em 1797.

Porém, segundo se vê na *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo* (Volume V, pagina 123), muito antes dessa época já se colhia café em São Paulo, na fazenda Casa Verde, da familia Aroche.

Em Fevereiro de 1794, o tenente-general J. Aroche de F. Rondon escrevia a seu irmão, que se achava na Europa, nestes termos: "Nesse mesmo navio vae um caixote de café da "Casa Verde", e por onde se concerne que muito antes de 1794 já se colhia café em São Paulo e provavelmente essa entrada só podia ter-se dado pouco antes de 1790.



LAVOURA MECANICA NO CAMPO



É, porém, de 1830, que data a verdadeira cultura do cafeeiro no sul do paiz. Nos seus primeiros tempos, essa plantação foi tão desanimadora que houve fazendeiros que queimaram os seus cafezaes para encetar outra cultura. Até 1815, pouco mais ou menos, era essa ainda tão diminuta que a produção mal chegava para o consumo interno.

Esta industria, que vem occupando o primeiro logar na fonte da produção do Imperio e da Republica, não fez mais do que seguir a marcha de todas as cousas da natureza: começou embryonaria, e em pouco tempo desenvolveu-se de modo que, desde 1789, o Brasil possui as mais bellas e vastas plantações, das quaes algumas se encontram em taes condições que necessitam de centenas de braços para a sua manutenção.

Nos annos que succederam ao periodo da Independencia, a exportação de café do Brasil foi a seguinte:

Annos	Saccos de 60 kilos
1821	105.386
1822	152.048
1823	185.000
1824	224.000
1825	189.136

O augmento das grandes exportações tem succedido do anno de 1840 para cá. O Brasil é considerado actualmente o maior productor de café do globo. Avaliando-se a media da produção total de todos os paizes cafeeiros em 22 milhões de saccas, o Brasil concorre com 12 milhões ou mais de dois terços da produção mundial, cabendo ao Estado de São Paulo o maior contingente, ou 11 milhões de saccas.

O TABACO

A cultura e uso do tabaco é indigena da America.

Quando Christovão Colombo aportou, em 1492, á ilha de São Salvador, um dos espectaculos mais singulares que se offereceu á vista dos descobridores do Novo Mundo e de seus companheiros foi o encontrar os naturaes do paiz a fumar.

A cultura do tabaco no Brasil era precedida muito antes de 1555, quando o padre Thevet nos dá noticia sobre a existencia dessa solaná.

Parece, que os europeus começaram em 1600, mais ou menos, a lavoura do tabaco na Bahia, onde se espalhou para outras regiões do paiz. Esse producto exporta-se do Brasil desde tempos immemoriaes e nos tres ultimos seculos devia constituir uma das mais importantes mercadorias que daqui rece-

CULTURA DO MILHO CATITE' NO BRASIL

bia a Metropole. Depois de 1848, a lavoura do fumo tomou grande extensão entre nós. Em 1872-73 o nosso paiz exportou 16.900.774 kilogrammas de fumo, no valor de 170.725.778 francos, nos quaes a produção da Bahia entrou com 14.583.407 kilos. A importancia da industria do fumo, como a do café, era tamanha que as armas do Imperio eram ladeadas de dois ramos de cada um desses vegetaes de cultura economica e que constituíam a maior riqueza do Brasil. Não podemos dizer que a cultura dessa solaná tenha melhorado nos processos agronomicos, salvo nas lavouras de Santa Catharina e no Rio Grande do Sul. O afamado fumo de corda de Goyaz e de Minas vae aos poucos se tornando uma industria rural obsoleta. Essa occupação teve o seu apogeu na segunda metade do seculo passado, entrando nessa phase em declínio, devido á perda dos mercados estrangeiros e á diminuição do consumo nacional, pelas exigencias sempre crescentes de fumos claros e mais fracos, exclusivamente em folhas, cultivados e preparados por processos especiaes.

O ALGODOEIRO

O algodoeiro é uma planta indigena do Brasil, de vegetação espontanea, em diferentes latitudes, e que obedece a certas condições mesologicas e de constituição do solo, propicias ás exigencias dessa preciosa malvacea. No Brasil era o algodoeiro cultivado em toda a sua zona littoranea do norte e do sul do paiz pelos aborigenes, que aproveitavam o producto da sua lavoura e da sua rudimentar industria para fazerem as suas rédes de dormir e de pescar.

O algodão era cultivado no nordeste desde 1700; a sua exportação, porém, só appareceu depois de 1814-15, constando de 2.100 arrobas de 15 kilos, pelo porto da Parahyba.

Em Pernambuco, a cultura do algodoeiro, em fins do seculo XVI, obedecia a certas regras e principios observados pelos colonos civilisados e dispondo de recursos agrológicos que os indigenas não possuíam.

Segundo Duarte de Albuquerque, os algodoeiros constituíam, então, uma das principaes riquezas exportaveis do Brasil e o producto da sua industria, já tão desenvolvida e animada concorrentemente com o assucar e pão brasil, avultava na carga de mais de 120 navios, que annualmente partiam do porto do Recife de retorno da Metropole. A época mais em relevo na produção do algodão em todo

o Brasil foi a da guerra da secessão, em que a exportação do paiz attingiu ao algarismo de 80.000.000 de kilos. Deve-se esse extraordinario movimento de operosidade ao braço gracioso do elemento servil e devido á falta desse producto nos mercados britannicos, determinando a alta das cotações e estimulando aos lavradores a cultura dessa preciosa malvacea, fascinados pelo elevadissimo preço de uma mercadoria de tão facil e retributiva cultura.

Infelizmente, não teve continuidade o incentivo dessa preciosa lavoura. Aos poucos os norte americanos, mais diligentes, reconquistaram os mercados britannicos e a cultura tornou a decahir entre nós, estabelecida que foi a concorrência dos Estados Unidos.

Com a abolição do elemento servil, a lavoura algodoeira do nordeste desorganizou-se e cahiu em extrema decadencia, de fórma que a cultura, que alimentava a opulencia de ricos agricultores de outra ora, hoje é apenas praticada no dominio da pequena lavoura, tendo, porém, feito ultimamente, no norte e no sul do paiz, algum progresso, graças ás necessidades sempre crescentes da procura, cada vez maior, de tão precioso producto textil.

Produção comparada de algodão:

Paizes	EM 20 ANNOS		
	FARDOS	Campanhas	Campanhas
	1830-31	1840-41	1850-51
America do Norte	1.038.847	1.636.120	3.000.000
Brasil	200.000	120.000	140.000
Indias Occidentaes	13.200	39.500	15.100
Egypto	95.000	90.000	120.000
Indias Orientaes .	88.000	227.000	275.000
Total	1.435.043	2.112.020	3.550.000

O Brasil, até ultimamente, produzia apenas umas 40 mil toneladas de algodão annualmente, colhendo agora umas 200 mil toneladas. É a lavoura algodoeira a industria agricola de maior futuro para o nosso paiz e no qual está a sua maior prosperidade.

A CULTURA DO CACAUEIRO

No Brasil septentrional não tem tido essa cultura o progresso que era de esperar, dada a importancia e o valor do seu producto, porque o Pará e o Maranhão, bem como o Amazonas, têm terrenos illimitados proprios e clima adequadissimo a essa cultura, para fornecerem ao mundo inteiro o melhor

A MANDIOCA

A cultura da mandioca, legitimamente nacional, é o expoente de todas as outras, que se pratica desde o Amazonas, a patria dessa euphorbia, ao Rio Grande do Sul, encontrando-se as mais importantes culturas em Santa Catharina, Bahia e Rio Grande do Sul.

O consumo da farinha é enorme, porque serve de base, com o feijão e o xarque, á alimentação succulenta e saborosa do povo.

Não se póde calcular a sua producção senão por estimativa, em 500.000.000 de kilos, á razão de 100 grammas por dia, para cada pessoa, por 14 milhões, no minimo, de consumidores nacionaes.

Regulando o preço minimo de 100 réis por litro (elle é de 600 réis a varejo), seu valor será de 50 mil contos, quantia muito inferior á exacta. O Brasil tem na mandioca um artigo de exportação de maior futuro.

A BORRACHA

A industria extractiva da borracha era praticada no extremo norte muito antes de 1855 e já teve o seu periodo aureo, tendo tido a sua exportação em segundo logar depois do café.

As plantações systematicas feitas no Oriente, procedidas em 1875, desbancaram quasi por completo as grandes exportações que a Amazonia vinha fazendo; porém, mesmo com a grande baixa que o producto tem soffrido, concorreu em 1911 ainda com 22,5 % para o valor official total das exportações, percentagem que traduzida em valor real importou em 236.395:419\$000.

Em virtude dos grandes stocks existentes nos centros industriaes, accumulados pelas grandes producções para um consumo restricto, as cotações têm baixado e o producto tem estado quasi desvalorizado.

MATTE

A industria extractiva do matte é praticada nos Estados meridionaes do Brasil.

O augmento na quantidade da colheita dessa herba é a prova bastante da afeição estabelecida que por esta infusão têm os seus consumidores.

Em 1726 a colheita não passava de 625 mil kilos em toda a America do Sul, em 1905 o total chegou a 1.000.000 de kilos, em 1909 a producção foi calculada em 105 milhões de kilos.

O total de matte exportado pelo Estado do Paraná é estimado em media em 30 milhões de kilos por anno.

O consumo desse producto é ainda muito restricto; o chá e o café, como bebidas digestivas, lhe são muito superiores e hão de estorvar muito o augmento do seu consumo pela concorrência vencedora.

A tendencia dessa industria é para desvalorizar-se, cada vez mais, pois as culturas systematicas da Argentina, supprindo as suas necessidades internas, farão o producto perder o seu melhor mercado.

mais fino, mais saboroso e mais afamado cacão, sem absoluto receio de rivalidade ou competencia.

O Pará, de onde o cacão é oriundo, era a principio colhido nas selvas, e onde ainda se encontra o *Theobroma sylvestre* de Martius, começou, segundo o Sr. Manoel Barata, a sua cultura em 1678, portanto ha 243 annos, exportando em 1918 a quantidade de 2.596.790 kilos, porção essa que o mesmo Estado já exportava em 1851, a 71 annos atraz, pois naquelle anno o Pará exportou 2.903.152 kilos.

O Pará, pela relativa exiguidade da sua producção, apenas póde ser computado em 1915, no numero IX de ordem das grandes regiões productoras, exportando 3.542.858 kilos.

A Bahia fez muito mais, que, introduzindo a cultura do cacão, que recebeu do Pará, em 1665, em Cannaveiras, na fazenda Cubiculo, á margem direita do Rio Pardo, figurava em 1830 com 26 toneladas, em 1860 chegava á cifra de 960 toneladas, em 1890 attingia a 3.500 toneladas, em 1906 passava de 12.000 toneladas, em 1890 era já de 25.000 toneladas, em 1915 se elevava a 41.482 toneladas, em 1917 a 51.902 toneladas, realisando na safra de 1919-20 de 650.873 saccas de 60 kilos e estando em condições de produzir o triplo dessa mercadoria.

E isso em um Estado que não enveredou francamente em organizar um fomento especial a essa cultura e ao preparo do cacão, não possui uma navegação rapida que desembarace os centros productores, não tem estradas de rodagem boas, não organizou uma estação experimental, nem uma usina de beneficiamento para fermentar, seccar e uniformisar o producto, não tem instituido o credito agricola para acudir ás necessidades dessa lavoura, mas grava a mercadoria com um imposto extorsivo e vexatorio.

A Bahia é, entretanto, o maior productor de cacão superior do mundo, e é o logar em todo o globo onde a sua cultura offerece mais vantagem.

Outros Estados brasileiros, pequenos productores, entram com um contingente insignificante no mercado de cacão. Apenas Pernambuco vem augmentando gradualmente a sua producção e os Estados do Espirito Santo e de São Paulo accrescem em suas regiões adequadas a cultura dessa preciosa buteneriacea.

O MILHO

Sendo oriundo da America Meridional, a sua cultura no Brasil já existia, sendo feita muito antes da descoberta, pelos indigenas, que possuíam variedades de milho excellentes, para maizena, como o *milho-Pururuca*, de Matto Grosso.

Em todo o Brasil a cultura do milho é feita em maior ou menor escala, mas com producção muito instavel, nas regiões que o cultivam. As maiores colheitas desse precioso cereal devemos aos Estados de Minas, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Rio de Janeiro, Goyaz, Santa Catharina, Ceará, Bahia e Pernambuco.

Considerados os Estados em conjunto, a producção do milho oscilla entre 73 a 75.000.000 de hectolitros, porém que apenas aproveita para o consumo interno, sendo um cereal de exportação insignificante e de custo elevado nos grandes centros consumidores externos.

A superficie cultivada desse cereal em todo o paiz é mais ou menos de 400.000 hectares.

Possuindo o Brasil uma variedade enormissima de milho, alguns muito precoces, o nosso paiz importa esse cereal da Argentina e do Uruguay, e a falta delle em algumas localidades do extremo norte é por demais sensivel.

Entretanto o milho é o cereal de cultura mais facil do mundo e a sua utilidade não se restringe somente para a nossa alimentação, mas para a de todos os animaes domesticos.

A exportação que o Brasil fazia do milho nunca foi vultuosa, comparada á importação, e, apesar disso, até se declarar a conflagração européa, tinha diminuido muito, augmentando depois, principalmente nos annos de 1916 e 1917.

Todo o milho importado no Brasil vinha na sua maior parte, ou quasi exclusivamente, desde 1901, das republicas platinas.

O FEIJÃO

O feijoeiro é uma planta annual, oriunda da America Meridional, e hoje cultivado largamente em todo o mundo.

A cultura do feijão no Brasil é uma das mais antigas e de mais facil cuidado.

Temos largas zonas onde esse legume se póde plantar duas vezes em cada anno, e que não existe povoado algum, desde o Amazonas ao Rio Grande do Sul, que não possa produzir esse cereal para abastecer todo o resto do mundo.

O feijão é a maior alimentação da população proletaria e mesmo abastada de todo o paiz.

A variedade mais commum e procurada é o preto, e as melhores culturas estão situadas nos Estados de Minas, Bahia, Santa Catharina e Rio Grande do Sul. A producção do feijão em todo o Brasil é de 2.400.000 toneladas na media consumida por mais de 25 milhões de habitantes.

ARROZ

A partir de 1908 foi que teve inicio o grande movimento em prol do arroz no paiz. Até então, a sua cultura era feita em pequena escala, por processos atrazados e rotineiros, sem um emprego de irrigação, nem sequer dando para o consumo interno, ao passo que actualmente figura na estatística da exportação.

Deve-se attribuir ao regimen de premios instituido pelos governos federal e estaduaes, como tambem a uma maior aggravação das tarifas alfandegarias para o producto estrangeiro, o bom exito alcançado, que tudo faz crer continue com o desenvolvimento crescente, attentas as optimas condições offerecidas a essa cultura em clima e solo, por quasi todos os Estados do Brasil.

Os principaes Estados productores são: São Paulo (littoral), R. G. do Sul, Rio de Janeiro, Minas Geraes, Santa Catharina, Maranhão e Sergipe.

Ha annos importavamos muito arroz; as estatísticas accusam em 1901 o enorme algarismo de 12.375.000 kilos.

Ainda em 1899 essa importação attingia a uns 263.182 saccos de 60 kilos. A elevação do imposto de consumo, que passou de 120 réis por kilo para 160 réis, deu em resultado diminuir a importação e augmentar a producção. Hoje não só os Estados do Norte, como os do Sul, produzem arroz em abundancia para o consumo interno e para exportar em grande quantidade.

Para fazer idéa do progresso da cultura do arroz em nosso paiz é bastante citar o numero de kilos exportados nos penultimos dois annos. Em 1918 a exportação de arroz no Brasil foi de 27.915.778 kilos, no valor de 18.702:276\$000, e em 1919 augmentou para 28.422.957 kilos, no valor de 19.592:409\$000.

Os paizes de destino que adquiriram essa mercadoria foram a Allemanha, Argentina, França, Hollanda, Uruguay e outros.

O TRIGO

A cultura frumenticia, no sul do Brasil, é uma das mais antigas; já em 1737 ella existia em prosperidade no Rio Grande do Sul.

Anteriormente ao apparecimento da ferrugem, que teve começo em 1811, regulava a exportação desse cereal em cada anno a 500.000 alqueires. A partir do ultimo quartel do seculo XVIII são innumerados os documentos que tratam do trigo no Rio Grande do Sul, Santa Catharina, São Paulo, Minas e Goyaz.

Diversissimas causas fizeram com que a cultura do nobre cereal se extinguisse no sul do paiz, existindo sempre a cultura domestica, onde o clima e a variedade adaptavel permittem



ESTADO DE SANTA CATHARINA — CULTURA DO FUMO EM JARAGUA'

Díptico por Leopoldo Bricido

DANTE AOS NOVE ANNOS

Quando uma tarde, descuidoso infante,
Passeava, ao sol, na *piazza* silenciosa,
Surpreso e venturoso, teve Dante
A primeira visão maravilhosa.

Era a sua Beatriz, casta e formosa
Na meninice, que lhe vinha diante:
Era a abençoada aparição radiosa
Do seu eterno sonho deslumbrante.

Beatriz sorriu-lhe com o seu doce riso,
E os seus olhos, na face illuminada,
Lhe deram logo a luz do paraizo...

Ella passou... Dante ficou sozinho,
Attonito da graça inesperada
De amar... Depois seguiu o seu caminho.

A MORTE DE DANTE

Pelo caminho desta vida, um dia,
Messer Dante Alighieri, o Florentino,
Já velho, enfermo, tremulo, sentia
Fugir a luz do seu olhar divino.

Vibrava a alma sonora, mas soffria
Aquelle corpo debil e franzino,
— Para o céu de Ravenna, que fulgia,
Voltado o rosto transparente e fino.

Vem breve a noite — e todo o céu se enflora
De luzentes estrellas... Dante, agora,
Beatamente extatico e feliz,

Ouve vozes angelicas... e sente
Que as palpebras lhe cerram, docemente,
Os invisiveis dedos de Beatriz.



ESTADO DO RIO

RECANTO DA PRAÇA GENERAL GOMES CARNEIRO, EM NICTHEROY



REDACTOR: JULIO REIS

CHRONICA

A nossa musica

Os que se dedicam á arte de — pensar com os sons —, na phrase de Jules Combarieu, a arte que immortalisou Bach, Haydn, Beethoven, Schumann, Chopin e tantos outros; os que nasceram artistas nesta parte do mundo, em que a primavera é eterna, encontram inesgotavel fonte de inspiração nos cantares regionaes, na extraordinaria visão de maravilhas e grandezas que ostenta a mais deslumbrante natureza de que é dotado o Brasil.

O nosso temperamento, mixto de luz e sombra, vivaz e impressionavel, brilhante e contemplativo, amoroso e cheio de vigor, traduz com perfeição todas as impressões que deixam na nossa alma os quadros que se succedem na vida.

Não é de extranhar, pois, e para os que transportam para a pauta com sinceridade a inspiração derivada do sentimento, que uma segura orientação fecunde innumerables talentos, podendo collocar os compositores brasileiros em honroso lugar, ao lado dos que têm conquistado louros com a arte que canta a dôr e a alegria, que exalta a gloria e o amor!

O compositor erudito será o mais inspirado, e o mais sincero, o que mais honrará a tradição deixada por José Mauricio, Carlos Gomes, hontem, e continuada, hoje, por Henrique Oswald, Francisco Braga e Nepomuceno.

Vivendo somente da sua arte e para a sua arte, os novos compositores, que vão surgindo, têm que vencer as maiores difficuldades com a aquisição de meios para a audição de seus trabalhos, porque não existe amparo official.

Felizmente a iniciativa particular vae, inda que lentamente, cultivando a vinha sagrada, e uma alentadora esperança anima os que trabalham com o pensamento e produzem obras d'arte, a que o tempo nem o descaso conseguem attingir.

Teremos, muito breve, a nossa musica, porque os novos compositores já percebem a inspiração que baixa com as alvoradas e crepusculos, como um divino orvalho, sobre a opulencia das nossas selvas, sobre o grandioso das nossas montanhas, dos nossos rios, habitados por um povo que vive e progride, animado, fortalecido e inspirado por um sol que se ostenta maravilhoso no mais azul dos céos!



NA CURVA DO CAMINHO!...

A idéa da celebração do Centenario de Dante percutiu em todo o mundo intellectual, como a vibração de um sino que acordou o mundo das letras do quasi torpor em que as têm mergulhado as desencontradas ondas creadas pelo pensamento, através da natural evolução por que, ha seis seculos, tem passado o espirito humano.

Como a voz de um evangelho que mais uma vez proclama os dogmas maravilhosos que regem as concepções dos artistas da palavra e do som, a evocação do maior dos poetas italianos revive o scenario e agita os personagens da Comedia idealizada pelo cantor de Vita Nuova e dando-nos a mão como a Virgilio, faz-nos, após seis seculos, percorrer os mesmos caminhos em cuja curva não presentimos o ideal que já não é sonho e o sonho que já não é mysterio!

Na curva desse caminho que nos conduz á su-

prema felicidade, deparamos com a visão de todas as doutrinas materialisadas em factos que nos fazem tremer de horror ás torturas dos condemnados, no Inferno; á visão da desesperança que se humanisa no Purgatorio e á indizível ventura que nos proporciona o Paraiso!

Como uma luz que espanca todas as trevas, passa a doce visão de Beatriz, e de mãos dadas, Dante e Virgilio, o mundo christão e o mundo pagão, galgam a montanha em cujo cimo esplende a aurora da paz eterna e onde se transfiguram os christãos, que se deixam martyrisar pelo amor, que tudo perdôa.

Acompanhando essa jornada miraculosa, as paixões se transformam, uma suavissima musica distrae os viajantes e já os dias e noites não parecem seculos...

Das paginas de Dante, cada letra, como um



DANTE E BEATRIZ

sol, illumina um mundo novo, e o pensamento comprehende e percebe que a alma é immortal, como immortal é a concepção que as inspirou!

LEO RIJUS.



DANTE

A musica de seus versos

"O poema de Dante é um canto", diz, e com muita propriedade, Camille Bellaigue.

Tieck chama-o um mystico e insondavel canto. De facto, o leitor attento, calmo observador, percebe, através da elevação das idéas, do grupamento e belleza das imagens, no inedito das creações, no encanto das surpresas occasionadas pela série maravilhosa das visões, a uncção religiosa, o elevado estylo da psalmodia!

Arrigo Boito, poeta e musico erudito, o admiravel autor do Mefistofele, diz que "Dante creou a polyphonia da idéa; ou melhor, — o sentimento, o pensamento e a palavra nelle se encarnam tão miraculosamente, que esta trindade não fórma mais do que uma unidade, um accorde de tres sons, perfeito, onde o sentimento, que é o elemento musical, predomina".

E' notavel que não se encontre musica no Inferno de Dante!

"A razão verdadeira, a razão mais metaphysica

do que moral é que no inferno, — segundo Job, — tudo é desordem."

"Una melodia dolce correva
Per l'aer luminoso."

"Dante faz com que as almas se revelem a elle como vozes e como raios ou flamas... Tudo, até a brisa, é para elle melodia. No terceiro circulo do Paraiso, na obscura claridade da lua, uma Ave Maria, suspirada por Piccarda Donati, se evôla como o luar do pallido astro."

As orações, os hymnos, os psalmos, as Beattitudes são melodia, continúa Bellaigue. Nos labios de Matelda, a dama que caminha ao longo do regato, colhendo flores e cantando: *Beati quorum tecta sunt peccata*, a historia do Paraiso terrestre torna-se uma canção.

No poema maravilhoso, Dante immortalisou Belacqua, o famoso luthista, Folchetto, o amoroso trovador da Provence, Arnaldo Daniello, que se apresenta neste verso provençal, "adoravel de musica e de melancolia": *"Jeu suis Arnaut, que ploro et vai chantan"*.

E, que dizer de Casella, — a mais melodiosa figura da Divina Comedia, quando canta: *"Amor che mi ragiona nella mente?"*

"Dante aprecia igualmente o encanto que os instrumentos accrescentam á voz: *"voce mista al dolce suono"*. Do mesmo modo elle define as relações do acompanhamento e do canto:

"E come a buon citarista
Fa seguir lo guizzo della corda,
In che più di piacer lo canto acquista."

(Parad., XX.)

No maravilhoso poema existem verdadeiras cantatas para solo e còros. Pedro de Aragão e Carlos de Provença cantam a *Salve Regina*. "O hymno *Te lucis ante* devotamente entôam os labios de uma alma, e as outras almas, semelhantes a corypheus, almas de principes e de reis, lhe respondem com a mesma devoção e a mesma doçura." Como na lyrica coral dos Gregos, o canto se mistura com a dansa:

"Tre donne in giro...
Venian danzando."

O vigesimo canto do Purgatorio contém o *Gloria in excelsis Deo*, que não é cantado, mas gritado:

"Poi cominciò da tutte parti un grido."

Um autor de nota diz que a musica de Dante nada tem de monotona. Abunda em effeitos imprevisos e variados continuamente.

A' proporção que Dante se eleva com Beatriz, que o guia, ouve-se *"La sinfonia di Paradiso"*, que começa pela *Ave Maria* de Piccarda Donati.

"Cosi la circolata melodia
Si sigillava."

exclama o Dante quando narra a scena em que o Archânjo Gabriel entôa uma melodia que é repetida pelos còros celestes, constituindo um perfeito circulo. Dante, finalmente, formava da musica um tão elevado conceito, que elle, um dos mestres da palavra, não se julgou capaz nem digno de tudo exprimir:

"Voci
Cantaron sì, che nol diria sermone."



ALCANCE EXPRESSIVO DA MUSICA

(J. REIS GOMES)

SHAKESPEARE sabia admiravelmente o que pretendia dizer-nos e verifica-se que nos legou até mais noções do que conhecia a sua época.

No entanto, existem bibliothecas vastas para a interpretação das suas obras, o que só prova,

inversamente, que elle não alcançou fazer-se comprehender de uma maneira geral e uniforme, embora se tivesse servido da poesia.

Mas este desejo, esta ancia de saber, até ao fundo, o que significa certo verso obscuro, certo sorriso vago, certa attitudo plastica mais ambigua, impelle-nos irresistivelmente a procurar a idéa ou sentimento que se contém em determinado trecho ou phrase musical.

Não basta, para satisfazer-nos, que "uma musica nos lisonjeie o ouvido, esteja escripta segundo as melhores regras ou seja surpreendentemente original"; sobressalta-nos, sempre, ao ouvi-la, a curiosidade de saber o que ella fundamentalmente traz ou representa.

Quanta vez, esse prazer do ouvido, mesmo quando acompanhado duma emoção indefinida, nos tortura e depois nos entedia por não alcançarmos com clareza a essencia da perturbação que nos agita!

Para certos profissionaes atidos, principalmente, á technica da sua arte, pôde uma determinada symphonia agradar-lhes somente, ou sobretudo, por difficuldades habilmente vencidas, por originalidades e surpresas resultantes duma vasta sciencia musical, pela facilidade revelada no desenvolvimento dos themas ou pela pujança ou extrema pureza do estylo; porém, para a grande maioria dos ouvintes, para os que não tenham a preocupação scientista, essa musica deixal-os-á frios e até irritados se, ao soar o derradeiro accôrde, não puderem trocar entre si outra impressão que não seja a que deriva das qualidades de technica ou de escripta, já indicadas, ou da sua mais ou menos perfeita execução.

E' que a assistencia necessita de sentir e conhecer, mesmo na musica pura, um pouco da essencia espiritual daquillo que está escutando. Dahi tem resultado a moderna symphonia baseada sobre versos e argumentos literarios; a idéa musical esclarecida previa ou simultaneamente pela palavra.

A pintura de character puramente ornamental, a dos arabes, por exemplo, dá-nos prazer visual pelos seus enlaçados caprichosos, pela combinação agradável das folhagens, flores e ornatos geometricos, e ainda pela harmonia ou viveza do colorido; mas a ausencia, nessa arte, do elemento animico, deixa-nos sem sombra de emoção ante as mais maravilhosas composições do genero.

A vista ficará deliciada; mas a alma resta insatisfeita ou fria.

E' o que nos acontece ao ouvirmos uma obra musical que unicamente se dirija ao prazer do ouvido, por mais que ella nos lisonjeie tão exigente e delicado órgão.

Se o trecho não derivar da alma, se não gera uma emoção, embora vaga, ou não nos provoca um abalo interior, suggestivo em qualquer gráo, o seu effeito será apenas o de uma muito agradável sensação, como o espectáculo de um vistoso fogo de artificio ou o saborear dum confeito deliciosamente preparado.

Essa obra será para nós um bonito arabesco musical. Ella merecerá chamar-se linda; no ponto de vista puramente artistico jamais poderá caber-lhe a designação de bella.

A LEGENDA DE SANTA ISABEL

A intuição genial de Liszt tudo renovou na arte sonora, diz Jean Marnold, na *Musique d'autrefois et d'aujourd'hui*, e acrescenta que, nas suas *Missas*, soube transfigurar a musica religiosa, nella introduzindo, com o uso dos themas do canto-chão lythurgico, uma inteira e audaciosa liberdade de estylo e de polyphonia.

As suas *Beatitudes* derivam assim, manifestamente, do *Christus*, e a *Legenda de Santa Isabel*, por mais de um titulo, pôde ser considerada como um *croquis* do *Parsifal*.

CARLOS GOMES

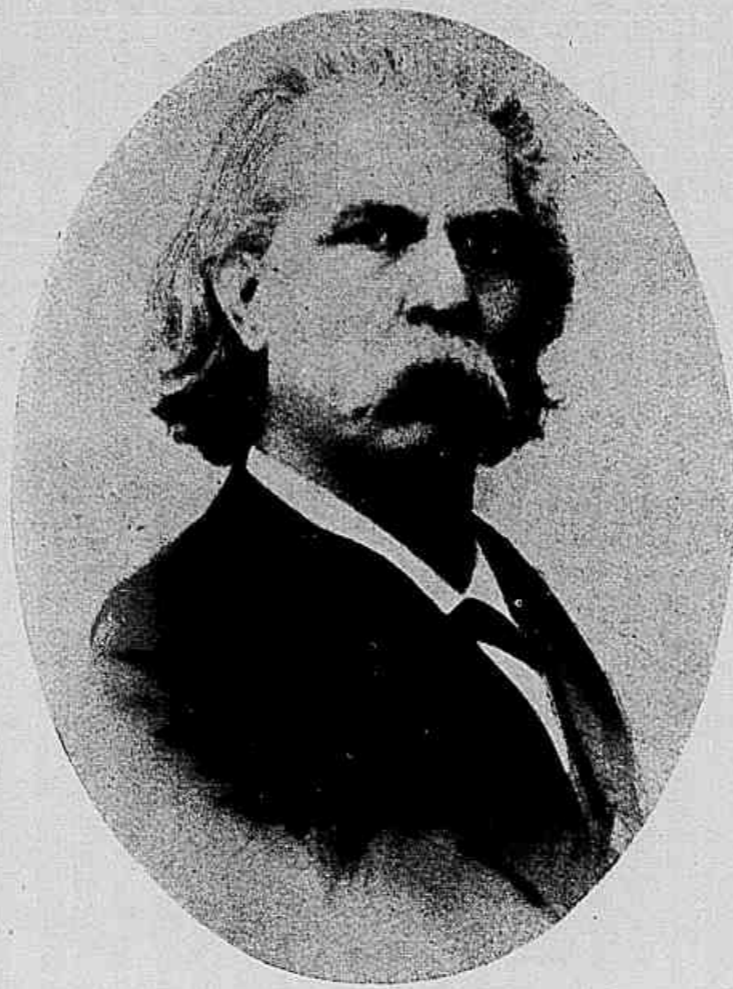
A 16 de Setembro commemorou o mundo musical a data do fallecimento do compositor que mais honrou sua patria no estrangeiro, — o maestro Carlos Gomes, autor do *Guarany*, a opera nacional.

Não importa que diante do seu tumulo não passem desfaldadas, em continencia, as bandeiras que se cobriram de gloria nos campos de batalha; não importa que milhares de creanças não venham cobrir de flores a imagem do cantor das nossas selvas; não importa que uma romaria de poetas e artistas não preste mais uma homenagem ao inspirado condor a quem a morte arrebatou as azas!

Nestas humildes, mas sinceras e gratas linhas, deixamos impressos a saudade, o respeito, a admiração,

o culto que prestamos ao mais inspirado compositor nacional, ao amigo generoso, ao mestre querido.

Sobre o tumulo sagrado de Carlos Gomes, es-



CARLOS GOMES

tas rosas e estes lyrios colhidos nos jardins da harmonia, que vicejam nas paginas do *Guarany*, do *Condor*, da *Fosca* e do *Schiavo*!

PADEREWSKI

O "pianista das damas", o mais genial interprete de Chopin, nasceu em Podolia, a 6 de Novembro de 1859.

Começou os seus estudos de piano na idade de 6 annos. Aos doze foi admittido no Conservatorio de Varsovia, onde teve como mestre o grande Jónathá; aos dezeseis annos fez o seu primeiro gira artistico pela Russia, comquanto muito ainda lhe faltasse para atingir a perfeição que elle sonhava na sua arte. Aos vinte estudou, na Allemanha, com o professor Kiel. Data dessa época o seu culto pelo extraordinario Bach.

Morto Kiel, tomou lições de aperfeiçoamento



IGNAZ JAN PADEREWSKY

com Henrich Urban, em Berlim, e aos vinte e tres annos de idade foi eleito professor do Conservatorio de Strassburgo.

Em 1886 transportou-se para Vienna, onde ouviu o celebre Leschetizky. Durante dois annos dedicou-se com tal interesse ao estudo que não aban-

donava o teclado do piano senão depois de dez horas de um trabalho pensado e methodico.

Chegou assim, e ajudado por um excepcional talento de execução e de interpretação, a impor-se como um dos maiores pianistas. Além de muitas composições de alto valor, taes como o *Minuetto*, o celebre *Minuetto de Paderewski*, como é conhecido, e outras peças de genero, escreveu uma opera — *Manru* —, em 1901.

A fortuna acompanhou-o em seus triumphos artisticos e é millionario!

Esteve nesta capital, onde a audição da sua arte toda sentimento, delicadeza e o brilho e o encanto proveniente de uma execução e interpretação aprimorada dos classicos deixou as mais notáveis impressões, confirmando a celebridade que atreola o seu nome.

HOMERO BARRETO

DESTE joven compositor brasileiro damos hoje, como pagina de honra, o *Interludio* da sua opera *Jaty*, inspirada num *libretto* de Julio Reis.

A sagração de applausos que, numa das Vesperaes da Sociedade de Concertos Symphonicos conquistou esta pagina sincera e bem expressiva, é o premio devido ao talento e á modestia.

Homero Barreto é um estudioso e vocação pronunciada para o compositor creador.

Cremos brindar os nossos leitores com uma joia cantante, publicando a bella pagina do joven musicista brasileiro.

MARIA ANTONIA

EM uma critica publicada no *Menestrel*, de Paris, de 13 de Maio do corrente anno, encontramos as mais elogiosas referencias a essa extraordinaria creança que, presentemente, conta dez annos de idade, e já se impõe como pianista de grande futuro.

Acompanhada de grande orchestra, regida por M. Tracol, a pequena artista brasileira conquistou calorosos applausos, executando com muita graça, um encanto todo espiritual e "rara nobreza o bello *andante*" do *concerto em mi bemol*, de Mozart.

Com uma "verdadeira poesia" tocou o *romance* do *Concerto* op. 11 de Chopin, com muita verve o *Wedding-Cake* de Saint-Saens.

As *scènes d'enfants* de Schumann, *Berceuse*, *E'tude* (op. 25, n. 2), *E'cossaises et Valse* (op. 42) de Chopin deram-lhe ensejo para a apresentação de uma technica admiravel e "uma interpretação feita de graça e distincção".

Attendendo á insistencia do culto auditorio, nos pedidos de *bis*, Maria Antonia brindou-o com uma *Valsa* de Chopin e as *Phalènes* de seu mestre Philipp.

A PREDILECÇÃO DAS PLATE'AS

DIVIDIMOS em tres classes o publico que frequenta as temporadas lyricas: — a dos profissionaes, os que ouvem com interesse puramente artistico; — a dos que, pela continua frequencia, já têm o ouvido educado, e ouvem, por deleite; — a dos que vão ao theatro exclusivamente para ser vistos, pouco se lhes dando que a opera seja boa ou má, tenha ou não valor!

Para uns, a arte está na scena e na orchestra; para outros, cifra-se no espectáculo que é representado na platéa, conjuntamente com o do palco, — a exhibição de suas pessoas, e de seus trajes!...

A arte é bella, para muitos, ainda mesmo quando os personagens e a scena evocam um episodio da vida campesina, um assumpto trivial, porém, onde a elevação das idéas e o atractivo do enredo ganham precioso relevo com uma musica adequada e inspirada.

Nestes casos, — a *Cavalleria Rusticana*.

Para outro grupo de espectadores, a riqueza e deslumbramento dos scenarios, mais do que a acção dramatica, distraem a attenção dos complicados arabescos da "partitura", quando esta offerece mais sciencia do que arte, mais calculo do que inspiração.

Um exemplo: — *Francesca da Rimini*.

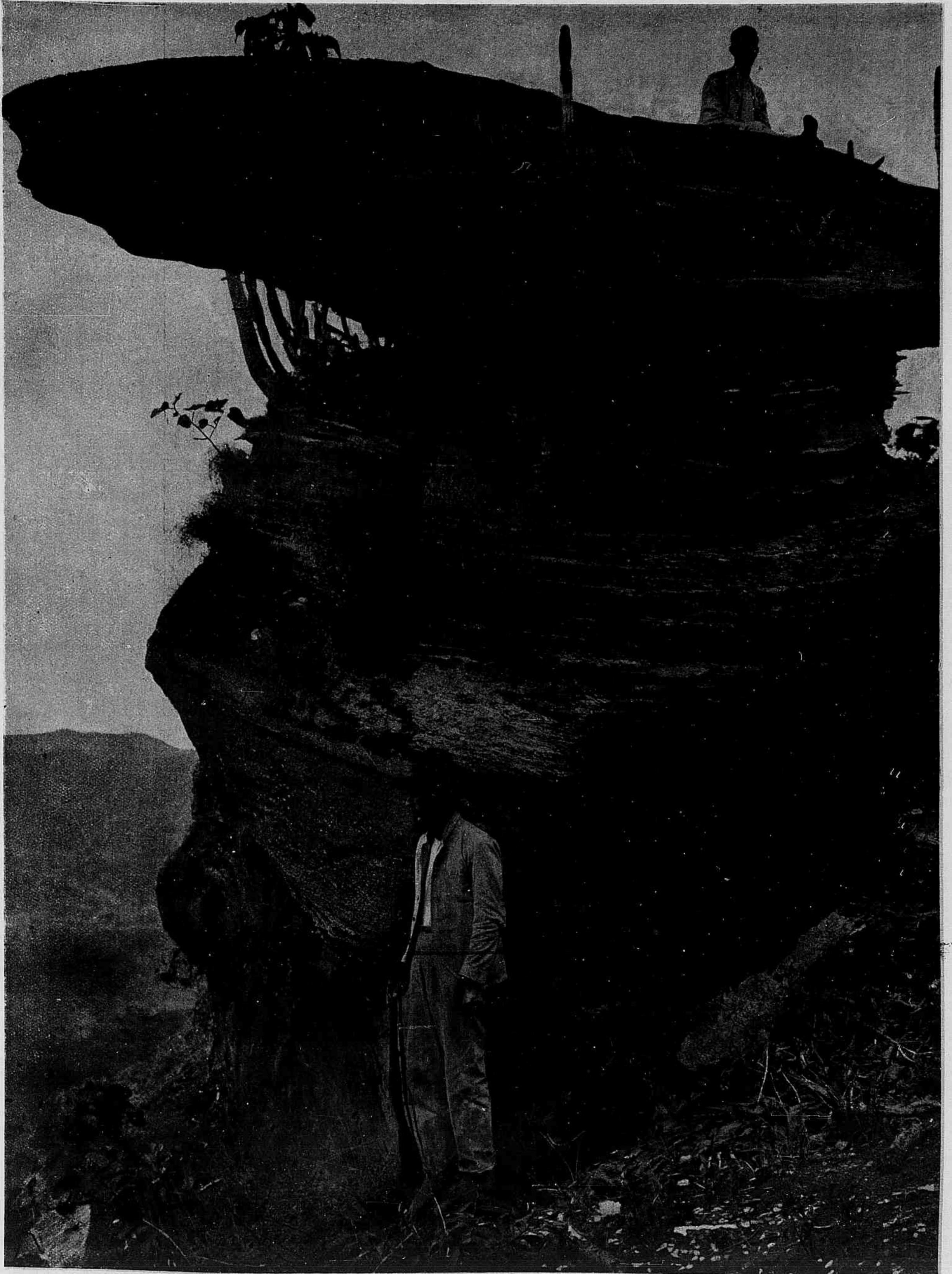
Quando, porém, ao bom *libretto* associa-se apropriada musica, a *Aida* apparece-nos, como modelo!

Rico vaso, — a "partitura"; arbusto, — a opera, e flor — a inspiração, a fascinação do publico é um facto!

A sciencia do contraponto, á encarnação dos personagens, á traducção exacta dos seus sentimen-

FAL TAM

PAGS . 63 E 64



ESTADO DE GOYAZ — SERRA DOURADA, MUNICIPIO DA CAPITAL

Comissão Executiva do Centenario da Independencia

THESES E CONCLUSÕES

SUBMETTIDAS PELA COMISSÃO PREPARATORIA A' CONFERENCIA INTERESTADUAL DE ENSINO PRIMARIO

Expediente

1ª THESE

Diffusão do ensino primario. Formula para a União auxiliar a diffusão desse ensino. Obrigatoriedade relativa do ensino primario; suas condições.

- 1—A União deve collaborar com os Estados, Municipios e com a iniciativa privada na diffusão do ensino primario.
- 2—A collaboração da União, em face do que fôr combinado com os poderes locais, consistirá, conforme as circumstancias, em auxilios ou subvenções ás unidades federaes, ou na criação e manutenção directa de institutos de ensino primario e normal em qualquer parte do territorio brasileiro.
- 3—Nos accordos a estabelecer entre a União e os Estados, para a diffusão do ensino primario e normal, algumas condições precisam desde logo ficar accentuadas, entre as quaes as seguintes:
 - a) os Estados deverão despender pelo menos 15 % de seu orçamento ordinario com o ensino primario e normal;
 - b) a subvenção a ser dada ao Estado destina-se ás escolas a crear, obrigado o Estado a manter o numero das existentes, devidamente providas, ao tempo em que começar o regimen da subvenção;
 - c) os Estados ficarão no dever de estabelecer e realizar o principio da obrigatoriedade progressiva do ensino.
- 4—A obrigatoriedade deve ser relativa e circumscrever-se aos pontos em que haja escolas em numero sufficiente ás necessidades da população em idade escolar.

2ª THESE

Creação de um Conselho Nacional de Educação; sua organização e fins.

- 1—Para a eficiencia da collaboração do Governo Federal na diffusão e na nacionalisação do ensino primario e normal, será creado um Conselho Nacional de Educação, constituído por pessoas notoriamente dedicadas aos problemas do ensino.
- 2—Ao Conselho caberá administrar e fiscalisar as escolas directamente mantidas pelo Governo Federal, fiscalisar as escolas subvencionadas e organizar, como fôr conveniente, escolas para adultos e normaes, e os demais serviços relativos ao ensino.
- 3—Para os effeitos da direcção e fiscalisação das escolas nos Estados, o Conselho Nacional terá, como órgãos de sua representação:
 - a) inspectores federaes, devidamente remunerados, e em numero que se julgar conveniente;
 - b) conselhos districtaes não remunerados, creados mediante proposta dos inspectores, onde se considerem necessarios. Os conselhos districtaes serão constituídos por pessoas interessadas pela causa do ensino e funcionarão sob a presidencia dos inspectores federaes.

3ª THESE

Escolas ruraes e urbanas. Estagio nas escolas ruraes e urbanas. Simplificação dos respectivos programmas.

- 1—As escolas primarias que devem ser creadas ou subvencionadas pelo Governo Federal nos Estados dividir-se-ão em duas categorias: escolas urbanas e escolas ruraes.
- 2—Em umas e outras, além da feição moderna de que se deve revestir todo o ensino, como esboço da cultura integral do espirito, no periodo final dos cursos o mesmo ensino assumirá um cunho accentuadamente profissional, consoante as conveniencias da população escolar.
- 3—O estagio nas escolas urbanas, excluido o curso infantil ou de jardim de infancia, será de cinco annos, no minimo.
- 4—O estagio nas escolas ruraes não será inferior a quatro annos, excluido, na fórmula da disposição anterior, o curso infantil ou de jardim de infancia.
- 5—Os programmas de ensino devem ser o quanto possivel simples, evitando-se a inclusão de tudo o que represente inutil sobrecarga intellectual para as creanças e conservando-se apenas o que fôr realmente aproveitavel e que corresponda ás necessidades da vida, afim de que o aprendizado se faça com a devida eficiencia.
- 6—Ao Conselho Nacional caberá fixar o estagio nas escolas urbanas e ruraes e bem assim elaborar os programmas, tendo em vista a formação do character nacional, e evitando a influencia do espirito regionalista.

4ª THESE

Creação do "Patrimonio do Ensino Primario Nacional", sob acção commum entre os Municipios, Estados e a União. Fontes de recursos financeiros.

- 1—E' indispensavel a criação de um fundo especial, destinado a prover as necessidades do novo serviço a instituir com a intervenção da União no ensino primario e normal em todo o Brasil. Esse instituto financeiro póde

ser denominado "Patrimonio Nacional do Ensino Primario", e será administrado pelo Conselho Nacional de Educação.

- 2—Os recursos para a criação desse Patrimonio devem ser hauridos em novas tributações e em sobretaxas sobre certos impostos já existentes.

- 3—Tanto num caso, como no outro, não devem ser tributadas senão cousas dispensaveis á vida.

- 4—Para o referido patrimonio devem concorrer, além disso, aquelles que percebem vencimentos superiores a uma determinada somma, quer sejam ou não funcionarios publicos.

- 5—A esse patrimonio devem ser attribuidas *taxativamente* certas rendas que actualmente são recolhidas aos cofres publicos sem destino especial.

- 6—E' preciso estabelecer, de modo absoluto e insophismavel, o principio de que, *sob pretexto algum*, os impostos e sobretaxas instituidos para a criação do Patrimonio Nacional do Ensino Primario tenham outro destino.

- 7—Emquanto o Patrimonio Nacional do Ensino Primario não tiver rendas sufficientes para manter os serviços creados, a União proverá aos mesmos serviços com suas rendas normaes e com a collaboração dos Estados.

5ª THESE

Nacionalisação do ensino primario. Escolas primarias nos Municipios de origem estrangeira. Escolas estrangeiras, sua fiscalisação.

- 1—O ensino primario no paiz será ministrado exclusivamente na lingua vernacula, entendendo-se por ensino primario aquelle que fôr leccionado a creanças dos seis annos completos aos onze tambem completos.
- 2—Nas escolas primarias publicas ou particulares fica expressamente prohibido o uso de livros, cadernos, mappas e quesquer utensilios didacticos em linguas estrangeiras.
- 3—Exceptuar-se-ão das disposições anteriores:
 - a) as escolas frequentadas unicamente por creanças consideradas estrangeiras pelas leis de nosso paiz;
 - b) o ensino domiciliario, considerado como tal aquelle que fôr ministrado no proprio lar da creança, sem que a elle, na mesma hora, compareçam creanças de outros lares.

- 4—Crear-se-ão penas para os casos de infracção das medidas propostas, e das demais exigencias regulamentares concernentes á nacionalisação do ensino.

- 5—Será creado um serviço especial para a eficiente fiscalisação das escolas existentes nos nucleos formados pela colonisação estrangeira.

6ª THESE

Organisação e uniformisação do ensino normal no paiz. Formação, deveres e garantias de um professorado primario nacional.

- 1—O Governo Federal, por intermedio do Conselho Nacional de Educação, deverá cuidar da formação do professorado que terá de servir não só nas escolas primarias federaes ou subvencionadas, mas tambem, mediante previa requisição, nos cursos creados por instituições civis ou militares.
- 2—Para a preparação do professorado, o Governo da União creará escolas normaes federaes onde julgar conveniente, ou subvencionará as escolas que reputar idoneas, desde que adoptem programmas e processos de ensino accitos pelo Conselho.
- 3—O Conselho Nacional de Educação procurará estabelecer um entendimento com os Estados que mantêm escolas normaes, no sentido de se harmonizarem, tanto quanto possivel, os respectivos programmas de ensino, visando assim a uniformisação do ensino normal no Brasil.
- 4—O professorado primario federal deverá ser cercado das devidas garantias legaes e sufficientemente remunerado, de modo que a elle possam accorrer pessoas idoneas e capazes.

ACTOS DO PODER EXECUTIVO

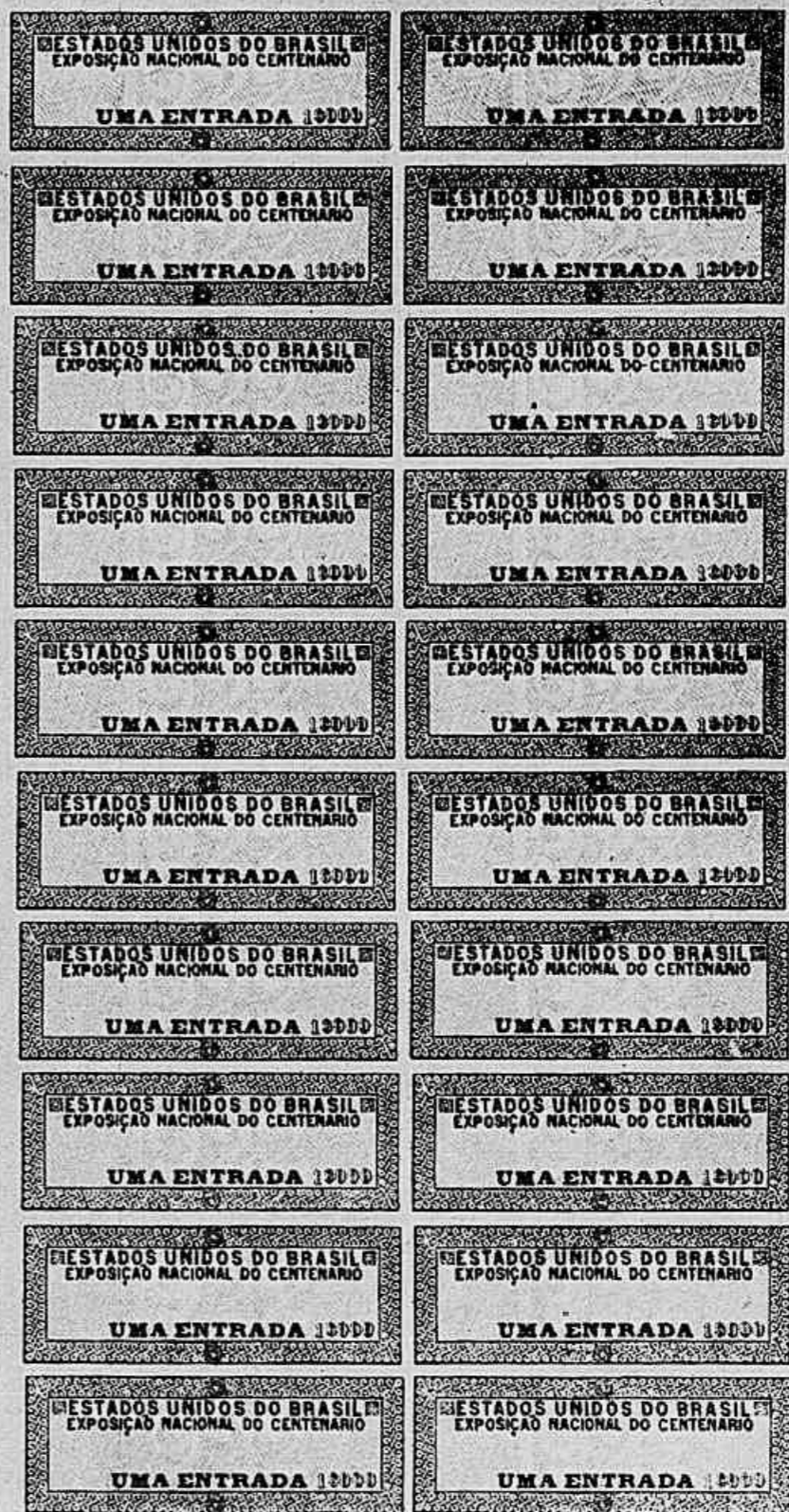
DECRETO N. 15.020 — DE 22 DE SETEMBRO DE 1921

Approva o plano da emissão de *bonus*, destinada á obtenção de recursos para as despesas da Exposição Commemorativa do Centenario da Independencia.

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, usando da autorisação que lhe confere o decreto legislativo n. 4.317, de 31 de Agosto do corrente anno, resolve approvar, para a execução do disposto no artigo 1º do citado decreto, o plano de emissão de *bonus* e o modelo que a este acompanham, assignados pelo Ministro da Justiça e Negocios Interiores.

Rio de Janeiro, 22 de Setembro de 1921, 100º da Independencia e 33º da Republica.

ÉPITACIO PESSÔA
Joaquim Ferreira Chaves



BONUS DA INDEPENDENCIA, QUE SERÁ LANÇADO PELA COMMISSÃO EXECUTIVA DO CENTENARIO.

PLANO PARA A EMISSÃO DE "BONUS DA EXPOSIÇÃO DO CENTENARIO", DENOMINADOS "BONUS DA INDEPENDENCIA"

De accordo com as disposições do decreto legislativo n. 4.317, de 31 de Agosto do corrente anno, o Congresso autorizou o Governo a emitir até dous milhões de *bonus*, numerados, do valor de 20\$ cada um, dando direito a premios e a 20 entradas no recinto da Exposição.

A primeira parte desta emissão constará de um milhão de *bonus*, os quaes concorrerão aos seguintes premios em dinheiro:

1 premio de	500:000\$000	500:000\$000
6 premios de	100:000\$000	600:000\$000
7 premios de	50:000\$000	350:000\$000
9 premios de	20:000\$000	180:000\$000
16 premios de	10:000\$000	160:000\$000
31 premios de	5:000\$000	155:000\$000
70 premios de	2:000\$000	140:000\$000
150 premios de	1:000\$000	150:000\$000
260 premios de	500\$000	130:000\$000
675 premios de	200\$000	135:000\$000
1.225 premios de	100\$000	122:500\$000
7.550 premios de	50\$000	377:500\$000
10.000 premios no valor de		3.000:000\$000

Esses premios serão distribuidos do seguinte modo

Quatro sorteios iguaes (Março, Maio, Julho e Setembro de 1922) compondo-se cada um desses sorteios dos seguintes premios:

1 de	100:000\$000	100:000\$000
1 de	50:000\$000	50:000\$000
1 de	20:000\$000	20:000\$000
2 de	10:000\$000	20:000\$000
4 de	5:000\$000	20:000\$000
9 premios, a transportar.		210:000\$000

9 premios, transporte		210:000\$000
10 de	2:000\$000	20:000\$000
20 de	1:000\$000	20:000\$000
40 de	500\$000	20:000\$000
100 de	200\$000	20:000\$000
200 de	100\$000	20:000\$000
1.300 de	50\$000	65:000\$000
1.679 premios no valor de		375:000\$000

O quinto sorteio realizar-se-á durante a Exposição e constará dos premios seguintes:

1 de	500:000\$000	500:000\$000
2 de	100:000\$000	200:000\$000
3 de	30:000\$000	150:000\$000
5 de	20:000\$000	100:000\$000
8 de	10:000\$000	80:000\$000
15 de	5:000\$000	75:000\$000
30 de	2:000\$000	60:000\$000
70 de	1:000\$000	70:000\$000
100 de	500\$000	50:000\$000
275 de	200\$000	55:000\$000
425 de	100\$000	42:500\$000
2.350 de	50\$000	117:500\$000
3.284 premios no valor de		1.500:000\$000

Os *bonus* darão tambem direito ao sorteio da *Tombola da Exposição*, a realizar-se no encerramento desta e constante de donativos diversos, cuja especificação será publicada opportunamente, oferecidos pelo Governo Federal, Prefeitura do Districto Federal, pelos Governos dos Estados, municipalidades e expositores.

Os *bonus*, cujo modelo vae annexo, serão impressos em cores differentes, variando estas em cada série de 200.000, e serão rubricados pelos funcionarios para esse fim designados.



SR. DR. ALFREDO CONRADO NIEMEYER, DIRECTOR GERAL DO ESCRITÓRIO OFFICIAL E MEMBRO DA COMISSÃO EXECUTIVA DO CENTENARIO.

Caso o Governo resolva, será feita a segunda parte da emissão (1.000.000 de *bonus*) nas mesmas condições da primeira.
Rio de Janeiro, 22 de Setembro de 1921. — *Joaquim Ferreira Chaves*.

DECRETO N. 15.021 — DE 22 DE SETEMBRO DE 1921

Dispõe sobre a execução do plano financeiro destinado a crear fontes de renda para auxiliar as despesas com a Exposição Nacional commemorativa do Centenario da Independencia do Brasil.

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, usando da autorisação concedida pelo decreto legislativo n. 4.317, de 31 de Agosto do corrente anno, decreta:

Art. 1º — A Commissão Executiva da Comemoração do Centenario da Independencia do Brasil executará os trabalhos concernentes ao plano financeiro approved pelo decreto n. 15.020, desta data, de accordo com as instruções expedidas pelo Ministerio da Justiça e Negocios Interiores.

Art. 2º — A renda produzida pelos *bonus* e bem assim pelas operações de credito a que se refere o art. 1º, letra *d*, do citado decreto n. 4.317, será depositada, em conta corrente, no Banco do Brasil, á disposição da referida commissão, para ser applicada ás despesas com a Exposição Nacional, de que trata o art. 1º do decreto n. 4.175, de 11 de Novembro de 1920.

Rio de Janeiro, 22 de Setembro de 1921, 100º de Independencia e 33º da Republica.

ÉPITACIO PESSÓA
Joaquim Ferreira Chaves

O ministro de Estado da Justiça e Negocios Interiores, em nome do Presidente da Republica, resolve, na conformidade do decreto n. 15.021, de 22 de Setembro corrente, que, para a execução do plano financeiro a que se refere o mesmo decreto, sejam observadas as seguintes instruções:

Art. 1º — A Commissão Executiva da Comemoração do Centenario organizará e dirigirá os serviços relativos á emissão e collocação dos *bonus* de que trata o decreto n. 15.020, de 22 do corrente, podendo, para esse fim:

a) providenciar no sentido de, mediante autorisação do Ministerio da Fazenda, ser feita na Casa da Moeda a impressão dos *bonus*;

b) promover a propaganda de taes titulos, por meio da imprensa, de cartazes, de cinematographo e de quizesquer outros processos que julgar convenientes;

c) ajustar com quem melhores vantagens offerecer a execução desses trabalhos de propaganda;

d) providenciar, como julgar mais conveniente, sobre a melhor forma de authenticar os *bonus* postos á venda;

e) constituir agentes para a venda dos *bonus* nesta Capital e nos Estados, arbitrando as respectivas comissões ou gratificações;

f) entrar em accordo com o Banco do Brasil e outros estabelecimentos de credito e casas commerciaes que offereçam as necessarias garantias de idoneidade, para o fim de serem ajustadas não só as medidas destinadas a facilitar a venda dos *bonus* nesta Capital e nos Estados, como as referentes á arrecadação da respectiva receita;

g) providenciar sobre a collecta e classificação dos donativos destinados á tombola da exposição, bem como sobre a realização dos sorteios em dinheiro constantes do plano approved, fixação das datas e do local em que estes devem realizar-se, pagamento de premios, etc.;

h) estabelecer remunerações para as pessoas incumbidas de executar quaesquer dos trabalhos a que se referem as presentes instruções;

i) tomar quaesquer medidas, em geral, que possam contribuir para o exito da emissão, effectuando para esse fim todas as despesas que se tornarem necessarias.

Art. 2º — Para covering ás despesas com a emissão, a propaganda e a venda dos *bonus*, a Commissão Executiva da Comemoração do Centenario disporá dos recursos provenientes das operações de credito autorizadas pelo art. 1º, letra *d*, do decreto legislativo n. 4.317, de 31 de Agosto ultimo, prestando contas, opportunamente, a este Ministerio.

Rio de Janeiro, 22 de Setembro de 1921. — *Joaquim Ferreira Chaves*.

CONFERENCIA INTERESTADUAL DE ENSINO PRIMARIO

Realisou-se, hoje, ás 15 horas, no salão de conferencias da Bibliotheca Nacional, a sessão solemne inaugural da Conferencia Interestadual de Ensino Primario, convocada pelo Governo da União para estudar o problema da diffusão e da nacionalisação do ensino primario no Brasil e suggerir as medidas que julgar efficientes, em face das actuaes necessidades e condições do paiz.

Tivemos já ensejo de assignalar que esse patriotico tentamen se deve á iniciativa do eminente ex-ministro da Justiça, Dr. Alfredo Pinto Vieira de Mello, que teve, para a realização desse objectivo, o apoio do honrado Sr. Presidente da Republica.

Afastado o Dr. Alfredo Pinto da gestão da pasta da Justiça, para exercer o honroso posto de ministro do Supremo Tribunal, a idéa, que recebera o impulso inicial de S. Ex., não deixou de se realizar, graças ao interesse que lhe dedicou o actual titular, Dr. Joaquim Ferreira Chaves. Sob a orientação esclarecida deste ultimo, a Commissão Preparatoria, que se constituiu com os representantes da União, organisou todos os elementos que facilitam o trabalho da Conferencia, elaborando as theses, relatando-as, e bem assim as conclusões que serão submettidas ao exame e deliberação da assembléa, em suas sessões plenas e acima publicadas.

A sessão de abertura foi presidida pelo Sr. ministro da Justiça, que pronunciou um excellente discurso, orando em seguida o Dr. Tavares Cavalcanti, em nome dos delegados dos Estados.

A União está representada pelos Srs. Drs. José Augusto Bezerra de Medeiros, A. Carneiro Leão, coronel Raymundo Pinto Seidl, J. B. Mello e Souza, professor Orestes Guimarães, Victor Viana e Rodrigo Octavio, consultor geral da Republica.

O Ministerio da Fazenda fez-se representar pelo Dr. Gustavo Fernandes de Oliveira Guimarães.

Designaram seus representantes: Espirito Santo, Dr. Miraheau Pimentel; Paraná, deputado Affonso Camargo; Parahyba, deputado Tavares Cavalcanti; Bahia, Drs. Canna Brasil e Clementino Fraga; Alagoas, senador Mendonça Martins; Piahy, senador Felix Pacheco; Rio Grande do Norte, deputado José Augusto; Districto Federal, D. Esther Pedreira de Mello; Santa Catharina, Dr. Henrique da Silva Fontes; S. Paulo, deputado Freitas Valle; Maranhão, senador Mendes Vianna; Pará, Dr. Eurico Valle; Amazonas, Dr. Alberto Moreira; Sergipe, deputado Antonio Carvalho Netto; Minas Geraes, professor José Rangel; Rio Grande do Sul, Dr. Carlos Penafiel; Rio de Janeiro, deputado A. A. de Azevedo Sodré; Ceará, deputado G. dofredo Maciel; Matto Grosso, deputado Severiano Marques, e Goyaz, senador Heremegildo de Moraes.

Estão representadas na Conferencia a Liga de Defesa Nacional, pelo Dr. Laudelino Freire; Liga Brasileira Contra o Analfabetismo, pela professora Maria Reis Santos; Liga Nacionalista de São Paulo, pelo Dr. Sampaio Doria, e as "Esecclas Sete de Setembro", pelo Dr. Americo de Moura.



RESTAURAÇÃO DO VELHO QUARTEL DO MOURA, PARA PALACIO DAS INDUSTRIAS, DA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1922.

Moda

A MODA "IMPERIO"

UM dos grandes escandalos desse começo de seculo foi, positivamente, produzido pela moda, que se manifestou liberta de preconceitos, de pudor e de moralidade, expondo ao olhar de toda a gente o nú feminino. Assim como á "crinoline", aos "paniers" Luiz XV e a todos os outros caprichos da soberana rainha da futilidade, amoldou-se a mulher á essa forma de exhibir o collo, as costas, os braços e as pernas, cobrindo ligeiramente o resto do corpo, o qual se delinea com fidelidade sob os tecidos finos e macios que o cobrem. O clero, os puritanos, os jornaes, a critica geral, os gritos de alarma, tudo foi inutil: a moda, victoriosa, dominou ainda uma vez.

Entretanto, não foi essa a primeira investida para a volta aos costumes primitivos, á época em que viveram os nossos incautos avós, Adão e Eva, os quaes, tão pusilanimente, nos condemnaram ao soffrimento terrestre, pela satisfação de uma gulodice que eu lhes não perdoo.

Em fins do seculo XVIII, depois que cahiu o governo do terror, a mulher sentiu necessidade de viver em tão plena liberdade, gosar e respirar com tal volupia a atmosfera offerecida para a vida, que todos os seus póros recebiam, quasi directamente, em pleno ar livre, as caricias, os beijos da brisa e o olhar escravo do homem, rendido, sempre, á sua graça, á sua seducção, ao seu encanto.

Depois da Revolução Franceza, época de pavor, crueldade e morticínio, que transformou Paris em um campo de carnificina e barbaridade, a mulher quiz dar ao seu corpo, salvo dos massacres infringidos por Marat ou Robespierre, toda a liberdade que as suas cabezinhas loiras e irresponsaveis fruía, libertas da terrivel ameaça daquelle instrumento de sacrificio, que arrancou á vida tanta mulher formosa e tanto homem digno, bravo e nobre — a guilhotina!

Mme Tallien, a celebre fidalga que conquistou o coração do grande republicano, foi uma das primeiras a usar a moda "Romana", á qual nós cognominamos "Imperio".

Mulher formosissima, seductora, elegante, e com enorme prestigio na época, Mme Tallien foi imitada sem constrangimento por todas as parisienses, com grande escandalo das inglezas, que rejeitaram a immoral forma de vestir, a ponto de, em Londres, vaiarem uma artista que assim se apresentára.

Exactamente como nos aconteceu a nós, nestes ultimos annos, o clero de então, as pessoas austeras, as feias e as beatas, reclamaram contra a immoralidade da moda; mas todos os clamores se perderam pelo espaço! A mulher bonita, moça, perfeita de fórmas, colhia, gloriosa, o applauso que se reflectia no olhar do homem, maravilhado pela exhibição do nú artistico, apoiando a moda divina, que lhe proporcionava o prazer esthetico, do qual elle se vira afastado durante tanto tempo! A moda "Romana" reduziu a "toilette" da mulher a um "maillot" de seda cor de carne, e um longo vestido de musselina, preso logo abaixo do seio, o qual ficava muito exposto, surgindo pelo decote. As mangui-nhas eram curtas, e os pés, nus, dentro de sandalias. Assim trajada, a mulher bonita era fascinadora! E só ousavam enfrentar a moda com rigor as creaturas que tinham absoluta certeza de possuir predicados dignos de serem expostos, como a Tallien, a Josephina, a Récamier, a imperatriz Maria Luiza, Mlle Montgolfier e outras mulheres de igual belleza e plastica.

Mme Hamel, que era uma linda representante do sexo bello, esposa de um rico banqueiro, no inicio da moda, cobriu seu corpo escultural com a camiso-

la de musselina em rigor, a qual occultava ligeiramente um magnifico "maillot". A graciosa creatura, assim vestida, foi passear no Jardim das Tuilleries, mas pouco tempo gosou das delicias do florido ambiente, pois uma onda de curiosos fel-a regressar para casa.

Em 1800, uma mulher elegante não teria de vestimenta sobre o corpo peso superior a duzentas grammas, inclusive "écharpe" e joias.

A "écharpe" obteve, nessa época, a sua mais completa victoria. E era no uso da "écharpe" que a mulher accusava a sua graça individual, prendendo-a com os braços, e escravizando todos os gestos ao movimento desse ornamento, que fez furor sobre os hombros de Mme Récamier e de Josephina, as quaes, além de possuírem centenas desses pedaços de panno precioso, pagavam por elles quantias fabulosas.

A moda "Romana" por tal fórma escravizou a mulher, que, em pleno inverno, a parisiense continuou a vestir-se com as mesmas musselinas e os mesmos decotes, o que redundou em uma epidemia de influenza, resfriamento e tuberculose, tão fatal, que os grandes costureiros resolveram lançar o veludo para os mesmos modelos que tão funestos resultados estavam trazendo, com as fazendas finas até então exclusivamente usadas.

Essa moda, que, para o encanto dos homens, não devia nunca ter passado, passou, tendo vivido dez annos! Para adopção desse estylo de vestir, a mulher recorre ás idéas de Jean Jacques Rousseau, amparando-se nas theorias naturalistas do grande philosopho francez, o qual não cansou de manifestar a sua repulsa pelas roupas, praxes, leis, preconceitos, tudo, enfim, que coagisse a natureza, tolhendo-lhe a liberdade.

Que recurso, porém, terá a mulher encontrado para defender a moda que se lhe seguiu?

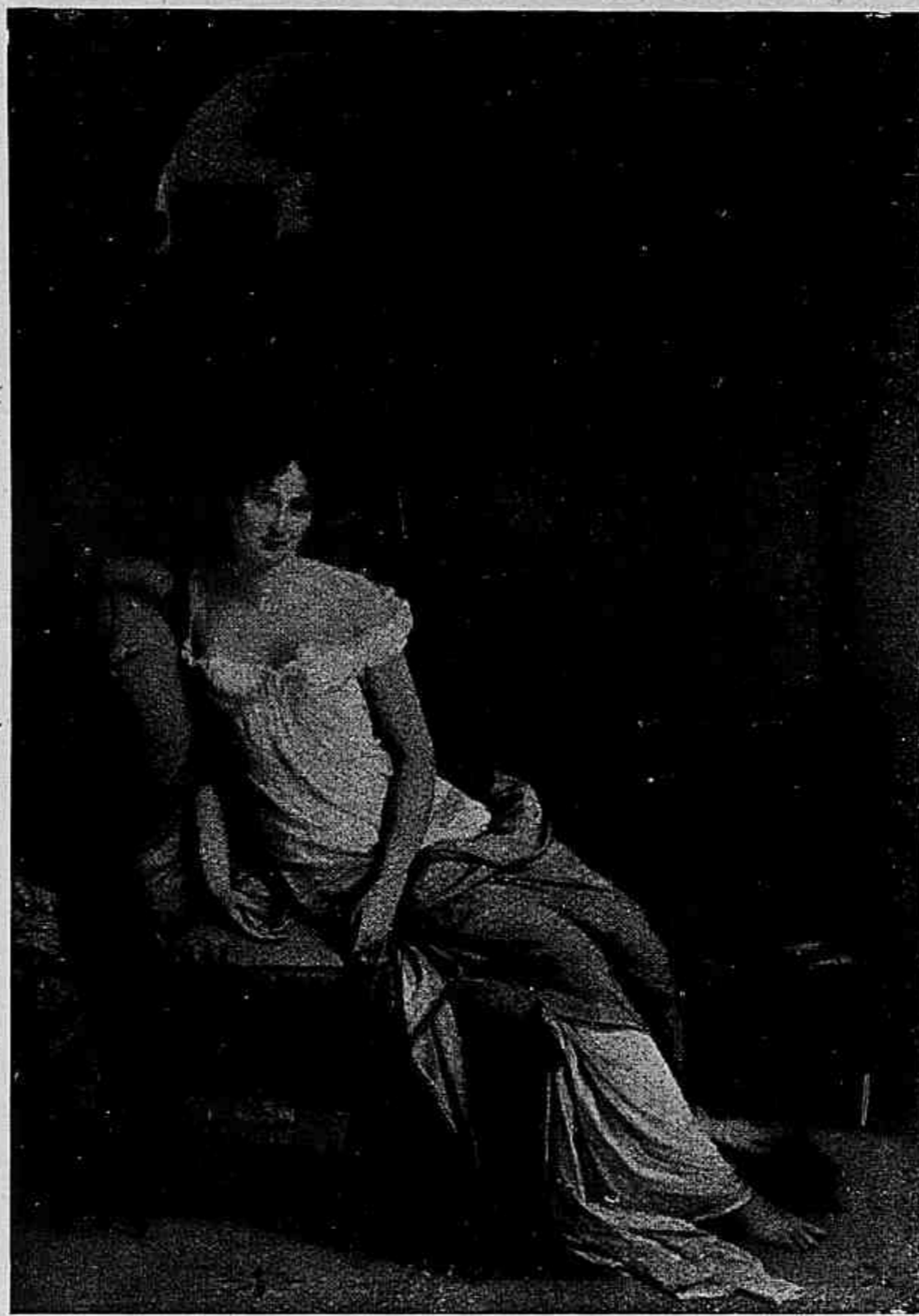
"La mode est un tyran dont rien ne nous delivre"... dizem as francezas. E o mundo, em côro, confirma essa verdade.

VESTIDOS E "MANTEAUX"

A MODA prepara-nos grandes surpresas. Antes de informar ás minhas leitoras sobre a positiva inclinação da moda, dir-lhes-ei que a saia curta passu o completamente. A não ser para "sport", toda saia deve ser longa, ou antes, os vestidos são mais compridos.

A suppressão da saia curta vae contrariar muita mulher "coquette" que, orgulhosa, radiante, mostrava o seu parzinho de pernas bem torneadas e ligeiramente encobertas por meias de seda finissimas e caras... Mas, por outro lado, não teremos mais o desgosto de encontrar, de subito, uma respeitavel matrona expondo em publico, ridiculamente, duas columnas pesadas, inestheticas, mal equilibradas sobre horriveis pés, sustentando-se difficilmente sobre o formidavel pedestal dos tacões.

Inspirada nos costumes nacionaes da Hespanha, a moda, em Paris, manifesta claramente a sua tendencia pela franja, pelo chale, pelo pente e pelo penteado hespanhol. Assim é que o chale sevilhano e o "manton de Manilla" estão em franco successo. Como agasalho e sahida de baile foi admiravelmente accedido aquelle esplendido complemento da formosura castelhana, o qual a parisiense, ou usa confeccionado como "manteau" ou guarda a sua fórma nacional. Positivamente, a parisiense, assim enrolada num "manton de Manilla", com o magnifico pente de tartaruga completando a linha da silhueta, possui todo o "salero" de uma genuina hespanhola. Mesmo nas attitud-



MME RÉCAMIER — Quadro de Gérard



A PARTIDA DE BILHAR — Quadro de Boilly

des ha um pouco de inclinação para lembrar a Hespanha; tanto assim que as danças castanholadas, rythmadas com os pés e as castanholas, nas quaes as mulheres de Sevilha e de Madrid encontram uma alma, estão fazendo furor em França e nos Estados Unidos.

Os vestidos de rua são frequentemente guarnecidos de longas franjas, que, presas onde acaba o busto do vestido, acompanham a saia até á orla. A cintura comprida mantem-se com rigor; e os "panneaux" e "tabliers" continuam a dar ao movimento a "souplesse" indispensavel. Os "panneaux", muita vez, são presos em baixo, na saia, tomando o caracter de uma saia zuava.

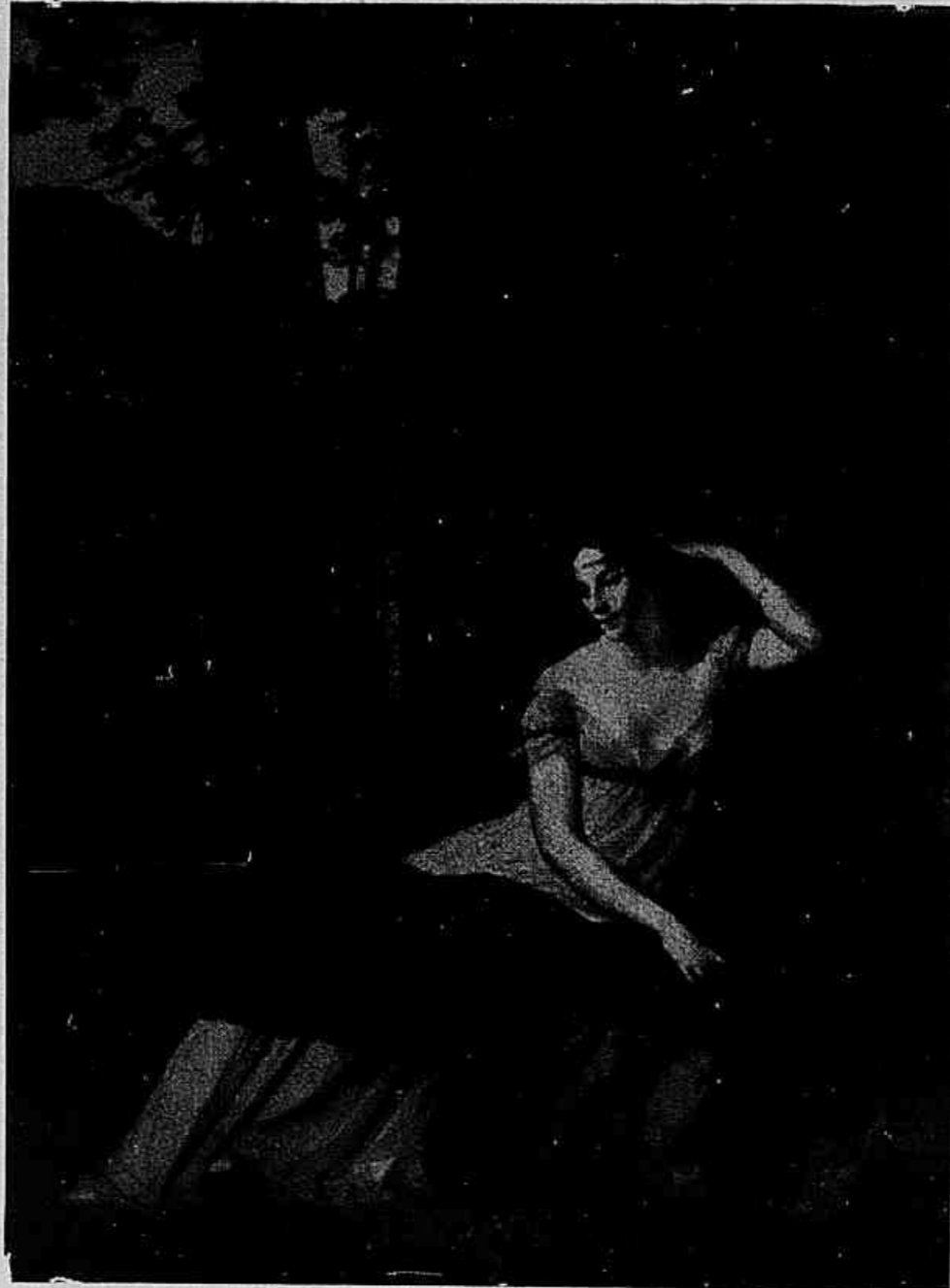
Os vestidos de verão, de fazendas transparentes, são muito pouco guarnecidos. Geralmente enfeitados com os mesmos "panneaux" e "paniers" bordados, são completados com uma cintura terminada em grande laço nas ancas. As mangas são largas e longas, de preferencia. Faz-se, entretanto, muita manga curta, ainda.

A simplicidade impera, na moda actual. E alguns vestidos de verão recebem, para melhor sobresahirem, o auxilio da fita de velludo em tons velhos, dando-lhes um aspecto 1830, encantador.

A silhueta da mulher deve se manter flexivel e harmoniosa. Procurando a moda, deve a mulher interessar-se principalmente por encontrar o que lhe vae melhor e o que a favorece, fazendo sobresahir a sua perfeição, os seus predicados, a sua plastica.

Na arte de vestir, a maior difficuldade está nessa sinceridade que a mulher recusa a si mesma, por não se conformar muita vez com o ligeiro defeito de linha que possui e que a condemna a não usar a moda de successo na occasião. Entretanto, insistindo em afrontar o modelo que lhe prejudica a esthetica, a mulher revela um desvio de perfeição do seu corpo, até então despercebido. De mais, cada mulher deve procurar com desvelo o que melhor lhe assenta, de accordo com os recursos de que dispõe, da fórmula de vida que leva e combinar tudo isso com o seu typo.

Um vestido muito lindo, usado sem propriedade, fica desmoralizado, comprometido, ridiculo, e, se produz algum effeito, esse é vexatorio e desagradavel. Essa é uma das partes mais sensiveis da "toilette" feminina. A mulher, para estar bem, deve, principalmente, estar vestida com propriedade. Os vestidos muito enfeitados, muito complicados, usados durante o dia, transitando pelas calçadas, acompanhados de chapéus vistosos, véos excetricos, joias e muita "maquillage", são de um máo gosto, que protesta pela voz de um gigante! A mulher só deve fazer uso de "toilettes" vistosas quando estas possam ser muito bem feitas e de optima qualidade, e, o que é mais, dentro de um automovel, não o deixando senão para entrar em uma sala de chá, talvez em uma loja, ou, então, para caminhar ao longo da Avenida Beira Mar, ou em um jardim. Nas calçadas das ruas da cidade, essas "toilettes" fazem adivinhar certos segredos que a mulher deve occultar, lançando mão de toda a sua famosa perspicacia. Nas calçadas das ruas da cidade, repito, ellas denotam desejo de chamar attenção; e uma mulher distincta, fina, de boa origem, bem educada e intelligente, ou com um só desses predicados, não procura nunca provocar o olhar de



A IMPERATRIZ JOSEPHINA — Quadro de Prudhon

pois que é de grande ousadia. As joias vistosas, na cabeça, continuam em desuso.

collocadas sobre "capelines" de crina e de feltro. Esse é, tambem, um genero de chapéu classico, e sempre bonito.

Nesse verão, a parisiense usou o chapéu de velludo com os vestidos de estação, de fazenda fina. O contraste é interessante; e é curioso o effeito produzido por uma "toilette" assim combinada. Um vestido de "voil" ou de "organdi" muito fino, transparente, sobresae extraordinariamente e adquire um aspecto mais perfeito de frescura e vaporosidade, quando é completado com uma "capeline" de velludo.

PENTEADOS

PENTEADO é um dos detalhes da "toilette" da mulher que mais interesse lhe deve despertar, pois que a expressão de um rosto depende muito da fórmula pela qual estão arranjados os cabellos que o corôam. Aproximando-se embora da moda, a mulher deve procurar a harmonia do penteado com o seu typo, para não prejudicar a belleza natural, tendo o cuidado, principalmente, de pôr em realce os seus traços, embelezando-os com a moldura que os cabellos offerecem.

Ultimamente, as mulheres que se não contentam com a simplicidade exclusiva do cabelo, e preferem ornamental-o, guarnecem-no á noite, em grande "toilette", com guirlandas de flores, de folhas, ou de cerejas em todas as côres. O que, porém, está muito em successo é o uso de uma gaze apertada sobre a cabeça, que é presa na nuca, por um broche. Essa gaze é longa, e as pontas devem cahir sobre os hombros, ou sobre o collo, ou, enroscada no pescoço, ou, ainda, enrolada no braço. A côr da gaze deve ser de accordo com o vestido, ou então "tranchant", com muito gosto e muito "chic", pois que é de grande ousadia. As joias vistosas, na cabeça, continuam em desuso.

ROUPAS DE BANHO

A MODA fez da roupa de banho o maior escandalo do seu capricho. Ha pouco tempo, assistindo a uma fita norte-americana, tive oportunidade de ver muitas roupas de banho, cada qual mais original e grotesca. As mulheres, nada vestidas, apresentam-se com essas roupas, em publico, sem um vislumbre de constrangimento, e, o que é peor, ao lado dos maridos, que se mostram encantados com o successo provocado pelas pernas, pela carne nua, pelos braços, pelo collo, pelas costas, por tudo, em summa, que as esposas expõem ao olhar de toda a gente.

Deve ser interessantissimo, em verdade, assistir-se a um banho de mar na Europa, ou na America do Norte, hoje em dia.

Chega mesmo a merecer a honra de uma viagem, dedicada exclusivamente a esse fim.

Os dois modelos que apresento serão bizarros, porém são honestos. E... a elles as minhas patricias talvez possam adherir, sem que um chefe de policia pouco tolerante ouse chamal-as á ordem...

"PELERINES"

As "pelerines" foram usadissimas durante todo o verão, em Paris; nas corridas, nas estações de agua, em todo centro "chic", enfim, a "pelerine" brilhou, sendo feita geralmente do mesmo tecido que o vestido, em "crêpe de Chine", "crêpe Georgette", renda, em summa, como complemento da "toilette". São muito graciosas essas capas. As de renda, sobretudo, favorecem extraordinariamente.

DISTINCCÃO

TRAJE na mulher reflecte não só a sua educação e o seu gosto, mas, tambem, um pouco de sua alma e do seu espirito.

A mulher, quando é fina, educada e instruida, raramente procura sobresahir pela impressão do primeiro momento. Aliás, a mulher discreta no trajar sobresae muito mais que a que se veste com espavento; em todo o caso, a attenção provocada pela simplicidade é de effeito duradouro.

Ha, porém, senhoras de boa sociedade, instruidas e educadas, que não sahem de casa sem se cobrirem de sedas, coutras de valor, joias e côres berrantes, provocando o olhar de toda a gente! Nessa preferencia a mulher deixa patente a vulgaridade dos seus sentimentos, do seu caracter, do seu gosto, ou de sua origem.

Mais que a belleza, são indispensaveis á mulher a finura, a boa educação, a delicadeza e a distincção.

Portanto, aquellas que não tiveram esses predicados desde o berço devem pôr todo o carinho em conquistal-os, quando a sorte, em suas voltas, lhes proporciona recursos para adquiril-os. E' difficil... mas, com bom senso, intelli-



CHAPÉU-MODELO JEANNE VINET

"pelerine" brilhou, sendo feita geralmente do mesmo tecido que o vestido, em "crêpe de Chine", "crêpe Georgette", renda, em summa, como complemento da "toilette". São muito graciosas essas capas. As de renda, sobretudo, favorecem extraordinariamente.



CHAPÉU DE "CHARLOTTE TRUCHOT", FEITO DE ORGANDI, GUARNECIDO DE "COCARDES" DE FITA NO MESMO TOM.

transeuntes, de estranhos, de desconhecidos, pois desafiavam olhares que ferem mais que palavras, e pensamentos que offendem e humilham. A mulher, em summa, que não possui automovel, deve ter um guarda-roupa de accordo com a necessidade de viajar em bondes. E na simplicidade de um costume ou de um vestido "tailleur", a mulher pôde estar elegantissima.

VICENTINA SOARES.

CHAPÉUS

Os chapéus chamados "capelines" reaparecem. São feitos principalmente em velludo. As "capelines" de velludo são geralmente guarnecidas de renda preta, fazendo essa combinação um optimo effeito.

Qualquer rosto de mulher ficará bem emmoldurado sob uma "capeline" nesse genero; ella favorece ás louras, ás morenas, ás mais jovens e ás menos moças tambem.

As "capelines" de velludo azul velho ou côr de cereja são guarnecidas com fitas da mesma côr. E as flores, principalmente, as glycinas, assentam admiravelmente em uma "capeline" de seda azul velho, que é, aliás, uma das côres mais favoraveis para reflectir directamente sobre o rosto. As plumas de avestruz são



UM COSTUME DE BANHO, BEM ORIGINAL...

gencia e fortuna... uma mulher consegue ser até rainha!

JOIAS...

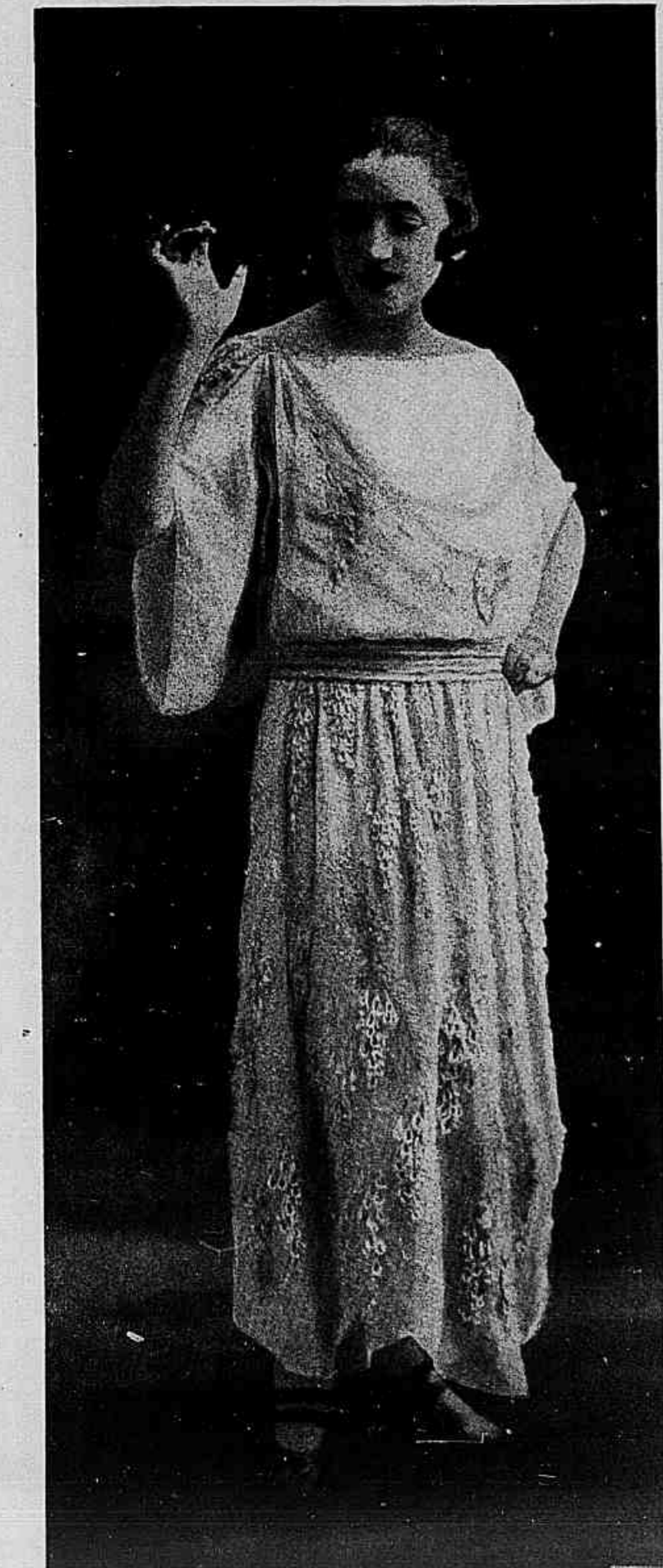
A PEROLA é, positivamente, o adorno que melhor assenta na mulher e faz sobressahir a belleza da sua pelle, cercandolhe o pescoço, ou guarnecendo-lhe os dedos e os braços. Em todas as horas e com toda a "toilette", a perola fica bem.

Ha, porém, uma inclinação invencível das pessoas vulgares pelo brilhante e pelas pedras de côres. Usam-n'as a todas as horas, misturam saphyras, rubis, amethystas e topazios, andam pelas ruas da cidade, em pleno dia, offuscantes, do brilho produzido pelos enormes diamantes lapidados, dependurados dos globulos da orelha, pousados sobre o vestido e o collo, ou envolvendo os braços e os dedos.

Se toda mulher tivesse noção do valor do seu encanto, não procurraria com a joia o valor intrinseco com o qual reveste a sua graça.

A joia é um adorno e deve ser usada unicamente como adorno; jamais como authenticidade do grão de fortuna que se possui.

Haverá nada mais feio que uma branca e esguia mãozinha deformada com pedaços de ouro e platina, os quaes sustentam pedras agglomeradas, sem nenhum vislumbre de esthetica?... Um anel em um dedo torna mais linda a mão feminina; dois aneis, porém, vulgarizam-n'a. E a mão principalmente, é a mais fidalga, gentil, preciosa e expressiva das graças femininas!



VESTIDO DE NOITE — Modelo Beer



VESTIDO DE VERÃO — Modelo Redefern

OS NOSSOS PÉS

QUE o pé da brasileira constitue uma das suas preciosidades, não resta mais duvida alguma. Um sapato gracioso em um pé coberto de meia fina é um dos detalhes mais gentis da "toilette" da mulher. O pé, quando pisa, fala, diz, promete, denuncia, provoca, repelle, afugenta ou attráe.

Calçar bem, entretanto, é uma arte difficil. O sapato deve ser gracioso, mas, principalmente, confortavel.

A mulher elegante deve sentir, sempre, o pé confortavelmente installado dentro do sapato, para poder andar com desembaraço, e dar-lhe expressão, pois o pé... tem expressão!

Uma impaciencia, uma alegria, uma colera, uma surpresa, uma tristeza, tudo, enfim, que nos cõe no coração, repercute em nosso pé. Elle bate, contorce-se, empurra... enfim, denuncia o nosso estado de alma.

Tratemol-o, portanto, com carinho, e não o martyrisemos com tacões immensamente altos, que o sacrificam e o tornam tão feio, além de provadamente prejudicar a saude em geral.

OS NOSSOS BÉBÉS

VERÃO dá ás jovens mamãs oportunidade de se occuparem com mais assiduidade e detalhe dos seus gentis bebézinhos. Em Petropolis, Therezopolis, Friburgo ou onde quer que seja que passe o estio, a mulher elegante tem muito mais tempo do que no Rio de prestar attenção ao guarda-roupa dos filhinhos; e, por sua vez, as creanças necessitam de muito carinho para com as suas "toilettes", pois é na escaldante estação que ellas mais gosam os jardins, apparecendo como parte integrante da elegancia dos paes. Além disso, os bebés ficam bem mais lindos no verão, trajados com tecidos de linho e transparentes.

As meninas, graciosissimas, assemelham-se a borboletas, a florezinhas, a sonhos, a beijos, quando vestidinhas com camisolinhas muito curtas, muito brancas, muito simples, cortadas á japoneza, com alguns ramos de cerejas, ou flores, ou alguma figura alegre de gatinho, em bordado ou em pintura.

Fa cil mente se veste bem uma creança; o principal é a frescura que a deve envolver, a par da sobriedade de côres. Muito curtinhas, as camisolinhas devem deixar ver a saia e a calcinha, sempre que a figurinha feminina se mover; e as coxinhas, roliças, fresquinhas, sadias, livres, completamente livres, provocando beijos, darão ás pequenitas mais liberdade para as suas encantadoras travessuras e aspecto muito gracioso.



MODELO "CAPELINE", DE PALHA E FLORES, LEWIS

RELOGIO NO TORNOZELLO...

UM telegramma de Porto Alegre, publicado nos jornaes do dia 6 deste mez:

"O Correo do Povo, em suelto, ridicularisa o uso do relógio no tornozello, estreado hontem na rua dos Andradas, no fooling das 3 horas, por uma senhorinha cuja decepção foi completa."

UMA PHRASE DE REMY DE GOURMONT

"A moda é o imperativo cathgorico das mulheres..."

E ahi está a justificação da senhorinha de Porto Alegre...



PARA RECEPÇÃO — Modelo Charlotte

Agricultura do cacao na Bahia



PLANTIO DO CACAO — A' DIREITA, NO ALTO : OS PRIMEIROS PÉS NASCIDOS NA TERRA BÔA.



AS OUTRAS PHOTOGRAPHIAS MOSTRAM DIVERSOS CACAOEIROS JÁ COM O FRUCTO PRECIOSO NUMA QUANTIDADE QUE BEM JUSTIFICA O VELHO PROGNOSTICO DO ESCRIVÃO DA FRÓTA DE CABRAL... O CACAO DA BAHIA E' CONSIDERADO O MELHOR CACAO DO MUNDO, E SERA', EM BREVE, A MAIOR RIQUEZA DO GRANDE ESTADO DO NORTE.



Atos de Amélia Thomaz

IDEAL

Empós de um sonho, em vão, soffro, luto, ardo e arquejo,
Pois quanto mais subir, quero galgar mais alto,
E quanto mais te animo, e busco, e encanto, e exalto,
Mais longe te hei de ver, Chanaan de meu desejo!

A' caricia do luar, que é nostalgia e beijo,
Prefiro o sol dardando em céu de azul cobalto,
E, anteponho o ulular dos ventos no planalto,
A' brisa de aza mansa, afflando em leve adejo.

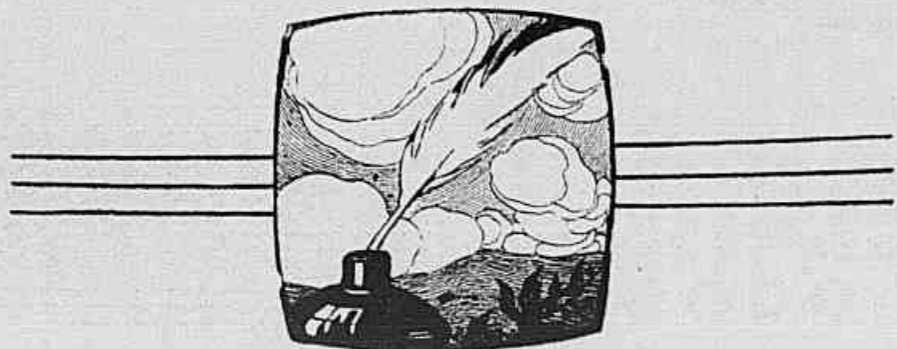
Por isso é que entre o estrondo e o mugido das vagas,
Que ora entôam canções, ora regougam pragas,
Meste mar que é minha alma, este insondavel mar.

Solto as náos de meu Sonho, ao léo, para a conquista
De um bem que eu imagino, e, talvez só exista
Num mundo em que jamais ellas hão de aportar...

FELICIDADE

Quanta vez, penso em ti, e em meu peito se acalma
A angustia de viver, felicidade, e eu ponho
O olhar na alta região em que a esperança espalma
As azas. Mas depois desse engano risonho,
Como eu soffro ao te ver tão longe de minha alma
Sentindo-te pulsar tão perto de meu Sonho!

Cantagallo.



LINGERIE ELEGANTE

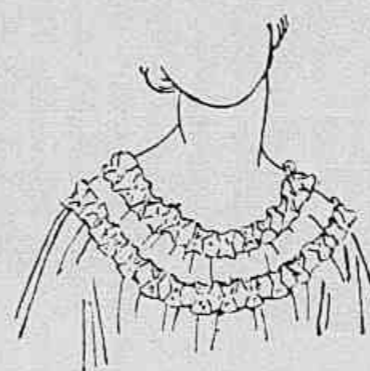
AVENIDA RIO BRANCO, 140, 1.º
Entrada Rua da Assembléa n. 88 (Elevador)
Telephone 498 Central



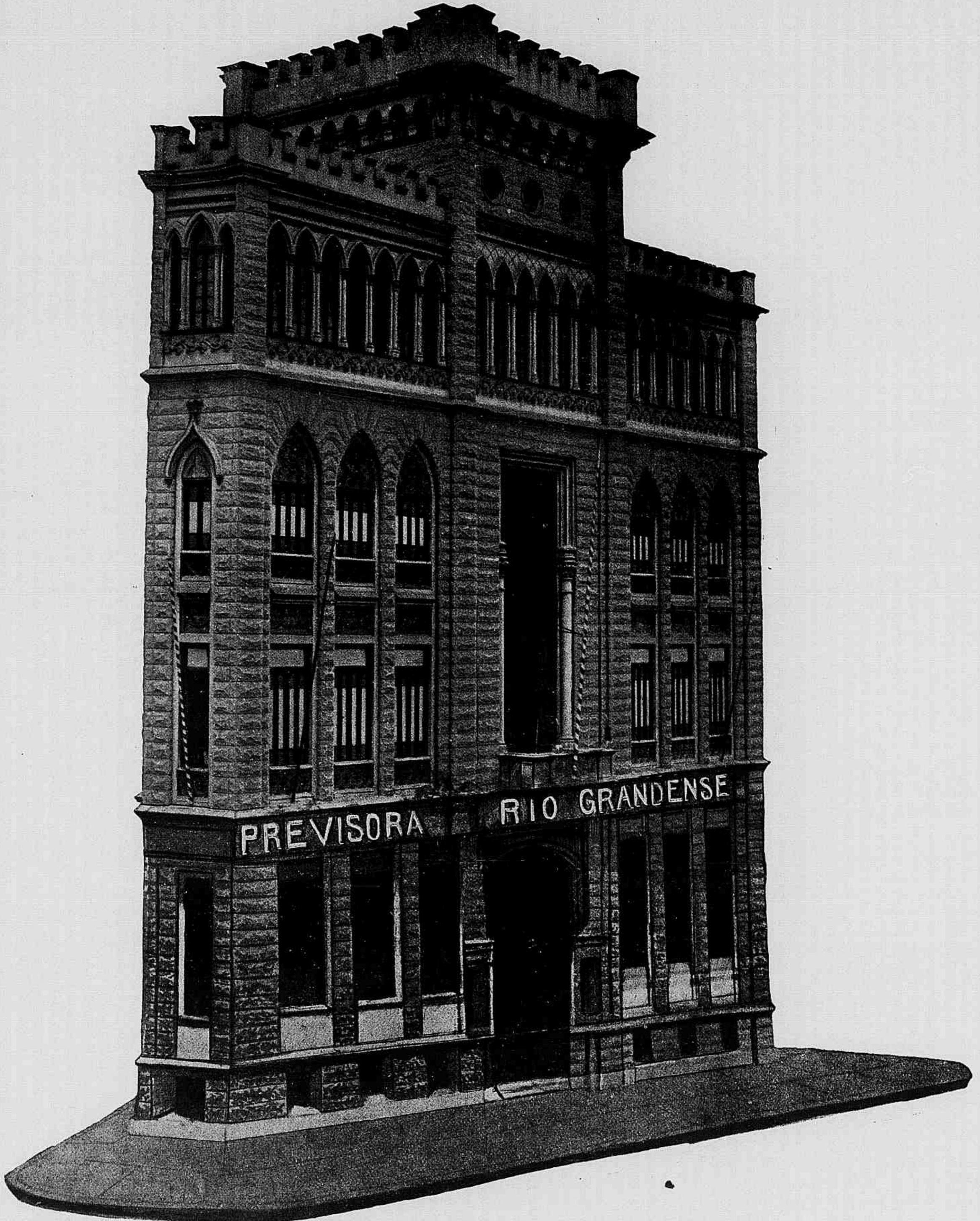
Especialidade em fina lingerie, en-
xovaes para noiva e baptisados.

Lindos trabalhos em bordados á
mão. Variedades de rendas, verda-
deiras novidades em sedas. Tomam-
se encomendas de enxovaes.

*Variado sortido de vestidinhos em lingerie
para crianças de 1 a 10 annos,
com rendas verdadeiras.*



Previsora Rio-Grandense



GRANDE COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA, CONTRA FOGO E RISCOS MARITIMOS E TERRESTRES

CAPITAL: 5.000:000\$000

Séde: — AVENIDA RIO BRANCO, 22-26 — RIO DE JANEIRO

a Bósnia e a Herzegovina

— Por — Gustavo Barroso —



ESTES dois paizes, que hoje fazem parte do reino Yugo-Slavo ou Servio-Croata-Sloveno, como é officialmente denominado, têm passado por tantas vicissitudes historicas e são em si proprios tão curiosos, que não deixa de ser interessante fazer delles uma descripção mais ou menos pormenorizada. Não se infira que pretendamos pintal-os com a finura, a argueia e a minuciosidade de Carlos Yriarte, pois simplesmente pretendemos traçar as linhas principaes de sua história, como simples elucidação áquelles cuja curiosidade se preoccupa com as regiões menos banaes da terra.

A Bósnia é um paiz montanhoso, a Suissa dos Balkans, disse Eliseu Reclus. A Herzegovina é uma região de montanhas tambem, regada por varios pequenos rios.

Entre os valles bosniacos o mais importante é o de Novi-Bazar, do ponto de vista estrategico, porquanto por elle se communicam a Romelia e a Bósnia. Esta ainda tem alguns logares cobertos de florestas, enquanto a Herzegovina está inteiramente devastada.

Todos os habitantes dessas duas partes componentes do actual Estado dos slavos do sul, que o publicista Gay sonhou ha tantos annos e que o poeta Vodnik cantou ha um seculo, quando Napoleão creou o reino de Illyria, são de raça servia e desejavam unir-se á mãe commum. Na maioria, devido á dominação turca, que pesa sobre elles desde o tempo de Bajazet II, em 1483, são de religião musulmana. E isto faz com que na referida nação, que surgiu com a Grande Guerra, coexistam tres religiões: os croatas são catholicos, os servios são orthodoxos e os bosniacos mahometanos.

A conquista da Bósnia foi realisada pelos turcos no anno citado, sob o commando do pachá Mohammed Falhi. Pouco depois dessa data, a Herzegovina era tambem tomada e reduzida a um *sandjak* ou prefeitura ottomana.

Após as invasões slavas da peninsula balkanica, quando o imperio bysan-

tino se debatia nos ultimos estertores, a Bósnia constituiu-se em reino, e a elle pagava tributo o ducado da Herzegovina, que fôra instituido feudo pelo rei Estevam, da Servia.

Antes disso, porém, aquellas regiões pertenceram aos romanos, enquadradas na provincia da Dalmacia Superior. As cidades romanas ainda hoje vivem sob denominações locaes: Mostar é a antiga Andevim, como Trebigué foi Terbunium e Gobella, Bistuae Veteres. Quando o imperio romano foi dividido em imperio do Oriente e do Occidente, a Bósnia e Herzegovina passaram a fazer parte do primeiro, sendo comprehendidas na Diocese da Illyria.

As hordas barbaras vêm contra o imperio e os povos slavos se fixam em varias regiões da peninsula balkanica. O imperador Heraclius encarrega até os servios e os croatas de defenderem as fronteiras contra os ávaros. E, segundo Luiz Leger, no seu livro "Le monde slave", todo o territorio que occupam hoje os yugo-slavos constituiu assim uma verdadeira *marca*, um paiz tampão entre o imperio e os barbaros.

Depois da morte de Heraclius, os imperadores de Bysancio reduziram as duas *jupas* ou provincias da Bósnia e da Herzegovina a dependencias directas do seu governo. Dessa designação de *jupa* se origina o nome de *jupan*, governador, de *grande jupan*, titulo que usaram varios soberanos servios, entre os quaes os celebres Kroliewitch e Brankowitch.

Mais tarde, essas provincias oscillam na sua dependencia, pois Bysancio perdia cada dia o seu prestigio entre os reis slavos da Croacia e de Rascia, até que no decimo seculo Ladisláo, rei da Hungria, se apodera do primeiro desses reinos e delega a um dos seus partidarios o governo das duas *jupas*.

A dominação hungara se prolonga até 1165, quando Estevam Nemanja, rei da Servia, as conquista para dois de seus irmãos. Com o correr dos tempos, a Bósnia cõe nas mãos dos *bans*, ou chefes populares, que acabam por conquistar a Herzegovina aos descendentes dos feudatarios instituidos pelo sobe-

ROYAL STORE

Modas e Confeções

187 - OUVIDOR

MOVEIS E TAPEÇARIAS

ACTUALMENTE

Em exposição as mais recentes novidades parisienses, por preços excepcionalmente baratos

VESTIDOS LEVES — ELEGANTES MODELOS

CHAPÉOS — ULTIMAS CREAÇÕES

TECIDOS DE SEDA E ALGODÃO, SORTIMENTO INCOMPARAVEL — LINGERIE FINA, EM SEDA, CAMBRAIA, NANSOUK, etc.

COLLETES — MEIAS — RENDAS — FITAS DE FANTASIA, etc., etc.

Visitem a casa **Royal Store**

187 - Ouvidor - 189





BRUGES

A Álvaro Moreyra

Bruges, patria de Van-Eyck, embuçada nas rendas
 que urdem as lindas mãos das suas mil fiandeiras.
 Cidade emocional! aos meus olhos desvendadas
 Almas de menestreis e Infantas prisioneiras.

Tua igreja tumular, silenciosa, entre lendas,
 faz crer que as Santas têm denegridas olheiras...
 Os teus verdes canaes recebem como prendas
 lagrimas de quem parte em galeras veleiras...

Teces... rezando. E eu te amo ás brumas outonaes...
 E's mystica e tranquilla, ao sol-poente, abysmada,
 nas aguas a espelhar rosaceas e vitraes.

... Bruges, quando eu morrer, os meus olhos pagãos,
 vem ungir-lhes, de leve, a retina vidrada
 com um tecido, uma renda, onde pousaste as mãos!

Belém, 921.

BRUNO DE MENEZES.

rano servio. E' um periodo turbulento, anarchico, em que invasões e pillagens se succedem.

Em 1389, a Grande Servia de Marko Kroliewitch succumbe sob o poder turco, na terrivel batalha de Kossovo, e o primeiro corpo de exercito ottomano atravessa as fronteiras bosniacas. E' repellido. Hranitch, o *voivode*, ou general do rei da Bosnia, Tvartko, que derrotou o pachá turco, é recompensado com o titulo de duque de Herzegovina.

Em 1483, os ottomanos, afinal, se apoderam das duas provincias e reduzem-n'as a *sandjaks* seus, mantendo nellas uma nobreza semi-feudal, que logo, a bem de seus interesses, adoptou a religião dos conquistadores, opprimindo os *raias*, ou camponios da raça slava, cuja terça parte, mais ou menos, se manteve fiel á religião grega. Esta situação se prolongou durante muito tempo, entrecortada de rebeldias terrivelmente reprimidas, até que no fim do seculo passado a politica austriaca, afastada da Italia, teve de se voltar para o Oriente. Então, o governo de Vienna, cujas fronteiras militares davam para a Bosnia e a Herzegovina, interveiu na questão e occupou as duas divisões territoriaes turcas, ficando com ellas cedidas a *bail*, mas consideradas sob a suzerania do sultão. Mais tarde, os austriacos, de subito, proclamaram a annexação daquellas terras á colcha de retalhos do seu curioso imperio.

Nesta situação as encontrou a guerra europea, e della ambas sahiram com o seu destino ligado ao dos povos irmãos da península: esclavões, croatas, servios, montenegrinos e dalmatas.

Hoje a Dalmacia, a Rascia, a Servia propriamente dita, a Bosnia, a Herzegovina, a Croacia e a Esclavonia formam um reino de mais de 15 milhões de almas unidas pelo sangue e pela lingua, somente differentes em religião.

Foi na capital da Bosnia, em Serajevo, que foi assassinado, victima certamente dum *complot* da propria córte viennense, o archiduque herdeiro da corôa austriaca. Francisco Fernando, facto de que resultou a guerra maior da historia dos homens.

Mas a maior gloria da Bosnia e Herzegovina não pôde ser essa e antes será a de terem nascido do seu povo o grande imperador Justiniano, o Upravda dos antigos slavs balkanicos, na sua terra, calcurriada por invasores ferozes e devastada por tyrannos, regada pelo sangue dos camponios insurrectos, o grande São Jeronymo, cujos olhos se abriram em Strzjai, na comarca ou parochia de Chonitza.

CASA AMERICA E JAPÃO

CHAVES & HUE

Grande exposição de:

Mobílias de junco para varandas.

Guarda-sol para praias.

Balanços duplos para jardins.

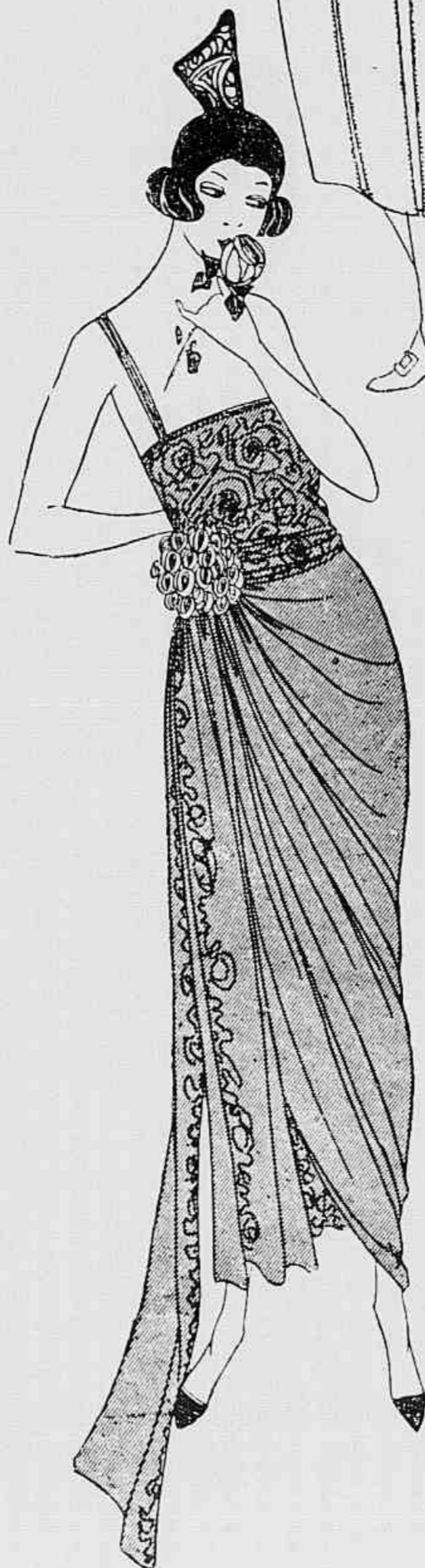
Vasos americanos para jardins.

ENORME SORTIMENTO DE ARTIGOS DE JOGO

Objectos de luxo, para adornos e presentes

74, Rua do Ouvidor, 74

RIO DE JANEIRO



PHOT.

CARLOS ALBERTO

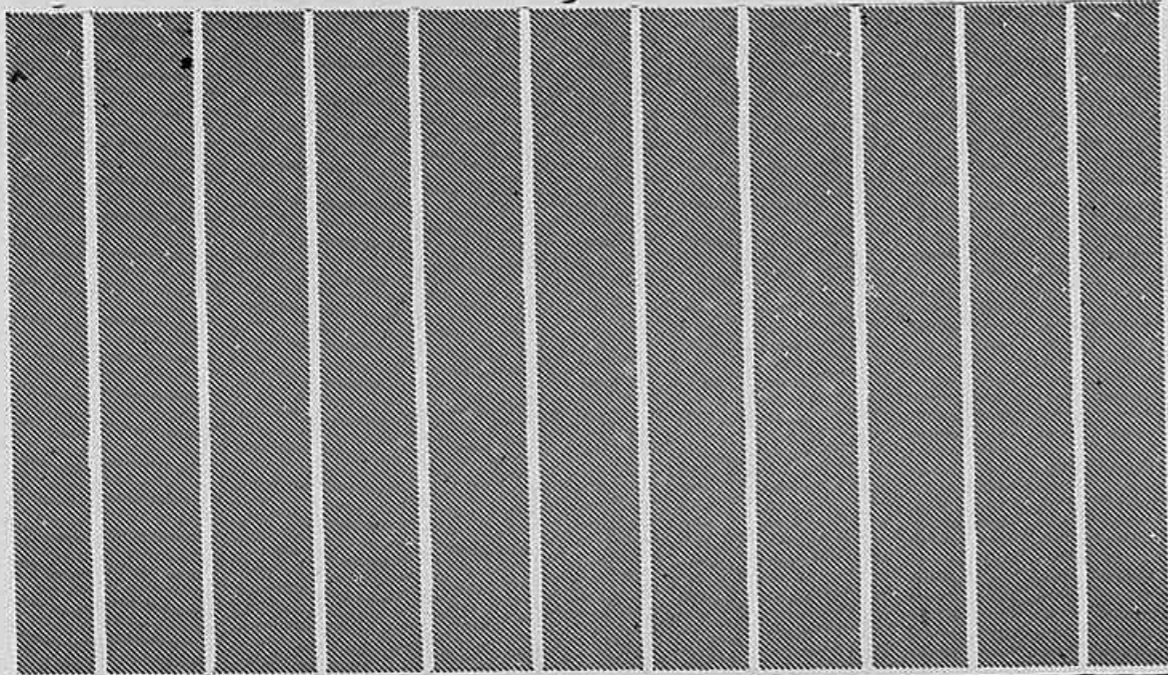

RETRATOS ARTISTICOS
EM POSES MODERNAS.
ESMALTES A FOGO E
QUADROS ACADEMICOS

Aven. Rio Branco, 102

(Canto d'Ouridor)

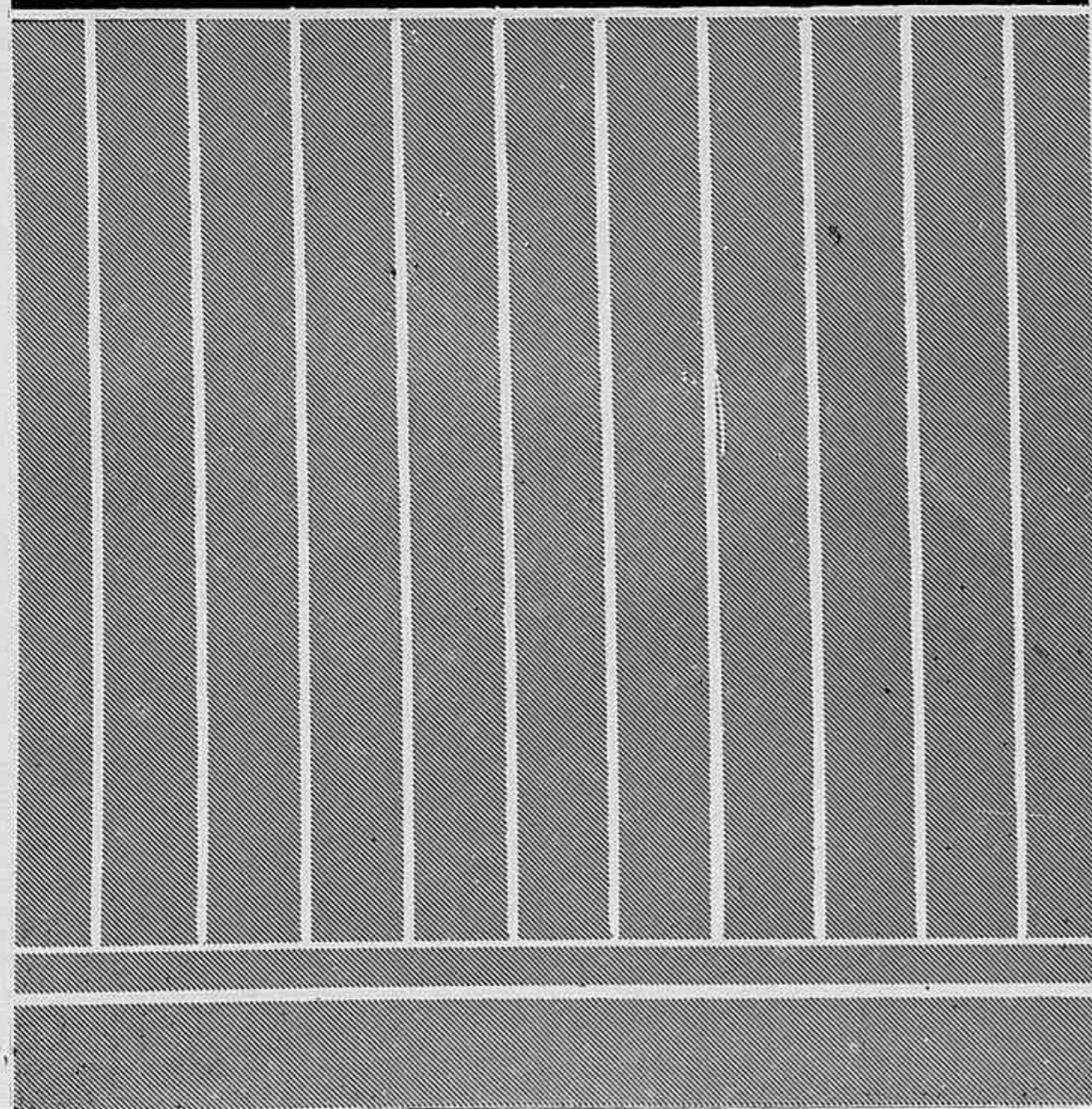
Casa Isidoro

convida o mundo elegante do Rio de Janeiro a visitar o seu bello e variado sortimento de sedas e tecidos finos, com preços extraordinariamente modicos, na nova sede, 99, rua Sete de Setembro.

OS
VINHOS DO PORTO
DE
**ADRIANO
RAMOS PINTO**

DÃO: ALEGRIA AOS TRISTES
E AUDACIA AOS TIMIDOS
COMO DIZIA O DITHYRAMBO GREGO



AS NOSSAS TRICHROMIAS

(FIM)

ber; ao fundo, na parede tapizada a caprcho, destacam-se faiances brilhantes, um pandeiro, um pedaço de moldura e uma ponteaguda lança. Sobre o piano, um bandolim e no primeiro plano, á esquerda do observador, uma mesa com pannos caros, de côres variadas.

A outra trichromia reproduz *Os Bandeirantes*, de Henrique Bernardelli. Esse quadro diz bem a vida dos audaciosos "aventureiros que, com proverbial audacia e paixão cavalheiresca, se internavam nas florestas desconhecidas, batendo-as em todas as direcções, explorando valles, montanhas e rios". O quadro de Bernardelli nos dá bem o interior dessas florestas.

A technica do quadro é magnifica, a interpretação do verde que não recebe luz é de uma verdade impressionante e o desenho, como sempre, correcto e gallardo.

ADALBERTO MATTOS.

OS NOSSOS FILHOS

(FIM)

lhos, no que respeita ao que nelles mais importa conhecer, ainda são um mysterio, o desconhecido, para os paes?

Outras vezes é o nosso proprio egoismo em nome da nossa commodidade, quem sacrifica inconscientemente a satisfação das exigencias mais immediatas dos pequenos individuos por cujo desenvolvimento somos os responsaveis. Uma das razões pela qual se manda um filho para o collegio, ainda é mais uma medida de tranquillidade interna do que a preocupação principal de dar-lhes o cultivo de que carecem. O internato constitue ainda uma ameaça aos mais rebeldes.

Finalmente, pouco e pouco, entrando no plano inclinado desses velhos modos de ver tradicionaes, organisamos um systema de compressões que procuram moldar os nossos filhos á feição com que se prepara um pé chinez. De um lado, a fórma immutavel, rigida, sempre a mesma na eternidade tradicional de suas linhas incoerciveis, de outra a massa plastica que devemos accomodar lá dentro, seja como fór, contanto que lhe encha plenamente os vacuos para que produz os relevos de um typo prestabelecido, antecipadamente assentado.

Outros e muito diversos são, todavia, os modos de agir que nos competem em relação aos nossos filhos. Devemos começar pela convicção de que a individualidade delles é cousa de uma realidade muito seria. Qualquer compressão de nossa parte a sua individualidade representará um esforço de mal-formação perigosa! O estudo cuidadoso dessa individualidade deve ser o nosso primeiro cuidado e só depois do conhecimento exacto della é que poderemos nos determinar uma norma de acção educativa. E essa norma de acção deve ainda assim cohibir-se de ser muito directamente exercida.

E' essencial que o pequeno ser se desenvolva sob um ambiente de ampla liberdade, porque só assim poderemos reconhecer as qualidades a desenvolver, os defeitos a desviar sem prejuizo da eclosão ampla do pequeno arbusto.



Pastos Filho & Cia

R. URUGUAYANA 31
C. 1303

O MELHOR E MAIOR SORTIMENTO EM PELLICAS
FRANCEZAS EM FANTASIA

*Azul, Bronze, Beje,
Azulona, Grenat, Roxa,
Bordeaux, Branca, Cinza,
Preta, Acajou, Taupe
Setim em todas cores.*

**Modelos novos
todas as
quintas-feiras**

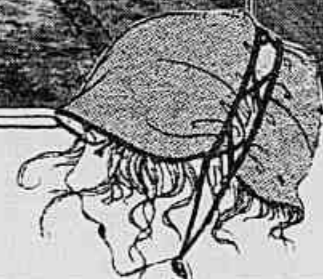
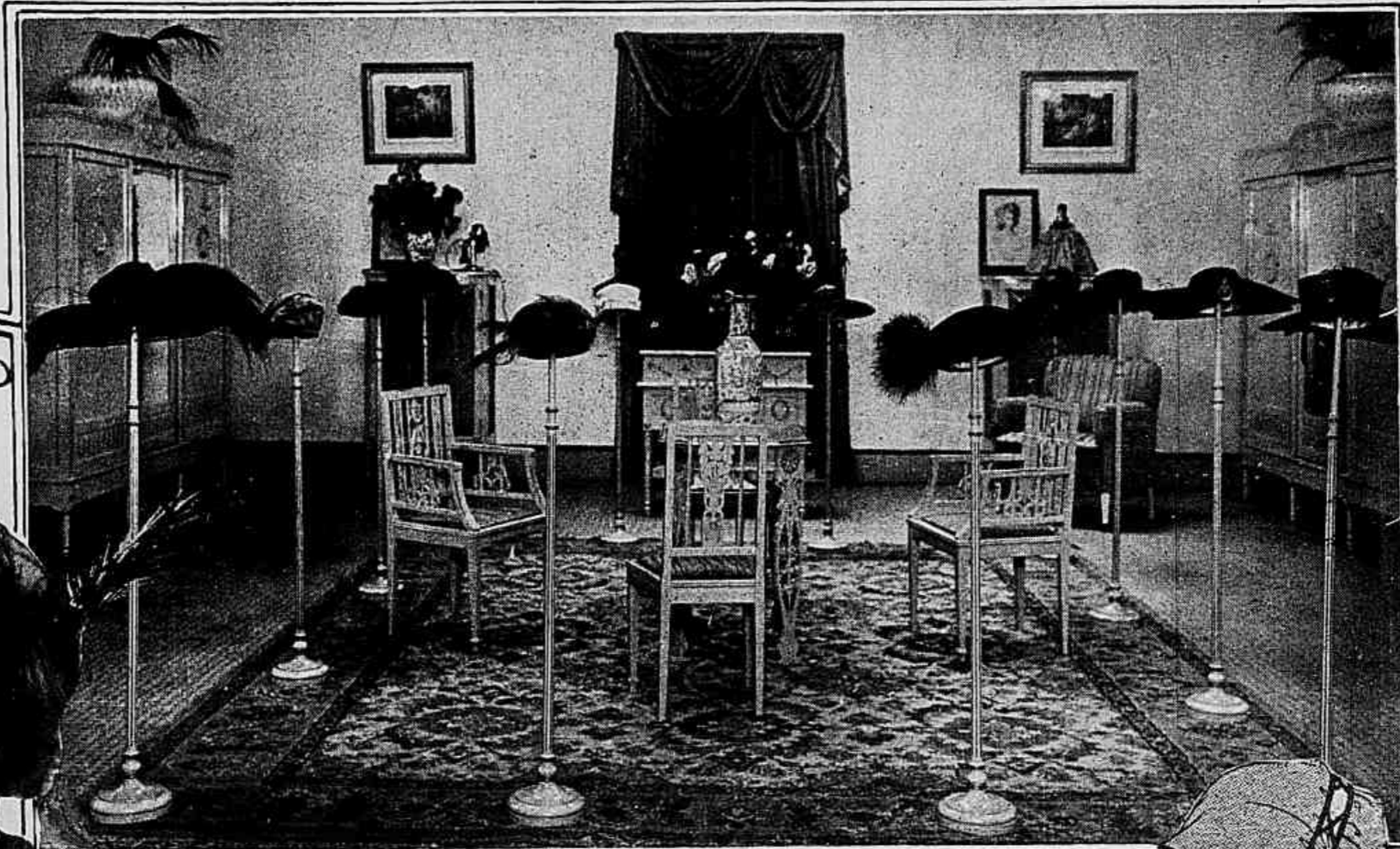
**Executam-se quaesquer
modelos em 12 horas**

Variado
sortimento
de meias

Entregas immediatas
da Gavea ao Meyer
e da Tijuca a Nictheroy



Os lindos chapéus de Paris



“A elegancia é a eurythmia dos gestos : gesto de palpebras, gesto de labios, gesto de hombros, gesto de mãos, e o divino gesto do passo. A elegancia é a naturalidade de uma expressão eternamente nova, por linhas ao mesmo tempo desmanchadas e extaticas. Nunca se mostra patente; evóca, faz pensar. Só a sentimos no desejo e na saudade. Enquanto a mulher, vaga, longínqua, inatingivel, ou então, depois, quando se vae, e deixa em nós todas as indefinidas sensações que antes não déra, mas que viviam na sua vida como o pó nas azas das borboletas...”

Assim escreveu, um dia, certo homem amoroso das cousas imponderaveis. Mas, esse homem envelheceu um pouco. E agora, já sente a elegancia além do desejo, aquem da saudade. Quantas vezes elle pára, encantado, vendo uma cabeça que passa, leve e linda, sob um chapéo da casa Jeanne & Cie. Ah ! os bellos chapéus da casa Jeanne & Cie. ! Elles trouxeram ás tardes da Avenida uma graça nova, differente. Na bruma do crepusculo, as nossas calçadas parecem aquellas calçadas do boulevard, *à l'heure exquise*, á hora morrente, suave como os adeuses sem fim...

As cariocas que ainda não subiram ao edificio d'“O Paiz” — Avenida, 128, onde está installada a casa Jeanne & Cie., estão peccando, e peccando gravemente contra a moda. São bem raras, entretanto, as que poderão murmurar a *mea culpa*. Todo o Rio feminino, do alto mundo, não passa mais sem os modelos maravilhosos, recebidos de Paris por todos os paquetes.

A SALA MOSTRUARIO DA “MAISON
JANE & Cie.” NO 1º ANDAR DO
EDIFICIO D'O PAIZ, AVENIDA RIO
— — — BRANCO N. 128. — — —

ALGUNS MODELOS EXPOSTOS

AS NOSSAS EXMAS.

LEITORAS

Prevenimol-as que para acompanharem rigorosamente a moda da presente estação, fazendo ao mesmo tempo grande economia, devem tingir seus vestidos somente com o afamado "GERMANIA", que dá resultados garantidos, custando só 1\$500.

Unicos representantes no Brasil

C. F. QUEIROZ (Dep. Imp.)

RUA S. PEDRO, 133

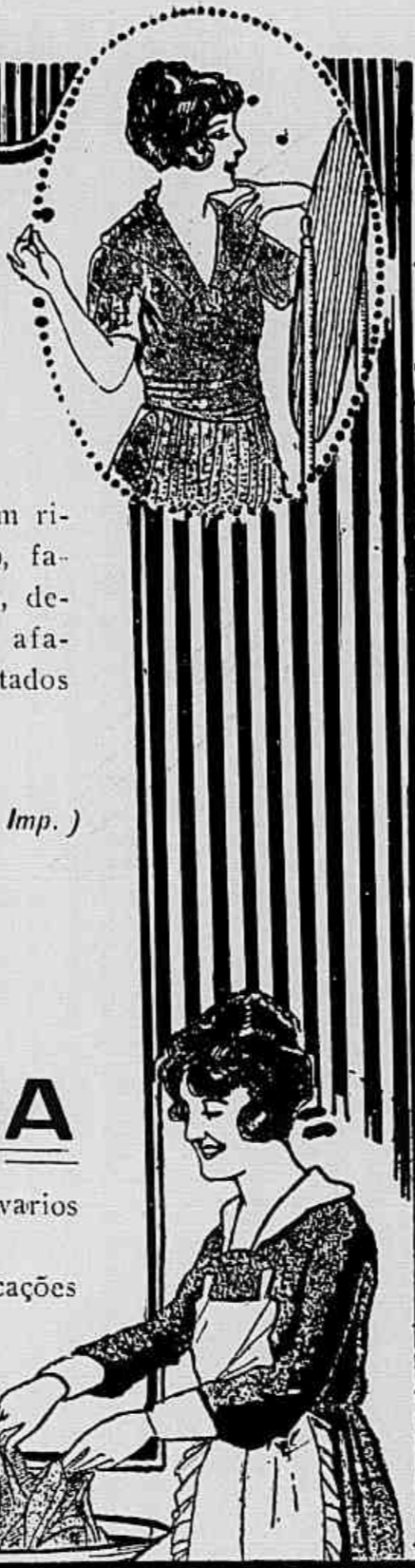
Caixa Postal 765

Exijam sempre marca allemã

GERMANIA

O artigo encontra-se á venda em varios pontos desta cidade e nos Estados.

Com muito prazer accetamos indicações de casas que queiram revender o artigo.



ADOLFO BENGELL

Casa de Pianos

LOJA E ESCRITORIO:
RUA DO PASSEIO, 42
OFFICINA ESP. DE CONCERT.
RUA DAS MARRECAS,
Nº 18
TELEPH. CENTR. 2336.

RIO DE JANEIRO.

Unico Representante
EM PIANOS
AUTOMATICOS:

Duca, PIANO
Electrico de reproducção
Ducanola
Ducanola-Combinação

"PHILIPPS"

PIANOS AUTOMATICOS ZEITNER & WINKELMANN
com Ducanola:

SCHIEDMEYER, Fiedler.



PIANOS
communs:
GRUNERT
SCHIEDMEYER
GEISLER



FLUMINENSE HOTEL

Praça da Republica, 207 e 209

Estabelecimento de primeira ordem, situado em ponto magnifico, ao lado da E. F. C. B.

Agua canalizada nos quartos, elevador electrico, mesa de ligações telephonicas.

Restaurante irreprehensivel

Aposento com pensão desde 12\$000

Aposento sem pensão desde 7\$000

End. Telegraphico
FLUMINENSE

RIO DE JANEIRO



Predio onde funciona a conhecida e acreditada casa de moveis

LE MOBILIER — D. Rebello & C.
41 Rua Uruguayana 41 — RIO DE JANEIRO

A ERMIDA — De Rodrigo Octavio

(F I M)

anos fluíram, sem que pessoa alguma se atrevesse a acercar-se da igreja mysteriosa. O corpo do cura sacrilego ali encontrára o seu original mausoléu, onde, insepulto, esperou a acção fatal da decomposição. E esse novo mysterio envolveu, no vago da sua historia, a ermida mysteriosa.

Quando, passado algum tempo, chegou, de um longinquo bispo, cuja autoridade se desconhecia, decreto de interdicção da solitaria e malassombhada capella, já sobre ella a superstição do povo havia feito cahir a sancção de um interdito mais efficaz e solemne.

O abandono dos homens estimulou a acção da natureza, entregue á sua expansão irrefreada. O matto tomou os caminhos, envolveu as paredes, enredou no seu trançado a pequena construcção, que, afinal, ruiu, sobrevivendo, apenas, na consistencia de uns muros de taipa e no mysterio que recalca no fundo de suas almas a ingenuidade primitiva da gente da serra.

A Vida

Na minha alma se estende o Sahara immenso...

Bate na areia o sol. De quando em quando,
sonho; e, em meus sonhos, passam desfilando
e mentindo as miragens, num incenso!

Mas, as tristezas do deserto venço.
E as tristezas heroico supportando,
sinto os meus versos claros retumbando
peló céo claro sobre mim suspenso.

E na minha alma, á inspiração divina,
surge o oasis piedoso, em suavidade,
como um jorro de luz em tanta ruina.

Gozo-lhe o aroma, gozo-lhe a frescura...
Depois, ando mil leguas de anciedade,
que ligam dois momentos de ventura.

RODRIGUES DE ABREU.

Williams'

Talc Powder



O Talc "Williams'" é o unico que com o tempo não perde o perfume nem humedece. A tampa automatica da lata é mais uma garantia desta conservação.

E' um talco de fina qualidade e pode-se obtel-o nos seguintes perfumes:



LILAZ INGLEZ
MATINÉE
LA TOSCA
ROSE
VIOLETTA
E
CRAVO

EM TODAS AS

PERFUMARIAS

THE J. B. WILLIAMS COMPANY
GLASTONBURY, CONN., E. U. da A.

BOLSAS

LEQUES

LUVAS

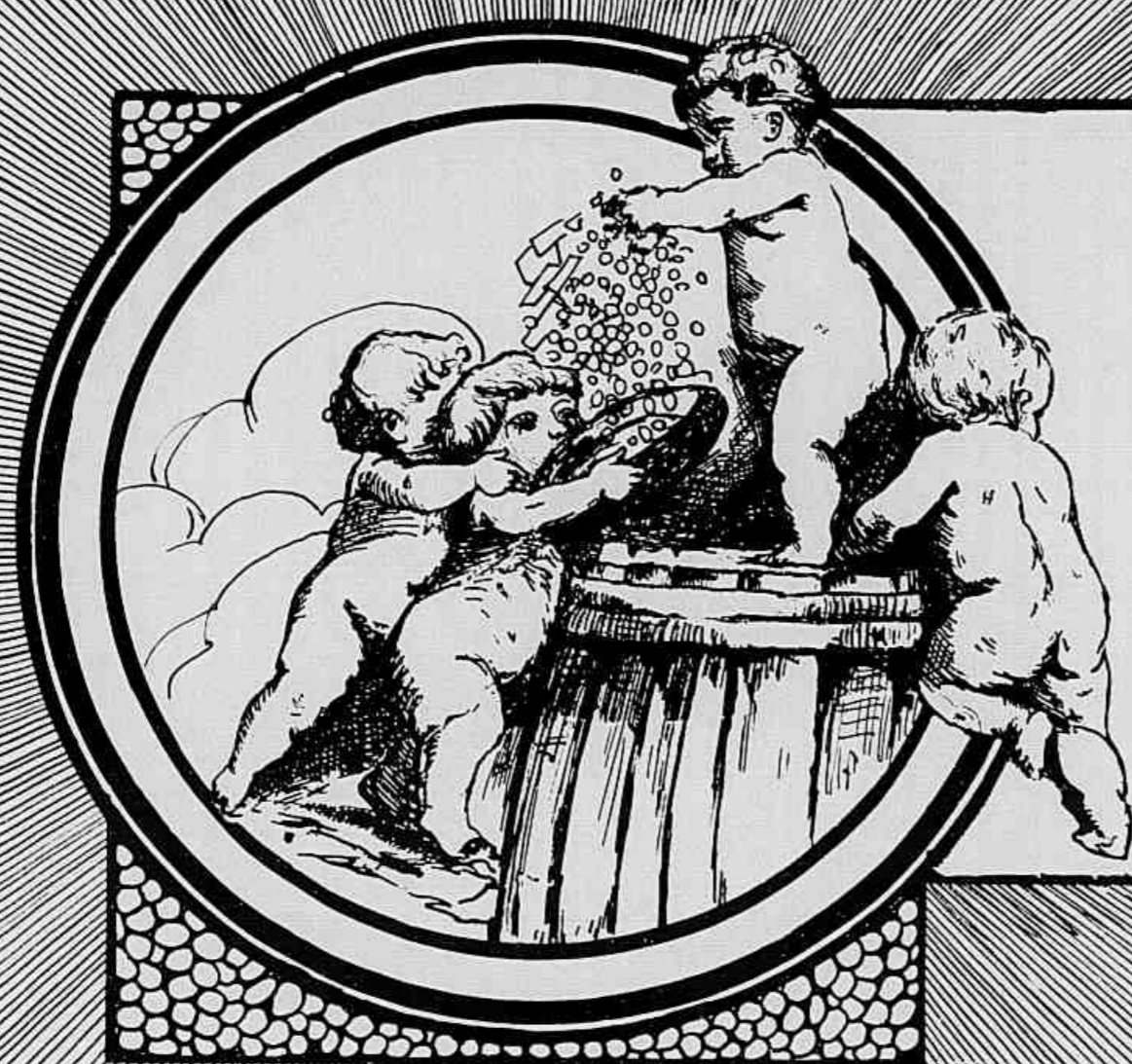
TEMOS SEMPRE AS ULTIMAS NOVIDADES — A ANTIGUIDADE E A SERIEDADE DE NOSSA CASA FAZEM QUE SEJA A PREFERIDA DAS ELEGANTES DAMAS BRASILEIRAS. TEMOS TAMBEM UM GRANDE SORTIMENTO EM GRAVATAS, MELAS, ETC.

CASA

R. FORMOSINHO & Cia

— RUA GONÇALVES DIAS, 64 —
— — — RIO — — —





UM BOM NEGOCIO

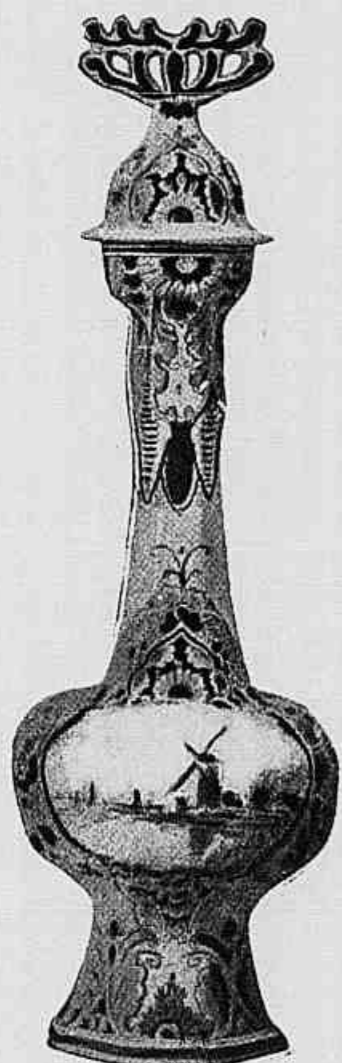
Comprando "debentures" da "A Loteria Esperança"

Empregando 250\$ nesses titulos até Janeiro de 1923, realiza-se 45\$ de lucro liquido e concorre-se a 16 loterias com réis 15.225.000\$000 de premios. Cada "debenture" custa 25\$000.

AS "DEBENTURES" ESTÃO A VENDA EM VARIOS BANCOS E NA SÉDE DA COMPANHIA, A RUA DA ALFANDEGA N. 7, RIO.

Acceptam-se pedidos do interior

CASA LEONARDOS



VASO DE DELFT
Temos os mais variados
desenhos

OBJECTOS PARA USO DE CASA, EM PORCELLANAS, FAIANÇAS, VIDROS, CRISTAES, CHRISTOFLES E METAES DAS MELHORES FABRICAS DO MUNDO.

RECEBIDOS DIRECTAMENTE

Grande variedade de objectos para presente em faience e porcellanas artisticas, ricos crystaes lapidados e muitas outras novidades no genero.

Somos representantes exclusivos da

FAIENCERIE DE DELFT

Fabrica Real de Delft

João Bernardo & Cia.

Rua do Ouvidor, 88 - Rio

CAIXA POSTAL 1061

TEL. NORTE 3495

EM TODA CASA DE FAMILIA
DEVIA EXISTIR UMA

CORONA

(A machina de escrever portatil)



O dono da casa poderá utilisal-a para acabar com socego o trabalho que não pôde completar no escriptorio.

A dona da casa pôde escrever a sua correspondencia social com menos cansaço e sem prejudicar o effeito, pois a CORONA na America e na Europa é adoptada pela élite social.

As crianças poderão praticar durante o dia, aprendendo cedo uma cousa hoje em dia indispensavel em qualquer ramo de actividade.

A CORONA é simples e qualquer pessoa sem pratica póle manejal-a sem difficuldade.

CASA PRATT

R. OUVIDOR 125

Tel. Norte 2020

Chocolate



ANDALUZA

Omelhor
DE
TODOS

PEÇAM-NO
EM
Toda a parte

BAZAR AMERICA



Finissimos objectos
para presentes
Especialidade em
Porcellanas, Crystaes,
Metaes finos, Faquei-
ros e Talheres de
Christofle

ORIGINALIDADE E BOM GOSTO

Rua Uruguayana, 38-40

A lavoura em face do momen o
social dos nossos dias

PELO DR. JOÃO MONIZ BARRETO DE ARAGÃO
(FIM)

nossos clichés, por 4\$000, como se pôde verificar em qualquer uma dellas, o pobre lavrador por ellas não logra nem esse preço *peço cento* dellas, porque o commercio está na mão dos intermediarios e, como em geral são estrangeiros, estes só accitam e compram os productos dos compatrioticos, e assim fica entre elles feito o monopólio, em detrimento do lavrador nacional e do consumidor.

Se recorrermos ás feiras livres, de pomposos reclames e de arrevesados ataques, os productos ali (frutos) não merecem a attenção, porque os que vão a esses logares, para se munirem de qualquer cousa, vão á cata do *estricamente* indispensavel ao sustento da familia, pois os seus magros recursos não dão para outras cousas, taes como frutas, etc. Vimos, em uma feira da praça da Republica, dous homens que offereciam tangerinas a 1\$200 o *cento* e não tinham freguezes, ao passo que as casas de frutas vendem a 1\$000 a *duzia*.

Em conclusão, os contratemplos encontrados pelo agricultor, enquanto espera o desenvolvimento da sua cultura, os *exaggerados fretes* que paga para levar a sua mercadoria ao mercado, o preço pouco remunerador que offerece o feliz intermediario, etc., etc., arrasta-o, no fim de certo tempo, a considerar que é *preferivel abandonar as bellezas do campo*, tão cheias de espinhos, onde ninguem olha para elle, senão para o sobrecarregar de impostos, e ir se instalar na cidade, onde os bons salarios e facilidade de diversões lhe tornam a vida mais a gosto e menos pesada.



TEMOS ESTA
FORMA EM
TODAS AS
CÓRES

CASA ==
DO
BASTOS

CALÇADOS FINOS
SEMPRE NOVAS
CREAÇÕES

COSTA BASTOS & FERNANDES
19, RUA URUGUAYANA, 19
Entre Sete de Setembro
e Ouvidor
RIO DE JANEIRO

TELEPHONE
CENTRAL, 2616



**Não se esqueça de tirar
uma photographia**

dos actos mais emocionantes de sua vida.
O estabelecimento artistico de Pintura e Photographia Moderna

RIO STUDIO
Faz trabalhos notaveis. Visite sua exposição, que muito lhe agradará.

Rua Uruguayana 62—Rio
Tel. 1194—Central



Pó Azul

EIS
A PAZ

DAS FAMILIAS COM A
DESTRUIÇÃO
DAS BARATAS

EM TODAS AS DROGARIAS

Fabricação: HIGIENOTERAPICA ITALO BRASILEIRA DE MATRIZ S. C.
Rua do General B. 11- São Paulo - Telefone: Rua do General B. 11- São Paulo, 33

Santelmo
O Rei dos Saboneles
Guitry - Rio.

FLORICULTURA

ESPECIALIDADE
EM
COROAS

Rua Gonçalves

-- Dias, 17 --

PETROPOLITANA

Telephone Central 1970

Del Bosco & Osterwohlt

Importante cultivação de flores e plantas na Picada da Saudade, Quarteirão Brasileiro e Itamaraty — PETROPOLIS.

A SAUDE DO HOMEM

O MAIS ENERGICO DOS RECONSTITUINTES MODERNOS

A MARAVILHA DA VELHICE

Illmos. Srs. Mello Cunha & Cia. — Brejo, Maranhão. — Minhas saudações Cumpro o sagrado dever de vir por meio desta comunicar-lhes que com a idade de 71 annos usei A SAUDE DO HOMEM e lhes posso affirmar ser um tonico nutritivo e restaurador das forças genitales perdidas pela idade avançada e por outros inconvenientes.

Só com o uso de 2 vidros desse milagroso preparado, curei me e... a minha vida tem se tornado de verdadeiro contentamento, pois ha muitos annos eu me julgava inteiramente perdido.

Por ser a expressão da verdade autoriso VV. SS. a fazerem desta o uso que lhes convier. De VV. SS. Amg. muito obrg. — José Henrique da Costa Mendes. Riacho do Meio, 12 de Outubro de 1912.

(Firma reconhecida pelo tabelião publico, José Joaquim de Souza Bastos). — Preparado pelo Pharmaceutico OTHON MELLO — Depositarios no Rio: — J. M. Pacheco e Dr. Paul C. Schilling. Rua Theophilo Ottoni 172. — Para informações: Laboratorio d'A SAUDE DO HOMEM — Rua Candido Mendes 35 — Telgr. "Saudomem" — Maranhão.

CREDITO MUTUO PREDIAL

Nittheroy — Rua da Conceição n. 136

Acreditado Club de Mercadorias

AUTORISADO E FISCALISADO PELO GOVERNO FEDERAL.

Duas extracções mensaes, nos dias 4 e 18, sendo cada extracção realisada na séde com os seguintes premios, proporcional ao numero de socios qüites:

Um de Rs.	5:000\$000
Uma caderneta remida com 5 sorteios.	5\$000
" " " " " "	5\$000
" " " " " "	5\$000
" " " " " "	5\$000
" " " " " "	5\$000

Total Rs. 5:025\$000
CONTRIBUIÇÃO PARA CADA SORTEIO, APENAS 1\$000

Inscrevei-vos, povo carioca!!!...

CASA MARINHO

Grande Fabrica de Malas e outros Artigos para Viagem



Premiada na Exposição Nacional de 1889, na Exposição Universal de Paris em 1889, na Academia Universal das Bellas Artes de Bruxellas, com o Diploma de membro fundador e me-

dalha de 1ª classe, na Exposição de S. Luiz, America do Norte em 1904, (com o grande premio), na Exposição Nacional de 1908, com o grande premio, o qual recusou.

E' a unica casa que fabrica as malas de madeira de Cedro, onde não dá bicho

Malas de sola, chapa, carneira e lona. Encarrega-se de qualquer encomenda e concertos

PREÇOS BARATISSIMOS

Cadeiras, saccos, estojos e pastas para advogados, bolças para senhoras e muitos outros artigos

PARA USO DOMESTICO

FABRICA E DEPOSITO

66, RUA SETE DE SETEMBRO, 66 — antigo 34 e 36

MANOEL JOAQUIM MARINHO

RIO DE JANEIRO

Casa Schmitt

FUNDADA EM 1876

TELEPH. Central 2749

Perfumarias e Cutelarias finas

Cabelleiro especial para

Senhoras e crianças,

Applicação de Henné,

Ondulação Marcel.

— RUA GONÇALVES DIAS, 51 —

Telephone C. 2749

Antenor, Peçanha & C.



O DEPIILATORIO "ERITIS" DESTRÖE OS CABELLOS SUPERFLUOS



CAIXA 5,000
PELO CORPEIO 6,000

CASA ERITIS - CABELLEIRO PARA SENHORAS
RUA URUGUAYANA 78 - TELEP. 1313 C.
CATALOGO A PEDIDO

CASA JARDIM

Importação e Exportação

Trabalhos em Flores Naturaes

Ornamentações Artisticas

Guimarães, Waldemar & C.

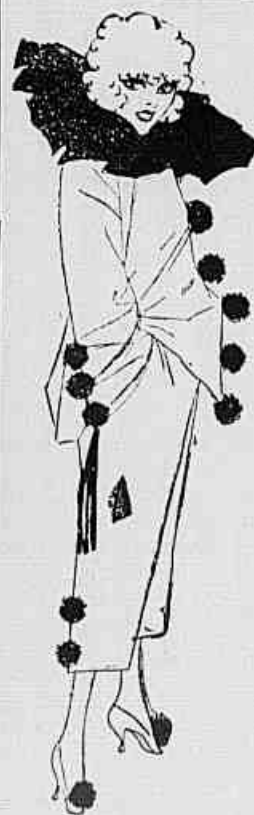
Coroas, Cestas, Palmas e Bouquets de noivas

SEMENTES DE FLORES E HORTALIÇAS

38, Rua Gonçalves Dias, 38

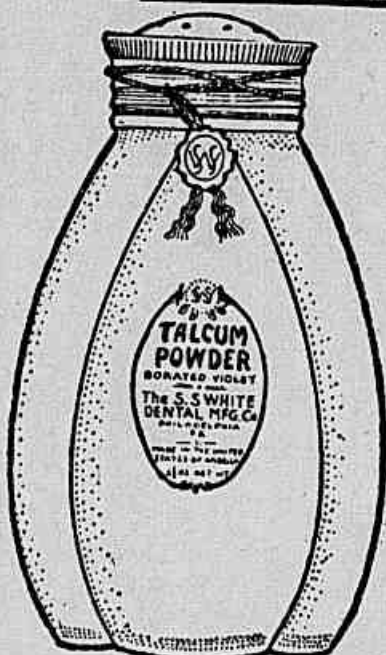
TELEPHONE CENTRAL 2852

RIO DE JANEIRO



SSS

Alta novidade



O melhor e mais fino dos Talcos; no acondicionamento o mais elegante.

O Frasco de vidro fosco é um verdadeiro adorno para a mesa de toilette. A quantidade de Talco é quasi o dobro das latas communs.

Preço..... 5\$000
A VENDA EM TODA A PARTE.

A maior fabrica do mundo de artigos dentarios.
O mesmo Talco em latas, vende-se a.... 2\$500

S. S. White Dental Mfg. Co. of Brazil

LEMBRAE-VOS sempre de que o

BIOTONICO FONTOURA

É O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

Que os seus effeitos estão attestados pelos
Brs. Austregesilo, Julliano Moreira,
Henrique Roxo e Rocha Vaz.

Que é o mais poderoso medicamento contra
Anemia, Lymphatismo, Neurasthenia e
todas as molestias nervosas.

EVITA A TUBERCULOSE

A' venda em todas as Pharmacias e Drogarias
do Brasil.

Deseja fortalecer seu filhinho

quando magro, SALVAL-O quando doente, ALIMENTAL-O BEM ou auxiliar a amamentação na falta do leite materno?

Um dos Cremes Infantil em Pó dextrinizado (12 variedades), com digestão quasi feita, acompanhado de CONSELHOS muito uteis e á venda em todo o Brazil, preenche a primeira condição. LEITE ALBUMINOSO, para os casos benignos, rebeldes ou gravissimos (app. dig. orig. alim.), é efficaz e surpreendente para a segunda (Exportavel). LEITE INFANTIL, homogeneizado, esterilizado, 80 °º mais digestivel que o leite commum, hoje usado por mais de MIL creanças, é o ideal para o ultimo caso e a prova é que como o ALBUMINOSO nada custa se não fôr bom o resultado. Não faça mais experiencias, alimente bem o seu filho, a robustez vem do berço e é um começo de fortuna. Quando doente, não espere a doença progredir. — Dr. Raul Leite & Cia.

RUA GONÇALVES DIAS, 73

C. LAUBISCH, HIRTH & C.

FABRICA DE MOVEIS

Decoração geral de interiores artisticos por architectos da casa

Importante stock
de sedas
Tapeçaria fina
Moveis de couro e
cortinas na mais
alta perfeição

RUA RIACHUELO 83,87

Tel. C. 4754
RIO

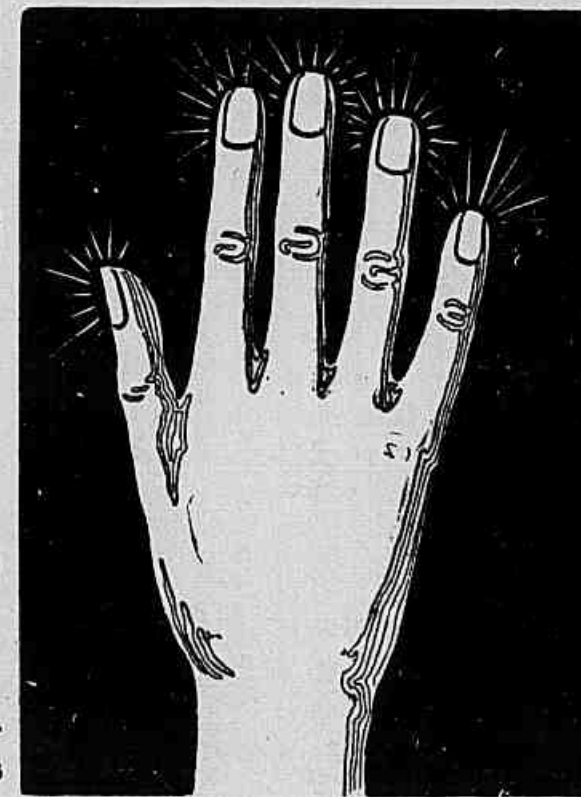
UNHOLINO

Com o uso constante do UNHOLINO as unhas adquirem um extraordinario brilho e linda cor rosada, que não desaparecem, mesmo depois de muitas lavagens das mãos.

Tijolo 1\$000
Pó 1\$500
Verniz 2\$000
Pasta 2\$500

Pelo correio mais 500 rs.

Cuidado com as muitas imitações, todas prejudiciaes ás unhas e á pelle.



A' VENDA NO DEPOSITO GERAL:

Perfumaria A' GARRAFA GRANDE

RUA DA URUGUAYANA, 66

Exijam UNHOLINO



OCULOS E PINCE-NEZ

Devem ser feitos com toda a exactidão e cuidado; devem estar em perfeita relação com a phisionomia e os olhos de quem os usa, de contrario, prejudicam a visão. —

Um oculo ou pince-nez deve ser o complemento necessario a receita que o medico oculista prescreve. —

— Podemos garantir que todo o oculo ou pince-nez que entregamos é confeccionado rigorosa e scientificamente por pessoal habilitado e por isso absolutamente perfeito.

Os nossos preços estão ao alcance de todos.

Primeiro Instituto Sul Americano de Optica,
e Instrumental Scientifico

LUTZ, FERRANDO & Co. L.^{DA}

RUA GONÇALVES DIAS, 40
RIO DE JANEIRO



INSTALLAÇÕES ELECTRICAS

AS MAIS PERFEITAS E MAIS ECONOMICAS. FAZEMOS
COM TODA RAPIDEZ.

ORÇAMENTOS GRATIS

Material electrico de toda qualidade.

Temos sempre as ultimas novidades.

Não façam installações nem comprem material electrico sem visitar nossa casa.

TEIXEIRA, PINTO & C.

Rua Rodrigo Silva n. 16 - Telephone Central 1019

RIO